

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS  
Programa de Pós Graduação em Educação

Lígia Marise Lima Costa

***“SOU QUILOMBOLA, BOM ALUNO E BOM DE BOLA”:***  
**A constituição identitária de alunos do ensino médio: um estudo histórico antropológico  
com jovens moradores de uma comunidade remanescente de quilombo do sertão  
mineiro. Minas Novas-MG.**

Belo Horizonte  
2012

Lígia Marise Lima Costa

***“SOU QUILOMBOLA, BOM ALUNO E BOM DE BOLA”:***  
**A constituição identitária de alunos do ensino médio: um estudo histórico antropológico com jovens moradores de uma comunidade remanescente de quilombo do sertão mineiro. Minas Novas-MG.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof. Dra. Sandra de Fátima Pereira Tosta

Belo Horizonte  
2012

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

C837s Costa, Lígia Marise Lima  
“*Sou quilombola, bom aluno e bom de bola*”: a constituição identitária de alunos do ensino médio: um estudo histórico antropológico com jovens moradores de uma comunidade remanescente de quilombo do sertão mineiro. Minas Novas-MG / Lígia Marise Lima Costa. Belo Horizonte, 2012. 273f.: il.

Orientador: Sandra de Fátima Pereira Tosta  
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Educação.

1. Quilombos – Minas Novas (MG). 2. Estudantes negros. 3. Ensino médio. 4. Grupos étnicos. 5. Identidade racial. 6. Escolas rurais. I. Tosta, Sandra de Fátima Pereira. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 376.74(815.1)

Lígia Marise Lima Costa

**“*SOU QUILOMBOLA, BOM ALUNO E BOM DE BOLA*”:**

**A constituição identitária de alunos do ensino médio: um estudo histórico antropológico com jovens moradores de uma comunidade remanescente de quilombo do sertão mineiro. Minas Novas-MG.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação

---

Prof. Dra. Sandra de Fátima Pereira Tosta (Orientadora) – PUC-Minas

---

Prof. Dra. Maria Inês Salgado de Souza – PUC-Minas

---

Prof. Dr. Luiz Alberto de Oliveira Gonçalves – UFMG

Belo Horizonte, 28 de fevereiro de 2012

*À minha família, pelo apoio, incentivo e amor dedicados a mim em todos os momentos de  
minha vida, em especial nestes dois anos de mestrado.  
Obrigada!!*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus que sempre esteve do meu lado e, que nas horas mais difíceis, quando já não tinha forças para caminhar, me carregou em seus braços.

À minha família, em especial meus pais, Lia e Antônio José que me trilharam no caminho do bem e da honestidade. Neste percurso de vida agradeço também às irmãs de sangue e alma: Lucy, Ilma e Deise.

À Vanda, amiga de todas as horas e aos primos e amigos de Belo Horizonte que me acolheram no primeiro ano do curso.

Aos colegas de turma, em especial à Alessandra. Agradeço pelas conversas sobre nossos projetos, sobre as aulas; sobre as nossas expectativas e frustrações; agradeço, sobretudo, pelas “caronas” durante o curso.

À Valéria Ermelindo, secretária do mestrado, pela atenção. À Cristiane e Cláudio, pela disponibilidade.

Agradeço aos professores pelo apoio e orientação, em especial à professora Maria Inês pelo olhar carinhoso e pela ajuda durante o mestrado.

À professora Neusa Gusmão, da UNICAMP, por indicações bibliográficas e incentivo à pesquisa sobre jovens remanescentes de quilombo.

Aos moradores do Quilombo, pela generosidade da acolhida em todas as visitas. Obrigada por me proporcionarem momentos de emoção, convivência, partilha e aprendizado.

Aos jovens sujeitos desta dissertação pela confiança depositada em mim, pelo carinho e atenção durante os meses que estivemos juntos. Obrigado por participarem deste trabalho.

À todos da Escola Estadual de Ribeirão da Folha por me receberem para a realização das observações, considerando a relevância deste trabalho. Agradeço em especial ao professor Denilson que não se importou em dividir comigo as suas aulas de educação física.

À CAPES, pela bolsa concedida durante os dois anos do curso.

Meu agradecimento especial à Professora, Orientadora, Amiga e Conselheira, Sandra Tosta, que ampliou meus olhares sobre a Antropologia, fazendo com que o estranhamento dos fatos, fizesse parte da minha jornada de pesquisa e que o “outro” fosse estudado sem julgamentos prévios. Isso enriqueceu meu trabalho. Obrigada por tudo Sandra.

À todos que de alguma forma contribuíram para este trabalho e que seus nomes não foram escritos aqui, no entanto, estão guardados em meu coração.

*O senhor... mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando."[...]*  
*Tudo, aliás, é a ponta de um mistério, inclusive os fatos. Ou a ausência deles. Duvida? Quando nada acontece há um milagre que não estamos vendo. (ROSA, 2001)*

## RESUMO

Esta dissertação intitulada “***SOU QUILOMBOLA, BOM ALUNO E BOM DE BOLA***”: **A constituição identitária de alunos do ensino médio: um estudo histórico antropológico com jovens moradores de uma comunidade remanescente de quilombo do sertão mineiro. Minas Novas, Minas Gerais**, resultou da pesquisa desenvolvida junto ao Programa de Pós Graduação em Educação da PUC-Minas. Tratou-se de um estudo etnográfico, histórico e antropológico de natureza qualitativa que teve por objetivo principal compreender como são constituídas as identidades de jovens alunos do ensino médio, moradores de uma comunidade remanescente de quilombo e que estudam em uma escola localizada fora da comunidade onde vivem. A Escola Estadual de Ribeirão da Folha fica localizada no Distrito de Ribeirão da Folha e a comunidade onde vivem os sujeitos desta pesquisa é o Quilombo. Ambas comunidades são rurais e estão localizadas no sertão do município de Minas Novas, Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. Nestes tempos e espaços procurou-se compreender como são formadas, conformadas ou negadas as identidades dos sujeitos tendo como categorias principais: culturas, identidade, identidade étnico-racial quilombola, educação em ambiente rural, entre outras. A metodologia usada foi a observação participante, na qual o trabalho de campo, entre a primeira visita e última, perdurou por aproximadamente 17 meses, no período de julho de 2010 a dezembro de 2011. Sendo que, durante os meses de janeiro a maio de 2011, a autora morou no campo de pesquisa. Para o desenvolvimento da observação participante foram empregadas técnicas como as observações assistemática e sistemática, conversas informais, memoriais feitos pelos sujeitos, entrevistas abertas e dialogadas, e, análise em documentos oficiais. Os resultados alcançados evidenciaram que a escola não valoriza as culturas das comunidades do seu entorno, bem como, as culturas dos remanescentes de quilombo da região, pois, em nenhum dos documentos analisados puderam ser encontradas pistas que dizem das culturas destes sujeitos e comunidades. Em contrapartida a este distanciamento da escola da realidade onde se insere, os alunos ouvidos nesta pesquisa valorizam a escola e a educação como meio necessário para alcançarem ascensão econômica e de alguma forma contribuir para o progresso da comunidade onde vivem. E por fim a investigação evidencia que para os jovens alunos, ser pessoa quilombola é, antes de tudo, assumir sua participação dentro da comunidade e reconhecer sua descendência e sua cultura como diferente da cultura do “outro”, é ser diferente como princípio de alteridade. Destacamos que nesse reconhecimento da alteridade, a cor da pele não é o principal elemento

de diferenciação, pois a comunidade possui pessoas com características fenotípicas variadas, que vai desde o branco, passando por aquelas que carregam traços indígenas e negros.

**PALAVRAS-CHAVE:** jovens remanescentes de quilombo, identidade étnico-racial quilombola, comunidades remanescentes de quilombo; escola rural.

## ABSTRACT

This thesis entitled **"AM maroon, GOOD STUDENT AND GOOD BALL"** **The constitution of identity in high school students: a historical anthropological study with young residents of a community reminiscent of the interior quilombo miner. New Minas, Minas Gerais**, the result of research conducted at the Graduate Program in Education at the Catholic University of Minas Gerais. It was a historical anthropological study of a qualitative nature which was aimed at understanding how identities are constituted of young high school students, residents of a remnant of Quilombo communities and studying in a school located outside the community where they live. The State School of Ribeirão Leaf is located in the district of Ribeirão da Folha and the community they live in the subjects of this research is the Quilombo. Both the District of Ribeirão da Folha, the Quilombo of the community are located in rural areas in the interior of the city of New Minas, Jequitinhonha Valley, Minas Gerais - Brazil. In these times and spaces tried to understand how they are formed, shaped or denied the identities of the subjects having as main categories: culture, identity, ethno-racial community inhabitant, rural education, among others. The methodology used was participant observation, in which the field work, between the first and last visit lasted for about 17 months, from July 2010 to December 2011. During the months from January to May 2011, she lived in the search field. For the development of participant observation techniques were employed as the systematic and unsystematic observations, informal conversations, memorials made by the subjects, open interviews and dialogues, and analysis of official documents of the school. The results showed that the school does not value the cultures of the surrounding communities, as well as the cultures of the region remnants of Quilombo, because in none of the analyzed documents could be found clues that tell of the cultures of individuals and communities. In contrast to this distance from the school of reality where it belongs, the students heard in this study value the school and education as a necessary means to achieve economic rise and somehow contribute to the progress of the community where they live. And finally, the research shows that for young students, being a person is maroon, first of all, take their participation within the community, is to recognize their offspring and their culture as different from the culture of the "other" is to be different as a principle of otherness, and in recognition of otherness, realize that skin color is not the main element of

differentiation, since the community has people with different phenotypic characteristics, ranging from white, to those that carry traits indigenous and black.

**KEYWORDS:** young remnants of Quilombo, ethno-racial maroon, remnants of Quilombo communities, rural school.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Igreja de Nossa Senhora do Rosário.....	68
FIGURA 2 - Mulher com oferenda à N. S. do Rosário na “Quinta Feira do Angu” .....	70
FIGURA 3 – Lavação da Igreja do Rosário.....	72
FIGURA 4 - Cortejo em direção ao Rio Fanado.....	73
FIGURA 5 - Cortejo voltando do Rio Fanado .....	74
FIGURA 6 - Cortejo chegando à Igreja do Rosário.....	75
FIGURA 7 - Casa local enfeitada para a Procissão do Rosário.....	76
FIGURA 8 - Feira de produtos locais.....	78
FIGURA 9 - Feira de produtos locais.....	79
FIGURA 10 - Vista do distrito de Ribeirão da Folha.....	88
FIGURA 11 - Praça Nossa Senhora da Gruta.....	91
FIGURA 12 - Igreja de Bom Jesus .....	92
FIGURA 13 - Fachada da Escola Estadual de Ribeirão da Folha.....	92
FIGURA 14 - Antigo Cemitério.....	93
FIGURA 15 - Casa Paroquial.....	93
FIGURA 16 - Igreja de Bom Jesus com vista para a Praça da Gruta.....	97
FIGURA 17 - Movimento da Praça no fim da tarde.....	102
FIGURA 18 - Portão da Escola.....	103
FIGURA 19 - Área de entrada da Escola.....	103
FIGURA 20 – Sala de Professores e Sala de Supervisão.....	104
FIGURA 21 - Salas de aula – lado esquerdo da escola.....	104
FIGURA 22 – Refeitório.....	105
FIGURA 23 - Diretoria/Secretaria e Sala de aula.....	105
FIGURA 24 - Biblioteca Improvisada.....	106
FIGURA 25 - Entrada dos banheiros.....	106
FIGURA 26 - O Sino.....	107
FIGURA 27 - Escola vista da Biblioteca.....	108
FIGURA 28 - Oração diária no pátio.....	109
FIGURA 29 - Rodinhas de alunos nas calçadas da Praça.....	113
FIGURA 30 - O “Ônibus Azul”.....	116
FIGURA 31 - Os alunos subindo para a quadra.....	119
FIGURA 32 - Educação física na quadra.....	119

FIGURA 33 - Tipo de moradia no Quilombo – 1.....	135
FIGURA 34 - Tipo de moradia no Quilombo – 2.....	135
FIGURA 35 - Tipo de moradia no Quilombo – 3.....	136
FIGURA 36 - Igreja de Bom Jesus da Lapa.....	139
FIGURA 37 - Manufatura de Farinha e Goma.....	140
FIGURA 38 - Utilitário de madeira usado para prensar a mandioca.....	140
FIGURA 39 – Instalações da manufatura de farinha.....	141
FIGURA 40 - Espaço público usado para festas, leilões ou reuniões.....	141
FIGURA 41 - Moradora no espaço público.....	142
FIGURA 42 - Espaço para funcionamento da ASPOQUI em construção.....	144
FIGURA 43 - Espaço para funcionamento da EJA.....	148
FIGURA 44 - Logomarca da ASPOQUI.....	151
FIGURA 45 - Desenho da estrada de Ribeirão da Folha até o Quilombo.....	153
FIGURA 46 - Quarto dos leilões.....	156
FIGURA 47 - Bucho de porco recheado.....	156
FIGURA 48 – Mulheres picando carne de boi.....	157
FIGURA 49 - Cozimento de frangos para o leilão.....	158
FIGURA 50 - Ornamentação da Igreja de Bom Jesus da Lapa.....	168
FIGURA 51 - Chegada dos Marujos.....	170
FIGURA 52 - Marujos indo para o barracão.....	170
FIGURA 53 - Marujos ensaiando no “terreiro da sala”.....	172
FIGURA 54 - Marujos entrando para abençoar a casa dos festeiros.....	172
FIGURA 55 - Procissão indo buscar a bandeira de Bom Jesus da Lapa.....	173
FIGURA 56 - Dona da casa saindo com a Bandeira de Bom Jesus.....	174
FIGURA 57 - Bandeira de Bom Jesus carregada por uma criança.....	175
FIGURA 58 - Retorno da procissão com a Bandeira de Bom Jesus da Lapa.....	175
FIGURA 59 - Momento de adoração e agradecimento na Igreja.....	176
FIGURA 60 - Apresentação dos Marujos após o momento de adoração.....	177
FIGURA 61 - Chegada dos visitantes.....	178
FIGURA 62 - Os leilões.....	179
FIGURA 63 - A Cavalgada.....	179
FIGURA 64 - Missa ao ar livre.....	181
FIGURA 65 - O povo participando da celebração.....	182
FIGURA 66 - Hasteamento do Mastro.....	183

FIGURA 67 - O “almoço de Bom Jesus”.....	184
FIGURA 68 - Distribuição do Doce de Fava.....	185
FIGURA 69 - O mesada de leilão.....	186
FIGURA 70 - A Cachaça.....	187
FIGURA 71 - A Marujada com a participação de todos.....	189
FIGURA 72 - A Marujada com a cachaça na roda.....	190
FIGURA 73 – Descontração no I Carnaval da E. E. de Ribeirão da Folha.....	196
FIGURA 74 – Alunos fazendo poses para fotos.....	196
FIGURA 75 – Conselho Comunitário de Ribeirão da Folha.....	205
FIGURA 76 – Jovens conversando na “Festa Cala a Boca e me Beija”.....	207
FIGURA 77 – Detalhe da decoração dos eventos.....	207
FIGURA 78 – Jovens no “Halloween Fest”.....	208
FIGURA 79 – Estilos de roupa e cabelo no “Halloween Fest”.....	209
FIGURA 80 – Relações afetivas no “Halloween Fest”.....	211
FIGURA 81 – Organograma com as Marcas Identitárias dos sujeitos.....	250

## **LISTA DE MAPAS**

MAPA 1 – Localização das Comunidades Estudadas no Município de Minas Novas.....	63
MAPA 2 – Comunidades Quilombolas no Município de Minas Novas .....	85
MAPA 3 – Distribuição espacial das comunidades que compõem a ASPOQUI.....	151
MAPA 4 – Distribuição espacial das comunidades que compõe o Conselho Comunitário de Desenvolvimento Rural Quilombola de Ribeirão da Folha.....	228

## **LISTA DE TABELAS**

TABELA 1 – População de Minas Novas: cor/raça – 2010 .....	65
--	----

## SUMÁRIO

<b>1 NOTAS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS DA PESQUISA .....</b>	<b>33</b>
<b>1.1 Os Caminhos da Investigação .....</b>	<b>34</b>
<b>1.2 Os caminhos teóricos .....</b>	<b>39</b>
<i>1.2.1 Educação e suas interfaces .....</i>	<i>40</i>
<i>1.2.2 Quilombos ou Comunidades Remanescentes de Quilombos?.....</i>	<i>41</i>
<i>1.2.3 Cultura, culturas: o conceito necessário .....</i>	<i>46</i>
<i>1.2.4 Pensando identidades .....</i>	<i>49</i>
<b>1.3 Os caminhos metodológicos .....</b>	<b>52</b>
<b>1.4 Divisão dos capítulos .....</b>	<b>56</b>
<b>2 MINAS NOVAS, CIDADE DAS “MUITAS MINAS E DE NEGROS” .....</b>	<b>58</b>
<b>2.1 Notas sobre a história de Minas Novas .....</b>	<b>58</b>
<b>2.2 Dados censitários sobre Minas Novas .....</b>	<b>65</b>
<b>2.3 As culturas negras em Minas Novas .....</b>	<b>66</b>
<i>2.3.1 A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Minas Novas .</i>	<i>66</i>
<i>2.3.2 A Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Minas Novas .....</i>	<i>69</i>
<i>2.3.3 O povo da Festa.....</i>	<i>77</i>
<b>2.4 O negro em episódios históricos da cidade.....</b>	<b>81</b>
<b>2.5 Os quilombos em Minas Novas .....</b>	<b>82</b>
<b>3 DISTRITO DE RIBEIRÃO DA FOLHA E A ESCOLA .....</b>	<b>87</b>
<b>3.1 Da cidade para o campo de pesquisa .....</b>	<b>98</b>
<b>3.2 A escola: negociações e impressões .....</b>	<b>100</b>
<b>3.3 Retornando à escola: antecedentes históricos.....</b>	<b>110</b>
<b>3.4 Conhecendo os sujeitos da pesquisa.....</b>	<b>111</b>
<b>3.5 Escola Estadual de Ribeirão da Folha: características físicas e humanas .....</b>	<b>128</b>
<b>4 DA ESCOLA À COMUNIDADE DE QUILOMBO.....</b>	<b>133</b>
<b>4.1 Primeiras notas sobre a Comunidade de Quilombo.....</b>	<b>144</b>
<b>4.2 Notas históricas sobre a Comunidade de Quilombo.....</b>	<b>149</b>
<b>4.3 Mais uma visita ao Quilombo.....</b>	<b>152</b>
<b>4.4 Noite de visita informal.....</b>	<b>160</b>
<b>4.5 Jantar, banho de balde e sono.....</b>	<b>162</b>
<b>4.6 A Festa de Bom Jesus da Lapa no Quilombo.....</b>	<b>164</b>
<i>4.6.1 Buscando a Bandeira de Bom Jesus.....</i>	<i>167</i>
<i>4.6.2 Os visitantes.....</i>	<i>178</i>
<i>4.6.3 Missa ao ar livre.....</i>	<i>180</i>
<i>4.6.4 “O almoço de Bom Jesus”.....</i>	<i>183</i>
<i>4.6.5 “A Mesada de Leilão” e o fim da festa.....</i>	<i>186</i>
<b>5 A OBSERVAÇÃO NA ESCOLA.....</b>	<b>192</b>
<b>5.1 O Carnaval da Escola e a Escola no Carnaval.....</b>	<b>192</b>
<b>5.2 As celebrações da semana santa e a Escola.....</b>	<b>197</b>
<b>5.3 Mais algumas notas sobre as observações na escola.....</b>	<b>202</b>
<b>5.4 Festas do Terceiro Ano: “Cala a Boca e me Beija” e “Halloween Fest.....</b>	<b>205</b>

<b>6 LUTAS E CONQUISTAS DOS NEGROS NO BRASIL.....</b>	<b>213</b>
<b>6.1 Direitos das Comunidades Remanescentes de Quilombo.....</b>	<b>216</b>
<b>7 EDUCAÇÃO, QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS E AS IDENTIDADES.....</b>	<b>223</b>
<b>7.1 O Sertão, a Chuva e a Educação.....</b>	<b>223</b>
<b>7.2 Educação: Escola e Comunidade Quilombola.....</b>	<b>225</b>
<b>7.3 Notas sobre os documentos oficiais da escola: educação e culturas locais.....</b>	<b>230</b>
<b>7.4 Educação e relações étnico-raciais.....</b>	<b>233</b>
<b>7.5 Discussão sobre a questão das identidades.....</b>	<b>238</b>
<b>7.5.1 Os sujeitos e suas identidades.....</b>	<b>244</b>
<b>7.5.2 As identidades étnico-quilombolas.....</b>	<b>248</b>
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>252</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>258</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>268</b>

## 1 - NOTAS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS DA PESQUISA

*Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia. (ROSA, 2011, p. 51)*

Nasci e cresci em uma região cujos traços culturais foram sempre um destaque muito forte na composição de uma identidade local. Minas Novas, uma cidade histórica do período da mineração, com suas irmandades leigas, Irmandade do Divino Espírito Santo e Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, bem como suas tradicionais festas, despertaram em mim o desejo de me formar em História, e trabalhar de alguma forma esses aspectos tão ricos que fazem parte das culturas do Vale do Jequitinhonha.

Com efeito, terminando a licenciatura em História, no ano de 2004, passei a me interessar por pesquisa. Especializei-me em História e Cultura Afro-brasileira pela PUC-Minas em 2007 e elaborei uma monografia sobre a participação e contribuição das mulheres nas irmandades de negros. O tema foi “A Mulher na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Minas Novas: participação e contribuição”. Esta especialização proporcionou-me novos conhecimentos sobre a trajetória do negro no Brasil, ampliando aqueles que havia adquirido durante a graduação.

A partir dessa especialização decidi dar continuidade aos estudos, fazendo dessa vez, o curso de Mestrado. Para tanto cursei primeiramente uma disciplina isolada do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Minas, para saber se queria fazer o mestrado na área de educação ou na área de história. Então, no ano de 2009 cursei a disciplina “História das Disciplinas Escolares: natureza e método” ministrada pela Professora Dr. Maria Inês Salgado de Souza.

A escolha desta disciplina se deu, primeiramente, pela ementa da linha de pesquisa, “Educação Escolar: Políticas e Práticas Curriculares, Cotidiano e Cultura”, da qual eu me identificava e segundo, devido ter sido ofertada na segunda-feira, o que viabilizou minha participação, pois, na época, morava na cidade de Novo Cruzeiro – MG, há mais de 500 km de Belo Horizonte. Assim negocieei minha folga na escola neste dia e durante o curso, eu saía de Novo Cruzeiro no domingo à noite e chegava à Belo Horizonte na segunda-feira as 05h00min da manhã. Assistia às aulas no período da tarde e retornava para Novo Cruzeiro no mesmo dia à noite, de forma que quando chegava à minha cidade, ia diretamente para a escola, para as aulas de terça-feira, no primeiro horário da manhã.

O investimento foi pesado, intenso e dispendioso, já que o Estado não concede licença para professores cursarem disciplinas isoladas. No entanto, o esforço valeu à pena.

Amadureci a ideia de tentar o exame de seleção para o mestrado em educação, e nesta decisão pesou muito minha trajetória como professora da rede pública, preocupada com os problemas que dizem das relações entre a educação escolar e as constituições identitárias dos alunos afrodescendentes.

No entanto, quando fiz o exame de seleção para o mestrado, percebi que meu projeto se aproximava bem mais de outro eixo temático, dentro daquela linha de pesquisa: “Educação, Cotidiano Escolar e Diferença Cultural”, uma vez que minha proposta de pesquisa tratava das identidades de jovens alunos do ensino médio, moradores de uma comunidade remanescente de quilombo, sendo que meu embasamento teórico e metodológico perpassava a história e a antropologia, perfazendo um casamento perfeito com o que estava proposto naquele eixo temático: trabalhar de forma interdisciplinar, entre as “fronteiras que tem a Antropologia e a História como disciplinas de perspectivação” (SILVA; PINTO, 2000. in: TOSTA, CALDEIRA, 2005).

Desta forma, voltei minha atenção para o estudo sobre jovens das comunidades remanescentes de quilombo existentes em minha região. A escolha foi por alunos do ensino médio, moradores da comunidade remanescente de quilombo, denominada de “Quilombo”, que estudam na Escola Estadual de Ribeirão da Folha, localizada no distrito de Ribeirão da Folha. Tanto o distrito de Ribeirão da Folha, como a comunidade de Quilombo, estão localizados na zona rural do município de Minas Novas-MG.

A escolha da comunidade Quilombo ocorreu por dois motivos: primeiramente por ter sido a primeira comunidade a ser reconhecida como quilombola pela Fundação Cultural Palmares no município de Minas Novas, em 2005; o segundo diz respeito ao fato de mesmo tendo sido a primeira comunidade a ser reconhecida, a mesma não possui nenhuma escola. Desta forma, suas crianças, adolescentes e jovens necessitam se deslocar para lugares vizinhos para estudar. Para cursarem até o nono ano do ensino fundamental, as crianças e adolescentes são levados por ônibus da prefeitura até a Fazenda Alagadiço, onde está situada uma escola municipal. Para cursarem o ensino médio, os alunos são levados para o distrito de Ribeirão da Folha. Neste caso justifica-se a escolha da escola, a única de ensino médio em Ribeirão da Folha.

### **1.1– Os Caminhos da Investigação**

A elaboração deste texto introdutório sobre o trabalho por nós realizado na Escola Estadual de Ribeirão da Folha, no distrito de Ribeirão da Folha e na comunidade Quilombo

representa o que imaginamos ser a finalização de um recorte analítico sobre um objeto de pesquisa específico: jovens estudantes do ensino médio, moradores de uma comunidade remanescente de quilombo e a construção de suas identidades. Para tanto, nesta parte, indicaremos ao leitor os caminhos teóricos e metodológicos por nós percorridos durante a pesquisa e também na escrita desta dissertação.

A pesquisa pretendeu colaborar para os estudos acerca da educação em uma comunidade rural, remanescente de quilombo, no sertão de Minas Gerais, mais particularmente com aqueles que focam a prática educacional como um elemento que auxilia na formação de identidades. No caso desta investigação, a identidade étnico-racial quilombola.

Muitos acadêmicos têm tido a preocupação em desenvolver pesquisas sobre diferentes aspectos da situação do negro ao longo de sua trajetória histórica no Brasil. No entanto, poucos são os estudos que trabalham com a questão do jovem morador da zona rural, de uma comunidade oficialmente reconhecida como remanescente de quilombo, considerando suas dinâmicas de escolarização. A educação na zona rural ainda desperta pouco interesse nos pesquisadores e uma das causas desse desinteresse pode ser explicado, segundo Gentili, citado por Damasceno e Beserra,

Em função do financiamento prioritário do Estado de determinadas áreas de pesquisa, as universidades e demais centros de pesquisa acabam também concentrando a sua atenção nas mesmas áreas e deixando de lado áreas que, embora importantes para a sociedade, são marginais aos interesses do Estado que, por sua vez, decide a prioridade dos seus interesses também pressionado pelas instituições internacionais de crédito, como o Banco Mundial, por exemplo. (GENTILI, apud DAMASCENO; BESERRA. 2004, p. 78).

A maior parte das pesquisas sobre a educação na zona rural está ligada aos movimentos sociais, como o MST, ou a educação de jovens e adultos e trabalhadores rurais. Sobre a educação de jovens alunos em áreas rurais, Damasceno e Beserra dizem que,

seria de fundamental importância para o fortalecimento da área que as instituições financiadoras de pesquisa abrissem concursos ou programas específicos de pesquisa sobre a educação rural e que o Ministério da Educação oferecesse incentivo especial aos estudantes e pesquisadores que escolhessem enfrentar tal temática. (DAMASCENO; BESERRA. 2004, p. 84).

Em sua pesquisa em uma escola de zona rural Benfica (2006) chegou a conclusão de que esta possui um significado importante para os alunos e suas famílias. Que mesmo sendo moradores da zona rural esses sujeitos percebem a importância de uma educação de qualidade

para uma possível ascensão social. Ela demonstra com sua pesquisa que as escolas da zona rural são realidades relevantes para serem estudadas, que possuem especificidades que podem despertar o interesse dos pesquisadores, basta que esses tenham um olhar mais atento para essa possibilidade de estudo.

Vanda Silva (2000), fez sua pesquisa de mestrado sobre os jovens de Chapada do Norte – MG. E, apesar de não se tratar de uma pesquisa específica sobre a juventude negra, ela procurou entender como se dá a construção da identidade dos jovens daquele município. Para isso ela ouviu e observou jovens do meio urbano e do meio rural, fazendo uma espécie de comparação entre ambos, no que diz respeito aos seus modos de agir, sentir, pensar e representar. Bem como suas expectativas e frustrações originadas por influências dos adultos, e das migrações, tão comuns nessa região. Ela chegou à conclusão que,

em Chapada do Norte, a relação entre jovens e adultos maduros sugere contraste e complemento, pois - pelo observado - a identidade juvenil se firma a partir dos modelos que são transmitidos, mas opõe-se na medida em que também buscam viver sua individualidade, abrindo brechas rumo a liberdade desejada, porém cerceada. (SILVA, 2000, p. 175).

Pesquisas feitas fora da zona rural e sobre o MST são encontradas em maior quantidade. Muitas têm procurado entender as relações e interações de jovens, adolescentes e crianças afrodescendentes no interior das escolas, com a escola ou a família e as formas de preconceitos que surgem nessas interações. Alguns estudiosos<sup>1</sup> discutem a questão através de enfoques curriculares; outros voltados para políticas públicas.

Especificamente sobre as relações que são estabelecidas entre a educação e as constituições identitárias étnico-raciais quilombolas, os trabalhos são ainda em pequena quantidade e podemos citar os de: Maria Batista Lima (2001), Maria Clareth Reis (2003), Márcia Lúcia Anacleto de Souza (2009) e Gisélia Leite (2009).

Em sua pesquisa, Lima (2001) estudou a Comunidade Quilombola de Mussuca, no município de Laranjeiras, Sergipe. A autora entendeu que a comunidade possui manifestações culturais que contribuem para o fortalecimento da identidade de seus moradores. Mas, que a escola que os estudantes locais frequentam não contribui para o fortalecimento de tais identidades, pois, ignora suas vivências e experiências cotidianas, contribuindo para fortalecer o preconceito.

---

<sup>1</sup> Luiz Alberto Gonçalves (1985). Consuelo Silva (1995). Rita Fazzi (2004). Luiz Carlos Paixão da Rocha (2006). Lorene dos Santos (2008).

No trabalho de Reis (2003) em Chacrinha dos Pretos, comunidade pertencente a Belo Vale, em Minas Gerais, a autora buscou compreender de que forma os processos de construções identitárias étnico-raciais são abordados numa escola localizada em uma comunidade remanescente de quilombo. Nesta busca ela considerou as relações que são estabelecidas entre os professores e alunos, sem deixar de considerar o contexto social da comunidade. A autora destaca que a escola freqüentada pelas crianças, adolescentes e jovens da comunidade não constitui um espaço de afirmação ou construção positiva das identidades dos sujeitos que ali estudam, uma vez que, além de não incluir em seu currículo conteúdos relacionados à história da comunidade, também reproduz discursos e estereótipos negativos sobre a população negra.

Souza (2009) investigou os processos de construção da identidade de moradores do Quilombo Brotas, a partir do seu reconhecimento oficial como comunidade remanescente de quilombo. A comunidade fica situada na área urbana de Itatiba, São Paulo. Nesta empreitada a autora considerou os processos educativos formais, informais e não formais envolvidos. Segundo ela, os espaços e tempos de educação não formal e informal, influenciam de forma positiva na construção de uma identidade quilombola pelo grupo, no qual,

os moradores aprendem e ensinam o sentido de ser quilombola dentro e fora do território, constroem saberes em torno da luta política em defesa de suas terras, redescobrem o valor de sua história e o significado dos quilombos ontem e na atualidade. (2009, p. 151)

No entanto, Souza adverte que a escola, espaço de educação formal, se configura como um “espaço onde são produzidos e reproduzidos discursos que seguem na contramão da luta das populações quilombolas” Ela salienta ainda que a escola freqüentada pelos moradores da comunidade fica localizada fora de seus territórios e que se configura em um espaço que “desconsidera a diversidade cultural e os conflitos dela decorrentes”. (2009, p. 152-155).

Em sua pesquisa de mestrado defendida na PUC-Minas em 2009, Leite procurou fazer uma articulação no que diz respeito às políticas públicas que tratam das diferenças e como essas políticas são institucionalizadas na escola, bem como, como se dá o processo de construção da identidade das crianças moradoras da comunidade rural “Lagoa Trindade”, Sete Lagoas, Minas Gerais. Segundo ela,

A pesquisa procurou problematizar a complexa discussão sobre culturas e diferenças, privilegiando o olhar da criança quilombola e descobriu vieses contraditórios nos olhares da criança sobre si mesma e a negação em alguns momentos da sua corporeidade negra. Os resultados mostraram que a escola precisa

ficar atenta ao seu entorno e às peculiaridades presentes na comunidade onde está inserida. (LEITE, 2009, p. 10).

Frente ao exposto pelos autores citados, acredito que a pesquisa apresentada nesta dissertação se torna mais relevante ainda, por trazer elementos que podem contribuir para entender qual o significado da educação para jovens moradores de uma comunidade remanescente de quilombo e a relação que por eles é estabelecida no que diz respeito à constituição de suas identidades. Inclusive porque se reconhecer como negro, e, ou quilombola num país em que a discriminação racial é uma persistência histórica não é nada fácil, como diz Lopes:

Para ter identidade e ser reconhecido, o negro abre mão de si mesmo e busca se espelhar no branco e nos conceitos da sociedade em que vive. A escolaridade é um fator importante para sua ascensão, isto é certo, mas o que se constata é que vencido essa etapa, ele mesmo anula, nega a cultura de origem. Sua luta torna-se individual, incorpora os valores socialmente aceitos mesmo tendo consciência da importância dos seus ancestrais para a configuração atual da sociedade. (LOPES, 1987, p. 38-40).

Considerando a relevância política, social, cultural e acadêmica destas questões relativas à população negra, principalmente a população da zona rural e os poucos estudos ainda existentes e abordando tal temática, é que várias indagações foram construídas antes e no decorrer da pesquisa:

1 – Como são constituídas as identidades desses sujeitos, jovens nascidos e moradores de uma comunidade remanescentes de quilombo, na condição, também, de alunos do ensino médio em uma escola localizada fora de seu local de moradia?

2 – Estes sujeitos interagem regularmente com outros colegas, professores e gestores. Em meio a estas dinâmicas como vem ocorrendo sua escolarização e como a escola se coloca na percepção e construção de uma possível identidade étnico-racial quilombola desses sujeitos?

3 – Considerando a comunidade onde vivem, o distrito onde freqüentam a escola, como também as influências trazidas pelos contatos com outros jovens, com a mídia e a tecnologia digital em meio a uma sociedade de circulação de culturas, como é possível pensar numa constituição identitária étnico-racial quilombola?

4 – Por fim, se a percepção de identidade que esses sujeitos possuem, revela se a escola exerce algum tipo de influência ou contribui para isto e como?

Encontrar respostas para as questões propostas teve, também, como objetivo contribuir para a visibilidade das comunidades remanescentes de quilombo, bem como para a valorização da escola em ambientes rurais. E desta forma, propiciar uma reflexão sobre a educação e sua relação com a constituição de identidades de jovens em ambientes rurais quilombolas, questão esta que tem ficado às margens nas pesquisas em educação, como demonstrado nesta dissertação.

A pesquisa tornou-se mais relevante ainda, pois, tentar compreender a questão central desta investigação – construções de uma possível identidade étnico-racial quilombola junto a alunos do ensino médio da comunidade de Quilombo – acabou por descortinar aspectos da educação que é oferecida a esses sujeitos pelo Estado numa escola de zona rural. O que permitiu verificar se essa educação/escola valoriza ou não a cultura afro-brasileira, as experiências culturais trazidas pelos alunos de suas comunidades de origem, buscando reconhecer aspectos da valorização dessas culturas no cotidiano da escola. Afinal, “a cultura, no sentido amplo, significa a maneira total de viver de um grupo, uma sociedade, um país ou uma pessoa” (ROCHA; TOSTA. 2009 p. 83), portanto, possui estreita relação com a educação, sendo ela, formal ou não.

Contudo, os objetivos que nortearam nosso trabalho foram: entender os modos como são constituídas as identidades de alunos do ensino médio, moradores de uma comunidade rural remanescente de quilombo, considerando suas dinâmicas de escolarização; verificar como a trajetória de escolarização pode ou não e de que modos, interferir na constituição das identidades destes sujeitos; compreender a relação que é estabelecida entre a escola, as culturas e as identidades desses sujeitos; entender a possível percepção identitária que esses sujeitos possam ter de si; perceber como e de que modos as dinâmicas de escolarização podem ou não contribuir para a construção das identidades dos sujeitos e por fim, entender os modos de interação e sociabilidades tecidos por estes alunos em seus tempos e espaços de convivência.

## **1.2 – Os Caminhos Teóricos**

Sabendo da importância indiscutível de se buscar um embasamento teórico e metodológico em trabalhos de natureza científica é que sinalizo com um quadro dos principais caminhos – conceitos, metodologia para os diálogos permanentes entre teoria e empiria – utilizados no decorrer da pesquisa.

### *1.2.1 – Educação e suas interfaces*

Trabalhar com educação é procurar estabelecer constantes diálogos com outras ciências, da mesma maneira que trabalhar com a história ou antropologia, também exige do estudioso esta postura de interdisciplinaridade. Ao tentar entender como são constituídas as identidades de jovens, cujas vivências são bem demarcadas na comunidade remanescente de quilombo onde vivem, e, em suas dinâmicas de escolarização, o propósito foi tecer um diálogo entre essas três áreas.

A História serviu como guia, uma vez que tentamos identificar através dela, a história do município de Minas Novas, bem como, a trajetória do povo negro no Brasil, suas lutas e resistências, como por exemplo, a formação dos primeiros quilombos. Nessas lutas e resistências até os dias atuais, procurei identificar o papel ocupado pela educação.

No que se refere à Antropologia, dialogando sempre com a História e com a Educação, busquei nesta ciência alguns conceitos fundamentais para embasar a pesquisa. Se o principal objeto de estudo da antropologia é a cultura de um determinado povo, em seus variados aspectos: valores, identidades, ideologias, sentimentos, maneiras de pensar, agir e representar, interações etc., então, podemos afirmar que existe uma estreita relação entre esta ciência e a educação, como explica Brandão, citado por Rocha e Tosta,

pensamos, por exemplo, que a educação, a pedagogia, o ensinar-e-aprender possuem uma relativa ou mesmo uma ampla autonomia. Essa será a razão pela qual em todo o mundo tardamos tanto em compreender o que a educação é – como tudo o mais que é humano e é criação de seres humanos – uma dimensão, uma esfera interativa e interligada com outras, um elo ou uma trama (no bom sentido da palavra) na teia de símbolos e saberes, de sentidos e significados, como também de códigos, de instituições que configuram uma cultura, uma pluralidade interconectada (não raro, entre acordos e conflitos) de culturas e entre culturas, situadas em uma ou entre várias sociedades. (BRANDÃO, apud ROCHA; TOSTA, 2009, p. 12).

Portanto, a educação como criação do homem e onde ele é criado, é dessa forma, um campo que também deve ser estudado pela antropologia, uma vez que, de acordo com Rocha e Tosta (2009, p. 17), “a antropologia é uma forma de educação, bem como a educação só é possível como prática antropológica”. Sendo assim, para compreender as interações entre os nossos sujeitos nesta investigação, entre estes e a escola ou a comunidade sob a ótica da antropologia foi de fundamental importância o entendimento desses sujeitos como atores de suas próprias culturas, procurando perceber os significados por eles atribuídos a diversas

questões, como, por exemplo, a suas identidades, suas relações com a escola, com a mídia, dentre outras instâncias que emolduram sua vida.

Segundo Rocha e Tosta, (2009, p. 45) foi a partir da primeira guerra, que a antropologia passou a se interessar por temas como a criança e a educação. Clarice Cohn, nos diz que, “uma antropologia da criança pode ser desde aquela que analisa o que significa ser criança em outras culturas e sociedades até aquela que fala das que vivem em um grande centro urbano” (2005, p.8). Assim,

Fazer antropologia é tentar entender um fenômeno em seu contexto social e cultural. É tentar entendê-lo em seus próprios termos. Desde cedo, os antropólogos têm insistido na necessidade de abordar as culturas e as sociedades como sistemas, o que significa dizer que qualquer evento, fenômeno ou categoria simbólica ou social a ser estudado deve ser compreendido por seu valor no interior do sistema, no contexto simbólico e social que é gerado. (COHN, 2009, p. 9).

Ao se dedicar ao estudo da criança em seu contexto social e cultural é que a antropologia abraça também a educação, alcançando assim, a instituição escolar. Lugar este, propício para entender as significações culturais tanto das crianças, como também dos adolescentes e jovens que interagem em seu interior. Procurei, então, realizar a pesquisa enfocando a antropologia, a história e a educação, tendo como referente para esse diálogo, a compreensão de como são constituídas as identidades de um grupo específico de jovens, a partir dos modos como se inserem e interagem nas culturas onde habitam.

### ***1.2.2 – Quilombos ou Comunidades Remanescentes de Quilombos?***

Já se sabe que foi no início da colonização, a partir de meados do século XVI, que os primeiros negros foram trazidos à força do Continente Africano para o Brasil para servirem como escravos na principal colônia portuguesa, substituindo o trabalho dos “índios”. A escravização de seres humanos já acontecia em África, principalmente na região subsaariana, onde, explica Silva que, eram comuns também o sacrifício de escravos aos deuses e aos mortos (2002, p. 102). Este autor defende, ainda, que o fato da escravidão já existir na África facilitou aos portugueses essa prática. No entanto, a escravidão mercantil, iniciada pelos europeus era bem diferente da que era praticada pelos africanos, quando pensadas como fatos cujas lógicas somente se compreende quando são colocadas dentro de uma cultura específica ou de culturas particulares.

Dentro do continente africano eram variadas as forma de escravizar. Segundo Silva em África, o ser humano podia tornar-se escravo de várias maneiras. A guerra era uma das formas

mais comuns. Também comum era a *razia*<sup>2</sup>, na qual “os atacantes recolhiam as mulheres, os rapazolas, as mocinhas [...] e os levavam, presos um ao outro pelo pescoço, pelo libambo ou por uma corda” (2002, p. 108). Os crimes eram punidos também com a escravidão, neste caso, quem cometia assassinatos, furtos, adultérios ou feitiçarias podia receber como castigo, se tornar escravo por um determinado tempo. Quando alguém devia e não podia pagar, o devedor se tornava escravo do credor, até que este julgasse que a dívida estava quitada, voltando assim, o devedor a sua condição de homem livre. Outras formas comuns também, ainda segundo Silva, eram a penhora: “podia requerer um empréstimo a outrem, entregando-se a si próprio como garantia”, ou em situações de abuso de poder por parte de um rei, em que este podia vender alguém que não cumprisse as regras do seu reinado com o desterro político, o exílio (2002, p. 108-112). Como os riscos de fuga eram sempre grandes, os cativos eram vendidos para regiões distantes dos seus locais de origem.

Apesar da escravidão já ser conhecida dos africanos, o caráter mercantil, ou seja, o uso para fins comerciais dessa prática foi consolidado pelos europeus. Estes começaram no século XVI um lucrativo comércio de seres humanos. Os negros eram capturados em diversas regiões africanas e vendidos por traficantes no litoral para os que se interessavam, dentre estes, estavam os portugueses, que haviam percebido que a substituição do trabalho indígena pelo africano poderia trazer maiores lucros. Além do que, o próprio tráfico, ou seja, o próprio comércio era muito lucrativo. Iniciou-se então o tráfico negreiro sob condições desumanas. Os africanos que conseguiam sobreviver aos porões dos navios foram forçosamente sendo desembarcados no Brasil para trabalhar nas plantações de açúcar e em outros tipos de tarefas. A partir daí iniciou-se uma longa luta por parte desse povo para ter de volta sua liberdade roubada, bem como para tentar preservar seus valores e suas culturas. De acordo com Moura,

O escravo não foi aquele objeto passivo que apenas observava a história. [...] pelo contrário, um componente dinâmico permanente no desgaste ao sistema, através de diversas formas, e que atuavam, em vários níveis, no processo do seu desmoronamento. (MOURA, 1987, p. 08).

Dentre as formas que contribuía para o desgaste ao sistema de escravização, citamos, por exemplo, a resistência ao próprio trabalho que lhe era imposto; o aborto por parte das mulheres na tentativa de livrar os filhos da escravização; tentativas de homicídios contra os senhores; o suicídio; furtos; o agrupamento em irmandades religiosas onde puderam preservar parte de suas culturas e valores, através das tradicionais festas e também as fugas. Através das

---

<sup>2</sup> Invasão predatória em território inimigo que inclui mortes e saques.

fugas, individuais ou coletivas, é que foram sendo formados os primeiros grupos de negros vivendo em áreas mais distantes. Os chamados Quilombos.

O antropólogo Kabenguele Munanga explica que a palavra quilombo teve origem nos “povos de língua bantu (*kilombo*, aportuguesado: quilombo)”. Segundo ele, seu uso no Brasil é devido à presença de povos bantus que foram forçosamente trazidos como escravos. “Trata-se dos grupos lunda, ovimbundu, mbundu, kongo, imbangala, etc., cujos territórios se dividem entre Angola e Zaire” (1996, p. 58). Joseph Miller (1976), citado por Munanga, diz que, “embora a palavra quilombo seja de língua umbundu, [...] a instituição teria pertencido aos jaga”. Para este autor, entre os séculos XV e XVI, povos de origem bantu, como por exemplo, os jagas e os lunda, se uniram em torno do príncipe Kimbinda Ilunga, que perdeu a sucessão do trono Luba para seu irmão, e, formaram-se exércitos poderosos para a conquista de territórios. Esse grupo primeiramente chamado de Imbangala passou a ser chamado de Kilombo (1996, p. 60). Sobre esse grupo, Joseph Miller (1976) salienta que:

A palavra quilombo tem a conotação de uma associação de homens, aberta a todos sem distinção de filiação a qualquer linhagem, na qual os membros eram submetidos a dramáticos rituais de iniciação que os retirava do âmbito protetor de suas linhagens e os integravam como co-guerreiros num regimento de super-homens invulneráveis às armas de inimigos. (MILLER apud, MUNANGA, 1996, p. 60).

Podemos entender assim, que, o quilombo africano era constituído por uma mescla de culturas, uma vez que recebia pessoas de diversas partes do continente e de linhagens e etnias diversas. No caso dos quilombos brasileiros, para Munanga,

Pelo conteúdo, o quilombo brasileiro é, sem dúvida, uma cópia do quilombo africano reconstruído pelos escravizados para se opor a uma estrutura escravocrata, pela implantação de uma outra estrutura política na qual se encontraram todos os oprimidos. Escravizados, revoltados, organizaram-se para fugir das senzalas e das plantações e ocuparam partes de territórios brasileiros não povoados, geralmente de acesso difícil. Imitando o modelo africano, eles transformaram esses territórios em espécies de campos de iniciação à resistência, campos esses abertos a todos os oprimidos da sociedade (negros, índios e brancos), prefigurando um modelo de democracia plurirracial que o Brasil ainda está por buscar. (MUNANGA, 1996, p. 63).

Moura explica que para a Coroa Portuguesa, senhora das terras brasileiras, quilombo era “toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles” (1987, p. 16). De acordo com Schmitt, Turatti e Carvalho, essa definição de quilombo acima,

influenciou uma geração de estudiosos da temática quilombola até meados dos 70, como Artur Ramos (1953) e Edson Carneiro (1957). O traço marcadamente comum entre esses autores é atribuir aos quilombos um tempo histórico passado, cristalizando sua existência no período em que vigorou a escravidão no Brasil, além de caracterizarem-nos como espaços de resistência e de isolamento da população negra. (SCHIMITT; TURATTI; CARVALHO. 2002, p. 02).

Por muito tempo, quilombo foi considerado um lugar para onde os negros fugitivos se estabeleciam e nada mais. No entanto, sabemos hoje que, essa concepção de quilombo já se encontra ultrapassada. Moura explicita que,

Esses quilombos tinham vários tamanhos e se estruturavam de acordo com o seu número de habitantes. Os pequenos quilombos possuíam uma estrutura muito simples: eram grupos armados. As lideranças, por isto, surgiam no próprio ato da fuga e da sua organização. Os grandes, porém, já eram muito mais complexos. O de Palmares chegou a ter cerca de vinte mil habitantes e o de Campo Grande, em Minas Gerais, cerca de dez mil ou mais. (MOURA, 1987, pag. 17).

E destaca que,

O superproduto social se tornara abundante. Depois de alimentada toda a população, atendidos os gastos coletivos e guardadas em celeiros as quantidades destinadas às épocas de más colheitas, guerras e festividades, ainda sobrava algo para trocar por produtos essenciais das povoações luso-brasileiras. O caráter nitidamente antieconômico do sistema escravista é ilustrado por esse contraste entre o rendimento do trabalho do negro quando livre e quando escravo. Era por ser escravo, não por ser negro, que ele produzia pouco e mal nas plantações e nos engenhos. (MOURA, 1987, pag. 40).

Assim, podemos concluir, de acordo com Clóvis Moura (1987) e Munanga (1996), que os quilombos não eram apenas espaço para onde fugiam negros como especificava a coroa portuguesa, e também não se constituíam em um espaço isolado. Eram espaços e tempos onde existiam pessoas brancas, índios, militares fugitivos, mulatos, enfim, todos que desejassem se juntar na luta a favor de uma vida livre eram bem vindos ao grupo. O isolamento também pode ser questionado, na medida em que muitos quilombos mantinham relações com mascates e pequenos proprietários, estabelecendo assim relações de comércio, negociando o excedente do que era produzido e ou extraído de suas terras por produtos vindos da cidade, como por exemplo, armas e sal.

Um dos questionamentos hoje sobre os grupos remanescentes de quilombos diz respeito à forma como se constituíram. Na diversidade de formas, podemos considerar as fugas para terras distantes, as heranças, doações, e as compras de terras. Desta forma, no entendimento de Alfredo Wagner Almeida, citado por Ratts,

As denominadas “terras de preto” compreendem aqueles domínios doados, entregues ou adquiridos, com ou sem formalização jurídica, a famílias de escravos a partir da desagregação de grandes propriedades monocultoras. Os descendentes de tais famílias permanecem nessas terras sem proceder ao processo formal de partilha e sem delas se apoderarem individualmente.

[...]

São também alcançadas pela expressão *terras de preto* aqueles domínios ou extensões correspondentes aos quilombos que permaneceram em isolamento relativo, mantendo regras de direito consuetudinário que orientavam uma apropriação comum dos recursos. Localizáveis em regiões do Norte de Goiás, São Paulo, Maranhão e Minas Gerais, caracterizam-se pela persistência das mobilizações em confronto. (ALMEIDA, apud RATTS, 2000, p. 315).

Os quilombos foram formados então, de diversas maneiras, desde a ocupação de terras distantes, até a compra ou doação por antigos donos. Desta forma, muitas comunidades hoje estão em territórios de antigos aglomerados negros, e muitas vezes, mantêm costumes e regras herdadas dos antigos moradores. Assim, a Constituição Brasileira de 1988, através da luta dos vários segmentos negros, reconheceu estas comunidades como remanescentes de quilombos:

Art. 216. Inciso V. 5º - Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos. (BRASIL, Constituição Brasileira de 1988, 2010).

Disposições transitórias – Art. 68 – Aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhe os títulos respectivos. (BRASIL, Constituição Brasileira de 1988, 2010).

Segundo Ratts, a partir da década de 1980, o conceito de quilombo passa a ser discutido de forma mais clara no Brasil. O país estava em plena “abertura política”, e passava, também, por processos de “revisões da história nacional e regional, de “descoberta” das comunidades negras rurais e de constituição do movimento negro contemporâneo”. (RATTS, 2000, p. 312). Assim, com as revisões da história nacional e regional, com as lutas dos movimentos negros e do reconhecimento constitucional, o conceito de quilombo passou por uma ressemantização. Sobre a utilização do termo “quilombo” Neusa Gusmão diz que:

Antes de mais nada, cabe ressaltar a insuficiência conceitual, prática, histórica e política do termo “quilombo” para dar conta da diversidade das formas de acesso à terra e das formas de existir das comunidades negras no campo.

[...]

O conceito, ainda que viável no discurso político da resistência negra, apresenta-se como unificador e generalizante daquilo que é historicamente diverso e particular. Mais que isso, juridicamente apresenta grandes dificuldades a serem resolvidas.

A história negada do negro no tecido social e a violência do sistema sobre territórios negros quilombados deixam dúvidas quanto à possibilidade de comprovar a condição ‘remanescente’ dos grupos negros hoje existentes. (1991, p. 34-35).

Para Gusmão, portanto, o conceito “quilombo” é insuficiente para dar conta das comunidades negras em suas diversidades e formas de acesso a terra. E, devido a estas diversidades, estes povos encontrarão dificuldades para comprovar a condição de “remanescente de quilombo”. Segundo a autora, estas comunidades se estruturam na relação com a terra e no estar na terra. Relação esta, estabelecida através do “direito costumeiro”, na utilização em comum do território e na descendência negra de um grupo. (GUSMÃO, 1995, p. 06)

Para Anjos, outra estudiosa do assunto:

No Brasil, os remanescentes de antigos quilombos, “mocambos”, “comunidades negras rurais”, “quilombos contemporâneos”, “comunidade quilombola” ou “terras de preto” referem-se a um mesmo patrimônio territorial e cultural inestimável e em grande parte desconhecido pelo Estado, pelas autoridades e pelos órgãos oficiais. Muitas dessas comunidades mantêm ainda tradições que seus antepassados trouxeram da África, como a agricultura, a medicina, a religião, a mineração, as técnicas de arquitetura e construção, o artesanato, os dialetos, a culinária, a relação comunitária de uso da terra, dentre outras formas de expressão cultural e tecnológica. (ANJOS, 1999, p. 10).

Concordando com Gusmão e Anjos, utilizei o termo “comunidade remanescente de quilombo”, ou simplesmente “quilombo” nesta pesquisa para me referir às comunidades rurais negras, como por exemplo, a comunidade rural Quilombo, onde se deu uma parte da pesquisa. Tomamos estes termos como equivalentes, pois ambos se fundam na relação com a terra e com a descendência de parentes negros, escravos ou não. Concordando, dessa forma, também, com a ABA – Associação Brasileira de Antropologia - que através da reunião do GT – Comunidades Negras Rurais, que reúne antropólogos que se dedicam à pesquisa e estudos sobre os negros, realizada nos dias 17 e 18 de outubro de 1994, os dois termos foram tomados com o mesmo significado. Segundo a ABA, (1994) geralmente são comunidades formadas por grupos que não estão isolados e nem são totalmente homogêneos, muitas vezes nem possui uma referência histórica comum, são constituídos através de vivências e valores partilhados pela coletividade, se identificam pelo sentimento de pertença, principalmente na utilização do território.

### ***1.2.3 – Cultura, culturas: o conceito necessário.***

Trabalhar com a cultura ou as culturas de um determinado povo não é tarefa fácil e nem autoriza simplificações. Ao tentar entender as culturas de jovens alunos moradores do Quilombo, a intenção foi perceber como expressões simbólicas se colocam nos processos de

constituição de suas identidades. Assim, estreitando ainda mais os laços com a Antropologia e a História. A primeira ciência postula que, “sem uma tradição, uma coletividade pode viver ordenadamente, mas não tem consciência do seu estilo de vida” (DAMATTA, 1987, p. 48), assim, o homem é o único ser que tem consciência dos seus atos, suas regras, suas tradições dentro de uma sociedade. Conforme Brandão,

O homem – sujeito que produz a cultura – define-se mais por significá-la como um ato consciente de afirmação de si mesmo, senhor do seu trabalho e do mundo que transforma, do que por simplesmente fazê-la de modo material.

[...]

É isto o que torna o homem um “ser histórico”, um ser que não está *na* história, mas que a constrói como produto de um trabalho e dos significados que atribui, ao fazê-lo: ao mundo, à sua ação e a si mesmo, vistos no espelho de sua prática. (BRANDAO, 1985, p. 22).

Desta forma, entender as culturas dos jovens moradores de Quilombo é tomar como pressuposto que elas são construídas, reelaboradas, e ressignificadas por seus próprios sujeitos ao longo de suas histórias.

Conceituar cultura não é uma tarefa simples e essa é uma noção que remonta à antiguidade clássica. Rocha e Tosta, explicam de forma clara e didática o surgimento e uso deste conceito nesse período:

Para os romanos, cultura (do latim *colere* = cultivar) significava o ato de cultivar o espírito (*cultura animi*). Assim, o cuidado com as plantas e o cultivo da terra (agricultura), com os deuses e o sagrado (culto), estendia-se também às crianças (peuricultura), no sentido amplo da educação (*Paidéia*). (ROCHA; TOSTA. 2009, p. 79).

Na Idade Média, a Igreja Católica utilizou do termo cultura, no sentido de formação das pessoas, educação das almas. A partir do período renascentista tal termo passou a ser ligado ao conceito de civilização. De acordo com Rocha e Tosta,

Inicialmente, o conceito de civilização referia-se ao que era “civil” entendido como ordem social composta de homens educados e polidos. Mas não demorou muito para que o termo civilização passasse também a designar um estágio ou uma etapa do desenvolvimento histórico ocidental equivalente a progresso. (ROCHA; TOSTA, 2009, p. 79).

A partir daí, o conceito de cultura vai sofrendo mudanças em seus significados e sentidos, dependendo das análises e de quem as faz. As culturas dos povos ao longo dos anos foram e continuam sendo objetos de diversos tipos de estudos. Para entendermos o que significa a cultura de um determinado grupo é preciso deixar de lado nossas ideologias e

nossa própria cultura para percebermos “o outro” e a “cultura do outro”. Isso é um exercício essencial para que esse tipo de estudo possa dar bons frutos.

Para Brandão, a ideia de cultura vai além da transformação da natureza através do trabalho humano:

a cultura não é uma dimensão abstrata que “significa” a natureza. Ao contrário, ela é o sistema concreto que torna humanamente possível a natureza ser apreendida como valor e transformada, através de processos sociais, em produtos de cultura que distribuem em esferas diversas as diferentes instâncias simbólicas de realização da vida social: a economia, o sistema de parentesco, a organização do poder, a arte e a ciência, a educação. Absolutamente concreta e concretizadora, a cultura não traduz como símbolo a “realidade” da natureza e das relações sociais, mas ao contrário, as torna realmente existentes ao realizá-las como significado e inscrevê-las, como tal, na ordem de sua lógica. (BRANDÃO, 1985, p. 105).

Em outros termos o autor nos diz que a cultura precisa produzir um significado, um sentido no ser humano. Este é parte da cultura que cria, através do seu trabalho, ao longo de sua trajetória histórica, numa relação de diálogo constante; ao transformar a natureza o homem é também transformado, ele se cria e se recria constantemente.

Dentre os vários conceitos de cultura, um dos mais visitados pela pesquisa educacional é, sem dúvida, aquele formulado pelo antropólogo norte-americano, Geertz<sup>3</sup>. Na tentativa de conferir precisão à categoria de cultura, este autor propôs uma perspectiva semiótica para alcançar este objetivo. Entendendo o objetivo da antropologia como sendo a busca pelo “alargamento do universo do discurso humano”, segundo o antropólogo, “esse é um objetivo ao qual o conceito semiótico de cultura se adapta especialmente bem”. O ponto central dessa abordagem semiótica seria auxiliar “a ganhar acesso ao mundo conceptual no qual vivem nossos sujeitos, de forma a podermos, num sentido um tanto mais amplo, conversar com eles”. Assim, a cultura é um sistema de significados que podem ser interpretados, podem ser descritos, “descritos com densidade”. Essa abordagem interpretativa da cultura busca fazer descrições minuciosas, “não generalizar através dos casos, mas generalizar dentro deles”. (GEERTZ, 2008, p. 10-17-18).

De acordo com Brandão,

O que Clifford Geertz quer sugerir é que a cultura não se restringe a ser algo como as idéias dos homens, os seus comportamentos (ou a abstração dos comportamentos), “o produto do processo simbólico e social do poder” etc. Ela é o

<sup>3</sup> Esta afirmação encontra amparo em pesquisas que vem sendo realizadas pelo EDUC-Grupo de Pesquisas em Educação e Culturas, do Programa de Pós-graduação em Educação, sob a coordenação da prof. Sandra Pereira Tosta. Conferir especificamente TOSTA et al., 2011 e 2012.

contexto de significações dentro do qual idéias, comportamentos e transas de poder podem ser e são efetivamente codificados e significativamente interpretados entre os seus agentes-atores. A cultura é também, ou através dele, o contexto das interações onde idéias, comportamentos, símbolos, poderes e objetos materiais podem ser compreendidos através do seu sentido. Através de uma descrição por meio da qual o pesquisador totaliza teias de relações aparentemente separadas e a tudo desvela com uma interpretação nunca definitiva, mas provavelmente mais densamente explicativa do que acontece. Do que acontece na e como cultura. (BRANDÃO, 1996, p. 57).

Para Rocha e Tosta,

A cultura enquanto teia de significados é tanto reprodução quanto criação de sentidos. Os significados estão agarrados à linguagem como representações sobre homens e coisas, subvertendo os signos por serem carregados de sentido subjetivo, ainda que submetidos a um sistema de idéias e valores de uma cultura. (ROCHA; TOSTA, 2009, p. 108).

Pensando com estes autores, entendo, então, que a cultura vai mais além do que apenas transformação da natureza, do que costumes, tradições e valores. Cultura seria a expressão concreta dos significados e sentidos atribuídos pelas pessoas às suas ações, às festividades das quais participa ou sobre o grupo do qual fazem parte, bem como aos pares a sua volta, e aos acontecimentos de sua vida no fluxo de sua ocorrência.

Tentando me aproximar o mais possível destes conceitos de cultura tecidos acima e dialogando sempre com esses autores, Geertz (2008), Brandão (1985, 1996), Rocha e Tosta(2009), Tosta (2011) é que tentei entender as culturas da comunidade de Quilombo, particularmente aqueles padrões expressos por jovens alunos moradores do local, em comportamentos e interações cotidianas, para perceber como são constituídas as suas identidades no contexto onde estão inseridos.

#### ***1.2.4 – Pensando identidades***

Ao tentar desvendar como são constituídas as identidades de alunos do ensino médio num contexto em que tanto a escola, como a comunidade quilombola foram consideradas em suas dinâmicas de escolarização, tivemos como base a noção de que identidade está diretamente ligada ao cotidiano, à cultura, ou melhor, às culturas onde os jovens se situam e se vêem situados.

De igual maneira, falar de identidade é um empreendimento tão complexo quanto falar de cultura. Busquei dialogar com autores como, Poutignat e Streiff-Fernart (1998), Roberto Cardoso de Oliveira(1976), Brandão (1985, 1996), Stuart Hall, (2005), dentre outros.

Para Poutignat e Streiff-Fernart as identidades podem ser modificadas de acordo com a situação em que o sujeito se encontra:

de acordo com as situações nas quais ele se localiza e as pessoas com quem interage, um indivíduo poderá assumir uma ou outra das identidades que lhes são disponíveis, pois o contexto particular no qual ele se encontra determina as identidades e as fidelidades apropriadas num dado momento. (POUTIGNAT; STREIFF-FERNART. 1998, p. 166).

Essa ideia de que as identidades podem ser modificadas de acordo com o contexto é aceita também por Hall (2005). Para ele, “as identidades modernas estão sendo “descentradas”, isto é, deslocadas ou fragmentadas”, e, de acordo com ele a globalização é um fenômeno que contribui para essa fragmentação das identidades (2005, p.8).

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. (HALL, 2005, p. 9).

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. (HALL, 2005, p.12).

Podemos entender então com “perda de um sentido de si”, que, os sujeitos muitas vezes não possuem uma identidade fixa, ele pode perder o sentido da sua identidade, assim, passa por uma espécie de deslocamento ou descentração. As identidades não são estáveis e nem únicas, o sujeito pode ser composto de várias identidades, estas podem inclusive ser contraditórias. As identidades estão em constante transformação e construção pelos sujeitos.

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu” (veja Hall, 1990). A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (HALL, 2005, p. 12-13).

Se as identidades podem ser consideradas como móveis, como sendo constituídas nos sistemas culturais que nos rodeiam, como os jovens pesquisados poderiam falar de suas identidades? Poderiam perder o significado de suas possíveis identidades ocasionando, segundo Hall, (2005, p.9) uma “perda do sentido de si”, ao que ele chama de descentramento ou deslocamento do sujeito?

No que diz respeito à interferência dos discursos na constituição das identidades, Hall diz que:

as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. (HALL apud, SILVA, 2007, p. 109).

Entendendo dessa forma, nossos sujeitos que passam por sistemas culturais diversos, desde o início de sua escolarização, e entram em contato com discursos diversos, em locais também diversos, desde a comunidade onde vivem, até a escola onde estudam, é possível afirmar que a constituição, conformação ou negação de uma possível identidade étnico-racial quilombola pode sim acontecer. Principalmente, na medida em que as identidades são constantemente celebradas como móveis.

A identidade estaria ligada, assim, aos discursos que nos rodeiam, as posições que assumimos diante de algum fato cotidiano? Poderia ser forjada, construída ou modificada no interior de diversos tempos e lugares, como por exemplo, em uma comunidade remanescente de quilombo ou em uma escola, passando pela escolarização dos sujeitos?

Sobre a identidade étnica, que foi o conceito considerado mais adequado ao que esta pesquisa se propôs a realizar, podemos afirmar que ela é construída a partir e na relação que estabelecemos com a diferença. Segundo Barth, citado por Lapierre, in, Poutignat e Streiff-Fernart

[...] essa identidade, como qualquer outra identidade coletiva (e assim também a identidade pessoal de cada um), é construída e transformada na interação de grupos sociais através de processos de exclusão e inclusão que estabelecem limites entre tais grupos, definindo os que os integram ou não. (POUTIGNAT; STREIFF-FERNART. 1998, p. 11).

Ainda de acordo com Barth, citado por Oliveira, “na medida em que os agentes se valem da identidade étnica para classificar a si próprios e os outros para propósitos de interação, eles formam grupos étnicos em seu sentido de organização” (1976, p. 4). Temos duas formas de perceber a noção de identidade: a pessoal e social, ou seja, a individual e a

coletiva. A identidade étnica envolve então, a noção de grupo, de coletividade. Segundo Oliveira, poderemos compreender melhor a noção de identidade étnica através da “identidade contrastiva”, que:

[...] parece se constituir na essência da identidade étnica [...]. Implica a afirmação do *nós* diante dos *outros*. Quando uma pessoa ou grupo se afirmam com tais, o fazem como meio de diferenciação em relação a alguma pessoa ou grupo com que se defrontam. É uma identidade que surge por oposição. Ela não se afirma isoladamente. No caso da identidade étnica ela se afirma “negando” a outra identidade, “etnocentricamente” por ela visualizada. (OLIVEIRA. 1976, p. 5-6).

Entendemos, dessa forma, que a identidade não é construída no isolamento do grupo ou do sujeito, mas é na interação destes com outros grupos ou sujeitos que as identidades são forjadas, são estabelecidas ou construídas. Assim, é que Oliveira nos explica que, o fato de as crianças sofrerem alguma forma de discriminação e preconceito, faz com que elas, como afirma outro autor por ele citado, Erikson (1968) tenham uma “identidade negativa” de si e do grupo (1976, p. 18).

O contato com outro grupo pode produzir no indivíduo outros valores, diferentes dos seus. Oliveira diz que,

essa “cultura do contato” pode ser mais do que um sistema de valores, sendo o *conjunto de representações* (em que se incluem também os valores) que um grupo étnico faz da situação de contato em que está inserido e nos termos da qual classifica (identifica) a si próprio e aos outros (OLIVEIRA. 1976, p. 23).

A identidade étnica é construída e preservada em oposição a outras identidades, a outros valores e a outras culturas. De acordo com Berger & Luckmann, (1971), também citados por Oliveira: “identidade é um fenômeno que emerge da dialética entre indivíduo e sociedade”, assim, “uma vez cristalizada é mantida, modificada ou, mesmo, remodelada pelas relações sociais.” (1976, p. 43-44). O meio social que o indivíduo frequenta influencia decisivamente na formação e preservação de sua identidade.

Devido a importância dos conceitos de identidade étnica e etnicidade, para entendermos nosso objeto, os retomaremos posteriormente nesta dissertação.

### **1.3 – Os Caminhos Metodológicos**

Para atingir os objetivos e responder aos problemas propostos, optamos pela observação participante como principal procedimento metodológico, priorizando a análise

qualitativa dos dados. De acordo com Bogdan e Biklen, “os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos (1994, p. 49)”. Nesta empreitada, me interessando mais pelos “processos”, estabelecemos um diálogo com a antropologia, uma vez que o trabalho abordará necessariamente a cultura dos sujeitos estudados. Deste modo, o trabalho de campo foi fundamental. Entendemos que o trabalho de campo,

Trata-se basicamente de um modo de buscar novos dados sem nenhuma intermediação de outras consciências, sejam elas as dos cronistas, dos viajantes, dos historiadores ou dos missionários que andaram antes pela mesma área ou região. (DAMATTA, 1987, p. 146).

Entre a minha primeira visita ao campo, julho de 2010 e a última, dezembro de 2011, se passaram 17 meses, sendo que, destes 17 meses, 05 deles eu morei no distrito de Ribeirão da Folha, onde fica localizada a Escola onde realizou-se parte das observações e da coleta de depoimentos, o que permitiu, ainda, visitar diversas comunidades rurais da região, especialmente a comunidade Quilombo, onde estive por diversas vezes. Mas, o trabalho de campo é muito mais que um simples deslocamento de espaço, mais que uma mudança de um lugar para outro, ele

implica num exercício que nos faz mudar o ponto de vista e, com isso, alcançar uma nova visão do homem e da sociedade no movimento que nos leva para fora do nosso próprio mundo, mas que acaba por nos trazer mais para dentro dele. (DAMATTA, 1987, p. 153).

Confesso que durante todos os meses de pesquisa, não foi nada fácil observar com os olhos do nativo, não fazer julgamentos prévios e estranhar sempre o que me era familiar, de forma que, saindo do meu mundo, da minha cidade, dos meus amigos e do meu cotidiano, muitas vezes sentindo-me sozinha e perdida, para perceber-me com novas visões sobre o homem, sobre a sociedade, sobre a educação e a escola, os meninos da pesquisa e outros tantos colegas, enfim, uma nova visão sobre mim mesma.

Durante o trabalho de campo meu fiel companheiro foi o “diário de campo”, onde eu registrava as observações, fatos, conversas e sentimentos e que me serviu como fonte direta e imprescindível para a escrita desta dissertação. As observações ocorreram em diferentes espaços e situações, tais como: nos horários vagos, nas aulas de educação física, nos horários de recreio, nas entradas e saídas da aula, nos eventos realizados pela escola, nas festas para arrecadar dinheiro para a “formatura” do 3º ano. Fiz observações na comunidade Quilombo,

onde visitei famílias e, com eles, participei da tradicional Festa de Bom Jesus da Lapa. Outra forma de registrar os acontecimentos no campo foi através do registro visual que muito enriqueceu esta dissertação.

Utilizamos diferentes técnicas para a coleta de dados, e conhecimento dos sujeitos, além do diário de campo e da fotografia, tais como, conversas informais com a direção, professores, supervisores, serventes e auxiliares de secretaria; conversas informais com os sujeitos, entrevistas, memoriais feitos por eles e análise da documentação oficial da escola. Sistematizamos os procedimentos adotados da seguinte forma:

1 – Observação participante com descrição detalhada do cotidiano dos sujeitos nas entradas e saídas da aula, nos horários vagos, nas aulas de educação física, nos eventos organizados pela escola, nos eventos da comunidade em que a escola participou, nas festas para arrecadar fundos para o terceiro ano, em momentos e espaços específicos na comunidade onde vivem.

2 – Entrevistas semi-estruturadas com os sujeitos da pesquisa, nas quais, além de discutir as questões de forma oral, ao invés de gravar as conversas, eles preferiram responder por escrito.

3 – Memoriais ou redações escritos por eles, sobre suas vidas.

4 – Consulta aos documentos oficiais da escola.

Elaboramos algumas questões para orientar os alunos na escrita dos memoriais. Primeiramente os alunos não sabiam o que era um memorial. Expliquei a eles do que se tratava e os perguntei se estavam dispostos a escrever sobre eles próprios. Dois responderam que não tinham nada para contar sobre suas vidas, mas que tentariam escrever.

O memorial foi dividido em partes. Na primeira, os alunos deveriam falar apenas sobre eles. Fizemos perguntas abordando aspectos tais como:

- Quem é você? (nome, sexo, idade, onde nasceu, por onde morou, possui algum emprego, religião a que pertence etc.).
- Você e o acesso as tecnologias: Acessa internet, se sim quais sites mais acessados?
- Gostos artísticos: Assiste televisão? (quais programas). Qual seu tipo de música preferida? Cantores e atores com os quais você se identifica?

Na segunda parte do memorial abordamos aspectos que dizem das relações sociais dos sujeitos, ou seja, a relação deles com outras pessoas:

- Relacionamento com os moradores da comunidade onde vivem.

- Relacionamento com os colegas da escola.
- Relacionamento com os professores e demais funcionários da escola.

Na terceira parte do memorial pedimos que os alunos escrevessem sobre a escola e sobre a comunidade onde vivem.

Sobre as entrevistas, elaboramos questões que foram discutidas com os sujeitos em grupo, mas a pedido deles, tais discussões não foram gravadas, eles preferiram responder por escrito. O questionário contemplou as seguintes questões dissertativas:

- 1- Para você o que é uma comunidade remanescente de quilombo?
- 2- Existe alguma diferença entre uma comunidade remanescente de quilombo e uma não remanescente? Qual (quais)?
- 3- O que é ser uma pessoa remanescente de quilombo?
- 4- Você se considera um remanescente de quilombo?
- 5- Para você existe diferença entre ser remanescente de quilombo ou não ser remanescente?
- 6- Como é viver em uma comunidade remanescente de quilombo?
- 7- Como é o seu cotidiano na comunidade?
- 8- Você já foi discriminado, sofreu algum tipo de preconceito, por morar em uma comunidade remanescente de quilombo, ou conhece alguém que já foi?
- 9- Como você (vê) percebe a escola?
- 10- Qual a importância que a escola, bem como, a educação, possui para você?
- 11- Como se dá a convivência, o relacionamento, entre os remanescentes de quilombo na escola e os não remanescentes? Existe algum tipo de conflito?
- 12- Você já enfrentou alguma dificuldade de relacionamento neste espaço (seja com os colegas, professores e funcionários). Como foi? Por que?
- 13- Por que sua comunidade é considerada remanescente de quilombo?

Observei durante as discussões que os alunos não entendiam o significado da palavra “remanescente”. Então, discutimos primeiramente, o significado do termo. Eles reconheciam e entendiam o termo “quilombola”. Para eles é mais comum dizer “quilombola” do que “remanescente de quilombo”. Assim, para facilitar as respostas, passamos a usar os dois termos como sinônimos, ou seja, tanto “quilombola” como “remanescente de quilombo”, aliás, como o fazem alguns autores referenciados nesta dissertação e também a ABA.

Para a análise dos dados coletados optamos por fazer aproximações entre as respostas, tanto das entrevistas, quanto dos memoriais, procurando encontrar nelas, sentidos próximos

ou categorias comuns, cujos significados, ou conteúdos nos remetiam aos objetivos e problemas propostos nesta dissertação.

#### **1.4 – Divisão dos capítulos**

Por fim, e ao final de uma longa jornada, inconclusa, sabemos bem disto, esta dissertação foi composta pelos seguintes capítulos:

**Capítulo I – *Notas teóricas e metodológicas da pesquisa:*** Mostro minha trajetória acadêmica até a chegada ao Programa de Pós Graduação em Educação da PUC-Minas. Apresento o objeto de pesquisa e os objetivos da mesma, bem como sua relevância para as pesquisas em educação. Apresento os caminhos teóricos e metodológicos trilhados no decorrer do trabalho, destacando as categorias centrais utilizadas na pesquisa, como identidade e cultura, além de fazer uma discussão sobre a luta pelo direito ao reconhecimento do “quilombo” e/ou “comunidades remanescentes de quilombo”.

**Capítulo II – *Minas Novas, cidade das “muitas minas e de negros”:*** Neste capítulo procuro fazer uma associação dos recortes sincrônico e diacrônico, ou seja, a busca no passado dos elementos que persistem e podem explicar o presente. Presente este no qual nos propusemos mostrar como o negro esteve e está presente ao longo da história de Minas Novas. Cidade que já possuiu sobre seu domínio  $\frac{1}{4}$  de todo o território mineiro e, que teve importância fundamental para o surgimento de outras cidades no sertão das Minas, no Vale do Jequitinhonha. Apresento também neste capítulo dados censitários atuais sobre o município. Aspectos da história e da cultura deste município não poderiam passar despercebidos na medida em que os locais desta pesquisa, Quilombo e distrito de Ribeirão da Folha, estão em seus domínios e, neste último, a escola onde encontrei e dialoguei com os jovens sujeitos desta investigação.

**Capítulo III – *Distrito de Ribeirão da Folha e a Escola:*** Apresento o distrito de Ribeirão da Folha, e sua Escola Estadual, de nome homônimo, onde fizemos a maior parte das observações. Consideramos que as identidades possuem relação com o meio onde os sujeitos interagem, sendo então, mais que relevante que o distrito de Ribeirão da Folha e a Escola fossem mostrados em suas dinâmicas políticas, socioculturais e educacionais, uma vez que tais dinâmicas podem explicar, em parte, como ocorre a construção/afirmação de possíveis identidades étnico-raciais quilombolas junto aos jovens pesquisados. Apresento também o caminho trilhado para chegar a estes jovens e os primeiros contatos estabelecidos com eles.

**Capítulo IV – *Da Escola à Comunidade Quilombo:*** Relato neste capítulo minha primeira visita ao Quilombo, primeiras impressões e primeiros contatos com os moradores e apresento algumas notas sobre as características físicas, políticas, econômicas e sociais do lugar. Relato, também, outras visitas que fiz à comunidade e descrevo e analiso dados e fatos históricos e culturais do lugar, como a Festa de Bom Jesus da Lapa, procurando entender de que forma a comunidade e suas culturas influenciam na constituição identitária de jovens moradores do lugar, como os sujeitos desta pesquisa.

**Capítulo V – *A observação na Escola:*** Descrevemos acontecimentos do dia a dia da escola considerados relevantes e que nos ajudaram a entender o cotidiano dos sujeitos na escola, suas interações e sociabilidades com os colegas, professores e demais funcionários da escola e que apontaram caminhos para entendermos suas identidades. Entre estes acontecimentos destacamos o “I Carnaval da Escola Estadual de Ribeirão da Folha”, as Celebrações da Semana Santa, as Festas realizadas pelo 3º ano para arrecadar dinheiro para confraternização de fim de ano, entre outros acontecimentos observados.

**Capítulo VI – *Lutas e conquistas dos negros no Brasil:*** Fizemos brevemente uma discussão sobre as lutas dos negros por uma educação que reconheça suas alteridades e não uma educação que reproduza discursos ou estereótipos preconceituosos sobre a população afrodescendente. Nesta discussão apresentamos as principais conquistas dos negros no Brasil, bem com as conquistas e direitos das comunidades remanescentes de quilombo.

**Capítulo VII – *Educação, questões étnico-raciais e as identidades:*** Neste capítulo tratamos da relação existente entre os sujeitos e a educação; da relação que é estabelecida entre a escola e as comunidades do seu entorno, bem como, com o distrito de Ribeirão da Folha, onde ela se localiza. Discutimos a partir da documentação oficial analisada a falta de dados que dizem das culturas das comunidades remanescentes de quilombo da região. Discutimos brevemente as relações étnico-raciais na escola e o envolvimento dos alunos nesta problemática. Aprofundamos a discussão sobre identidade étnica e etnicidade, e, por fim, procuramos entender os sujeitos e a constituição de suas identidades étnico-raciais quilombolas.

**Capítulo VIII – *Considerações finais:*** Neste capítulo retomamos o objeto e os objetivos da dissertação, bem como algumas interpretações sobre a constituição identitária dos sujeitos, onde indicamos caminhos para entendê-las, de modo que tecemos algumas considerações que, apesar de finais, não podem ser consideradas conclusivas, pois, o campo de estudo demanda ser repensado por outros estudiosos, por outros olhares. O diálogo continua...

## 2 - MINAS NOVAS, CIDADE DAS “MUITAS MINAS E DE NEGROS”

*Sertão. Sabe o senhor: sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar. Viver é muito perigoso...* (ROSA, p. 41).

Mesmo sendo historiadora de formação, não tenho aqui a pretensão de escrever a história de Minas Novas, isso resultaria em outra pesquisa, com outros objetivos, com metodologia e técnicas apropriadas para esse fim. Além disso, o curto espaço de tempo de dois anos do mestrado é insuficiente para uma empreitada como essa.

Contudo, dialogando sempre com a História, ciência de muita importância para a realização de qualquer pesquisa, especialmente esta, em que a opção foi pela associação dos recortes sincrônico e diacrônico, ou seja, a busca no passado dos elementos que persistem e podem explicar o presente. Presente este no qual nos propusemos mostrar como o negro esteve e está presente ao longo da história desta cidade. Cidade esta, que já possuiu sobre seu domínio  $\frac{1}{4}$  de todo o território mineiro e, que teve importância fundamental para o surgimento de outras cidades no sertão das Minas, no Vale do Jequitinhonha. Aspectos dessa história não poderiam passar despercebidos na medida em que os locais desta pesquisa, Quilombo e distrito de Ribeirão da Folha, estão em seus domínios e, neste último, a escola onde encontrei e dialoguei com os jovens sujeitos dessa investigação.

### 2.1 – Notas sobre a história de Minas Novas

Foi por volta do ano de 1727, que um grupo de bandeirantes paulistas foi enviado para a região do nordeste da Capitania de Minas por Brás Esteves, bandeirante conhecido por boas descobertas auríferas, mas que se encontrava doente, impossibilitando que ele mesmo chefiasse a bandeira. Brás confiou sua bandeira a um grupo de paulistas, chefiado por Sebastião Leme do Prado, que, seguindo orientações do experiente bandeirante rumaram em direção ao nordeste de Minas. Cruzaram o Rio Araçuaí e seguiram em direção ao Itamarandiba, até que no mês de junho daquele ano chegaram à cabeceira do Rio Fanado (MATOS, 1979, p. 164). Sobre a origem do termo fanado, segundo Raimundo José da Cunha Matos, foi devido a “falhas ou quebras nos filões, betas ou pintas de ouro. Estas falhas, ou intervalos, em que não havia ouro, deu origem à palavra fanado” (1979, p. 164).

Não encontraram grande quantidade de ouro no Rio Fanado, mas subindo por um córrego, seu afluente, encontraram o metal em maior quantidade, e, deram a este o nome de Bom Sucesso do Fanado, e próximo levantando barracas em suas proximidades. O pequeno

arraial recebeu o nome de “Arraial das Lavras Novas dos Campos de São Pedro do Fanado, assim também, por ser aquela data de 29 de junho consagrada ao apóstolo São Pedro”. (CÉSAR JUNIOR; SANTOS. 1978, p. 21). Dessa forma, uma capela em sua homenagem foi erigida.

Dias depois outro grupo de paulistas vindo da região do Rio Araçuaí chegou ao local onde Sebastião Leme do Prado e seus homens se encontravam, reconhecendo nele uma autoridade superior. Decidiram então fazer o manifesto dos descobertos<sup>4</sup> à Brás Esteves, bem como à Capitania de Minas, mas,

pondo-se Sebastião Leme do Prado em caminho para cumprir os seus desejos, sucedeu que Francisco Dias do Prado, Domingos Dias do Prado, e outros paulistas existentes no Rio de Itacambira, supondo que Sebastião Leme ia àquele rio partilhar as descobertas que eles haviam feito, saíram-lhe ao encontro em dias de maio de 1728, e por conselho do Pe. Doutor Miguel Honorato, que visitava as igrejas do sertão por ordem do Arcebispo da Bahia, lavraram um termo em que se obrigavam a manifestar os descobertos do Fanado e Araçuaí ao Vice-Rei Vasco Cesar de Meneses, o qual fez a incorporação deste território à sua província, praticando outro tanto o Arcebispado da Bahia no que tocava aos negócios eclesiásticos. (MATOS, 1979, p. 164).

Esta incorporação da região das Minas Novas ao território da província baiana suscitou disputas e debates entre os governos desta e da província de Minas. Aos moradores, cerca de quarenta mil pessoas que já se achavam ali, em apenas um ano e meio de existência do arraial, (FREIRE, 2002a, p. 21), causavam prejuízos, pois, a região estava bem mais próxima da Comarca do Serro Frio, ou de Vila Rica, sendo que o caminho até Salvador além de longínquo era por meio do sertão, onde muitas vezes existiam etnias indígenas pouco afeitas ao contato exterior, e, animais ferozes. Essa situação mereceu a atenção de Portugal, que,

em Provisão de 21 de maio ou março de 1729, passada sobre resolução de 18 do mesmo mês e ano, determinou que os distritos das Minas Novas ficassem sujeitos, nas matérias civis e políticas, ao ouvidor do Serro Frio, e este subordinado, no que fosse relativo aos mesmos distritos, ao Vice-Rei do Brasil, que então tinha sua residência na Bahia. Outra Provisão sobre o mesmo objeto é datada de 4 de fevereiro de 1730. (MATOS, 1979, p. 165).

Sob jurisdição do Serro e com notável crescimento, o vice-rei determinou ao ouvidor deste, Antônio Ferreira do Valle e Mello, que se criasse ali uma vila, ordem que foi cumprida no dia 2 de outubro de 1730. O local recebeu o título de Vila de Nossa Senhora da Graça do Bom Sucesso das Minas Novas do Araçuaí. Segundo Álvaro Pinheiro Freire, minasnovense, e

---

<sup>4</sup> Davam-se o nome de Descobertos aos lugares onde eram encontrados fontes de metais ou pedras preciosas.

historiador local, “a vila tinha, então, uma área de 140.692 Km<sup>2</sup> correspondente a quarta parte de Minas Gerais.” (2002a, p. 26).

Essa incorporação às Minas perdurou até 1742, quando aconteceu a criação da Comarca de Jacobina na província baiana. A partir desta data as Minas Novas foram incorporadas a esta comarca, voltando assim a pertencer à Bahia. O povo da região se sentiu oprimido com essa decisão, devido como já dissemos, à distância e às dificuldades para chegar às cidades baianas. Assim, essas dificuldades foram levadas à metrópole, que, preocupada também com os desvios e contrabandos de ouro e pedras preciosas determinou por decreto de 13 de maio de 1757, que o território fosse anexado às Minas:

“Dom José por graça de Deus Rei de Portugal e dos Algarves d’Aquém e d’Além Mar, em África Senhor da Guiné, etc., Faço saber a vós, Governador e Capitão-General do Rio de Janeiro a cujo cargo está o Governo de Minas Gerais, que sendo-me presente que os descaminhos que há de muitos diamantes, que parecem fora do contrato, procedam da pouca observância que na Comarca das Minas Novas do Fanado têm as ordens do Intendente-Geral dos Diamantes, que por pertencer ao Governo da Bahia e distante dela mais de duzentas léguas, quando fica vizinha e em distância só de quarenta léguas da Comarca de Serro Frio onde reside o dito Intendente, que poderá com maior facilidade dar providências necessárias para se evitar uma tão prejudicial extração, unindo-se duas comarcas que se compreendem na demarcação que mandei fazer das terras proibidas para nelas minerarem os Povos; e tendo a isto respeito, e a outros justos motivos, houve por bem por Decreto de onze do corrente mês e ano, separar do Governo da Bahia as referidas Minas Novas do Fanado e que fiquem unidas com as tropas que nelas se achem, da Comarca do Serro Frio, e Governo das Minas Gerais, a que antes pertenciam; e fui servido ampliar a jurisdição do sobredito Intendente-Geral dos Diamantes, para que nelas igualmente exercite; não obstante as ordens que têm havido em contrário, de que vos aviso para que assim o tenhais entendido e mandeis registrar esta minha real ordem nos livros da Secretaria desse Governo”. (CESÁR JUNIOR; SANTOS. 1978, p. 34).

A partir desse decreto, Minas Novas, passou definitivamente a pertencer à Minas Gerais, no entanto, a jurisdição eclesiástica ficou por conta do Arcebispado da Bahia até 1853. Desta data até 1914, pertenceu a Diocese de Diamantina e, a partir daí, com a criação do Bispado de Araçuaí, deixou de pertencer à Diamantina e passou a pertencer à cidade de Araçuaí.

O território de Minas Novas foi alvo então de disputas entre a Capitania de Minas e a Capitania da Bahia. Segundo Matos (1979, p. 166) “este terreno foi tão rico, que só em um ano foram, para a Bahia, despachadas 215 arrobas, 56 marcos e 4 oitavas de ouro”. A riqueza mineral de Minas Novas explica as disputas pelo domínio de seu território.

A principal mão-de-obra utilizada na extração dessa riqueza era a escravizada. Milhares de pessoas negras foram trazidas para a região das Minas Novas. Os moradores mais antigos de Minas Novas acreditam que, os primeiros negros chegaram à região na Bandeira

chefiada por Sebastião Leme do Prado, alguns como escravizados e outros já forros. Não encontramos nenhuma fonte que comprove tal hipótese, no entanto, este fato pode ser verdade, uma vez que as Bandeiras eram compostas de diversos tipos de pessoas, brancas, pardas, negras, índios etc. O certo é que, em todos os lugares onde se utilizou a mão-de-obra escravizada, independentemente do tipo de trabalho, houve resistência de diversas maneiras, às quais podemos citar, a tentativa de preservação da cultura e as fugas, que, deram origem aos quilombos da região.

A elevação da Vila de Nossa Senhora da Graça do Bom Sucesso das Minas Novas do Araçuaí à condição de cidade foi através da Lei Provincial n. 163, de 09 de março de 1840, sob a designação de Minas Novas. (FREIRE, 2002, p. 26). A cidade de Minas Novas fica a 520 km de Belo Horizonte, e a 220 km de Diamantina. O município fica localizado no sertão do Jequitinhonha, no nordeste do Estado de Minas Gerais.



Mapa 01 – Localização das Comunidades Estudadas no Município de Minas Novas



. Fonte: Elaborado por Ludimila de Miranda Rodrigues, 2012



## 2.2 – Dados censitários sobre Minas Novas

Para sabermos que Minas Novas é um município onde o negro esteve presente desde suas origens, basta que saíamos às ruas para percebermos a quantidade de pessoas com tons de pele escura. Os dados preliminares do censo de 2010 podem reiterar essa afirmação. Eles indicaram no município uma população total residente de 30.794 habitantes. Sendo que, no que diz respeito à “cor/raça”, os dados indicaram:

**Tabela 1 – População de Minas Novas: cor/raça – 2010**

<b>Branca</b>	<b>7.619 pessoas</b>
Preta	3.124 pessoas
Parda	19.671 pessoas
Amarela	00357 pessoas
Indígena	00023 pessoas
Sem declaração	- pessoas
<b>Total</b>	<b>30.794 pessoas</b>

Fonte: Adaptado de INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2011.

Ao somarmos o número de pessoas que se declararam pardas com as que se declararam pretas temos um total de 22.795 pessoas, significando praticamente 74% da população minasnovense. Esse número não deixa dúvida quanto à presença do negro na formação do município desde suas origens.

Do total de 30.794 pessoas do município, 12.584 vivem na zona urbana, e, 18.210 vivem na zona rural. Ainda de acordo com os dados preliminares do censo, o município possui 20.400 pessoas, de 10 anos ou mais de idade, alfabetizadas. Dados de 2009 indicam que o município possui 64 escolas de ensino fundamental, 09 de pré-escolar e 08 de ensino médio. (IBGE, 2010). O número de matrículas é de 6.827 alunos no ensino fundamental, 827 na pré-escola e 1.543 no ensino médio. O total de matrículas é de 9.197 o que corresponde a cerca de 30% do total da população. Segundo diretoras do município que tive a oportunidade de conversar, o número de matrículas é alto, no entanto, a evasão escolar durante o ano letivo é grande, principalmente no ensino médio.

### 2.3 – As culturas negras em Minas Novas

A expressão máxima da cultura negra em Minas Novas é a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Minas Novas, suas festividades e tradições. As “Festividades do Rosário” congregam pessoas da cidade e também da zona rural, negras ou não, entre elas algumas pessoas que vivem em comunidades remanescentes de quilombo da região, como por exemplo, a Comunidade Quilombo, onde vivem os sujeitos de nossa pesquisa. O Quilombo participa da “Festa do Rosário”, como é chamada por todos, principalmente com apresentações da Guarda de Marujos, Marujada ou Banda de Taquara. O grupo é conhecido pelos três nomes, mas é único. Banda de Taquara faz referência aos instrumentos que são confeccionados com taquara. Seus integrantes são moradores das Comunidades de Cabeceiras, São Pedro do Alagadiço, Trovoadas, Santiago, além do Quilombo.

Assim, a irmandade e a festa possuem relevância para terem espaço nesse trabalho, uma vez que podem contribuir para a construção/afirmação das identidades afro-brasileiras no município e são tempos e espaços onde se tecem sociabilidades nas quais encontramos marcas da construção/afirmação da identidade das pessoas que se reconhecem descendentes dos primeiros negros de Minas Novas. E também das pessoas que vivem nas comunidades rurais remanescentes de quilombos. Falar desses aspectos da cultura negra em Minas Novas se tornou mais relevante ainda, isso se pensarmos que o nosso problema de pesquisa foi descortinar em jovens remanescentes de quilombo, uma possível identidade étnico racial quilombola.

#### 2.3.1 – A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Minas Novas<sup>5</sup>

Uma das formas encontradas pelos negros para tentar preservar os laços culturais com a África e amenizar um pouco a saudade era através da religiosidade. Isso explica o fato de, no Brasil, terem ingressado rapidamente em associações religiosas. Elas serviam para fins diversos, como por exemplo, resolver conflitos entre senhores e escravos, fazer sepultamentos, uma vez que os cemitérios, solos sagrados, nas Minas Gerais, pertenciam às irmandades. O medo de morrer e não ter um chão para ser enterrado muitas vezes era uma das causas principais de ingresso nesses tipos de associações religiosas. Segundo Souza, (2002, p.

---

<sup>5</sup> Para uma análise mais completa ver trabalhos de ANDRADE (2005); COSTA,(2007a) e COSTA (2007b).

186) uma das principais justificativas para pedir o consentimento Real para abertura de uma associação fraternal era a de dar um enterro digno e cristão a negros que se viam abandonados por seus senhores na hora da morte. Assim,

se pensarmos na importância que os funerais tinham nas sociedades africanas, representando o momento no qual o morto passaria do mundo dos vivos para o mundo dos ancestrais e dos espíritos da natureza, cercado de rituais especiais, cantos e danças, fica mais fácil entender a rapidez com que os africanos e seus descendentes se integraram nessas associações (...). (SOUZA, 2002, p. 186).

Em Minas Novas não foi diferente das demais regiões onde o negro foi obrigado a estar presente. Ali eles conseguiram fundar algumas associações religiosas, como a “Irmandade dos Homens Pardos de Minas Novas”, que englobava pessoas mais simples, de tom de pele mais clara, que cultuavam Nossa Senhora do Amparo, esta deixou de existir em 1906. Fundaram também a “Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Minas Novas”, nesta eram afiliados a maioria dos negros. (CÉSAR JUNIOR; SANTOS. 1978, p.66).

A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Minas Novas teve seu Compromisso<sup>6</sup> reconhecido de acordo com o artigo 2º da Lei Provincial nº. 66, pelo Arcebispo da Bahia em 06 de julho de 1848. Foi registrada, também, em Ouro Preto, no Cartório do 2º Ofício, neste mesmo ano. (FREIRE, 2002a, p. 58). Mas, segundo os membros da irmandade seus ofícios eram praticados desde antes de 1810, ano da provável construção do templo. Apesar de não termos encontrado documentos que comprovem a data exata de criação desta associação, Caio Boschi, historiador especializado no estudo das irmandades religiosas nos diz que, “a data de elaboração do Compromisso é aquela na qual a irmandade pleiteia *status* jurídico, pretende ter sua existência confirmada de *jure*, pois na realidade já existia” (1986, p. 26). Assim, pode realmente ser verdade, que, os ofícios da Irmandade do Rosário de Minas Novas tenham tido início antes de 1810. O seu registro pode ser encontrado também no “cartório de Registro Civil das Pessoas Jurídicas de Minas Novas em 19 de agosto de 1942”. (ANDRADE, 2005, p. 32).

A importância da religiosidade em Minas Novas, não só para os negros, mas também para os demais moradores pode ser percebida através da grande quantidade de igrejas e capelas que a cidade possuiu e ainda possui. Oito templos católicos: a Igreja Matriz de São Pedro, edificada em 1728 e demolida em 1922; a Igreja do Rosário, pertencente a Irmandade do Rosário dos Pretos; a Igreja de Nossa Senhora do Amparo, dos homens pardos; a Igreja de

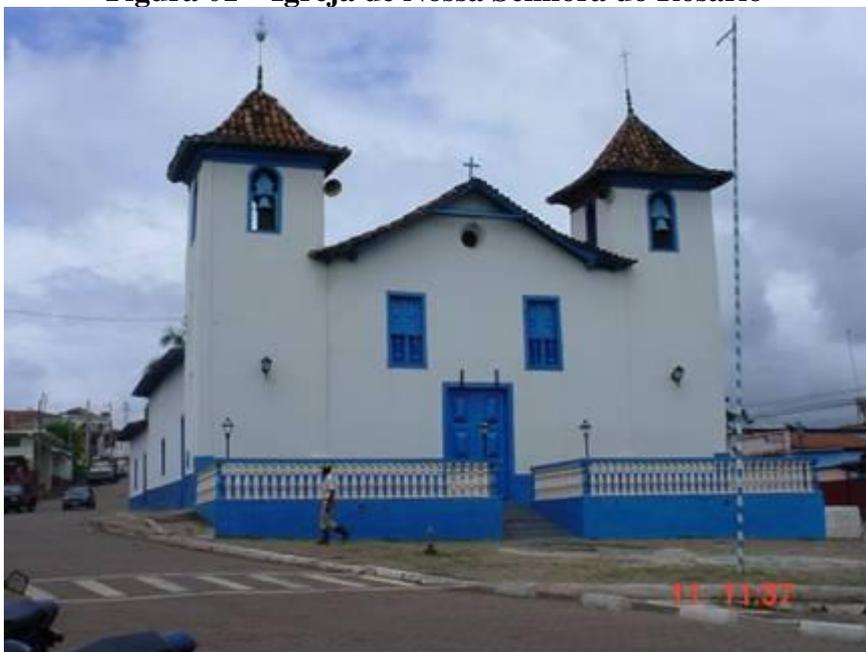
---

<sup>6</sup> Regras, ou seja, estatuto de funcionamento de uma Irmandade.

São Francisco; a Igreja de São Gonçalo; a Capela de Santana e a do Senhor do Bonfim, que foram demolidas posteriormente; e a Capela de São José, em estilo bizantino, de forma octogonal, única neste estilo no Brasil (CÉSAR JUNIOR; SANTOS. 1978, p. 53).

A data exata da construção da Igreja do Rosário não é precisa, mas segundo alguns confrades, o ano seria 1810. Essa capela possui um grande valor histórico e artístico para a cidade, possui planta quadrangular, é dividida em nave, capela-mor e sacristias ao longo das fachadas laterais. Sua fachada principal compõe-se de torres quadradas com um sino em cada uma, uma larga porta almofadada no centro e duas janelas. A construção é de taipa, com telhado em duas águas e com um pequeno cercado na frente. Internamente, “possui forro abobadado, de tabuado liso, com pintura decorativa cimalthas e arco-cruzeiros em madeira, púlpito único e grade de madeira torneado separando a nave dos altares do arco-cruzeiro”(ÁVILA, 1994, p. 456). Possui também imagens sacras de madeira policromada em estilo rococó e barroco, além de alfaias, pratarias e jóias usadas que servem para adornar os santos durante as procissões. Nesta igreja acontece as festividades do Rosário, ela é um dos exemplares do barroco no nordeste de Minas, mesmo assim, o templo não é amparado por tombamento, ficando a sua conservação à cargo dos confrades e da comunidade.

**Figura 01 – Igreja de Nossa Senhora do Rosário<sup>7</sup>**



**Fonte: IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE MINAS NOVAS - 2006**

<sup>7</sup> Algumas imagens que utilizamos nesta dissertação, foram retiradas de trabalhos feitos pela própria autora em 2006, uma vez que, por problemas na câmera, todas as fotos da Festa do Rosário de 2011 foram perdidas. Outras imagens da festa foram adquiridas de fotógrafos locais.

A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Minas Novas, ou simplesmente, “Irmandade do Rosário” faz sua festa todo ano no mês de junho, preservando os costumes e tradições dos primeiros confrades. A Festa do Rosário, em seus ritos, ressalta a presença do negro e sua religiosidade ao longo da história de Minas Novas, uma vez que a mesma, como já dissemos, é a expressão máxima da preservação da cultura afro-brasileira em todo o município.

### ***2.3.2 – A Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Minas Novas***

No mês de junho de 2011 tive a oportunidade de participar, mais uma vez, da “Festa do Rosário” em Minas Novas. Por ter sido moradora do município já havia participado em outras oportunidades, inclusive para a realização de trabalhos já citados nessa dissertação. No entanto, a cada ano, sinto-me como se fosse a primeira vez, conheço mais pessoas que a procuram como uma forma de turismo, encontro e reencontro pessoas que há muito tempo não via. As pessoas demonstram mais fé, o que se pode perceber na grande quantidade de fiéis que pagam algum tipo de promessa feita à Santa. Assim, devido a importância desta Festa, a qual está diretamente ligada à nossa problemática de pesquisa, a questão da identidade de jovens, descreveremos brevemente os rituais da mesma. É uma maneira de mostrar os modos como identidades revelam aspectos da tradição e da modernidade, sem pensar tais categorias como duais, ou dicotômicas, mas, como rearticulações entre traços que se misturam.

A festa do Rosário em Minas Novas preserva tradições folclóricas e culturais afro-brasileiras, que, somadas às práticas e costumes do Vale do Jequitinhonha, ganham formas próprias, como por exemplo, a junção do artesanato local aos rituais da festa, marcando presença inclusive, através das roupas utilizadas nas procissões, dos objetos de barro e madeira usados para servirem as comidas e bebidas, bem como a confecção de instrumentos musicais utilizados nas bandas de músicas.

Nossa Senhora do Rosário começou a ser festejada com a vinda dos escravos para Minas Novas. Acredita-se que esse costume data de fins do século XVIII e início do XIX. Segundo alguns confrades, como Álvaro Pinheiro Freire e Maria Evaristinho a devoção já era praticada antes da criação da Irmandade, mas como já foi dito, não encontramos fontes que comprovem essas prováveis datas. Esta devoção também se espalhou para outras cidades do Vale, como por exemplo, para Araçuaí, que teve seu compromisso reconhecido em 1879. Segundo Frei Chico Poel, franciscano e reconhecido pesquisador da cultura do Vale, “no

Vale do Jequitinhonha os negros no meio de grandes sofrimentos souberam guardar bem sua identidade cultural”, (1981, p.95).

**Figura 02 – Mulher com oferenda à N. S. do Rosário na “Quinta Feira do Angu”**



**Fonte: IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE MINAS NOVAS - 2006**

Os ritos da festa se iniciam no mês de abril, precisamente no domingo após a páscoa, quando um dos membros da irmandade, vestido com opa amarela, uma espécie de capa, sai tocando uma campainha pelas ruas anunciando que haverá naquele dia a reunião da “mesa”, ou seja, a reunião com todos os irmãos, na qual é feita a eleição para a escolha dos reis novos. Quem inicia a cerimônia é o vigário, recitando o Pai-Nosso e a Ave Maria, para que a sessão seja abençoada. Logo em seguida o tesoureiro faz a leitura do *acórdom* do dia 25 de junho do ano anterior, ou seja, da ata, e o que ficou decidido na mesma pelos irmãos naquele ano. O escrivão faz a leitura da pauta da reunião e ao final da mesma, os presentes assinam. Nesta pauta estão escritos os nomes dos indicados para concorrerem aos cargos, sendo quatro para juizes maiores, quatro para juizas maiores e três para os cargos de escrivão, tesoureiro,

procurador e zelador, demonstrando aí uma modificação em relação ao compromisso antigo, que prescrevia haver também, doze juizes menores.

Nesta mesma reunião são indicados também, os concorrentes aos cargos da mesa e mordomos do mastro, além do de rei e rainha. A eleição do rei e rainha não é secreta, os votos devem ser dados em voz alta, não sendo permitido dar voto em nome de um irmão ausente. Terminado o pleito, os reis eleitos devem dizer se aceitam o cargo ou não, visto que recaem sobre eles vários encargos, inclusive arcar com as despesas da festa no ano seguinte. Os irmãos mesários e os mordomos são empossados em seus cargos e após a conclusão de todos os trabalhos, os reis eleitos, os reis velhos e o vigário, são conduzidos às suas moradias pelos presentes. O compromisso não deixa claro quem têm direito de votar, mas nos dias atuais, somente aqueles que estiverem em dia com suas despesas relativas à irmandade e for maior de 16 anos é que poderá fazê-lo.

É tradição na madrugada da segunda quinta-feira de junho, a lavação da igreja, onde, os irmãos da irmandade ou não, se reúnem para lavar e enfeitar a Igreja do Rosário, visto que as novenas se iniciam no dia 15 deste mês, e, para isso, o local deve estar limpo e preparado para que os fiéis sejam recebidos. Dessa forma, todos seguem com latas na cabeça para o Rio Fanado, de onde é apanhada a água para efetuar a lavação. Não conseguimos identificar de onde e nem como surgiu este costume de apanhar água no rio para lavar a Igreja do Rosário. Ao conversar com alguns membros, eles nos disseram apenas que faz parte da tradição. Após a limpeza, é servido para os fiéis o tradicional angu pelos reis da irmandade, por isso, a quinta-feira de lavação, ficou conhecida como “quinta-feira do angu”.

O angu, muitas vezes, é servido em pratos de barro, feitos por artesãos locais, acompanhado de farofa, torresmo, lingüiça, tutu de feijão e muita cachaça para aquecer o frio de junho, ao redor de uma grande fogueira, onde os irmãos cantam e dançam ao som de caixas, tambores e sinos, costume herdado dos primeiros confrades, os escravos; para estes, “o som dos tambores funcionava, também, como elemento significativo que restituía a lembrança, a memória e a história do sujeito africano, forçadamente exilado de sua pátria” (MARTINS, 1997, p. 39). Tudo isso era feito antes do dia clarear, visto que os escravos, durante o dia prestavam serviços a seus senhores, não sendo, portanto, liberados para serviços pessoais. A tradição da “quinta-feira do angu” é preservada até os dias atuais.

**Figura 03 – Lavação da Igreja do Rosário**

Fonte: IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE MINAS NOVAS - 2006

Exatamente no dia 15 de junho começa a novena na Igreja do Rosário, a celebração conta com a presença do padre e um coral, composto por irmãos do Rosário ou conhecidos, que entoam cantos em latim. Durante o dia acontece a queima de fogos, e uma intensa manifestação por parte da banda de taquara e da congada<sup>8</sup>, em que através dos sons de tambores e caixas, anunciam para a cidade que a noite haverá o início da novena. Sempre após as celebrações das novenas acontece queima de fogos e uma “mesada de leilão”<sup>9</sup>, regada com cachaça ou quentão e sons de tambores do Congado de São Benedito ou da Banda de Taquara. Além disso, algumas pessoas montam barraquinhas onde são vendidos sanduíches, bebidas, pipocas. Roberto DaMatta compara estas festas religiosas com as festas

<sup>8</sup> “Ainda que sejam tomados um pelo outro, os termos Congado e Reinado mantêm diferenças. Ternos ou guardas de Congo podem existir individualmente, ligados a santos de devoção em comunidades onde não existia o Reinado. Os Reinados, entretanto, são definidos por uma estrutura simbólica complexa e por ritos que incluem não apenas a presença das guardas, mas a instauração de um império (...)” (MARTINS, 1997, p. 32-33).

<sup>9</sup> É como os moradores de Minas Novas se referem a um leilão. Percebi também essa mesma forma de se referir a um leilão no Distrito de Ribeirão da Folha e, também, na Comunidade Quilombo.

de carnaval, pois, sempre começam com uma procissão, ou celebração e “terminam com uma festa no adro da igreja onde foi depositada a imagem. Aí se vendem doces, bebidas e são leiloados objetos para a irmandade do santo, há jogos e danças, criando-se um ambiente de encontro e comunhão [...]”. (1983, p. 51)

No dia 23 de junho, ainda de madrugada, os fiéis se encaminham para a Pedra do Rosário, no Rio Fanado, para buscarem a imagem de Nossa Senhora. A Banda de Taquara e o Congado de São Benedito vão tocando seus instrumentos, cantando e dançando os sons e ritmos são afro-brasileiros, e à frente da multidão um membro da irmandade tocando a campainha, vai puxando as rezas.

**Figura 04 – Cortejo em direção ao Rio Fanado**



**Fonte: IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE MINAS NOVAS - 2006**

A imagem é retirada da Pedra do Rosário<sup>10</sup> e o cortejo sobe a rua principal, uma ladeira como dizem os participantes, em direção à Igreja do Rosário. Enquanto isso os foguetes escurecem os céus, para abrihantiar ainda mais a procissão. Este tipo de procissão é comparado por DaMatta à um desfile de carnaval, pois,

une o alegre ao triste, o sadio ao doente, o puro ao pecador e, mais importante, as autoridades ao povo. Pois, ao mesmo tempo em que o santo homenageado está

<sup>10</sup> Esse ato é a encenação do resgate da imagem de N. S. do Rosário de um rio em Argel, Argélia, por negros. Segundo Frei Agostinho de Santa Maria, citado por Julita Scarano, “foi uma imagem de Nossa Senhora resgatada em Argel que deu início ao culto, levando os negros a escolherem essa invocação, erigindo-a em padroeira” (1978, p. 40).

num andor e separado do povo por sua natureza e pela mediação das autoridades que o cercam, ele caminha com o povo e dele recebe na rua (e não na igreja) suas orações, cânticos e piedade (1983, p. 51).

Neste cortejo, podíamos visualizar pessoas com muletas, carregando latas d'água, com rosários e imagens de Nossa Senhora do Rosário. Enfim, pessoas que faziam o sacrificio “em que o corpo deixa de operar como instrumento de prazer para se colocar a serviço do sagrado” (DAMATTA, 1983, p. 82). De acordo com Sandra Tosta, nestas procissões podem ser encontradas pessoas de diversos lugares, com problemas e preocupações diferentes que se unem para louvarem a Deus (1997, p. 112). Assim, a Procissão do Rosário é marcada por pessoas de diversos lugares, desde pessoas simples das comunidades rurais do município, até autoridades, como por exemplo, as eleitas para tal evento, como os festeiros, os reis velhos e os reis novos. Podemos incluir dentre as autoridades, freiras, padres, vereadores, secretários municipais, e, em algumas Festas, a procissão contou até com a presença do minasnovense Dom Serafim<sup>11</sup>.

**Figura 05 – Cortejo voltando do Rio Fanado**



**Fonte: Foto de “Foto Maisa”, 2011**

<sup>11</sup> Dom Serafim Fernandes de Araujo, nasceu em 13 de agosto de 1924 em Minas Novas. Sua ordenação se deu em 12 de março de 1949, na Catedral de São João Latrão em Roma. A partir de 1960, Dom Serafim toma posse como reitor da PUC Minas, que nessa época contava apenas com 650 alunos. Em 1986, Dom Serafim tomou posse como arcebispo metropolitano de Belo Horizonte, sucedendo Dom João Resende Costa. Nomeado cardeal em 18 de janeiro de 1998, recebeu sua investidura cardinalícia nos dias 21 e 22 de fevereiro do mesmo ano, das mãos do Papa João Paulo II. Seu sucessor, Dom Walmor Oliveira de Azevedo, assumiu o governo da Arquidiocese de Belo Horizonte em 26 de março de 2004. (ARQUIDIOCESE DE BELO HORIZONTE, 2011)..

**Figura 06 – Cortejo chegando à Igreja do Rosário**



**Fonte: Foto de “Foto Maísa”, 2011**

Em Minas Novas é costume as pessoas enfeitarem as portas e janelas de suas casas para a Procissão, para Nossa Senhora do Rosário passar. Segundo DaMatta, nestes casos,

a atmosfera criada é de transferência de lealdades e de abertura para o campo sagrado. Assim, as janelas e portas devem ficar abertas. [...] Tudo isso para que o santo possa “ver” a casa, numa dramatização da abertura e do campo relacional que deve existir entre os homens [...] e o santo. Temos então, o sagrado entrando dentro e sendo recebido nas casas. (1983, p. 81-82).

Assim, numa atmosfera de fé e lealdade, pessoas diferentes, de lugares diferentes e com anseios diferentes, trilham o “caminho ritual”, subindo a ladeira principal de Minas Novas, espaço profano, rumo ao encontro de uma pessoa considerada sagrada, o padre, e a um espaço também considerado sagrado a Igreja do Rosário. Onde, acontece também uma celebração sagrada, a missa. Neste dia o templo sagrado permanece aberto o dia todo, para que os fiéis, que não compareceram à procissão e nem à missa, possam fazer suas promessas e entregar suas oferendas.

**Figura 07 – Casa local enfeitada para a Procissão do Rosário**



Fonte: Foto de “Foto Maisa”, 2011

Durante à noite acontece a última novena, com celebração de missa, após esta, os irmãos acompanhados da guarda de honra, buscam na casa do mordomo, a Bandeira do Rosário para proceder à elevação do mastro. Tudo ao som dos congadeiros e dos integrantes da banda de música. A fogueira é acesa e o céu brilha com os foguetes soltados pelos fiéis e pagadores de promessas. Quando tudo termina, os irmãos do Rosário e os demais fiéis se dirigem às casas, ou dos reis velhos, que estão fazendo a festa do ano, ou dos reis novos para uma animada festa, com danças de variados ritmos, e muita comilança, sem esquecer da cachaça e do quentão. Nesses rituais de herança africana, “a linguagem corporal de cerimônias e danças é profundamente humana” (POEL, 1981, p. 13), tanto em Minas Novas, quanto em qualquer vila ou cidade do Vale do Jequitinhonha.

O último dia de festividade em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, em Minas Novas, acontece no dia 24 de junho, e é descrito assim por Pinheiro Freire, antigo morador, historiador local e membro da Irmandade:

No dia 24 de junho a cidade é acordada pela Alvorada da Festa. Às nove horas da manhã, parte da Igreja do Rosário a Guarda de Honra da Irmandade, composta pelo porta-bandeira, pífano e pontão. À frente do cortejo, os caixeiros, o pífano, o corta-vento, o pontão, o porta-bandeira, os tombozeiros, a banda de taquara, a banda de música, a diretoria da irmandade e o povo em geral, além das rainhas e reis encostados e, ainda, uma crioula trajando saia preta, casaco vermelho todo rendado, que traz na cabeça um pote com um líquido servido em *coité* aos participantes do reinado, seguem até a casa dos reis velhos. De pé, na porta da casa, eles recebem manifestações dos figurantes e seguem para a igreja, onde

assistem à missa assentados em ricas almofadas debaixo de um dossel com local reservado. Terminada a missa, seguem para suas casas acompanhados pelo reinado com repetição das homenagens a cada vinte metros. Às dezessete horas tem início a procissão, com fiéis carregando andores de Nossa Senhora do Rosário, Santo Antônio, São Benedito, Santa Efigênia e São João Batista. Ao fim da procissão, a imagem de Nossa Senhora do Rosário é solenemente coroada. À noite, a multidão segue para a casa dos reis, onde acontece animado baile. (FREIRE, 2002, p. 61-62).

Apesar de “interditados pela Igreja Católica em meados do século XIX, os festejos de Reinado, ainda assim, continuaram alastrando-se e vincando-se pelo Brasil” (MARTINS, 1997, p. 41). A religiosidade era uma maneira de resistir às imposições coloniais, resistir ao árduo peso da escravidão. Assim, segundo, Antônio de Paiva Moura, “os componentes rituais semiprofanos da festa, como danças e desfile de reinado eram ótimos meios de interação social entre os negros e entre os brancos” (1998, p. 18).

Em Minas Novas, ainda hoje, diante do quadro de lutas e reivindicações dos movimentos negros por todo o Brasil, dos direitos das comunidades remanescentes de quilombo, a “Festa do Rosário” continua sendo uma forma de integração do negro na sociedade. É uma das maiores riquezas da cultura negra do município, contribuindo para a construção/afirmação das diversas identidades afro-brasileiras da região, inclusive das comunidades remanescentes de quilombo, como o Quilombo, por exemplo. Os moradores do Quilombo participam da festa, seja apenas assistindo seus ritos ou através de apresentações do grupo de marujos da comunidade. Apesar das modificações sofridas ao longo dos anos, a Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Minas Novas, ainda conserva seu caráter original, mesclando elementos religiosos e culturais brasileiros, portugueses e africanos, onde o que realmente conta é a fé.

### ***2.3.3 – O povo da Festa***

A Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Minas Novas, ou somente “Festa do Rosário” é um espaço onde acontece todo tipo de sociabilidade. Não apenas nos dias de culminância da festa, mas também nos dias que a antecedem. No sábado, 18 de junho de 2011, que antecedeu a Festa, visitei a tradicional feira da cidade. Local onde acontece uma mistura de pessoas, cheiros e sabores, os mais diversos possíveis. Pessoas das zonas rurais que se misturavam às pessoas da zona urbana e também aos visitantes que já haviam chegado para participarem da Festa

**Figura 08 – Feira de produtos locais**

**Fonte: Foto da autora, 2011**

As pessoas da zona rural vão até a cidade para diversas finalidades, aproveitando os ônibus feirantes que são gratuitos. Muitas aproveitam tal condução para passearem, fazerem compras, pagarem contas – é costume o comércio local vender “fiado”, a pessoa assina uma notinha e no mês seguinte faz o pagamento – reencontrar amigos ou estabelecer relações de afeto e amizade. E, também, venderem produtos de todo tipo. As pessoas da zona urbana, vão até a feira para fazerem suas compras semanais de frutas, verduras e outros gêneros alimentícios, como pequi e requeijão e também encontrar parentes e amigos que moram na zona rural. Os visitantes e turistas vão à feira para conhecê-la, comprar lembrancinhas que dizem da cidade, como por exemplo, Igrejinhas do Rosário, ou o Sobradão em miniatura, ou para provar os sabores da região.

Mas como identificar as pessoas que são do perímetro urbano, as que são da zona rural e as que são visitantes, turistas? É fácil, ainda mais para mim! Vivi na zona rural do município e já havia estado presente em outros sábados feirantes de Minas Novas. As da zona rural são as de vestimenta mais simples, e, que ficam a olhar desconfiadas o movimento das pessoas que circulam pela feira. A maioria das mulheres usa lenços na cabeça. As moças

geralmente colocam várias presilhas no cabelo, algumas colocam bonés por causa do sol. Os homens, a maioria, usam chapéus, de palha ou de couro. Muitos usam botas, chinelos tipo havaiana ou chinelo feito de pneu.

**Figura 09 – Feira de produtos locais**



**Fonte: Foto da autora, 2011**

Aquelas pessoas que não estão trabalhando na feira, mas que, também são das zonas rurais, podem ser identificadas, principalmente dentro dos supermercados, lojas, bares e praças da cidade. Algumas fazem compras ou as pagam apressadas, pois, os ônibus retornam aos seus destinos geralmente às 12h00min. Outras conversam ou namoram nas praças da cidade “com um sol de doer a moleira”, como dizem alguns por lá. Estes geralmente se relacionam com pessoas de comunidades distintas, desta forma, até que os ônibus comecessem a partir, eles precisam aproveitar os momentos juntos.

As pessoas da zona urbana podem ser identificadas através de seus “carrinhos de feira” com rodinha. Não que as da zona rural não os tenham, mas, pelo que pude identificar, as da zona rural colocam suas feiras em caixas de papelão, que podem ser colocadas nos bagageiros dos ônibus. As mulheres geralmente usam óculos de sol, vestem roupas mais elegantes, algumas usam salto alto. Os homens usam sapatos com calça e camisa, outros

usam tênis, bermuda e camiseta. Muitos também usam óculos de sol. Geralmente as pessoas da cidade puxam seus carrinhos, sem demonstrar pressa, param nas barracas e bancas pechincham e reclamam dos preços. Apalpam as verduras e frutas para ver qual está melhor. Alguns molecotes, aparentando ter entre 10 e 15 anos, trabalham na feira como carregadores, e se oferecem para carregar sacolas e carrinhos das pessoas da cidade, da feira até suas casas. Não cobram muito, ou melhor, não cobram quase nada, pelo que pude observar, cobram entre R\$0,50 a R\$1,00. É bem comum visualizarmos senhoras de salto alto, bolsas a tira colo e óculos de sol, acompanhadas de molecotes descalços, de bermuda e camiseta transportando suas compras pelas ladeiras de Minas Novas.

Já “os de fora”, como são chamados os turistas e visitantes, podem ser identificados principalmente nas barracas e bancas que vendem lembrancinhas, ou nas de pratos feitos na hora, como por exemplo, nas barracas que servem pão com lingüiça, pastel de angu ou farofa de andu. Além disso, alguns carregam máquinas fotográficas e tiram várias fotos da feira e de seus participantes. Dentre esses visitantes eu me enquadrei, pois estava com minha câmera tirando fotos de tudo e todos que me chamavam a atenção. Infelizmente por um problema da mesma, perdi várias fotos da Festa, seus espaços e sua gente.

A feira acontece em um espaço próprio, que é insuficiente devido o tamanho, por isso, para complementar aquele espaço, duas ruas são fechadas ao tráfego de veículos para o acontecimento da mesma. Encontramos quase tudo na feira: Gêneros comestíveis preparados na hora, móveis feitos de madeira, o tradicional artesanato minasnovense como pratos, jarras e panelas de barro. Porcos, galinhas, patos que são vendidos vivos. Moleques suados puxando carrinhos de feira. Políticos locais<sup>12</sup> cumprimentando as pessoas e dando tapinhas nas costas. Homens tomando uma cachaça ou uma cerveja, e comendo torresmo de tira-gosto. Mulheres com a maquilagem derretendo, de salto alto, outras com sobrinhas e ainda outras em suas simplicidades com lenços e vestidos de chita. Animais de carga e charretes que são utilizados por pessoas que moram em sítios e vilas próximos á cidade. É uma mistura de gente, cheiros e sabores que fazem do espaço da feira, espaço também da Festa do Rosário, um espetáculo de cores. Esse é povo que participa da festa, esta é a festa do povo. Povo de fora, da cidade, do campo. Não importa! O que importa é o colorido do sertão através da fé dos sertanejos e da religião. É como disse Guimarães Rosa:

O que mais penso, testo e explico: todo-o- mundo é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas todas. Por isso é que se carece principalmente de religião: para se

---

<sup>12</sup> Me refiro a dois vereadores que consegui identificar no meio da feira cumprimentando as pessoas.

desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara loucura. No geral. Isso é que é a salvação-da-alma... Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só para mim é pouca, talvez não me chegue (2001, p. 32).

## 2.4 – O negro em episódios históricos da cidade

É relatado pelos minasnovenses e também pelos autores Demóstenes César Junior e Waldemar César Santos (1978, p. 39-40) e Álvaro Pinheiro Freire (2002a, p. 49-50) que Tiradentes passou por Minas Novas algumas vezes. Segundo eles, em uma dessas passagens, quando Tiradentes trabalhava como mascate vendendo mercadorias pelo interior de Minas, ele teria por aqui passado indo em direção à Bahia mais de uma vez. Em uma dessas vezes, ao ver um negro sendo maltratado por seu dono, ele teria avançado contra ele e os dois travaram uma luta e acabaram sendo presos. Nos documentos e fontes que analisamos sobre a história de Minas Novas, bem como da Irmandade do Rosário, não encontramos registro sobre o nome do negro.

Isso teria ocorrido em 1767. O escravocrata acabou sendo solto enquanto Tiradentes permaneceu preso por mais um tempo e teve de pagar fiança. Assim, perdeu seu lote de burros de carga além de ter sua carga roubada enquanto estava em cativeiro. Contam também que, certa vez em Minas Novas, Tiradentes fez amizade com o capitão da cavalaria, Domingos de Abreu Vieira, e que essa amizade possibilitou a ele o seu ingresso no esquadrão da cavalaria dos vice-reis. Já no Rio de Janeiro ele foi promovido a alferes, sendo incorporado ao regimento da cavalaria de Minas, que havia sido criado por D. Antônio de Noronha. A amizade entre Joaquim José da Silva Xavier e Domingos de Abreu Vieira se fortaleceu, embora este fosse português acabou por sua influência tendo participação na Conjuração Mineira. (CÉSAR JUNIOR; SANTOS. 1978, p. 39-40. FREIRE, 2002a, p. 49-50.).

Outra importante passagem da história de Minas Novas, que também ressalta os abusos sofridos pelos negros é a pena de morte aplicada a um negro, Manoel Pedro, em 1845, que havia sido acusado de assassinar o feitor da Fazenda Jaboticaba, onde era cativo. Após a sua sentença de morte, uma carta recebida pelas autoridades locais revela o verdadeiro assassino da história. O negro havia sido condenado injustamente. Em anexo texto de Pedro Anísio Maia, cidadão honorário de Minas Novas e ex-juiz de direito da Comarca relatando o trágico erro. A força ainda é lembrada na cidade com a construção de um obelisco, próximo ao cemitério, com a inscrição latina: *“HIC IN FURCA FIXIT ERANT OLIM SCELERATI*

*MORTE*” – “Aqui outrora os criminosos de morte eram condenados à forca”. (CÉSAR JUNIOR; SANTOS. 1978, p. 62-63. FREIRE, 2002a, p. 87-99.).

Essa passagem de Tiradentes por Minas Novas, bem como a acusação contra o negro Manoel Pedro são importantes, na medida em que, através delas podemos perceber o tratamento dispensado aos negros do lugar. Os maus tratos sofridos, além de uma vida de cativo que, por si só, já era um mau trato, explica as fugas dos negros e a formação dos quilombos na região.

## **2.5 – Os quilombos em Minas Novas**

Em conversas com moradores do município para trabalhos anteriores, já citados na dissertação, como por exemplo, Álvaro Pinheiro Freire, Maria Evaristinho e Murilo Badaró (que já é falecido) e também outras conversas durante o período de duração desta pesquisa, como por exemplo, com Itamar, membro da ASPOQUI, dentre outros, sobre a presença do negro e dos quilombos na região, eles disseram acreditar que os primeiros redutos de quilombolas tenham surgido em fins do século XVIII, auge da mineração no lugar. Os maus tratos sofridos pelos escravos já descritos anteriormente podem, em parte, explicar as fugas.

Segundo Saint-Hilaire, citado por Demóstenes César Junior e Waldemar César Santos, “um dos maiores redutos dos quilombos, localizava-se na “Fazenda Bandeira-Grande”, de onde mais tarde os refugiados se transferiam para a povoação de Santa Cruz da Chapada ali permanecendo até o advento da Lei Áurea” (1978, p. 26). Essa povoação é hoje a cidade de Chapada do Norte, que pertencia às Minas Novas antes de sua emancipação. Muitos outros pequenos quilombos foram surgindo na região de Minas Novas e Araçuaí, mostrando às autoridades que onde há escravização há também uma luta contrária a ela.

As comunidades remanescentes de quilombos oficialmente reconhecidas no município de Minas Novas, ou seja, que tiveram seu reconhecimento pela Fundação Cultural Palmares e publicação no Diário Oficial da União até o momento são quatro: Quilombo, reconhecimento em 06/12/2005; Macuco, em 20/01/2006; Capoeirinha, em 04/08/2008 e Currálinho, em 27/04/2010. (DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, 2010). No entanto, outras comunidades rurais se reconhecem como remanescentes de quilombo, e, inclusive, já reivindicaram este reconhecimento por parte da Fundação Cultural Palmares, e do Governo Federal.

O Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva<sup>13</sup> fez o levantamento das comunidades remanescentes de quilombo em Minas Gerais, no ano de 2007, reconhecidas ou não. Neste levantamento constam no município de Minas Novas 14 comunidades: Bem Posta; Quilombo; Macuco ou Quebra Bateia; Cabeceiras ou Cabeceiras do Ribeirão da Folha; Gravatá; Mata Dois; Santiago; São Benedito do Capivari; São Pedro do Alagadiço; Pinheiros; Nagô; Lagoa Grande; Capão da Taquara; Trovoada; (CEDEFES, 2008, p. 113-174, 375-385). Além destas, o município possui as comunidades de Capoeirinha e Currealinho, já citadas anteriormente, inclusive reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares e que não constam no levantamento feito por esta instituição. Outras que reivindicam o reconhecimento não foram catalogadas, como é o caso do distrito de Ribeirão da Folha, povoação onde está localizada a escola que serviu de palco, dentre outros espaços, para as observações dos sujeitos desta pesquisa.

Levando em consideração que o território de Minas Novas abrangia uma vasta área territorial, cerca de ¼ de todo o território mineiro e que inúmeras cidades que se emanciparam, possuem em seus domínios comunidades caracterizadas como remanescentes de quilombo, pode se concluir que Minas Novas foi um local onde predominou a mão-de-obra escrava. Onde os negros souberam lutar para preservar sua cultura, onde eles não aceitaram ser subjugados, explorados, e escravizados sem lutas ou resistências. Prova disso, nos dias de hoje, é a presença marcante da população negra, de suas festividades e das inúmeras comunidades remanescentes que tentam a todo custo preservar seus valores, seja através do reconhecimento oficial, seja através da luta pela posse definitiva da terra, ou simplesmente, pela preservação de uma identidade que os diferencie das demais comunidades.

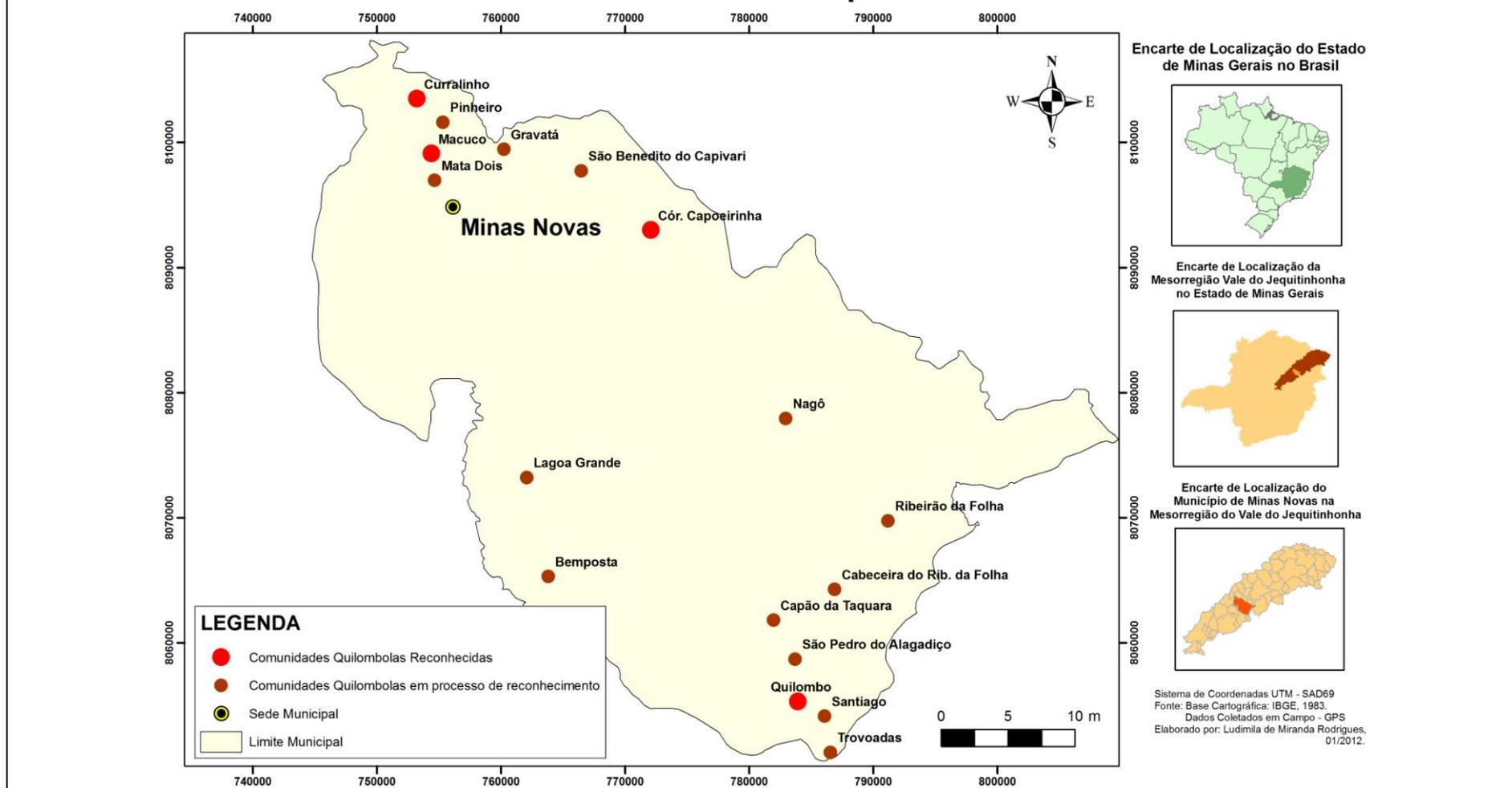
---

<sup>13</sup> O CEDEFES é uma Organização Não-Governamental, sem fins lucrativos, filantrópica, de caráter científico, cultural e comunitário, de âmbito estadual, com sede e foro na cidade de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, Brasil. Seu objetivo é promover a informação e formação cultural e pedagógica, documentar, arquivar, pesquisar e publicar temas do interesse do povo e dos movimentos sociais. O nome escolhido para o Centro, fundado em 1985, é uma homenagem a Eloy Ferreira da Silva, trabalhador rural e sindicalista, assassinado em 16 de dezembro de 1984, no Vale do São Francisco, Minas Gerais. (CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO ELOY FERREIRA DA SILVA, 2011)



Mapa 02 – Comunidades Quilombolas no Município de Minas Novas

### Comunidades Remanescentes de Quilombo no Município de Minas Novas - Vale do Jequitinhonha/MG



Fonte: Elaborado por Ludimila de Miranda Rodrigues, 2012



### 3 - DISTRITO DE RIBEIRÃO DA FOLHA E A ESCOLA

*E tanta explicação dou, porque muito ribeirão e vereda, nos contornados por ai, redobra nome. Quando um ainda não aprendeu, se atrapalha, faz raiva. Só Preto, já molhei mão nuns dez. Verde, uns dez. Do Pacarí, uns cinco. Da Ponte, muitos. Do Boi, ou da Vaca, também. E uns sete por nome de Formoso. São Pedro, Tamboril, Santa Catarina, uma porção. O sertão é do tamanho do mundo. (ROSA, 2001, p. 89).*

A Escola Estadual de Ribeirão da Folha, onde realizei parte das pesquisas e observações e onde estudam os sujeitos desta pesquisa, fica localizada no distrito de Ribeirão da Folha. Dessa forma, ao estudar como são constituídas as identidades de jovens remanescentes de quilombo, consideramos que as identidades possuem relação com o meio onde os sujeitos interagem, neste caso, a escola é um dos lugares onde ela se constrói. Sendo então, mais que relevante que o distrito de Ribeirão da Folha seja mostrado, uma vez que, pode explicar, em parte, como ocorre a construção/afirmação de possíveis identidades étnico-raciais quilombolas, como já dito no início desta dissertação.

Ribeirão da Folha é o lugar onde eu nasci, cresci e passei toda a minha infância e adolescência, mas, só agora, na condição de pesquisadora, passei a olhá-lo com outros olhos. Tentei durante a pesquisa praticar o exercício do “estranhamento”, tornar estranho o que me era familiar e tornar familiar o que hoje, após mais de quinze anos, morando em outros lugares, me parecia estranho, como ensina Roberto DaMatta, (1987, p. 160).

A distância de Minas Novas até Ribeirão da Folha é de cerca de 75 quilômetros. A estrada é de terra, com muitos buracos. O ônibus, às vezes, parece que vai tombar, principalmente nas curvas. Ele sai da rodoviária de Minas Novas às 13h30min, e chega até seu destino por volta de 16h30min. O calor assusta os visitantes, mas, durante o percurso o clima fica mais ameno, principalmente por causa dos extensos quilômetros de plantações de eucalipto. Além do eucalipto, a vegetação que podemos visualizar é o cerrado, com suas árvores retorcidas, principalmente uma enorme quantidade de pequizeiros. Cruzamos alguns córregos e rios, entre eles o Rio Capivari, que em época de pouca chuva, fica quase seco. As casas durante o percurso são escassas e muito distantes umas das outras. É bem parecido com o que Guimarães Rosa descreve em Grande Sertão Veredas:

Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; [...]. O *gerais* corre em volta. Esses *gerais* são sem tamanho. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões... O sertão está em toda a parte. (2001, p. 24)

O ônibus faz muitas paradas para que as pessoas possam descer. Na maioria das vezes, quando isso acontece, olhando pela janela podemos ver alguém no “ponto”, com um burro ou mula, estes com balaios pendurados, esperando para levar a bagagem, possivelmente compras que foram feitas na cidade. Quando nos aproximamos de Ribeirão que fica lá em baixo, para quem está vindo das cidades, a primeira coisa que visualizamos, no alto do povoado é a Igreja de Bom Jesus, como se estivesse ali para desejar boas vindas para os que chegam, já cansados da longa e poeirante viagem.

**Figura 10 – Vista do distrito de Ribeirão da Folha**



**Fonte: Foto da autora, 2011**

Os ônibus, tanto o de Minas Novas como o de Capelinha, param na praça, em frente à escola. No momento em que eles chegam, as pessoas saem nas janelas, nas portas de suas casas para ver quem ou o que de novidade eles trazem. A chegada dos ônibus coincide com o término das aulas do turno vespertino. A praça fica lotada, alguns alunos entrando em seus ônibus escolares para fazer o caminho de volta para suas casas, outros sentam em alguma calçada para esperar o ônibus voltar para pegá-los. Enquanto aguardam, vão observando o movimento causado pela chegada dos ônibus, tomando parte desse movimento. As portas das “vendas”<sup>14</sup> ficam cheias de crianças, adolescentes, jovens e adultos. Todos curiosos,

---

<sup>14</sup> Os comércios de alimentos, ou seja, mercearias e pequenos mercados são chamados de “vendas” em Ribeirão da Folha e comunidades adjacentes. Percebi que o mesmo não acontece em relação à outro tipo de comércio, como por exemplo, casas de materiais de construção ou bares.

observando atentamente o que se passa. Os ônibus permanecem na praça por alguns minutos para que os passageiros possam descer e descarregar as bagagens e encomendas. Em seguida os veículos se dirigem aos locais onde ficam estacionados para serem novamente usados no dia seguinte, deixando a praça livre para a chegada e saída dos escolares – micro-ônibus e ônibus.

As meninas ficam eufóricas, conversam baixinho, até mesmo cochichando, principalmente quando um moço que não é do lugar, que não é conhecido, ou seja, um estranho para elas, chega em um dos ônibus. Mas, no geral, qualquer pessoa assim que chega em Ribeirão, é observada, é como se elas se perguntassem assim: Quem é? De onde vem? Fazer o que?

Neste dia alguns rostos eram para mim conhecidos, outros não. Eu mesma, conhecida ou não, fui observada. Mesmo meus pais morando em Ribeirão há mais de 30 anos, para algumas crianças, adolescentes, jovens e até alguns adultos que estavam na praça, era como se eu não fosse filha do lugar. Era uma desconhecida. Considerei normal, pois, há aproximadamente quinze anos que não moro mais no lugar, desde 1997.

O povoado cresceu bastante, tanto no número de casas, como no de moradores. Virou Distrito. Vieram pessoas de outros lugares morar no lugar. Agora Ribeirão possui uma empresa de extração de granito: a Minas Elevar. É de outro Estado, do Espírito Santo. Com a empresa vieram muitos trabalhadores, já especializados nesse tipo de serviço. Mas a empresa gerou vários empregos para pessoas do lugar também. Dessa forma, diminuí a quantidade de pais de família que, são obrigados a migrarem para os cortes de cana, no interior de São Paulo principalmente, ficando por lá aproximadamente oito meses por ano. Ao estudar comunidades rurais tradicionais em regiões de Minas Gerais e Bahia e contingentes destas na cidade de São Paulo, Eunice Durham diz que

o deslocamento da população rural se dá das regiões economicamente mais atrasadas para as mais prósperas e se apresenta, em grande parte, como uma transferência de mão-de-obra para sistemas econômicos mais produtivos. [...] O trabalhador abandona a zona rural quando percebe que “não pode melhorar de vida”, isto é, que a sua miséria é uma condição permanente. (1984, p. 95; 113)

Pensando com a autora, ressaltamos, então, que, quando o indivíduo encontra condições para se sustentar no local aonde mora, ele não irá se deslocar para regiões de maior prosperidade. Segundo o dono da pedreira, que se mudou definitivamente com a família para Ribeirão da Folha, o número de empregos diretos, oferecidos para pessoas do lugar, com carteira assinada, foi de aproximadamente dez. No entanto, empregos indiretos também

foram criados, pois constantemente ele contrata pessoas para serviços temporários como consertar trechos precários das estradas, para que os caminhões com as pedras possam chegar até a estrada principal. Empregos indiretos também foram criados na pensão e no restaurante do lugar, que teve de contratar mais funcionários para atender a demanda de pessoas que passam para se hospedarem ou se alimentarem.

Muitos funcionários especializados da pedreira, assim como o dono, vieram com suas esposas e filhos. Dessa forma, crianças, adolescentes e jovens com costumes diferentes, pois até então moravam em outra cidade, outro estado também vieram e passaram a se misturar com as crianças, adolescentes e jovens do lugar e da região, que estudam, ou não na Escola Estadual de Ribeirão da Folha. De acordo com minhas observações na escola, apenas uma jovem, esposa de um dos trabalhadores da pedreira, que veio do Espírito Santo, estudava no período no qual os jovens sujeitos dessa pesquisa estudam, ou seja, no turno da noite, mais precisamente no primeiro ano. Os demais estudantes, oriundos do Espírito Santo, estudavam à tarde ou pela manhã.

Apesar de trazer benefícios, como já foram citados, a pedreira também trouxe problemas. Ao conversar com pessoas de Ribeirão, como os comerciantes, por exemplo, quatro enfatizaram que alguns trabalhadores “de fora”, como eles se referem aos que são oriundos de outros lugares, compram “fiado”, ou seja, a prazo, e não pagam. Alguns voltam para suas cidades deixando débitos em praticamente todos os estabelecimentos comerciais. Outro problema citado por cinco professores e também por umas dez donas-de-casa, com quem tive a oportunidade de conversar, é o envolvimento das meninas, adolescentes e jovens, com homens da pedreira, inclusive os que são casados. Segundo estes informantes, muitos homens se aproveitam da ingenuidade das meninas sertanejas, fazem-lhes promessas de casamento, de uma vida melhor, mas, na verdade, querem apenas desfrutar de uma companhia feminina.

De acordo com aqueles professores, que pediram para não ser citados, quando isso acontece o rendimento da aluna envolvida cai consideravelmente, além, do que, o risco de doenças e de uma gravidez precoce é muito alto. Ainda segundo os professores, outro problema que foi agravado no lugar com a chegada desses trabalhadores “de fora”, é o aumento no consumo de álcool e drogas por adolescentes e jovens.

A Praça de Ribeirão possui as mesmas características de quando eu morava no lugar. Sobre as praças e centros diz DaMatta:

A *praça* [...] representa os aspectos estéticos da cidade [...]. Nela estão juntos os jardins e é ali que se cristalizam os prédios mais básicos da vida da comunidade: a igreja (que representa a linha do poder religioso) e o Palácio do Governo ou a Prefeitura (representando o poder político). No *centro*, diferentemente, temos a zona de concentração comercial, local onde transações impessoais são realizadas. É evidente que, em muitas cidades, o centro coincide com a praça. (1983, p. 73).

A praça e o centro de Ribeirão coincidem, é um mesmo local. No entanto, as pessoas se referem ao local apenas como praça. Nela, temos o comércio, a escola, a casa paroquial, os arvoredos, o antigo cemitério. E, de frente a praça, a Igreja de Bom Jesus. Enfim, temos neste espaço os principais prédios da comunidade.

Como disse, a praça é a mesma... O calçamento coberto de poeira. A escola em frente a casa paroquial, que está sendo reformada. As árvores, dos dois lados, ainda oferecem sombras para quem gosta de sentar nas calçadas para conversar. O antigo cemitério, do lado de baixo da escola, foi reformado, agora possui portão de ferro, e suas flores continuam exalando um suave perfume pela praça. As quatro “vendas”, localizadas na praça, continuam funcionando, uma passou do pai para a filha, outra mudou de dono, e as outras duas permanecem com os antigos donos. A que mudou de dono foi reformada e o novo proprietário está construindo um sobrado de dois andares, ares cidadãos chegando ao lugar.

**Figura 11 – Praça Nossa Senhora da Gruta**



Fonte: Foto da autora, 2011

**Figura 12 – Igreja de Bom Jesus**



**Fonte: Foto da autora, 2011**

**Figura 13 – Fachada da Escola Estadual de Ribeirão da Folha**



**Fonte: Foto da autora, 2011**

**Figura 14 – Antigo Cemitério**



Fonte: Foto da autora, 2011

**Figura 15 – Casa Paroquial**



Fonte: Foto da autora, 2011

A igreja no alto do morro também passou por reformas e recebeu uma nova pintura, a exemplo de aproximadamente umas três casas antigas nas proximidades do templo que também foram reformadas. Outras quatro foram construídas recentemente.

Ribeirão da Folha foi elevado à condição de distrito, de acordo com a Lei Municipal nº 1297 de 14 de agosto de 2002, (MINAS NOVAS, 2011), e possui 122 casas. A praça principal recebe o nome de Praça Nossa Senhora da Gruta, devido à presença da imagem de Nossa Senhora dentro de uma gruta no antigo cemitério, ao lado da escola estadual, onde aconteceu a maior parte de nossas observações. A escola estadual é a única, mas, uma escola municipal que funciona em uma casa alugada e semi-adaptada, oferece a educação infantil no distrito. Nela as crianças iniciam sua socialização nos ainda chamados “prés-escolares”. O povoado possui uma quadra para a prática de futebol, que serve também para as aulas de educação física, pois a escola não possui uma quadra própria.

O distrito é banhado pelo Córrego Ribeirão e pelo Córrego do Engenho, este fornece a água consumida pelos moradores. É uma região semiárida, assim, as possibilidades de emprego para os sertanejos são poucas, destacando-se o trabalho nas fazendas de eucalipto, nas fazendas de café, nas carvoarias e na pedreira de extração de granito a qual já me referi. Ainda hoje cerca de 50 famílias praticam agricultura e pecuária de subsistência.

Muitas famílias sobrevivem dos benefícios sociais do governo federal, como a bolsa-família, por exemplo. Em aproximadamente umas vinte casas que visitei existe algum trabalhador rural aposentado, percebi que nestes espaços convivem filhos, netos, genros e até bisnetos, todos sobrevivendo com o salário daquele aposentado. Em cinco destas casas, os moradores me relataram casos em que o aposentado havia morrido e que os parentes continuaram por meses recebendo seu benefício. Não quiseram citar nomes, mas disseram que em comunidades vizinhas eles também conhecem casos deste tipo.

Apesar do número de migrações ter sido reduzido, com a chegada da pedreira, ainda acontece o êxodo de pessoas para outros lugares “como uma das respostas à situação de crise em que se encontram as comunidades rurais” (DURHAM, 1984, p.13), ou seja, como resposta à falta de emprego e conseqüentemente à uma vida precária. Neste caso, o mais comum é a migração dos homens para o interior de São Paulo para trabalhar em fazendas de cana, ou para as cidades maiores como Belo Horizonte e São Paulo para trabalharem na construção civil. É comum também o fato de moças migrarem para trabalhar como domésticas, neste caso, segundo Durham, as famílias ricas contratam “empregadas do interior, quer através de parentes que possuam na região, quer pessoalmente, durante visitas, quer através de outras domésticas.” (1984, p. 132). É comum também o fato dessas jovens

serem mães solteiras, assim, quando conseguem emprego, enviam para suas famílias no interior uma parte do que ganham para ajudar no sustento de seus filhos.

Ribeirão possui vinte e um estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços, contando com o comércio de gêneros alimentícios nas “vendas”, açougues, padaria, lojinhas de roupas, casa de material de construção, loja de móveis, bares, restaurante, pensão, funerárias e oficinas. Apesar de serem estabelecimentos pequenos, geram cerca de uns quinze empregos, no entanto, como pude verificar ao conversar com funcionários destes estabelecimentos, nenhum possui carteira assinada e não chegam a ganhar um salário mínimo por mês. Estas condições de trabalho provam a precariedade do emprego formal em Ribeirão da Folha, pois, nenhum órgão vai até o distrito fazer a fiscalização nos comércios. Verificar se os funcionários possuem carteira assinada, se recebem pelo menos um salário mínimo ou se estão cumprindo uma jornada diária de trabalho justa, ou seja, oito horas diárias. Na falta de opções de emprego, as pessoas acabam aceitando as condições impostas pelos patrões.

Dois ônibus prestam serviços à população, fazendo a “linha” do distrito até as cidades todos os dias. Muitos moradores preferem resolver seus problemas em Capelinha do que em Minas Novas, pois, a distância é menor. Enquanto a distância para Minas Novas é de 75 quilômetros, para Capelinha é cerca de 60 quilômetros .

No que diz respeito às telecomunicações, a transmissão de televisão é feita através de antenas parabólicas; o local conta ainda com as rádios FM, de Minas Novas, “Bom Sucesso” e de Capelinha, “Aranãs”, bem como, com telefones orelhões e fixos, via satélite, da empresa OI e também com internet à radio. Um tele-centro de informática com aulas para quem se interessar funciona na sede da Associação Comunitária Quilombola de Ribeirão da Folha. Isso mesmo! Ao chegar a Ribeirão para realização desse trabalho, descobri que o distrito requisitou o seu reconhecimento como comunidade remanescente de quilombo, mas aguarda ainda uma publicação oficial. Sobre esse aspecto falaremos mais adiante.

No que se refere à saúde, Ribeirão possui através do Programa Estratégia de Saúde da Família <sup>15</sup> do Governo Federal, um posto de atendimento que conta com uma dentista, uma

---

<sup>15</sup> As equipes são compostas, no mínimo, por um médico de família, um enfermeiro, um auxiliar de enfermagem e 6 agentes comunitários de saúde. Quando ampliada, conta ainda com: um dentista, um auxiliar de consultório dentário e um técnico em higiene dental. Cada equipe se responsabiliza pelo acompanhamento de, no máximo, 4 mil habitantes, sendo a média recomendada de 3 mil habitantes de uma determinada área, e estas passam a ter co-responsabilidade no cuidado à saúde. A atuação das equipes ocorre principalmente nas unidades básicas de saúde, nas residências e na mobilização da comunidade, caracterizando-se: como porta de entrada de um sistema hierarquizado e regionalizado de saúde; por ter território definido, com uma população delimitada, sob a sua responsabilidade; por intervir sobre os fatores de risco aos quais a comunidade está exposta; por prestar assistência integral, permanente e de qualidade; por realizar atividades de educação e promoção da saúde.(BRASIL, MINISTÉRIO DA SAUDE, 2011.)

enfermeira, uma auxiliar de enfermagem e várias agentes de saúde, que atendem a população diariamente. No início da pesquisa, em julho de 2010, contava também com o atendimento de um médico três vezes por semana, atendimento esse, insuficiente, uma vez que este posto tinha de atender a todas as comunidades que estão no entorno de Ribeirão da Folha. O médico que atendia foi embora uns seis meses após o início da pesquisa, e até o término da mesma, novembro de 2011, a prefeitura não havia contratado nenhum outro. Segundo a enfermeira do posto, vários editais foram abertos, mas nenhum médico quer atender em um local tão distante da cidade. O distrito não possui saneamento básico, ou seja, rede de esgoto e água tratada. Como já foi dito, a água consumida pela população vem do Córrego do Engenho, mas não é tratada.

Pelo que pude perceber a religião que possui o maior número de adeptos é a Católica. Como minha família mora em Ribeirão, todas as vezes que estou a passeio no lugar, presencio a movimentação das pessoas indo em direção às igrejas. Outra evidência muito forte da predominância de católicos é revelada pelas comemorações e celebrações em ocasiões especiais, como a semana santa e a Festa de Bom Jesus que atrai grande número de pessoas. A Festa de Bom Jesus, em setembro deste ano de 2011, por exemplo, reuniu cerca de cinco mil pessoas, de acordo com estimativa da polícia militar que estava fazendo a segurança do evento.

A Igreja de Bom Jesus fica no alto, em uma rua que está de frente à praça, assim, a igreja também fica de frente a praça, como a abençoar os que por ela passam. Não obstante tais referências indicarem que os católicos são maioria, existem outras denominações religiosas, como a Assembléia de Deus, a Congregação Cristã do Brasil, a Igreja Casa de Oração e a Igreja Deus é Amor.

**Figura 16 – Igreja de Bom Jesus com vista para a Praça da Gruta**



**Fonte: Foto da autora, 2011**

A Festa de Bom Jesus, que acontece no mês de setembro é uma festividade que mescla elementos sagrados e profanos, como, por exemplo, novenas, leilões, procissões, levantamento do mastro, bem como, queima de fogos e shows com bandas e animados bailes dançantes. A festa atrai visitantes de várias partes da região, como por exemplo, os que vêm da sede, Minas Novas, das comunidades vizinhas, de outras cidades como Capelinha, Novo Cruzeiro, Setubinha, Chapada do Norte, entre outras. A festa também traz de volta pessoas do lugar que se mudaram em busca de melhores condições de vida.

Esta é uma época em que podemos rever amigos antigos, incluo-me nesses visitantes, pois, sempre que posso, participo deste evento e aproveito para encontrar minha família e meus amigos. É época propícia ao restabelecimento de antigas relações de amizade e para o estabelecimento de novas.

A festa possui importância maior para os jovens do local, já que Ribeirão não oferece muitas opções de lazer, como por exemplo, shows musicais. Assim, muitos moradores se preparam o ano todo: economizam dinheiro, compram roupas novas, num esforço para ser percebido pelos demais participantes. A Festa de Bom Jesus, a exemplo de tantas outras

festividades religiosas no interior e nos bairros de periferia das grandes cidades, serve como espaço de socialização para os moradores, especialmente os jovens, quando são restabelecidas ou estabelecidas relações de afeto. De igual modo, as festas promovidas pela escola servem também como espaço de socialização para os jovens estudantes desse meio rural, incluindo os sujeitos dessa pesquisa, como será mostrado e discutido em outras partes desta dissertação.

O distrito de Ribeirão da Folha fica distante da comunidade de Quilombo, aproximadamente 40 km e os alunos são transportados em ônibus da prefeitura. Em todo seu entorno, é a única escola que oferece o ensino médio, portanto, alunos chegam de várias comunidades para nela concluir o ensino básico.

### **3.1 – Da cidade para o campo de pesquisa**

No final do ano de 2010 mudei-me para o distrito de Ribeirão da Folha para realizar as pesquisas de campo para esta dissertação. Morar no campo facilitaria as observações, uma vez que a cidade mais próxima, Capelinha, fica há 55 km de distância, e as estradas não são pavimentadas, permanecendo esburacadas durante quase o ano inteiro. De acordo com DaMatta, “o trabalho de campo [...] implica na possibilidade de redescobrir novas formas de relacionamento social, por meio de uma socialização controlada.” (1987, p. 152). Dessa forma, tive que reaprender a viver na zona rural, após quinze anos morando em cidades variadas. Tive que reaprender a conviver com as pessoas que ali moravam e com seus costumes. Foi realmente uma “socialização controlada”, onde eu observava e era também constantemente observada. Não só pelos moradores do lugar, mas pelos alunos da escola de Ribeirão e, também, pelos professores, independentemente dos turnos.

Fiquei em Ribeirão, como moradora, por seis meses. De dezembro de 2010 a maio de 2011. Durante o dia tentei ocupar meu tempo. Busquei fazer novas leituras e refazer as leituras já realizadas. Visitei várias famílias do lugar e, comunidades vizinhas. A partir do início do ano letivo eu ia para a escola todos os dias, a partir das 17h00min e lá permanecia até as 21h40min, horário de término das aulas.

As noites em Ribeirão da Folha foram os momentos mais difíceis de enfrentar. Acostumada com o barulho constante da cidade grande – no caso Belo Horizonte – que parece não dormir nunca, em Ribeirão eu tive de acostumar-me com o silêncio, que, às vezes, me pareceu insuportável. Era possível ouvir o barulho de um vôo solitário de uma coruja durante

as madrugadas ou simplesmente não ouvir nada. A casa onde eu estava morando era na Praça Principal, e o quarto que ocupava de frente a rua. Dessa forma, podia ouvir por volta das 04h30min a chegada das pessoas que viajariam para Capelinha ou Minas Novas. Ali elas conversavam sobre assuntos variados, desde o que iam fazer nas cidades até sobre criações de porcos ou galinhas. Algumas vezes riam bastante, pareciam estar contanto piadas. Em dias mais frios elas acendiam uma pequena fogueira em um canto da praça. As 05h00min eu ouvia o barulho dos ônibus estacionando na praça para que as pessoas pudessem entrar e escolher seus lugares. Eles permaneciam ligados até a hora da partida, ou seja, até as 05h30min, segundo os motoristas era para aquecer os motores.

Viver em Ribeirão era bom e, ao mesmo tempo, ruim. Eu me sentia como se estivesse vivendo em um Big Brodher<sup>16</sup>, de pesquisadora/observadora passei a condição de observada. É um lugar onde todos sabem sobre a vida de todos. E eles consideram isso trivial. O que confortava minha estada ali era a presença da minha família, sempre oferecendo apoio nas horas em que percebiam o meu desânimo. As idas à Belo Horizonte para discutir os rumos da pesquisa com a orientadora também faziam com que eu me esforçasse para realizar da melhor forma possível as observações de campo. Apenas dois anos para concluir o mestrado, uma vez que eu era bolsista da CAPES, era um tempo muito curto e meu esforço para concluir a pesquisa, nesse sentido, era maior ainda.

A partir do mês de junho de 2011 tive que retornar à sala de aula. Eu estava afastada com licença especial para cursar o mestrado, pela Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. No entanto, devido ao pedido de remoção para a cidade de Capelinha, tive uma redução na minha carga-horária, e para recompô-la tive de retornar às atividades antes de concluir a licença. Isso afetou minha pesquisa, pois tive de mudar-me para Capelinha, onde eu lecionava de segunda a sexta-feira, impossibilitando as observações sistemáticas na escola ou as idas ao Quilombo.

Agora, escrevendo esta dissertação, percebo que, quatro meses dentro da escola me renderam bons frutos, mas, às vezes sinto que poderia ter tomado notas de fatos que me pareciam irrelevantes, como por exemplo, conversas com as serviçais na cantina da escola, ou até mesmo com os alunos, quando, por vezes, os encontrava na rua fora do horário da escola. De algumas conversas eu me recordo o assunto discutido, receitas de bolo com as serviçais, ou as festas nas comunidades vizinhas com alguns alunos. Mas, pela falta de experiência em pesquisa, não percebi a importância de tomar nota de todos os acontecimentos. O certo é que,

---

<sup>16</sup> Referência ao reality show da Rede Globo, onde as pessoas ficam confinadas em uma casa sendo observadas durante 24 horas.

mesmo com a interrupção das observações sistemáticas, quando podia, nas sextas feiras à noite, eu retornava a Ribeirão para continuar observando e dialogando com os alunos, principalmente quando participavam de alguns eventos, como as festas para arrecadar dinheiro para a “formatura” do terceiro ano.

### **3.2 – A escola: negociações e impressões**

Como explicado no capítulo de introdução, o objetivo principal desta dissertação foi fazer uma pesquisa sobre as identidades de jovens remanescentes de quilombo, pois sempre acreditei que esses jovens ficam, muitas vezes, deixados de lado nas pesquisas sobre juventudes. Além do mais eu queria entender o que eles pensavam sobre esse fato: “ser remanescente de quilombo”.

Decidido então, que seriam os jovens da comunidade Quilombo, na condição de estudantes regularmente matriculados e frequentes na Escola Estadual de Ribeirão da Folha, entrei em contato, no final de junho de 2010, com a Superintendência Regional de Educação, localizada em Diamantina, para pedir autorização para a realização desta pesquisa.

Foi enviado, então, um e-mail para a Superintendente explicando sobre a relevância da pesquisa e do desejo de realizá-la na Escola Estadual de Ribeirão da Folha, uma vez que eu também fui aluna desta escola. Como a resposta da superintendência não chegava, decidi ir diretamente à escola em Ribeirão da Folha.

Procurei pela diretora para falar da minha pesquisa e a intenção de realizá-la naquela escola. Então, para minha surpresa, ela informou que a superintendente da regional de Diamantina já havia enviado um e-mail para a escola autorizando o que ela chamou de “estágio”. Acredito que ela não tenha entendido que se tratava de uma pesquisa que demandaria alguns meses dentro da escola. Expliquei à diretora do que se tratava a investigação, e ela se prontificou a dar todo o apoio que eu necessitasse para o bom andamento das observações e coleta de dados na escola.

Com a negociação concluída procurei recolher material para que eu pudesse conhecer a realidade da escola, a exemplo de documentos como o regimento escolar, plano de intervenção pedagógica, calendário escolar entre outros. Destes documentos que eu pedi, alguns foram prontamente entregues. Outros eu não consegui de imediato, e nem depois, como por exemplo, o Projeto Político Pedagógico, que a diretora não soube dizer com quem estava. Procurei também conversar com as pessoas mais antigas da comunidade, ex-funcionários da escola para começar a esboçar a história da escola e do lugar.

Em um dia de outubro de 2010 retornei ao campo, precisava recolher mais dados sobre a escola e ver de perto seu funcionamento, uma vez que em julho eu não cheguei a entrar na mesma, pois, ela estava fechada. Minhas conversas com a diretora haviam acontecido na Praça e também em sua casa. Era uma sexta-feira, final de tarde, decidi aproveitar aquela oportunidade para também conhecer os possíveis sujeitos da minha pesquisa. Eu não havia avisado a direção da escola que faria essa visita. Nada havia sido agendado. Estava apreensiva, não se tratava de qualquer escola, era a escola onde eu havia estudado há mais de quinze anos. Apesar de parecerem sempre iguais, cada escola possui suas singularidades. Esta possuía um significado muito especial para mim enquanto ex-aluna e mais ainda, agora, enquanto pesquisadora.

Antes de entrar parei junto ao portão que estava aberto, e fiquei observando a entrada dos alunos. Alguns apressados, outros tranqüilos, algumas meninas de braços dados. Eles aparentavam ter entre 14 a 18 anos. A maioria passava por mim, me olhava e nada dizia. Enquanto outros me observavam, como a perguntar, quem é você? Até que uma aluna animou-se e perguntou se eu era professora “nova”. Nova na escola, ela quis dizer. Eu respondi que não. Que eu era professora sim, mas de outra escola, mas, que estava ali na condição de pesquisadora, para realizar um trabalho sobre jovens. Não aprofundi nas explicações, pois entendi que primeiro, eu deveria conversar com os possíveis participantes da pesquisa, para somente depois poder falar de fato do que se tratava a mesma para os outros alunos. A aluna pareceu contentar-se com a resposta, além do que, teve de se apressar para tomar seu ônibus de volta para casa.

O movimento na praça era grande. Muitos alunos do turno da tarde ainda continuavam sentados nas calçadas a espera do transporte escolar, como por exemplo, a aluna que me abordou. Os ônibus retornando das cidades deixavam as pessoas curiosas para ver quem desembarcava ou o quê de novidade havia chegado. Alguns professores entravam e me cumprimentavam, outros não. Percebi que eram professores por serem mais velhos e portarem diários de classe nas mãos. A maioria dos rostos me era estranho, desconhecidos! As 17h00min. pontualmente o sino foi tocado. Isso! Sino mesmo, como aqueles que são usados nas igrejas. Evidência da influência da Igreja Católica na escola. Alguns alunos entraram, outros agiram como se não tivessem ouvido. Pensei que as aulas iriam começar. Entrei na escola.

**Figura 17 – Movimento da Praça no fim da tarde**

**Fonte: Foto da autora, 2011**

Quando a gente entra, passa por um espaço, uma pequena área entre duas salas de aula, as primeiras que foram construídas em Ribeirão, que nos leva diretamente ao pátio. Uma sensação diferente tomou conta de mim. A escola era a mesma? Eu estava entrando em outra escola? Ou, eu já não era a mesma que havia ali estudado? Muito tempo se passara! Do pátio pude visualizar todo espaço escolar. Do lado direito de quem entra, duas salas me eram familiares: no meu tempo de estudante na escola, uma era a cantina e a outra a secretaria e diretoria. Hoje, uma é sala de professor e a outra é a sala da supervisão. Dois antigos banheiros, um do lado direito e outro do lado esquerdo, feminino e masculino, deixaram de existir e funcionam hoje como depósito. Do lado esquerdo, duas salas de aula, e na extrema esquerda, outra sala de aula. Estas duas salas já existiam no tempo em que estudei na escola, esta outra não. Esta fica quase escondida, só conseguimos visualizar sua porta.

De frente, para quem está entrando na escola, foi construído um prédio de dois andares, com uma pequena construção no subsolo. No térreo, da esquerda para a direita, numa sala funciona a cantina, anexado à cantina, num espaço aberto funciona o refeitório, onde existe uma escada para o primeiro andar, e mais à frente uma sala onde a direção e a secretaria dividem o espaço. Do lado, anexada à secretaria mais uma sala de aula. No segundo andar possui duas salas de aula, e entre as duas, num espaço aberto, funciona uma biblioteca improvisada. No subsolo foram construídos os novos banheiros.

**Figura 18 – Portão da Escola**



Fonte: Foto da autora, 2011

**Figura 19 – Área de entrada da Escola**



Fonte: Foto da autora, 2011

**Figura 20 – Sala de Professores e Sala de Supervisão**



**Fonte: Foto da autora, 2011**

**Figura 21 – Salas de aula – lado esquerdo da escola**



**Fonte: Foto da autora, 2011**

**Figura 22 – Refeitório**

Fonte: Foto da autora, 2011

**Figura 23 – Diretoria/Secretaria e Sala de aula**

Fonte: Foto da autora, 2011

**Figura 24 – Biblioteca Improvisada**

Fonte: Foto da autora, 2011

**Figura 25 – Entrada dos banheiros**

Fonte: Foto da autora, 2011

O barulho do tilintar do sino havia feito com que eu entrasse na escola. Então, o procurei no pátio. Lá estava ele: de ferro, tamanho médio, pendurado por uma corda, na entrada da sala dos professores, um pouco mais de lado, para não atrapalhar a entrada dos mesmos. Como já disse igual ao de uma igreja, evidenciando a influência histórica da religião

na educação do Brasil. Era o mesmo sino de quando eu era aluna da escola. Adorávamos tocá-lo fora do horário para atrapalhar o funcionamento da escola. Será que isso acontece atualmente, pensei sozinha, lembrando meus tempos de estudante!

**Figura 26 – O Sino**



**Fonte: Foto da autora, 2011**

Na parede, próximo ao sino, existe um telefone público, que é usado pela escola, alunos e funcionários. Sobre o telefone, disse Ney, um dos sujeitos dessa pesquisa, “ *só liga homem procurando pelas meninas, mas eu, quando atendo... aiai, digo que não tem ninguém com aquele nome, ou digo que elas têm namorado! De vez em quando é trote... aí eu xingo!*” (Diário de Campo, março, 2012).

**Figura 27 – Escola vista da Biblioteca**

**Fonte: Foto da autora, 2011**

Nesse meio tempo percebi que os alunos pareciam estar se ajuntando no pátio. Não entendi direito. Pensei que o toque do sino era para que os alunos entrassem em suas salas e as aulas tivessem início. Fui ao banheiro e lá de dentro ouvi outro toque do sino, eram 17h10min. Ao chegar ao pátio os alunos estavam todos enfileirados. Fiquei observando e em um primeiro momento, pensei que iriam cantar o hino nacional. Mas não! Ouvi apenas o supervisor na frente das fileiras de alunos, e acompanhado dos mesmos iniciar as orações: *“Em Nome do Pai do Filho e do Espírito Santo, Pai Nosso que estás no céu, venha a nós o vosso reino... ..”*.

Hoje é costume na escola rezarem essa oração e também a “Ave Maria” antes de entrar para as salas de aula. A religião católica está dentro da escola. O sino, as orações sagradas e consagradas pela liturgia católica e outras participações da escola em eventos católicos, comprovam claramente o predomínio da Igreja Católica em Ribeirão e sua influência na vida dos moradores.

**Figura 28 – Oração diária no pátio**

**Fonte: Foto da autora, 2011**

Percebi, então, que o primeiro sinal servia como alerta do horário para os alunos, o segundo servia para se ajuntarem no pátio. Enquanto eu olhava aqueles rostos, pensava quais seriam os alunos oriundos do Quilombo, que poderiam ser os sujeitos da minha pesquisa. Após as orações os alunos foram entrando em suas salas para que as aulas se iniciassem. Sentei-me no refeitório e fiquei observando. Muito tempo havia se passado, a escola foi reformada, muitos professores que eu conhecera já não trabalhavam mais ali. Outros tantos vieram em seus lugares. As auxiliares que executam os serviços gerais me eram familiares. Todas que encontrei naquele dia eram habitantes do próprio lugar. E em lugar pequeno, quase todos se conhecem!

Quando a diretora chegou, entreguei a ela uma cópia do meu projeto. Expliquei que algumas coisas ainda podiam ser modificadas no mesmo. Tentei encontrar na secretaria um possível histórico sobre a escola, ela abriu uma gaveta e entregou-me um pequeno texto sobre a mesma. Explicou-me que a escola estava com outro regimento para ser homologado pela Superintendência e que o documento que me passara, não possuía dados sobre o ensino médio. Quando iniciasse as observações, no ano seguinte, 2011, ela me daria uma cópia. Conversamos muito sobre meu trabalho, esclareci suas dúvidas sobre a pesquisa, e, também, das auxiliares de secretaria. Enfim, conversamos sobre a educação de forma geral.

As negociações para a realização da pesquisa estavam todas acertadas, em momento nenhum ela pediu que o nome da escola fosse preservado. Achei muito bom, pois, assim, a

história da Escola, juntamente com a de Ribeirão da Folha, do Quilombo e de Minas Novas ficariam registradas neste texto, podendo ser usadas para futuros trabalhos. Inclusive para pesquisas da própria escola já que, a mesma possui poucos documentos escritos.

Pedi a ela para ficar ali no refeitório observando, fiz isso até a hora do recreio, às 20h00min. No recreio pude perceber que a escola vende pão de queijo para os alunos. O alimento é feito pelas serventes e vendido por um auxiliar de secretaria. Este fica no refeitório com uma bandeja cheia e num instante todo o produto é vendido. Além dos alunos, o produto também é adquirido pelos professores. O valor do pão de queijo é R\$0,50 centavos. Segundo o auxiliar de secretaria o dinheiro arrecadado serve para diversas finalidades, como por exemplo, o pagamento de postagens de documentos no correio, além de outros que não são custeados pelo Estado.

No entanto, cansada da longa viagem de Belo Horizonte até Ribeirão da Folha, não tive forças para continuar por mais tempo na escola. O espaço de 10min. do recreio foi insuficiente para conversar com os possíveis sujeitos da pesquisa, conhecê-los e apresentar-me a eles, bem como apresentar meu projeto. Assim, deixei esse encontro para o ano seguinte. Despedi-me de todos, após o término do recreio, e agradei pela atenção. As observações sistemáticas tiveram início em fevereiro de 2011.

### **3.3 – Retornando à escola: antecedentes históricos**

A Escola Estadual de Ribeirão da Folha é mantida pelo Governo do Estado, ministra a educação básica, dos anos iniciais do ensino fundamental até o ensino médio, que passou a funcionar no distrito em 2007. Segundo os moradores mais antigos e registros da própria escola, a fundação da mesma ocorreu na década de 1930, por Antônio Barbosa Sobrinho, fazendeiro da região, preocupado com a educação de seus filhos. Ele conseguiu uma parceria com o prefeito da época, Francisco Badaró, pela qual a prefeitura pagava a metade do salário da professora e ele pagava a outra metade. As aulas eram ministradas em sua casa.

Mais tarde, com aumento no número de alunos, a “escolinha” passou a funcionar na casa paroquial. No fim da década de 1940 a prefeitura assumiu a escola, a qual recebeu o nome de Escola Municipal Tiradentes, mas, continuou a funcionar no mesmo lugar. Em meados dos anos de 1950 foi construído o primeiro Grupo Escolar, com duas salas de aula, uma cantina, uma diretoria e uma área aberta, que servia como pátio. No fim dos anos de 1960 a escola passou a pertencer ao Estado, recebeu uma pequena reforma, na qual foram construídos dois banheiros. A partir da década de 1980, mais precisamente em janeiro de

1982, através da portaria 057/82 do Estado, a escola é regulamentada, passando a se chamar Escola Estadual de Ribeirão da Folha. A partir deste período começam a chegar as primeiras professoras normalistas. (ESCOLA ESTADUAL DE RIBEIRÃO DA FOLHA, 2006, p. 18).

Em meio ao sertão do Jequitinhonha uma escola era como um oásis no deserto. Todos queriam ver seus filhos estudando, mas, infelizmente, segundo alguns moradores mais antigos, os quais tive a oportunidade de conversar sobre este assunto, nem todos os pais tinham condições de enviar seus filhos à escola. Um braço a menos nas lidas diárias fazia falta, e o sustento era mais essencial do que a escola.

Nos dias atuais, como pude perceber durante os meses de pesquisa, a situação mudou, mas não tanto, pois, muitos jovens da região não concluem nem ao menos a educação básica. Visitei famílias que possuem filhos fora da escola, alguns estão trabalhando em fazendas da região, outros migraram para regiões onde podem trabalhar e enviar dinheiro para ajudar nas despesas da casa.

Pude perceber, também, nas minhas visitas pelas comunidades vizinhas ao distrito de Ribeirão da Folha, que muitas moças são criadas para casar, e, para casar, não precisam estudar, assim ainda dizem por ali! E assim, neste contexto ambíguo e difícil a educação vai tentando derrubar barreiras e preconceitos no sertão das Minas Novas, no distrito de Ribeirão da Folha, na Comunidade Quilombo. Isso é perceptível pelo esforço daqueles que, apesar das dificuldades, teimam em prosseguir. Exemplo disso são os jovens atores dessa pesquisa, que, apesar da distância e das dificuldades de transporte, apesar do cansaço do trabalho, chegam todos os dias no fim da tarde à escola e, neste lugar, tentam conseguir uma vitória: concluir o ensino médio. Percebi essa vontade de concluir o ensino médio não somente nos jovens atores desse trabalho, mas, também, em outros jovens de comunidades vizinhas que enfrentam os mesmos problemas, como a distância e o cansaço para concluírem a educação básica. Em outras palavras, quando tudo parece dizer não a estes meninos e meninas, eles persistem e contrariam uma realidade que parece imutável.

### **3.4 – Conhecendo os sujeitos da pesquisa**

Em fevereiro de 2011, já morando em Ribeirão, e antes de dar início às observações na escola, fui surpreendida por uma visita em minha casa. Tratava-se de Andreлина e uma amiga. Ela era moradora do Quilombo e aluna do segundo ano em Ribeirão. Estatura média, morena clara, olhos castanhos claros, cabelos curtos, também castanhos, presos no alto da cabeça. Usava uma calça jeans, blusa de uniforme da escola e uma sandália rasteirinha. Muitas

peças pensam que nas comunidades remanescentes de quilombo só vivem pessoas negras. As características físicas de Andrelina mostram o contrário. Nas comunidades remanescentes de quilombos a cor ou as características físicas não são suficientes para indicar os moradores desse tipo de comunidade, pois, nelas, podemos encontrar pessoas com biótipo e com cor de pele que vai do branco ao negro. O que faz com que essas pessoas sejam vistas como remanescentes de quilombo é a auto-atribuição, ou seja, o reconhecimento por elas mesmas, de que elas são quilombolas, e também o reconhecimento dos outros em relação a elas. Aspectos que nos apontam claramente para a questão identitária: sua existência é sempre relacional. Quando recorremos ao termo, mostramos o quanto sua capacidade heurística se justifica pelo princípio da alteridade. Do reconhecer o outro como diferente de mim.

Andrelina disse que queria me conhecer, pois Dona Maria já havia falado sobre o meu trabalho e minha ida ao Quilombo há uns meses atrás. Ela estava curiosa para entender melhor a pesquisa. Na verdade quem falava mais era sua amiga, Edvirgem, originária de Chapada do Norte. Ela disse-me que lá também já existiram quilombos e que muitas pessoas estudam a região e seus moradores.

Convidei as duas para a cozinha, onde podíamos conversar mais a vontade. Como é costume no Vale do Jequitinhonha, esse espaço da casa serve como uma sala de visita. Enquanto tomávamos um café fui explicando às duas sobre o trabalho. Falei sobre as identidades que são construídas ao longo da vida e em espaços distintos. Expliquei a elas que os jovens estudantes do ensino médio, moradores do Quilombo, teriam relevância fundamental para o trabalho, inclusive Andrelina. Enfim, fui respondendo às questões que as duas me faziam. Andrelina se dispôs a participar da pesquisa e falou que os outros alunos e colegas também já sabiam um pouco do que se tratava e que estavam todos dispostos a colaborar no que fosse possível. As duas se despediram, pois a aula estava prestes a começar. Agradei a visita e acompanhei as mesmas até o portão dizendo-lhes que em breve estaria com elas na escola todas as noites. Um dos atores da minha pesquisa eu já havia conhecido, faltava conhecer os demais.

Após o início das aulas fui à escola no período matutino para comunicar à direção que eu iniciaria as observações. Muitas crianças brincavam de roda e pula-corda no pátio. Era uma aula de educação física. Fui até a secretaria que funciona também como diretoria. A diretora recebeu-me prontamente. Expliquei a ela que daria início às observações e que estas ocorreriam no pátio, refeitório, horários vagos, aulas de educação física, horários de entrada e saída dos alunos, mas, somente no período da noite. A diretora concordou que eu desse início às observações.

Era o dia nove de fevereiro de 2011. Cheguei à escola por volta das 17h30min. As aulas já haviam começado. Ao aproximar-me da escola percebi que cerca de uns doze alunos se encontravam espalhados do lado de fora. Alguns sentados em frente, numa área aberta, que faz parte da casa paroquial – em reforma. Outros na calçada da escola e ainda outros nas calçadas das vendas.

**Figura 29 – Rodinhas de alunos nas calçadas da Praça**



**Fonte: Foto da autora, 2011**

No interior da mesma, uns sete estavam no refeitório, outros dois em um espaço no segundo andar, entre as salas de aula, onde funciona a biblioteca improvisada. Passei pela sala de professores que estava vazia e fui em direção ao refeitório. Sentado lá, estava o professor bibliotecário, que eu já conhecia. Começamos a conversar. Ele é negro, aparenta ter uns 50 anos, barba e cabelos já grisalhos. Disse-me que a turma do terceiro ano estava de horário vago. Perguntei se o portão permanecia aberto durante as aulas, ele respondeu “*que quase sempre está aberto, pois, a escola não possui porteiro, mas que isso não atrapalhava as aulas*”. Disse-me ainda que na hora do recreio ele é fechado para evitar a entrada de rapazes que vêm à escola em busca “*de namoricos*”(Professor 1)<sup>17</sup>. Perguntou mais sobre a minha pesquisa, se eu escreveria uma monografia. Expliquei a ele sobre o tema e também a relevância do meu trabalho. Alguns alunos passavam pelo refeitório para subir ao segundo andar. Olhavam desconfiados, alguns perguntavam quem eu era, se seria professora na escola,

<sup>17</sup> Dados de conversa informal. Pesquisa de campo realizada na escola em 09/02/2011.

se eu estava substituindo algum funcionário da secretaria. Outros passavam apressados, olhavam como a perguntar o que eu estava fazendo ali, ou o que eu queria ali, no espaço deles? Alguns paravam no bebedouro, próximo à mesa onde estávamos, talvez fosse uma “desculpa” para observar-me mais de perto, estes não se arriscavam a falar nada.

No decorrer da conversa com o professor, duas auxiliares de serviços, chamadas na escola de “serventes escolares”, chegaram e começaram a conversar conosco. Eu também já as conhecia e isso facilitou as trocas de informações. Uma delas conhecia o meu projeto e sabia que eu estava ali para conhecer, observar e interagir com os alunos oriundos da comunidade remanescente de quilombo, denominada Quilombo. Foi uma dessas serventes escolares que chamou um dos sujeitos desta pesquisa para me apresentar. Tratava-se de Ney, aluno do terceiro ano do ensino médio.

Alto, olhos grandes e castanhos, moreno claro, cabelos curtos e também castanhos. Trajava uma calça jeans, camiseta e chinelos. Ele sentou-se do meu lado, meio tímido, disse que já tinha ouvido falar do meu trabalho através de d. Maria, líder religiosa do Quilombo. Perguntei a ele como estavam todos na comunidade, se estavam bem. Ele respondeu afirmativamente, mas, que as estradas estavam muito ruins. Expliquei a ele mais detalhadamente do que se tratava o trabalho, da intenção de fazer a pesquisa sobre os jovens quilombolas que estudavam em Ribeirão e da pretensão de entender sobre suas identidades. Ele se mostrou interessado e disse que eu podia contar com ele. Falou ainda que eles eram poucos ali na escola. Eram somente quatro alunos. Dois rapazes e duas moças, e adiantou que todos iriam participar com prazer do meu trabalho. Nessa altura da conversa, três colegas de sala, do terceiro ano, já estavam sentados conosco ouvindo o bate-papo. Alguns me perguntaram de onde eu era. Respondi que eu tinha nascido e crescido em Ribeirão da Folha, mas que há muitos anos já não morava mais ali. Expliquei a eles que eu, inclusive, tinha estudado naquela escola.

Um aluno se destacava nesse bate-papo, não era Ney, era um colega de sala e também vizinho da Comunidade Quilombo, Léo. Ele fez várias perguntas sobre a pesquisa. Como por exemplo, por que pesquisar a Comunidade Quilombo e não outra comunidade, como Santiago ou Cabeceiras? Qual era minha faculdade, formação? Onde eu morava? Ao explicar aos alunos que meu curso era um Mestrado, eles ficaram surpresos, nunca tinham ouvido falar “desse mestrado”. Tentei explicar todos os detalhes e tirar todas as dúvidas. Não era hora de fazer perguntas e sim de respondê-las.

O entrosamento com os alunos do terceiro ano foi proveitoso, senti que aqueles alunos simpatizaram comigo, pois me convidaram para subir e assistir as suas aulas. Respondi a eles

que assistiria apenas as de educação física. No entanto, cerca de uns dez alunos não se juntaram a nós na conversa. Ficaram a observar de longe, reforçando o que já foi dito antes, às vezes eu era mais observada do que observadora.

O bate-papo envolvia o bibliotecário, os alunos e eu, até então, uma estranha. Juntou-se a nós no refeitório o professor de física da turma. Estava aguardando o segundo horário para entrar na sala. Alguns alunos foram logo perguntando se ele tinha mestrado. Ele sorriu e disse que um dia chegaria nessa etapa, mas, por enquanto, estava fazendo uma especialização. Eu não conhecia esse professor. Negro, alto, usava aparelho nos dentes. Pareceu-me ser muito querido pelos alunos, pois os que estavam na roda de conversa o trataram não como um simples professor, mas como a um amigo. Ele era de Minas Novas. Morava na República dos Professores. Fez praticamente as mesmas perguntas dos alunos. Novamente respondi a todas. E assim foi durante o tempo que estive em Ribeirão, alunos, funcionários da escola em geral e também moradores de Ribeirão e região. Todos possuíam curiosidades e dúvidas sobre a pesquisa.

Nossa conversa foi interrompida quando uma servente bateu o sino indicando que havia terminado o primeiro horário, e que o segundo estava se iniciando. Os alunos foram para sua sala. Alguns de outras turmas saíam da sala e vinham até o refeitório beber água, ou simplesmente ficavam observando, me observando! Os professores trocavam de sala e rapidamente os alunos retornavam às mesmas. Perguntei para a servente se o sino naquele local, do lado de fora da sala dos professores, não era batido pelos alunos de vez em quando para tumultuar as aulas. Ela respondeu que os alunos da escola são muito educados e que nunca aconteceu de um deles batê-lo em horário não apropriado.

Fiquei sentada no refeitório esperando a oportunidade para conhecer os outros dois alunos que poderiam fazer parte deste trabalho. Enquanto isso procurei entrosar-me com os funcionários da escola, as serventes, os auxiliares de secretaria. Após o retorno dos alunos para suas salas o refeitório ficou vazio. Uma auxiliar de secretaria veio assentar-se no refeitório com uma pilha de diários de classe para conferir. Ela comentou que a secretaria era pequena e apertada, assim, preferia usar o espaço do refeitório para trabalhar. Ficamos conversando sobre a escola e sobre a minha pesquisa. No decorrer de nossa conversa alguns alunos vinham ao bebedouro, outros iam ao banheiro. Todos que passavam me observavam!

Durante o tempo que eu estive na escola e que não havia ninguém para conversar ou que os alunos estavam em suas salas eu aproveitava para me atualizar com as revistas e jornais que a escola recebe. Dessa forma, parecia que o tempo passava mais depressa.

Neste primeiro dia de observação na escola, eu não consegui conhecer os outros dois alunos que foram pesquisados neste trabalho. O recreio de apenas dez minutos foi insuficiente, uma vez que os alunos do terceiro ano logo me cercaram para mais perguntas e bate-papo. No término das aulas também não consegui nenhum contato, pois, quando o sino é batido, os alunos saem apressados para tomarem seus lugares nos ônibus que os conduzirão até suas casas, ou pelo menos, a um lugar mais próximo delas. Encerrei, assim, o primeiro dia de observação na escola com a impressão de que não teria nenhuma dificuldade para interagir com os alunos, pois, a maioria mostrou-se receptiva à minha presença na escola.

No dia seguinte cheguei à escola mais cedo para observar a entrada dos alunos, por volta das 16h30min eu já estava no portão. Fiquei olhando o movimento da praça, alguns alunos aguardavam seus ônibus para retornarem às suas casas. Muitas pessoas esperavam os ônibus das cidades. Outros estavam sentados nas portas das “vendas” conversando e também observavam o movimento. O “ônibus azul”, como se referem ao ônibus que transporta os alunos das comunidades de Quilombo, Santiago e Cabeceiras, chegou por volta das 17h00min e foi estacionado em frente a escola. Os alunos desciam devagar, alguns entravam na escola, outros iam em direção às vendas para comprar algo, ou simplesmente ficavam em frente das mesmas conversando e observando a praça. Alguns voltavam após terem guardado o material escolar e se sentavam na área da casa paroquial.

**Figura 30 – O “Ônibus Azul”**



**Fonte: Foto da autora, 2011**

Meu foco de observação foi nos sujeitos escolhidos para essa pesquisa. Com Ney e Andreлина eu já havia conversado. Apesar de não ter ainda conversado com Renato e Ana Paula, as serventes já haviam me mostrado quem eles eram. Ney permaneceu algum tempo dentro do ônibus conversando com o motorista, Renato entrou rapidamente na escola e depois saiu com um colega para uma venda. Andreлина subiu para sua sala e lá permaneceu. Ana Paula, aluna do 1º ano, não entrou na escola, ficou sentada na calçada de uma venda, em frente à escola, com umas amigas. O movimento era esse, os alunos que chegavam se misturavam aos que saíam e também às pessoas que aguardavam os ônibus das cidades. A praça ficava cheia de pessoas, motos, carros, ônibus e também animais de montaria, que na região de Minas Novas ainda são muito utilizados como transporte de pessoas e de cargas.

O sino foi batido por volta das 17h10min e os alunos começaram a entrar e se ajuntar no pátio, alguns sentavam no refeitório, outros nas calçadas do pátio. Alguns pareceram não ouvir, pois, continuavam sentados nas portas das vendas, outros ficaram perto de mim, na entrada da escola, de modo que dava para observar o interior da escola e, também, o movimento da praça. Passados uns cinco minutos o sino repicou novamente. O supervisor do turno vespertino que ainda estava na escola, se posicionou no pátio, em frente aos alunos, que já se ajeitavam em filas. Os que estavam na praça ou no portão da escola entravam apressados e procuravam um lugar nas filas, alguns entravam com sacolas contendo lanches variados, desde biscoitos até refrigerantes. O supervisor deu início então, à oração diária. Fez o “Em nome do pai, do filho e do espírito santo” e em seguida deu início à oração do “Pai Nosso” e após esta, a oração da “Ave Maria”.

Apesar das instituições escolares públicas serem estabelecimentos que deveriam ser laicos, a Escola Estadual de Ribeirão da Folha demonstrou durante os meses de observação que não possuía nenhuma neutralidade religiosa. Ao contrário, deu indícios de ser o mais católica possível. A escola se envolveu em praticamente todas as celebrações católicas, como por exemplo, cerimônias da semana santa, como está relatado mais adiante neste texto.

Percebi durante a oração diária que cerca de uns cinco alunos não rezavam, ficavam nas filas apenas como forma de respeito. Eram os alunos evangélicos. Apesar de serem minoria, em nenhum momento do tempo que fiquei na escola presenciei alguma manifestação religiosa que dissesse respeito às suas opções. Apenas manifestações católicas puderam ser observadas no interior da escola. Após a oração os alunos foram para suas salas para que as aulas se iniciassem.

Neste dia procurei copiar os horários das turmas para realizar as observações durante as aulas de educação física. Exatamente neste dia tinha aula desta disciplina na turma do

segundo ano. Um dos funcionários da secretaria me apresentou ao professor, este, de Minas Novas, casado com uma moça do Quilombo e morando nesta comunidade. Leciona educação física em Ribeirão da Folha a noite. Durante o dia leciona na Escola Municipal de Alagadiço, na Fazenda Alagadiço, onde os alunos do Quilombo estudam até o 9º ano do ensino fundamental. Desta forma, este professor acompanha os alunos do 6º ano do ensino fundamental até o 3º do ensino médio. Além disso, ainda convivia com eles na comunidade. Ao explicar a ele da importância de realizar a observação durante as aulas de sua disciplina, devido ser um dos momentos de maior descontração e interação entre os alunos, ele foi simpático e disse que poderia fazer as observações, anotações, o que precisasse para o bom andamento do meu trabalho. Disse ainda que pudesse contar com ele para o que precisasse, uma vez que ele já conhecia os alunos há bastante tempo.

Este professor explicou que a maior parte das aulas acontecia no pátio da escola, apesar do espaço ser pequeno e inadequado às práticas esportivas, pois, a quadra de esportes da comunidade era usada quase todos os dias pelos homens de Ribeirão da Folha e que estes não cediam o espaço para os alunos. Disse-me que já havia conversado com a diretora da escola para pedir uma reunião com os líderes da comunidade, mas, que nada fora feito até então. Apesar deste impasse, quando a quadra não estava sendo usada, ele levava os alunos nos primeiros horários para o local. Segundo ele já ocorreu de estar usando a quadra e os homens e ou jovens de Ribeirão da Folha chegar e pedir os alunos para sair. Ocorreram até discussões entre alunos e não alunos por causa da ocupação da quadra.

Outro problema descrito por ele foi o fato da quadra não possuir energia elétrica. O que eu pude verificar é que as instalações elétricas estavam prontas, os refletores e lâmpadas colocados, porem, ninguém assumia a responsabilidade de colocar a fatura da energia elétrica em seu nome. No fim deste trabalho, quando retornei ao campo, novamente de licença para concluir o curso, no mês de outubro de 2011, pude verificar que um jovem de Ribeirão tomou para si aquela responsabilidade e colocou a fatura de energia em seu nome. No entanto, todos que utilizavam a quadra deveriam contribuir para pagar a fatura de energia. Ao conversar com o jovem, ele me relatou que fazia a cobrança através de uma lista dos usuários do espaço feita por ele mesmo, inclusive a escola estava contribuindo para o pagamento.

**Figura 31 – Os alunos subindo para a quadra**



**Fonte: Foto da autora, 2011**

**Figura 32 – Educação física na quadra**



**Fonte: Foto da autora, 2011**

Com todos esses problemas para a utilização da quadra comunitária, a maioria das aulas acontecia no interior da escola, mais precisamente no pátio ou em alguma sala que não estivesse em uso, como aconteceu no meu segundo dia de observação. Neste dia o professor

montou no pátio da escola uma mesa de ping-pong que havia sido doada pela prefeitura municipal, buscou jogos de dama, dominó e também petecas e deixou disponível aos alunos. Pelo que notei o interesse maior foi pelo ping-pong, o que, segundo o professor, era por conta do desconhecimento dos alunos sobre o jogo, pois era a primeira vez que a escola disponibilizava o equipamento. Assim eles ainda estavam aprendendo as regras e técnicas desse jogo.

No 2º ano estudavam dois alunos sujeitos dessa pesquisa, Andreлина que eu já havia conhecido e Renato. Com este eu ainda não havia conversado, mas preferi não abordá-lo naquele momento. Procurei sentar-me no refeitório de forma que eu pudesse apenas observar a aula. Alguns alunos sentaram-se nos batentes em volta do pátio e ficaram conversando baixinho, principalmente as meninas. Outros foram jogar dama, mas a maioria deles ficou em volta da mesa de ping-pong. A regra feita por eles, juntamente com o professor, era de que, quem errasse cinco vezes saía e outro entrava, dando assim, oportunidade para todos que quisessem jogar.

Entre os meninos estava Renato. Estatura média, moreno, cabelos encaracolados, olhos castanhos. Estava usando uma calça jeans clara, tênis tipo “all-star”, uma camiseta mais escura. No pescoço usava um cordão prateado bem grosso. Pareceu-me ser um pouco tímido, pois observava os colegas jogarem em silêncio, não brincava com os que perdiam ou dava palpite no jogo. Ao chegar sua vez no jogo ele permaneceu sério, talvez estivesse se concentrando para acertar a bolinha no campo do adversário. Mas, mesmo assim, perdeu e foi substituído por uma colega. Encostou-se em uma das pilastras do pátio e como tinha sido “zuado” - assim se referem às brincadeiras feitas pelos colegas - por ter perdido, começou a “zuar” das jogadas erradas dos colegas e também daqueles que perdiam. Foi então ao bebedouro com um colega, passou por onde eu estava, cumprimentou-me com um “oi”e, após ter tomado água, tirou do bolso um celular, que me pareceu bem moderno, colocou umas músicas de forró tipo universitário, bandas como “Calcinha Preta”, “Bonde do Forró”, entre outros, numa altura que me pareceu inadequada para o ambiente escolar, pois poderia perturbar as outras turmas que estavam tendo aula. Permaneceu conversando com o colega por uns dez minutos e depois retornou para perto de onde estavam jogando ping-pong com o som do celular ainda ligado. Parecia querer chamar atenção. Pude perceber então, que ele não era tímido como eu havia pensado, ao contrário, ele entrosava com todos os colegas, principalmente com as meninas.

Neste dia Andreлина ficou durante os dois horários de educação física sentada em um dos batentes do pátio, conversando com uma amiga e rindo das brincadeiras dos colegas. Ela

passou por mim algumas vezes, indo ao bebedouro ou subindo até sua sala, e em meio a cumprimentos, perguntou como eu estava, mas, não parou para poder conversar. Talvez ali, no espaço escolar, perto de vários colegas, ela não quisesse mesmo parar para conversar comigo. Então, fiquei apenas observando-a durante o decorrer da aula.

No momento seguinte, durante o recreio procurei conversar com um grupo de alunos que não se sentaram no refeitório, preferiram comer em pé próximo ao portão, pois, por entre as grades podiam ver o movimento da praça. Do lado de fora da escola vários jovens e adolescentes estavam sentados nas calçadas e também montados em motocicletas paradas próximas dali. Eles observavam o interior da escola enquanto conversavam.

Um dos auxiliares de secretaria disse após o recreio, que isso era comum. “*Esses rapazes ficam do lado de fora para ver as meninas, namoradas ou não*”. (Auxiliar 1).<sup>18</sup> Disse que quando o portão está aberto muitas alunas vão para a praça e também alguns jovens entram na escola. Por esse motivo a escola procurava manter o portão fechado no horário do recreio. (Auxiliar 1).<sup>19</sup> No entanto, muitos alunos iam para o portão quando podiam, ou seja, nos horários de recreios, intervalos e horários vagos. Desse modo podiam conversar com os jovens que estavam do lado de fora e também observar o movimento da praça.

Entre os alunos que estavam no portão se encontrava Renato. Apresentei-me a eles, perguntei seus nomes e onde moravam. Eles foram gentis, disseram que já sabiam quem eu era, mas que não entendiam direito o que eu pesquisava na escola. Alguns perguntaram se eu estava pesquisando a escola para liberar verba para reforma. Respondi que não era nada disso, que minha pesquisa era para um curso de mestrado. Expliquei mais uma vez do que se tratava o trabalho, a questão das identidades, as culturas. Um dos alunos respondeu brincando “*eu deixo você me pesquisar*”<sup>20</sup> (Aluno, 2º ano). Era aluno do 2º ano e morador da Comunidade Cabeceiras. Respondi que se tratava de uma pesquisa com jovens moradores de comunidades remanescentes de quilombo e, ele mais que depressa disse: “*Minha comunidade é quilombola*”<sup>21</sup>. (Aluno, 2º ano).

Eu disse a eles que já havia escolhido uma comunidade, que se tratava da Comunidade Quilombo. Eles quiseram saber qual o motivo dessa escolha, já que existem várias comunidades desse tipo em Minas Novas. Respondi que a escolha foi por dois motivos principais: o primeiro pelo fato do Quilombo de ter sido a primeira comunidade reconhecida pela Fundação Cultural Palmares dentro do município de Minas Novas. O segundo motivo

---

<sup>18</sup> Dados de conversa informal. Pesquisa de campo realizada na escola em 10/02/2011.

<sup>19</sup> Dados de conversa informal. Pesquisa de campo realizada na escola em 10/02/2011.

<sup>20</sup> Dados de conversa informal. Pesquisa de campo realizada na escola em 10/02/2011.

<sup>21</sup> Dados de conversa informal. Pesquisa de campo realizada na escola em 10/02/2011.

pelo fato da Comunidade não possuir nenhuma escola, mesmo sendo a primeira a ter sido reconhecida. Essas características me levaram a escolher essa comunidade e não outra.

Expliquei aos alunos que eu estudaria os jovens de Quilombo que se deslocam todos os dias para poder estudar em outros locais, como em Ribeirão, por exemplo. Logo os alunos começaram a “zoar” com Renato, por ser ele morador do Quilombo e, conseqüentemente, um desses jovens. Naquele momento ele não parecia o mesmo que estava “zoando” com os colegas na aula de educação física. Ficou vermelho! Apenas sorria meio sem graça! Paulo Henrique de Queiroz Nogueira, citado por Andréa Carvalho (2008, p.35), definiu conceitos para explicar grupos de alunos, como o CDF<sup>22</sup>, o bagunceiro e o zoador. Que seriam:

CDF atende às regras escolares: estuda, faz suas atividades, não bagunça. Portanto, socializa-se bem com a instituição escolar, mas isto dificulta suas relações com os colegas. Ser bagunceiro significa não respeitar as regras escolares e assim, atrapalha o andamento das aulas, muitas vezes não sendo bem aceito também pelo grupo. Já o zoação, que o autor considera uma “arte refinada” que exige uma aprendizagem com os colegas, é mais sutil. O zoador consegue manter uma integração com as regras escolares, apesar de divergir das mesmas. Burla com sutileza e consegue relacionar-se bem com os colegas e com a instituição, “fugindo” das punições. (2008, p. 35-36).

Assim, podemos definir o grupo de alunos que estava no portão naquele momento, como zoadores, pois, além de zoarem com o colega Renato, sentia que estavam zoando comigo também, ao dizerem que queriam ser estudados por mim. No entanto, como bem definiu o autor citado por Carvalho, aqueles alunos estavam integrados com as regras da escola e relacionavam-se muito bem com todos os colegas, inclusive comigo no decorrer das observações. Pelo que pude perceber as zoações aconteciam de forma pacífica, não em forma de bullying<sup>23</sup>, e, sem apelidos pejorativos. Aliás, durante a pesquisa não presenciei nenhuma briga ou confusão por causa de zoações. As sociabilidades se dão de maneira natural, ainda mais porque num ambiente rural, quase todos se conhecem e convivem cotidianamente, facilitando as relações sociais.

Nesse momento o sino foi batido e os alunos foram para suas salas. O grupo que estava comigo disse que queria saber mais. Respondi a eles que teria prazer em explicar. Perguntei a

---

<sup>22</sup> Segundo Andréa Carvalho, Nogueira faz referência a Prata (1996, 50) “para explicar que o termo origina-se do fato do aluno ficar o dia inteiro estudando. Vai ficar com a bunda amassada e um ‘cú-de-ferro.’” (2008, p. 35).

<sup>23</sup> **Bullying** é um termo utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo ou grupo de indivíduos causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder.

Renato se depois podíamos conversar sobre a pesquisa e sua participação, ele apenas balançou a cabeça em sinal positivo e foi para sua sala.

Neste dia a aula terminou no 4º horário, às 20h50min, por falta de professor. Na saída o movimento era grande, no entanto ele se desfez rapidamente, pois, os alunos saem da escola e entram diretamente em seus ônibus para retornar para suas casas. Era o caso dos alunos sujeitos desse trabalho. Como pude verificar no decorrer das observações, alguns rapazes com motocicletas esperam por namoradas, amigas ou irmãs após a aula. De acordo com estes rapazes, há alunos que moram em locais onde os escolares não trafegam, assim, estes precisam de outra condução, e, a motocicleta acaba sendo a condução mais usada nestes casos. Percebi certas vezes, que algumas jovens, que moram em comunidades onde o escolar trafega, montavam em garupas de motocicletas de outros após a aula, possivelmente seus namorados.

O certo é que quando os ônibus vão embora ficam na rua apenas aqueles jovens moradores de Ribeirão da Folha. Estes não tardam muito. Logo procuram o caminho de suas casas. Quando a escola é fechada pelos funcionários a praça fica deserta. Apenas alguns cães podem ser vistos procurando por abrigo. Em Ribeirão eles costumam dizer que “os alunos fazem o movimento”, tanto que, nos fins de semana, durante a noite, poucas pessoas podem ser vistas na praça. Até as vendas fecham mais cedo por falta de movimento e freguês.

No dia seguinte, terceiro dia de observação, cheguei à escola no mesmo horário, fiquei no portão observando o movimento e aguardando o ônibus escolar “azul” chegar. O movimento na praça era o mesmo. Os alunos chegaram. Alguns entraram. Outros foram para a praça. Mas, Renato e um de seus amigos ficaram sentados no refeitório. Fui imediatamente me juntar a eles. Cheguei e me sentei no outro banco, de forma que fiquei de frente aos dois. Cumprimentei-os e começamos a conversar. Perguntei aos dois sobre o trabalho deles. Eles me responderam que trabalhavam na “roça”. Indaguei novamente o que faziam na “roça”. Eles me responderam que trabalhavam com eucalipto, desde o plantio, o cuidado nos primeiros anos, até o corte.

As fazendas de eucalipto empregam muitas pessoas na região de Minas Novas, inclusive na região do distrito de Ribeirão da Folha e comunidades adjacentes. Estes serviços nas fazendas de eucalipto têm diminuído a migração dos homens para o corte de cana, fato comum no Vale do Jequitinhonha. Há uns vinte anos atrás, apenas grandes empresas cultivavam o eucalipto na região, como por exemplo, a Acesita Energética, que, após passar

por vários donos e possuir vários nomes, se chama hoje, “Aperam”<sup>24</sup>. No entanto, nos últimos anos, pequenos e médios proprietários passaram a derrubar matas nativas ou outras plantações como a de café, por exemplo, para plantar eucalipto.

Estes desmatamentos têm feito com que vários córregos, pequenos rios e nascentes de água sequem quase por completo. Além disso, diversos animais foram desaparecendo da região. As plantações de eucalipto geram empregos, que vão desde o preparo da terra, até a derrubada dos mesmos, no entanto, gera outros problemas que, a longo prazo, deverão ter impacto na região, como a escassez de água. Esta falta de água já é sentida em Ribeirão da Folha. A água é racionada. Quando é liberada para algumas ruas, outras ficam sem receber. É bem comum notar mulheres com grandes bacias de vasilhas ou roupas indo em direção aos rios ou aos córregos para fazer a lavagem das mesmas.

Na região do Quilombo existem muitas fazendas de eucalipto, por isso, Renato e seu amigo para permanecerem estudando, e não terem de ir para os cortes de cana, aproveitam os serviços que lhes são disponíveis, como eles mesmos me relataram. Segundo eles de vez em quando preparam as mudas para o plantio, outras vezes ajudam a plantar ou descascam árvores já cortadas. Não possuem um serviço fixo, fazem tudo que a eles é atribuído pelo gerente da fazenda.

Comecei a explicar aos dois sobre a pesquisa. Eles me perguntaram se eu escreveria um livro. Respondi que, de certa forma, sim. Seria um trabalho que poderia um dia ser publicado, mas, que para o momento, ele seria impresso em forma de uma apostila, mas com igual valor e serventia de um livro. Perguntei a Renato sobre a sua possível participação no meu trabalho, expliquei a ele que era importante para a educação essas pesquisas acadêmicas. Falei da questão das identidades e também das comunidades remanescentes de quilombo. Ele respondeu que participaria sim. Passados alguns instantes o sino foi batido para que os alunos comessem a se reunir no pátio. Eles se levantaram e me convidaram para rezar com eles, no que eu balancei a cabeça afirmativamente. Faltava agora conversar com Ana Paula e saber da disponibilidade dela em fazer parte da pesquisa.

---

<sup>24</sup> A Aperam é uma empresa global em aços inoxidáveis, aços especiais elétricos e ligas de níquel, com vendas em mais de 30 países e 9.800 empregados. Mantém 30 escritórios de vendas em todo o mundo com suporte ao cliente e 19 Centros de Serviços, incluindo dez plantas e instalações de transformação. Faz parte do **Instituto Aço Brasil**, fundado em 31 de maio de 1963. [...]O **Instituto Aço Brasil** (antigo Instituto Brasileiro de Siderurgia – IBS) tem como objetivo congregar e representar as empresas brasileiras produtoras de aço, defender seus interesses e promover seu desenvolvimento. [...]A Aperam BioEnergia administra um patrimônio de florestas renováveis no Vale do Jequitinhonha, também em Minas Gerais. Tem capacidade de produção de 1,4 milhão de metros cúbicos com potencial para chegar a 2,2 milhões de metros cúbicos nos próximos anos. A produção de carvão dessas florestas abastece a Usina da Aperam, em Timóteo. (INSTITUTO AÇO BRASIL, 2011).

Durante a oração diária os alunos se comportaram da mesma forma. Em filas todos rezavam. Os que permaneciam em silêncio se mostravam respeitosos com esse ritual religioso. Após o término da oração os alunos foram para suas salas. Neste dia teve aula de educação física na turma do 1º ano, foi a oportunidade de conversar com Ana Paula.

A maioria dos alunos do primeiro ano é das comunidades de Cabeceiras e Santiago, dessa forma, são colegas de Ana Paula desde os anos iniciais. As meninas dessas comunidades durante o tempo que estudavam na Fazenda Alagadiço praticavam futsal, de acordo com elas mesmas e com o professor de educação física. Assim trouxeram essa prática para a Escola de Ribeirão, uma vez que as meninas que estudam nessa escola desde os anos iniciais não possuíam tal prática.

As duas primeiras aulas foram de educação física. O professor reuniu a turma no pátio e disse que subiriam para a quadra, aproveitando que a mesma estava vazia e que era horário de verão. Assim, quando escurecesse a aula já haveria terminado. Tinha chovido em Ribeirão neste dia. Os alunos foram até a cantina e pegaram alguns rodos e vassouras. Outros pegaram bolas. O professor convidou-me para subir com eles. Ao chegar ao portão alguns alunos pegaram suas motos para não subirem a pé, mesmo com a curta distância de mais ou menos 500 metros.

Procurei subir conversando com o professor e também com um grupo de alunas que ficara conosco, entre elas, Ana Paula. Perguntei sobre o futsal e elas responderam que era o seu esporte favorito. Uma das alunas disse que não poderia jogar, pois, estava de resguardo, havia poucos dias que tinha dado a luz à uma menina. Ela aparentava ter no máximo 15 anos. Disse que a sogra e o pai da criança cuidavam da mesma para que ela pudesse estudar.

É bem comum na região de Minas Novas, principalmente nas zonas rurais, as meninas engravidarem na adolescência. Poucos trabalhos são feitos pelos órgãos governamentais para conscientizar os adolescentes quanto à gravidez, ou doenças sexualmente transmissíveis. As escolas não costumam abordar esse tema. As famílias são conservadoras e acreditam que, quando a escola tenta fazer um trabalho de prevenção, a mesma está incentivando os adolescentes à prática sexual. Percebi durante o tempo de observação na escola que havia cinco alunas grávidas. Ao andar pelas comunidades adjacentes de Ribeirão da Folha pude perceber que a situação era a mesma. Em todos os lugares era possível encontrar adolescentes grávidas.

Outro grave problema na região, segundo a enfermeira do posto de saúde local é a exploração sexual de adolescentes e jovens e, conseqüente gravidez ou doenças sexualmente transmissível acometidas pelas mesmas. Segundo ela quando o caso chega ao seu

conhecimento ela aciona o conselho tutelar ou a polícia, mas pouca coisa é feita. O caso desta adolescente que ainda estava estudando é uma exceção, pois, na maioria das vezes, as meninas saem da escola para cuidar de seus filhos ou trabalhar para ajudar no sustento dos mesmos. São praticamente crianças cuidando de crianças.

Ao continuar a conversa com as meninas sobre o futsal, elas disseram que a Escola de Alagadiço promovia torneios e que o time delas sempre vencia. Disseram ainda, que eu estava convocada a jogar com elas. Sorrimos todas, pois respondi a elas que não sabia jogar nem peteca. Perguntei qual delas era a melhor jogadora. Elas responderam que cada uma é a melhor na posição que joga, não quiseram apontar uma ou outra como a melhor. Elas perguntaram o que eu iria pesquisar durante as aulas de educação física. Como das outras vezes, expliquei à elas sobre o tema da dissertação, sobre a questão das identidades de jovens remanescentes de quilombo.

Quase todas elas moram em comunidades que reivindicaram o reconhecimento como remanescentes de quilombo, por isso, o tema não lhes era totalmente estranho, principalmente para Ana Paula que já vivia em uma comunidade reconhecida pela Fundação Cultural Palmares. Disse a elas da participação dos alunos da comunidade Quilombo, incluindo no grupo, Ana Paula. Esta ficou calada. Já estávamos chegando à quadra. Disse à ela que sua participação deveria ser espontânea e que, se posteriormente, durante a pesquisa, se ela desistisse, não teria problema nenhum. Ela apenas sorriu. Reiterei o convite para a sua participação e disse que explicaria melhor depois como seria a pesquisa. Na verdade a pesquisa já estava em pleno desenvolvimento. Mas era como se a cada primeiro encontro com um dos jovens desta investigação, ela fosse retomada.

Ao chegar à quadra procurei me sentar em uma parte de concreto, na verdade um palco improvisado para dias de festa, de forma que eu pudesse visualizar todo o espaço. A aluna que estava de resguardo e mais outras duas se assentaram do meu lado dizendo que não iriam jogar. O professor deu os avisos antes de dividir o time. Este seria misto, composto de meninas e meninos. A divisão do time foi uma surpresa para mim, pois, esperava um jogo de meninos contra meninos e após, outro jogo composto apenas de meninas contra meninas. Ao estudar a participação de meninas nas aulas do primeiro ano do ensino médio, em uma escola particular de Belo Horizonte, Vanessa Souza também se deparou com uma situação parecida. Segundo ela “meninos e meninas faziam aulas juntos, significando que, nessa escola, não se estabelecia uma divisão polarizada entre os gêneros, como é comum encontrarmos em algumas escolas” (2006, p.50-51).

A divisão de times, como mistos, ou seja, formados por meninas e meninos foi uma prática comum do professor de educação física durante todas as observações, mostrando-se diferente do usual, onde o menino não era mais valorizado que a menina, dependendo do esporte, no caso o futsal. Digo uma prática diferente, pois, de acordo com minha experiência como professora, o que observei nas escolas onde trabalhei, por parte dos professores de educação física, foi uma divisão de times homogêneos, ou seja, jogavam primeiro os meninos e depois as meninas. Isto quando as meninas jogavam, pois, o mais comum eram os professores deixarem a quadra para os meninos e o entorno da mesma para as meninas, que passavam o período de aula, jogando peteca, ou brincando de queimada. Segundo Vanessa Souza, relatando fatos de sua pesquisa,

Na Educação Física da Escola Ilha Bela, o feminino e o masculino se construíam dentro de relações sociais, e não separadamente; um em relação ao outro – não em oposição. Assim, não era negada a meninos e às meninas a possibilidade de estarem juntos, reconstruindo variações no gênero e não considerando apenas diferenças de gênero. (2006, p. 51)

Como na Escola Ilha Bela, da rede particular de ensino de Belo Horizonte, na educação física noturna da Escola de Ribeirão da Folha, as relações sociais aconteciam de forma heterogênea, com a participação de meninos e meninas. Não sendo negados a eles o convívio e a interação. Ao contrário, isto era estimulado pelo professor. Este lembrava aos meninos que não poderiam jogar de forma brusca para que as meninas não fossem machucadas. O menino que agisse assim seria expulso do jogo.

Para a divisão dos times, daquela aula que eu estava assistindo, o professor chamou duas alunas para que as mesmas tirassem “par ou ímpar” e começassem a escolha dos jogadores. Com o time dividido teve início a partida. Os dois times jogavam com seriedade, e, com cuidado para que ninguém pudesse se machucar.

O entrosamento de Ana Paula com o time era bem tranquilo, brincava com os colegas e também correspondia às brincadeiras dos mesmos. Gritava pedindo a bola quando estava em uma posição melhor e dividia a bola com os colegas de time quando estes estavam também em uma posição que possibilitasse fazer gol. O time de Ana Paula perdeu. Mesmo assim todos desceram de volta para a escola sem brigas ou discussões, apesar de alguns receberem apelidos de “frango” ou “perna de pau”. Não percebi que tais apelidos fossem depreciativos ou caracterizassem algo que não fosse gozação como parte do jogo que se estendeu para além da quadra.

Chegamos à escola e ainda faltava um tempo para o término da aula, eram dois horários seguidos. Cerca de oito meninas foram para o banheiro e fui com elas. Elas lavaram o rosto, ajeitaram o cabelo, algumas passaram batom. Perguntei a Ana Paula se poderíamos conversar um pouco no refeitório, ela respondeu que sim. No entanto o bate papo envolveu também suas colegas. Novamente falei da pesquisa e no meu interesse em que ela pudesse participar. Ela perguntou se não seria algo difícil, eu expliquei que a observaria na escola, e que faria anotações sobre essas observações em um “caderno de campo”, sendo que, posteriormente, talvez fizesse entrevista gravada e quem sabe pediria a eles um pequeno memorial sobre suas vidas. Ela concordou em participar e perguntou-me se depois eles poderiam ler o que eu escrevi. Respondi a ela que sim, que poderia ler quando quisessem, e que, nem os nomes deles seriam citados.

Expliquei que é comum nesse tipo de pesquisa usar codinome, ou seja, outro nome para cada sujeito que tenha participado da pesquisa. Ela respondeu em tom de exclamação: “*Não! Quero ver meu nome no trabalho e não outro*”<sup>25</sup> (Ana Paula, 16 anos). Respondi balançando a cabeça afirmativamente, dizendo, ainda, que traria um termo de livre consentimento para que eles pudessem assinar, ou seus pais, caso fossem menores, autorizando suas participações no trabalho, inclusive o uso de seus nomes. Nesse momento o sino foi batido e as meninas foram para a sala de aula.

### **3.5 – Escola Estadual de Ribeirão da Folha: características físicas e humanas**

Apesar de já ter passado por algumas reformas, como descrito antes, como pudemos visualizar pelas imagens, hoje a escola está precisando de mais uma. A diretora informou-me que logo sairá a liberação da verba. Não existe quadra na escola, os alunos utilizam a da comunidade quando esta não está sendo usada pelos moradores. Não existe uma sala para a direção, que divide espaço com a secretaria. A escola não possui laboratório de informática ou de ciências. A biblioteca funciona em um espaço improvisado entre duas salas de aula. Fica evidente que as salas são insuficientes, duas turmas funcionam em espaços cedidos, como o da Sede da Associação Comunitária Quilombola, e o da casa paroquial. Outra turma funciona dentro de uma igreja evangélica, a “Igreja Deus é Amor”, no qual a escola divide o aluguel do espaço com a mesma. O refeitório que é pequeno, durante o tempo de observação

---

<sup>25</sup> Dados de conversa informal. Pesquisa de campo realizada na escola em 11/02/2011.

foi ocupado várias vezes pelos auxiliares de secretaria, como escrevi em meu diário de campo:

O refeitório é o único espaço coletivo da escola, que possui mesas e bancos, para que os alunos possam merendar, conversar ou estudar. No entanto, o espaço está sendo constantemente utilizado pelos funcionários da secretaria, que espalham caixas de arquivo, pastas, jornais, diários de classe e outros documentos, além de objetos necessários ao seu trabalho. Estou percebendo que a ocupação imprópria desse espaço, que deveria ser de uso dos alunos está prejudicando a socialização dos mesmos. Percebo que estes muitas vezes se sentem intimidados, com vergonha [...] e preferem ficar em pé nos cantos do pátio do que dividir o espaço com a secretaria. (Abril, 2011)

Tais restrições de espaço físico aumentam quando são somados à carência de pessoal. A escola funciona em três turnos, com um total de 442 alunos divididos da seguinte forma: no período matutino, 188 alunos; no vespertino 196 e no noturno 58 alunos. Para atender a esta quantidade de alunos a escola possuía no início da pesquisa apenas dois supervisores, tendo sido contratado mais um no decorrer da mesma. A escola possuía apenas um vice-diretor e, também, foi aprovado pela Secretaria de Estado de Educação mais um, ficando com dois professores nesses cargos. No total a escola possui 30 professores. O número de “serventes” e de auxiliares de secretaria também foi aumentado após o início dessa pesquisa, ficando respectivamente um total de 10 serventes e 06 auxiliares. Segundo a direção da escola o serviço de secretaria e de limpeza é muito, e os profissionais dessas áreas ficam sobrecarregados. Assim escreveu dois sujeitos dessa pesquisa sobre a escola:

Eu mudaria as cores da escola, a estrutura da escola. (RENATO, 20 anos).<sup>26</sup>

o que menos gosto é de fazer um pedido e a pessoa falar assim: “vamos dar um jeito” e não resolver nada, mudaria na Escola tudo, menos: os professores, as cantineiras e os que trabalham na secretaria. Reformava toda a escola, colocaria uma sala de computadores para todos os alunos(as) interagir com o mundo. (Ney, 18 anos).<sup>27</sup>

As falas dos alunos demonstram suas insatisfações quanto ao espaço físico da escola. Os alunos são os mais prejudicados com a ausência de determinados espaços, como uma quadra, por exemplo, ou um laboratório de informática, que segundo Ney, seria uma forma para que os alunos pudessem “interagir com o mundo”. Quando o aluno se refere ao fato de fazer um pedido e a pessoa falar que vai resolver e não resolver seu problema, segundo ele, em

<sup>26</sup> Dados do memorial, maio, 2011.

<sup>27</sup> Dados do memorial, maio, 2011.

conversa posterior, disse estar se referindo à direção, que não toma providências para resolver o impasse na utilização da quadra comunitária.<sup>28</sup>

Outro problema, segundo a direção, e que eu pude presenciar na escola é que, quando um profissional se afasta por algum motivo, como licença médica, por exemplo, a escola não encontra outro para substituí-lo. Além disso, pelo que pude perceber professores não habilitados para determinada área são contratados, pois os habilitados não aparecem para concorrer às designações. É o caso do auxiliar de secretaria, formado em jornalismo, e que leciona língua portuguesa. Também é o caso da professora de filosofia e sociologia que é habilitada em supervisão escolar.

Do total de trinta professores, seis moram em Minas Novas, e, devido à distância e precariedade do transporte, são obrigados a ficar no distrito durante a semana, retornando para suas casas nos fins de semana e feriados. Quatro professores, duas supervisoras e cinco serventes moram em comunidades vizinhas, alguns utilizam o transporte escolar, de vez em quando, mas na maioria das vezes, preferem usar motocicleta, pois muitas vezes os veículos utilizados para o transporte escolar apresentam problemas mecânicos, além disso, quase sempre atrasam. Os professores que precisam permanecer em Ribeirão montaram uma espécie de “república de estudantes”, onde todas as despesas são divididas. Os moradores do lugar se referem ao espaço como “Casa dos Professores”. A respeito dos professores diz assim os alunos em seus memoriais:

Com os professores, alguns já conhecia, não tenho nada que reclamar, sempre respeitei todos eles e eles também sempre me respeitou; mas a professora com quem mais me identifico é Maria Aparecida, a professora de português.(Ana Paula, 16 anos).<sup>29</sup>

[...] o professor que mais gosto, são todos, não tenho escolha de um. Me dou bem com todos, me identifico com todos. O que mais gosto na escola são o conhecimento que tenho a cada dia, e os colegas que são muito legais. (Renato, 20 anos).<sup>30</sup>

[...] a matéria que mais gosto e mais me identifico é matemática e por incrível que pareça a professora também é a de matemática, tem outras também, a de História, Sociologia e o de Educação física. (Ney, 18 anos).<sup>31</sup>

Educação Física é a matéria predileta, mais que identifico é o professor de Ed. Física. (Andreлина, 19 anos).<sup>32</sup>

---

<sup>28</sup> Dados de conversa informal. Pesquisa de campo realizada na escola em 08/04/2011.

<sup>29</sup> Dados do memorial, maio, 2011.

<sup>30</sup> Dados do memorial, maio, 2011.

<sup>31</sup> Dados do memorial, maio, 2011.

<sup>32</sup> Dados do memorial, maio, 2011.

Pelas opiniões acima, podemos entender que a relação destes alunos com os professores, de maneira geral, é boa. Não percebi nenhuma desavença entre qualquer aluno com professores durante os meses de observação na escola. De vez em quando eu ouvia que determinada prova estava difícil ou que determinado professor era mais rígido que o outro, mas, nenhum registro me permite dizer sobre problemas de relacionamentos entre os professores e alunos.

Os problemas de convivência na escola foram perceptíveis durante a minha estada no campo, no que diz respeito aos funcionários. Era ano de eleição para a direção da escola. Os professores, funcionários e alunos se dividiam entre os possíveis candidatos. A “fofoca” no ambiente escolar era percebida por mim, enquanto pesquisadora, mas foi percebida também pelos alunos, que muitas vezes chegavam até mim e comentavam sobre o assunto. Alguns chegavam e perguntavam se eu sabia quem seriam os candidatos, outros falavam que gostavam mais de tal professor, caso ele se candidatasse teria seu voto. Alguns diziam que determinado professor havia falado mal de outro. E outros perguntavam quem eu escolheria na escola para ser o candidato.

Dos sujeitos dessa pesquisa, apenas um, se posicionou a respeito da candidatura de um dos professores. Segundo Ney, esse professor, de biologia e ciências, é um dos que explica melhor o conteúdo, sendo muito competente no que faz. Porém, quando a eleição aconteceu, a escola teve apenas uma chapa concorrendo ao cargo, e aquele professor, elogiado pelo aluno, foi o candidato da mesma e foi eleito. No entanto até o fim desta pesquisa, quando ainda ia a campo, novembro de 2011, a Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais não havia autorizado a posse dos novos diretores eleitos em todo o Estado.

Problemas do espaço físico interferem numa boa educação, é fato, mas problemas de relacionamentos humanos também. Ainda mais quando percebidos pelos próprios alunos. Acredito que numa escola com gestão democrática, tais questões precisam ser superadas para que uma educação de qualidade seja oferecida aos alunos, que já vivem de forma tão sofrida pelos sertões de Minas Novas. A escola precisa ser um espaço de acolhida, espaço em que os alunos se sintam bem, protegidos e amparados, onde possam afirmar e ou construir suas identidades. Dessa forma a educação terá um significado diferente para suas vidas.

Acredito que os problemas de relacionamentos entre os funcionários da escola possam, em parte, serem explicados devido à eleição para diretoria da escola, mas, muitas vezes possuem suas origens na divisão partidária municipal. Sabemos que a instituição escolar não é uma ilha ou está alheia aos problemas do entorno. E sendo do lugar, já presenciei discussões e desentendimentos por causa de distribuição de cargos, e outros serviços que beneficiam apenas as pessoas que apoiaram o prefeito eleito.

Por fim, após a eleição, os ânimos dos alunos e demais funcionários da escola, bem como de toda a comunidade escolar, me pareceram mais tranqüilos. Se esta era uma prática corrente em épocas eleitorais, e a tensão logo se dissipava, não pude compreender para fazer qualquer afirmação.

#### 4 - DA ESCOLA À COMUNIDADE DE QUILOMBO

*O senhor saiba: eu toda a minha vida pensei por mim, forro, sou nascido diferente. Eu sou é eu mesmo. Divêrjo de todo mundo... Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa. (ROSA, 2001, p. 31)*

Apesar de ter crescido e morado por muitos anos no município de Minas Novas, eu ainda não havia visitado e nem conhecia nenhuma das quatro comunidades remanescentes de quilombo já reconhecidas pela União no município. A possibilidade de fazer a pesquisa de mestrado em uma dessas comunidades me levou a conhecer comunidades caracterizadas como remanescente de quilombo. Assim foi que, em julho de 2010, após ter recebido autorização para realizar a pesquisa na Escola Estadual de Ribeirão da Folha, aproveitei e fui fazer a minha primeira visita de natureza exploratória à comunidade de Quilombo. Uma primeira visita que em antropologia, DaMatta nos ensina que:

Trata-se, basicamente, de um modo de buscar novos dados sem nenhuma intermediação de outras consciências, sejam elas as dos cronistas, dos viajantes, dos historiadores ou dos missionários que andaram antes pela mesma área ou região. (DAMATTA, 1987, p. 146).

Mesmo não sendo esse trabalho de antropologia, mas na interface técnica e metodológica com a história e a antropologia, tendo como objeto a educação, e as possíveis interpretações que pude sistematizar, entendo que esta ciência nos oferece explicações relevantes de serem aqui tomadas de empréstimo, uma vez que educação e antropologia caminham de mãos dadas (ROCHA. TOSTA, 2009, 113). A metodologia e a tradição do trabalho de campo em antropologia oferecem subsídios para o trabalho de campo na área educacional. Por isso, por vezes trazemos a tona antropólogos para embasar teoricamente nosso trabalho<sup>33</sup>. Assim, pensando como DaMatta, sem intermediações de terceiros, que fui pessoalmente ver do que se tratava aquela realidade com meus próprios olhos. Procurei desvencilhar-me de meus pré-conceitos e fui rumo ao desconhecido, tentar “desvendar as máscaras”<sup>34</sup> que instigavam minha curiosidade de pesquisadora. Acredito, pois, ser fundamental descrever como se deu esse primeiro contato com o desconhecido.

<sup>33</sup> Entendendo que metodologia é teoria, sem esta é um conjunto de técnicas esvaziadas de argumentos e consistência.

<sup>34</sup> Uso esse termo tomando como referência o livro: GUIMARAES, A. Z. **Desvendando Máscaras Sociais**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora. 1980. Entendo o termo como uma tentativa de conhecer e analisar modos, costumes, até então desconhecidos para nós, em determinado lugar, ou determinado grupo social.

Subindo e descendo morros, por entre estradas de terra que mais pareciam labirintos, passando pela vegetação do cerrado, plantações de café, pastagens, até entrar nas armadilhas dos eucaliptos. Digo armadilhas, pois os caminhos, as encruzilhadas, ficam tão parecidos quando estamos passando por entre a plantação, que me pareceu impossível alguém que não conheça a região chegar ao Quilombo sem se perder. Além do que o frio que eu sentia na garupa da moto<sup>35</sup> que me levava – a mata de eucaliptos se fecha aos raios de sol - se confundia com um frio interior que eu sentia rumo ao desconhecido.

Naquele momento eu não sabia o que iria encontrar e também não sabia exatamente o que eu iria procurar. Apesar dos meus problemas de pesquisa e objetivos já estarem bem demarcados, ainda tinha dúvidas quanto a eles. Assim, todas essas dúvidas provocaram em mim certo receio, posso dizer que, até mesmo, certo medo. Medo do primeiro olhar! Da primeira impressão! Não da minha primeira impressão em relação às pessoas da comunidade, mas delas em relação a mim, enquanto pessoa e pesquisadora. Pessoa até então, de certo modo, estranha para eles.

Foi com todas essas apreensões que avistei após quase uma hora e meia de estrada e poeira, as primeiras casas da comunidade. Estas, em sua maioria, ficam distantes umas das outras. Umhas são de alvenaria, construções recentes, provavelmente feitas com dinheiro do sofrido trabalho nas carvoarias, cafezais, ou do corte de cana no interior de São Paulo. Outras, a maioria, é feita de barro batido e madeira.

---

<sup>35</sup> Foi esse o transporte que eu encontrei para me levar ao Quilombo. Uma moto CG Titan, sua cor vermelha se confundia com a poeira, também vermelha das estradas. Um professor de geografia da Escola Estadual de Ribeirão da Folha foi quem me levou. Durante o percurso conversávamos sobre a situação de abandono das estradas. Ele me dizia como a Prefeitura era omissa em relação a esse aspecto tão essencial para a vida das pessoas que moram na zona rural, principalmente para os alunos que precisam ser transportados até a escola, como por exemplo, os alunos do Quilombo, que estudam em Ribeirão da Folha. Ele me disse que quando chove é pior ainda, neste caso os ônibus escolares param com o transporte, prejudicando os alunos, que perdem as aulas. Muitos, vão de moto, correndo risco de caírem e se machucarem durante o percurso, deixando em casa, pais e mães preocupados. Outros, sem a possibilidade de possuírem uma moto, acabam mesmo perdendo as aulas. Essa situação, muitas vezes, faz com que muitos alunos abandonem a escola cada vez mais cedo.

**Figura 33 – Tipo de moradia no Quilombo - 1**



Fonte: Foto da autora, 2011

**Figura 34 – Tipo de moradia no Quilombo - 2**



Fonte: Foto da autora, 2011

**Figura 35 – Tipo de moradia no Quilombo - 3**

**Fonte: Foto da autora, 2011**

Passei primeiramente na casa do sr. Marciano, presidente da associação de moradores, mas ninguém nos atendeu, a casa estava totalmente fechada. Digo nós referindo-me ao professor de geografia da Escola Estadual de Ribeirão da Folha há cinco anos, Adilson Barbosa, que me levou até a comunidade. Já o conhecia desde criança, e nessa primeira ida ao Quilombo ele serviu-me como “Doc” serviu a Bill em “Sociedade de Esquina”<sup>36</sup> (WHYTE, 2005, p. 293-300). No entanto, não preciso aqui de inventar um nome para meu amigo e nem precisei ser apresentada com um falso nome. Dessa forma, Adilson, com sua presença, como “Doc”, ajudou-me nas primeiras relações criadas com os moradores do Quilombo. Além de Adilson, minha mãe serviu-me também como “Doc” em outras idas à comunidade, pois, ela mantém relações com dona Maria desde a década de 1980 quando passou a tomar conta da Igreja Católica de Ribeirão da Folha. Descobri, com o decorrer da pesquisa, como William Foote White, que minha aceitação na comunidade “dependia das relações pessoais que desenvolvi, muito mais que de qualquer explicação que pudesse dar.” (2005, p. 301).

Fomos então à casa de dona Maria, líder religiosa da comunidade. A casa de pau a pique, com algumas partes feitas de alvenaria, parecia bem antiga. O piso era de barro. Na

<sup>36</sup> Doc serviu a Bill “abrindo as portas” para que ele pudesse entrar no Distrito de Cornerville, onde faria sua pesquisa, e, fosse aceito pelos moradores do local, de forma que não fosse um estranho para eles.

cozinha o fogo acolhedor do fogão a lenha. No quintal dois fornos de barro para assar as quitandas. Além de vários “pés de laranja” carregados. Um chiqueiro e um galinheiro bem próximos da casa, segundo ela “*são pra ficar mais fácil de cuidar*” (dona Maria, moradora.)<sup>37</sup>. Disse-me isso talvez na tentativa de justificar o possível mau cheiro que eu e meu colega pudéssemos sentir.

Fomos recebidos por dona Maria, seu esposo Vicente, e sua filha Maria, aluna do terceiro ano do ensino médio em Ribeirão. Meu colega já era conhecido dos moradores, pois é professor da Escola de Ribeirão, onde estudam muitos dos alunos da comunidade. O fato do meu “Doc” e colega já ser conhecido facilitou este primeiro contato. Também estava na casa, uma outra moça, casada com um amigo da família que estava trabalhando em São Paulo no corte de cana. Disse-me dona Maria: “*Ela vem pra cá de vez em quando... fica aqui com o menino pra não ficar sozinha em casa, mas em novembro ele chega....*” (dona Maria, moradora.)<sup>38</sup> Como me disse isso, sem que eu tenha perguntado, acredito que sua fala foi somente para justificar a presença da moça e da criança. Relações de apoio e afetividade deste tipo são comuns em comunidades rurais. Segundo Eunice Durham, essas relações são facilitadas pela ausência de diferenciação social e por certa homogeneidade entre os vizinhos, que na maioria das vezes possuem laços de parentesco (1984, p. 76).

Aquela moça certamente é mais uma “viúva de marido vivo”, expressão comum no Vale do Jequitinhonha, comum no sertão das Minas Novas. Refere-se àquelas famílias em que os homens migram para São Paulo e outras regiões, em busca de trabalho. A partida acontece geralmente no mês de abril e o retorno somente em novembro ou dezembro. Nesse espaço de tempo as mulheres cuidam de tudo, desde a educação dos filhos até o trabalho nas roças, bem como das criações. São mulheres “homens”. Assim, para amenizarem a saudade dos maridos, se abrigam, muitas vezes, nas casas dos pais ou dos sogros, recebendo destes, afeto e apoio. A instituição familiar e vicinal é muito valorizada, as pessoas se amparam mutuamente, tanto nos momentos de alegria e celebrações, quanto nos momentos de tristeza e abandono.

Fui apresentada a todos pelo meu colega. Dona Maria conhecia minha mãe das reuniões de dirigentes de culto, realizadas pela Igreja Católica em Minas Novas. No Quilombo é ela quem cuida da Igreja de Bom Jesus, que fica localizada próxima à sua casa, celebra os cultos e cuida das festividades religiosas quando estas acontecem. Ficou mais interessada em saber como estava dona Lia – assim se referiu a minha mãe – e em saber

---

<sup>37</sup> Dados da conversa informal. Pesquisa de campo realizada no Quilombo em 20/07/2010.

<sup>38</sup> Dados da conversa informal. Pesquisa de campo realizada no Quilombo em 20/07/2010.

também, como era a situação da igreja em Ribeirão da Folha, se muita gente estava freqüentando o culto, se teria missa no fim do mês, do que em saber o que eu e o professor que me acompanhava estávamos fazendo ali. Chamou-nos para a cozinha, “*pra ficá melhor de conversar...*”. (Dona Maria, moradora.)<sup>39</sup>.

É comum no interior de Minas, como bem podemos afirmar, as pessoas serem recebidas nas cozinhas, é um local propício às interações. Receber uma pessoa na cozinha é sinal de que a pessoa é bem vinda, que é querida. O diálogo, as conversas informais ou não, fluem, enquanto um café é servido. O calor do fogão de lenha aquece as interações e relações afetivas. E também a dona-de-casa pode conversar enquanto termina o almoço, ou o jantar. Quando uma pessoa chega à casa da outra e entra na cozinha, na hora das refeições, eles dizem assim: “chegar na hora da comida é sinal de que você nunca fala mal do povo da casa”. Podemos perceber assim o valor que é dado à cozinha como espaço não só de alimentação, mas também de interação.

De acordo com Malinowski, (1980, p. 46) “o pesquisador de campo baseia-se inteiramente na inspiração proporcionada pela teoria”. Portanto, nesse primeiro contato tentei me orientar teoricamente com o já apreendido ao longo dos meus estudos e leituras. Busquei de acordo com DaMatta,

tirar a capa de membro de uma classe e de um grupo social específico para poder – como etnólogo – estranhar alguma regra social familiar e assim descobrir (ou recolocar, como fazem as crianças quando perguntam os <porquês>) o exótico no que está petrificado dentro de nós pela reificação e pelos mecanismos de legitimação. (1987, p. 157).

Tentei, dessa forma, praticar o chamado estranhamento, que é a tentativa de afastamento do que era para mim muito familiar, o fato de ser recebida na cozinha, por exemplo. No Vale do Jequitinhonha de maneira geral, mas, especificamente na região de Minas Novas é bem comum as pessoas serem recebidas nas cozinhas das casas. Dessa forma, tentei perceber esse familiar – o fato de ser recebida na cozinha – como algo exótico. Para Gilberto Velho, citado por DaMatta, o que é exótico nem sempre é totalmente desconhecido. E, sobre o que é familiar ele diz que, “o que sempre *vemos e encontramos* pode ser familiar mas não é necessariamente *conhecido*”. Segundo DaMatta,

[...] em toda a sociedade, isto é, em toda totalidade, existem coisas que me são familiares no sentido de serem elementos do sistema de classificação e coisas que são totalmente estranhas a este sistema. (1987, p. 160).

<sup>39</sup> Dados da conversa informal. Pesquisa de campo realizada no Quilombo em 20/07/2010.

Foi assim que, ao perceber como familiar o fato de ser recebida na cozinha, e isso faz parte da minha cultura, faz parte da cultura do sertão, é que procurei transformá-lo em exótico, em estranho. Foi dessa forma, tentando praticar o estranhamento que continuei conversando com dona Maria e, assim, fui levada por ela para conhecer a comunidade.

Durante a nossa breve caminhada por alguns lugares da comunidade, tentei explicar melhor sobre a pretensão de realizar a minha pesquisa com os jovens alunos do ensino médio que ali moravam e também sobre as culturas desses jovens na comunidade. Às vezes ela parecia entender o que eu falava, outras vezes eu percebia que ela não estava entendendo muito. Mesmo assim fui explicando. Precisava da autorização dela, enquanto uma das moradoras mais antigas e também líder religiosa. Fomos a espaços específicos, como a pequena manufatura de farinha, a Igreja, o banheiro público, o espaço em frente a sua casa que é usado para reuniões ou festas.

**Figura 36 – Igreja de Bom Jesus da Lapa**



Fonte: Foto da autora, 2011

**Figura 37 – Manufatura de Farinha e Goma**



Fonte: Foto da autora, 2011

**Figura 38 – Utilitário de madeira usado para prensar a mandioca**



Fonte: Foto da autora, 2011

**Figura 39 – Instalações da manufatura de farinha**



Fonte: Foto da autora, 2011

**Figura 40 – Espaço público usado para festas, leilões ou reuniões**



Fonte: Foto da autora, 2011

**Figura 41 – Moradora no espaço público**

Fonte: Foto da autora, 2011

Eu falava a ela da pesquisa e ela ia me falando sobre a comunidade e suas tradições. Falou-me sobre a Festa de Bom Jesus da Lapa que seria realizada no mês seguinte:

A nossa festa vai ser agora em agosto, ocês vão vir né? Sua mãe também. Esse ano nós vai fazer a festa de dia, pra aproveitar melhor o tempo. É que haverá de ter caboclada, marujada, dança dos nove e cantigas, tudo dos antigos... agente vai dar uma feijoada com arroz pro pessoal. Se o padre vier haverá um casamento. Não sei se haverá forró ainda não. Isso nós vai ver depois... mas a festa é muito boa, é mais antiga que a de Ribeirão. Agente preserva as tradição dos antigos. Forró não faz parte dos antigos, mas o povo gosta de dançar e de beber também... (Dona Maria, moradora).<sup>40</sup>

Pelo que pude perceber, naquele curto espaço de tempo, a preparação e a culminância da festa era para ela o acontecimento mais importante do ano. A preocupação com os visitantes, com o que seria servido, com os costumes do lugar, com a celebração de uma missa, enfim, com todo o aparato que acompanha um evento religioso em uma comunidade rural.

Não encontramos os jovens da comunidade, apenas a filha da dona Maria, que nos disse que os demais jovens estavam trabalhando. Assim, após termos conhecido um pouco da comunidade, chupado laranja, comido biscoitos fritos na hora e tendo obtido de dona Maria,

<sup>40</sup> Dados da conversa informal. Pesquisa de campo realizada no Quilombo em 20/07/2010.

autorização para a pesquisa, e, inclusive o convite para que eu me hospedasse em sua casa, caso fosse preciso, era hora de continuar a caminhada. Despedimo-nos dela e de todos em sua casa, agradecendo a hospitalidade.

Precisávamos agora obter permissão do líder civil da comunidade. Esse pedido de permissão para realizar a pesquisa serve para pensarmos na importância para o lugar de um líder religioso, no caso dona Maria, e de um líder político, no caso o sr. Marciano. Duas pessoas com autoridade legitimada pelos moradores, que participam ativamente da comunidade tanto nos momentos de conflito, quanto nos momentos de celebrações e ou possíveis cobranças e decisões.

Dirigimo-nos, então, para a casa do sr. Marciano, presidente da Associação, que pelo tardar da hora já deveria ter chegado da “roça”, como dizem os de lá. Fomos recebidos por ele e sua esposa, dona Beota. Expliquei aos dois sobre a minha pesquisa e ele já foi se levantando e saindo. Voltou com uma pasta vermelha, cheia de papéis. Entregou-me a pasta dizendo:

Aqui estão os documentos nossos, fala do Quilombo, das nossas lutas, aqui, pode te servir. Tira o xerox e manda de volta com a Maria que estuda lá em Ribeirão. Só entrega ela viu, pra não correr o risco de sumir. Esses papéis tem de tudo, ocê olha o que te serve tá. (sr. Marciano, morador)<sup>41</sup>.

A pasta vermelha possui grande valor para o sr. Marciano, tanto que, mesmo oferecendo-a para xerocar os papéis, pediu que eu tivesse com ela muito cuidado. O que teria ali de importante para minha pesquisa? Não demoramos muito, pois já estava anoitecendo. Ao nos acompanhar até a porta, ele fez questão de dizer que a comunidade passou por problemas na posse das terras, mas que agora já haviam resolvido tudo. Disse também que recebiam algumas verbas federais para alguns projetos. Uma dessas verbas foi usada para fazer pequenos criadouros de peixe de uso comum. Contou que a comunidade recebeu doação de computadores por parte do Banco do Brasil, que logo seriam instalados, mas, ainda faltava terminar a sede da ASPOQUI. Disse que a comunidade precisava ter acesso à internet, pois, a distância até Minas Novas era de aproximadamente 75 km.

---

<sup>41</sup> Dados da conversa informal. Pesquisa de campo realizada no Quilombo em 20/07/2010.

**Figura 42 – Espaço para funcionamento da ASPOQUI em construção**



**Fonte: Foto da autora, 2011**

As dezesseis famílias, somando um total de cinquenta e sete pessoas, sobrevivem da agricultura familiar de subsistência, do trabalho em carvoarias e plantações de eucalipto, ou na maioria das vezes, os homens se deslocam para outras regiões, como São Paulo, Mato Grosso do Sul ou Goiás, para trabalharem no corte de cana ou em outros tipos de serviços, como a construção civil. Contudo, algumas famílias ainda conseguem sobreviver com a produção de artesanato e farinha, herança dos antepassados (sr. Marciano, morador)<sup>42</sup>. Agradei pelas informações. Ele me convidou para voltar, para podermos conversar mais sobre o lugar. Apesar do espaço de tempo de apenas um dia na comunidade, consegui perceber várias características naquele local.

#### **4.1 – Primeiras notas sobre a Comunidade de Quilombo**

A comunidade de Quilombo é composta, basicamente, por dezesseis famílias que moram mais ou menos distantes umas das outras, cerca de 500 metros a 01 quilômetro. A religião de todos, segundo dona Maria, é a católica. O local possui uma igreja, a Igreja de

---

<sup>42</sup> Dados da conversa informal. Pesquisa de campo realizada no Quilombo em 20/07/2010.

Bom Jesus. De frente e a direita da igreja, fica localizada a manufatura de farinha, das vezes que estive na comunidade não tive sorte de achar alguém fazendo uso do local, no entanto, segundo dona Maria,

tudo vem dos antepassados, agente acorda de madrugada, pra dar conta do serviço todo, casca e rala a mandioca e passa na prensa, aí coloca pra escorrer de um dia pro outro e depois nós torra nesses fogões aqui... nossa farinha é gostosa demais. Agente vende muito, tem gente que manda encomendar de longe. (Dona Maria, moradora)<sup>43</sup>.

Pelo que eu pude perceber no local, ou seja, pelas características dos equipamentos, tudo é feito de forma artesanal e trabalhoso. Ainda de frente a igreja, mas do lado esquerdo, fica localizado um banheiro público, segundo sr. Vicente *“juntou todo mundo, com ajuda da prefeitura pra fazer... serve pros dias de culto, missa e festa. É pro povo de fora usar”*. (Sr. Vicente, Morador).<sup>44</sup>

É comum alguns moradores trabalharem em fazendas de eucalipto ou de café na região, outros migrarem para regiões do sul de Minas, interior de São Paulo, ou mesmo as capitais, em busca de melhores condições de trabalho e renda. Mas, mesmo com estas ocupações e ausências, os moradores que permanecem na comunidade se dedicam à agricultura familiar e criam alguns animais, como vacas, porcos e galinhas. Raphael Fernando Diniz, ao realizar um trabalho sobre a cafeicultura quilombola na região das comunidades Quilombo e Santiago, verificou que uma parte do que é cultivado e ou produzido na comunidade, como por exemplo, feijão, milho, amendoim, mandioca, farinha de mandioca, abóbora, cana, café e doces caseiros é consumida pelas próprias famílias, sendo que, uma parte, é vendida nas feiras, aos sábados, em Minas Novas ou Capelinha. Segundo ele, “o dinheiro obtido através da venda destes cultivos representa relevante significado para a renda familiar quilombola, sendo destinado a diversos fins, como gastos com compras no supermercado, roupas, calçados, energia elétrica, dentre outros”. (2010, p. 72).

Dentre as 180 comunidades quilombolas estudadas pela equipe do CEDEFES, em 2006 e 2007, em Minas Gerais, o órgão verificou que “o saneamento básico (considerando tratamento de água, captação e tratamento de esgoto e coleta de lixo) é quase inexistente nessas comunidades”, (2008, p. 55), dentre elas, a comunidade Quilombo. Esta, como pude verificar, não possui água tratada, nem rede de esgoto; a água consumida vem de pequenas nascentes e é encanada até as casas. Não existe posto de saúde, a enfermeira do distrito de

<sup>43</sup> Dados da conversa informal. Pesquisa de campo realizada no Quilombo em 27/08/2011.

<sup>44</sup> Dados da conversa informal. Pesquisa de campo realizada no Quilombo em 27/08/2011.

Ribeirão da Folha visita a comunidade uma vez por semana. Os casos mais simples são tratados por ela mesma, os mais complexos são encaminhados para a cidade de Minas Novas.

Segundo o CEDEFES, do total de 180 comunidades estudadas em Minas Gerais, alguns dados não puderam ser verificados em todas elas, assim, segundo o órgão, de 150 comunidades analisadas, apenas 76 possuíam energia elétrica em 2006. (2008, p.57). A chegada da energia elétrica no Quilombo, foi há cinco anos, e trouxe benefícios para a vida dos moradores, pois, hoje em dia todos possuem TV, antenas parabólicas e rádios, e, a maioria possui outros eletrodomésticos, como por exemplo, geladeira e liquidificador.

A comunidade recebe a transmissão do sinal das rádios FM, “Bom Sucesso” de Minas Novas, e “Aranãs” de Capelinha, além de inúmeras outras rádios AM que são ouvidas, como a Rádio Inconfidência. Uma das casas da comunidade possui uma torre de celular rural, provavelmente adquirida com o dinheiro dos cortes de cana. No entanto, é particular, de uso exclusivo daquele morador.

De acordo, José de Souza Martins, são sinais da presença do urbano no rural, segundo ele, “o urbano está no rural, de muitos modos: o rádio, o carro, a antena parabólica, o avião.” (2008, p. 150). E de acordo com Canclini, “a modernidade não é só um espaço ou um estado no qual se entre ou do qual se emigre. É uma condição que nos envolve, nas cidades e no campo, nas metrópoles e nos países subdesenvolvidos.” (1997, p. 356). Assim, pensando como os autores acima, a comunidade de Quilombo está inserida nesta modernidade, ao contrário do que algumas pessoas supõem, por ser uma comunidade quilombola, não se encontra em total isolamento.

Apesar da preservação dos costumes e tradições, se encontra em diálogo constante com a modernidade e faz uso do que é possível, desta modernidade, para continuar sobrevivendo. Usa-se, por exemplo, carros e motocicletas, mas não se abandonou o uso de carroças e animais, tanto para montaria, quanto para o transporte de cargas diversas. Usa-se o telefone celular nos altos, onde o sinal é alcançado, e naquela residência que já citamos, mas não se abandonou o uso de recados orais, ou escritos em pequenos bilhetes, e até mesmo as cartas, que são constantemente trocadas entre parentes distantes. No entanto, apesar de toda a modernidade presente na sociedade de maneira geral, a comunidade ainda luta para conseguir a instalação de um telefone público e de um posto de correio. Geralmente os moradores fornecem endereços de parentes que moram nas cidades, ou o endereço do Sindicato de Trabalhadores Rurais em Minas Novas, para que a correspondência possa ser entregue.

A comunidade não conta com nenhuma “linha” de ônibus para as cidades. Para ter acesso a estes transportes, os moradores precisam andar cerca de cinco quilômetros para

tomar o ônibus para Minas Novas e cerca de três para pegar o que vai para Capelinha. No Quilombo, como em Ribeirão da Folha, muitos moradores freqüentam mais a cidade de Capelinha do que Minas Novas, isso devido à facilidade para tomar o ônibus e também porque é mais perto de Quilombo cerca de vinte e cinco quilômetros. No entanto, nos sábados, a cada quinzena, a prefeitura manda um ônibus feirante buscar os moradores, para fazerem compras ou venderem seus produtos, como a farinha, goma e galinhas, por exemplo,

No que diz respeito à educação, a comunidade não conta com nenhuma escola. Para estudar até o nono ano os alunos são levados para a Fazenda Alagadiço, cerca de seis quilômetros de distância. É uma fazenda particular, onde possui uma escola municipal. Para cursarem o ensino médio os alunos precisam ir para Ribeirão da Folha, neste caso, à noite. A prefeitura mantém um ônibus para fazer o transporte dos alunos, no entanto, quando inicia o período de chuvas este transporte é inviabilizado. Isso acontecendo, cada um vai do jeito que pode, utilizam cavalos ou motos – este transporte é o mais comum.

Especificamente a partir de 2010 está funcionando nas dependências da igreja uma turma de alfabetização de adultos, com oito alunos. É uma turma de EJA – educação de jovens e adultos – que os moradores chamam de “mobral”<sup>45</sup> e pertence à prefeitura. A infraestrutura do local para funcionar como sala de aula é precária, não possui carteiras, os alunos utilizam os bancos da igreja para sentarem e fazerem as lições.

---

<sup>45</sup> O Movimento Brasileiro de Alfabetização - o MOBREAL foi criado pela Lei número 5.379, de 15 de dezembro de 1967, propondo a alfabetização funcional de jovens e adultos. [...]A proposta de educação era toda baseada aos interesses políticos vigentes na época. Por ter de repassar o sentimento de bom comportamento para o povo e justificar os atos da ditadura, esta instituição estendeu seus braços a uma boa parte das populações carentes, através de seus diversos Programas.[...] O MOBREAL pode ser considerado como uma instituição criada para dar suporte ao sistema de governo vigente. Como Aparelho Ideológico de Estado, como nos ensina Althusser, o MOBREAL teve uma atuação perfeita. Esteve onde deveria estar para conter qualquer ato de rebeldia de uma população que, mesmo no tempo do *milagre econômico*, vivia na mais absoluta miséria. Mas a recessão econômica a partir dos anos 80 veio inviabilizar o MOBREAL que sugava da nação altos recursos para se manter ativa. (BELLO. 2011).

**Figura 43 – Espaço para funcionamento da EJA**

**Fonte: Foto da autora, 2011**

A comunidade não possui muitas opções de lazer, os jovens geralmente se divertem em festas e outros acontecimentos em comunidades vizinhas. Sobre o cotidiano e o lazer na comunidade diz assim os jovens da pesquisa:

Trabalho muito durante a semana e a noite estudo e no final de semana gosto de curtir uma festinha, passear, assistir TV e quase todos os domingos escuto ou assisto o jogo do Atlético e pratico futebol a tarde ou a noite. (Ney, 18 anos)<sup>46</sup>

Trabalho, ajudo a minha família, venho... pra escola. Vou nos domingos ao culto rezar. Alguns dias eu vou a casa dos vizinhos, vou na casa da minha avó. (Andreлина, 19 anos)<sup>47</sup>

Estou trabalhando com madeiras de eucalipto, por não ter um outro serviço até concluir o ensino médio [...] O que mais me diverte é o futebol que jogo com os colegas aos sábados e domingos e os programas engraçados que passam na TV, os programas que mais me faz rir e esquecer um pouco tanta violência que acontece no mundo. (Renato, 20 anos)<sup>48</sup>.

Meu dia-a-dia é bom... trabalho de 06 da manha até meio dia, chego e faço os deveres da escola... cuido da beleza né! As 03 da tarde saio de casa para estudar e chego 11 da noite. Da minha casa até o ponto é meia hora de caminhada, é cansativo, mas no sábado descanso. No domingo aproveito a família e rezo no culto. (Ana Paula, 16 anos)<sup>49</sup>.

<sup>46</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada na escola em 11 nov. 2011.

<sup>47</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada na escola em 11 nov. 2011.

<sup>48</sup> Dados do memorial. Maio, 2011.

<sup>49</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada na escola em 11 nov. 2011.

Analisando os memoriais e os depoimentos, podemos concluir que todos possuem uma ocupação durante a semana, além da escola, todos trabalham. No entanto, os rapazes possuem mais opções de lazer que as moças, pois além de assistirem televisão, eles jogam bola e saem para festas em outras comunidades, enquanto o que resta para as moças é assistir televisão, visitar vizinhos e parentes, e irem à igreja, pois segundo as meninas, as famílias não permitem que elas freqüentem outras comunidades desacompanhadas, ou seja, sem alguém que as possa “vigiar”.

Em agosto a população de Quilombo celebra sua tradicional festa, a Festa de Bom Jesus, com novena, leilões, levantamento do mastro, marujada e celebração de missa quando o padre pode estar presente. Quando o padre não pode comparecer, como na festa de 2010, por exemplo, o povo reza o terço. Segundo dona Maria, antigamente a comunidade terminava a festa com um animado forró, mas neste ano de 2011, não houve tal dança.

#### **4.2 –Notas históricas sobre a Comunidade de Quilombo**

Segundo os moradores mais antigos, como d. Maria e sr. Vicente, a Comunidade Quilombo foi formada há mais de 100 anos, mas eles não sabem precisar a data. Procurei duas vezes na cidade de Capelinha pelo sr. Zé de Tiolina, que segundo d. Maria, sabe de quase toda a história da comunidade. No entanto, das duas vezes que estive em sua casa, não o encontrei. Tais tentativas expressam nosso reconhecimento pela falta de documentação ou de documentação insuficiente para conhecer a história de um lugar. E, ainda, por valorizar a fonte oral, dado que na realidade pesquisada a oralidade é uma das principais modalidades que permitem a transmissão da memória e da história de geração em geração.

Sem conseguir muitos dados com os antigos moradores da Comunidade analisei, então, a documentação da “pasta vermelha”, entregue a mim pelo presidente da associação, em minha primeira visita ao Quilombo e encontrei a seguinte descrição sobre a comunidade:

Esta comunidade foi fundada a mais de 100 anos e tem este nome em virtude de ter sido começada por escravos que se deslocaram da sede/Minas Novas, para algumas comunidades rurais mais distantes como é o caso de nossa comunidade, formando assim no município de Minas Novas algumas comunidades hoje remanescentes de quilombos. [...].

Preservamos ligação muito forte com nossas raízes históricas, mantendo nossas tradições culturais, através de danças folclóricas, da religiosidade popular, utilizamos a medicina caseira, as comidas típicas que foi e nos é passada pelos nossos ancestrais e pessoas mais velhas da comunidade. (ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DO QUILOMBO, 2005).

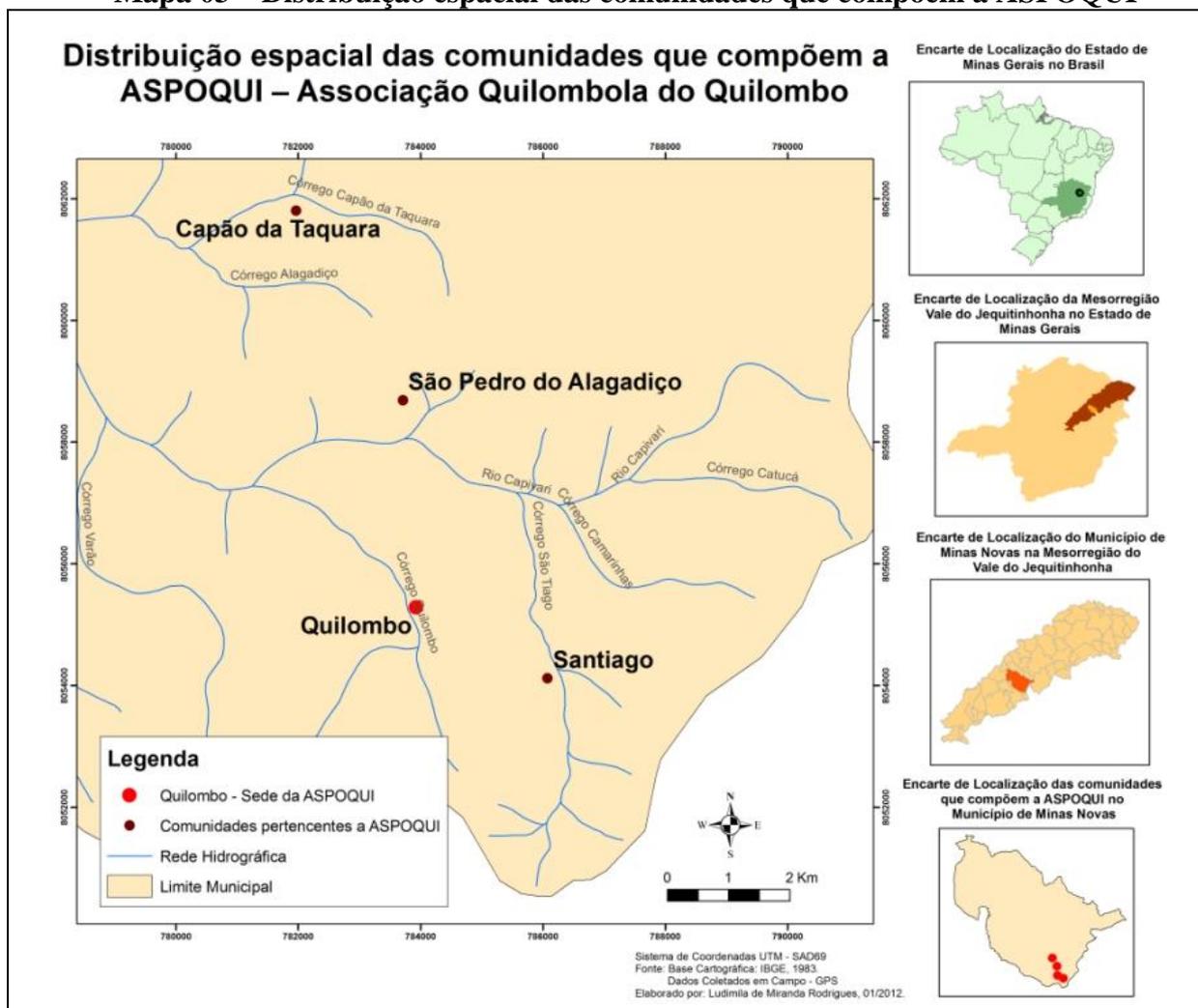
Apesar de muito curto, o texto diz o suficiente da comunidade, tendo em conta que é uma produção da própria comunidade, representada pela ASPOQUI – Associação Quilombola de Quilombo, enviado para a FCP pedindo o auto-reconhecimento como comunidade remanescente de quilombo. A certidão de auto-reconhecimento foi emitida pela FCP através da portaria nº 44 de 30 de novembro de 2005, registrada no livro nº 05, registro 421, folha 29 e publicada no Diário Oficial da União no dia 06 de dezembro de 2005. (DOU, 2005).

A ASPOQUI foi constituída como associação legal, em outubro de 1996, fazendo parte dela as seguintes comunidades: São Pedro do Alagadiço, Santiago e Capão da Taquara. Assim, muitas vezes, quando a comunidade consegue algum benefício, como, por exemplo, verbas para fazer criadouros de peixe, verbas para projetos de geração de rendas, seja através de incentivos para a agricultura familiar ou em investimentos na confecção de bijuterias ou artesanato em cerâmica, a associação é quem decide em qual dessas comunidades tal projeto será executado. Para facilitar o entendimento do leitor mapeamos a ASPOQUI e as comunidades que dela fazem parte.

A sede da ASPOQUI ainda está por terminar. Em minha primeira visita à comunidade, em julho de 2010, as paredes já haviam sido levantadas, o telhado coberto e as portas e janelas colocadas, faltavam os acabamentos. No entanto, em minha última visita à comunidade antes de concluir esta dissertação, dezembro de 2011, a sede da associação ainda aguardava por estas obras. Segundo o atual presidente da associação sr. Fabiano, a quantia paga pelos sócios, R\$2,00 reais mensais, é insuficiente para terminar a obra. Segundo ele um pedido de ajuda foi enviado à prefeitura municipal de Minas Novas, solicitando a doação de materiais, tais como, cimento, argamassa, piso e forro de PVC. A comunidade tem pressa em terminar a sede, pois, recebeu em 2009 uma doação de seis computadores do Banco do Brasil para a instalação de um Tele Centro Comunitário. E os computadores estão amontoados na casa de um dos moradores aguardando o término da construção.

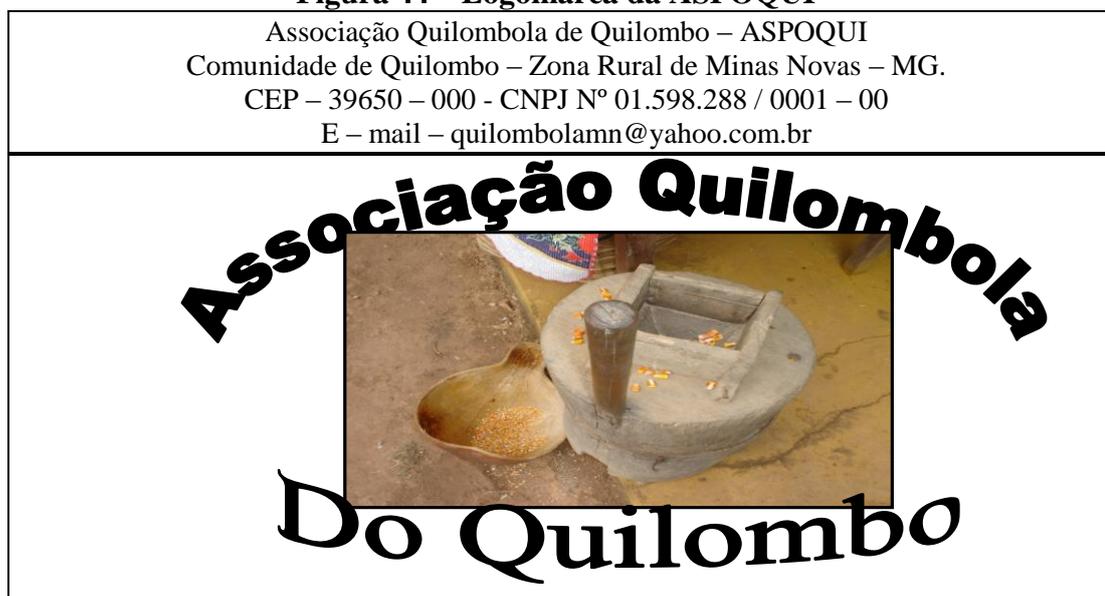
A associação possui endereço eletrônico para correspondência, no entanto, apenas um dos associados é que acessa tal endereço nas idas à Capelinha ou Minas Novas. Segundo o presidente da associação a falta de internet no lugar causa muitos transtornos, pois as notícias sobre o Movimento Quilombola ou sobre projetos que possam beneficiar a comunidade, sempre chegam com atraso, impossibilitando que tais benefícios atinjam os moradores. A associação além de possuir um CNPJ próprio, criou também uma logomarca para se diferenciar das demais comunidades quilombolas de Minas Novas.

**Mapa 03 – Distribuição espacial das comunidades que compõem a ASPOQUI**



Fonte: Elaborado por Ludimila de Miranda Rodrigues, 2012.

**Figura 44 – Logomarca da ASPOQUI**



Fonte: Associação Quilombola do Quilombo, 2011

### 4.3 – Mais uma visita ao Quilombo

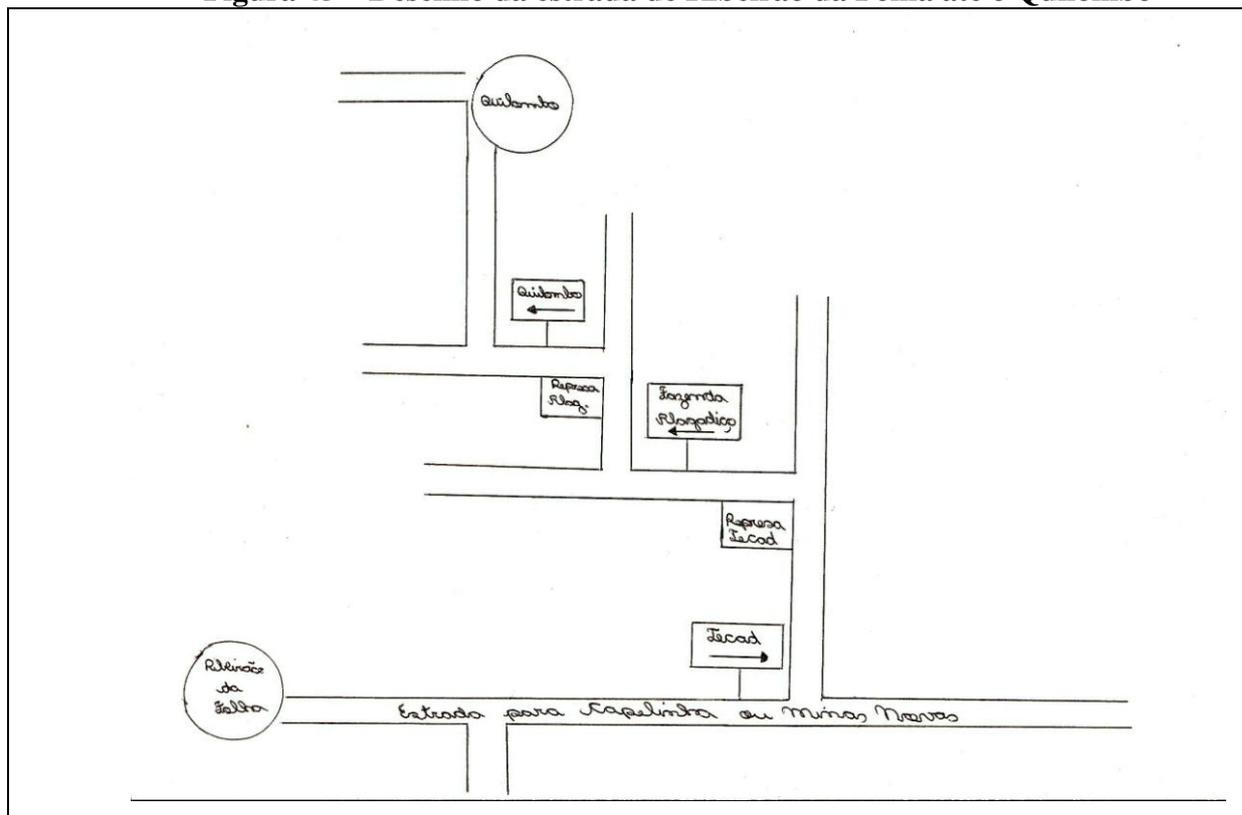
No sábado, dia 27 de agosto de 2011 fui mais uma vez para a Comunidade Quilombo. Desta vez fui para participar da Festa de Bom Jesus, que aconteceria no dia seguinte. Esta é a festa principal da comunidade. Ela acontece todos os anos contando com a participação dos moradores e também das comunidades vizinhas ou mais distantes.

Desta vez meu meio de transporte não foi uma motocicleta como das outras vezes. Isso porque eu iria dormir no local e nenhum colega ou conhecido se dispôs a dormir na comunidade. Assim, resolvi eu mesma ir dirigindo. Levei comigo minha mãe, que já era conhecida dos moradores e dos jovens da comunidade, pois, ela é quem cuida da Igreja Católica e dos Cultos em Ribeirão da Folha, de forma que, participa de quase todas as celebrações religiosas mais importantes nas comunidades vizinhas. Desta forma, ela também serviu como meu “Doc” na festa, bem como de outras atividades durante os meses de pesquisa, facilitando a aproximação com os moradores do Quilombo.

Apesar das constantes idas à comunidade, eu não sabia direito o caminho. São muitas encruzilhadas no meio das plantações de eucalipto e das outras vezes que estive lá, eu não me preocupei em memorizá-lo, pois sempre havia comigo alguém que o conhecia. Pedimos então a alguns alunos, entre eles um dos sujeitos dessa pesquisa, Ney, que nos explicasse o caminho. Eles fizeram melhor. Desenharam para nós o caminho, um mapa. Um trajeto mais longo, porém mais fácil, segundo eles. A distância percorrida por nós foi de aproximadamente 50 quilômetros. Saímos de Ribeirão da Folha logo após o almoço pela estrada que vai para as cidades, Minas Novas ou Capelinha, após cerca de 25 quilômetros feitos, entramos à esquerda para a Fazenda Tecad. Dentro desta fazenda foram aproximadamente mais 15 quilômetros de estrada. Após uma represa, como os alunos nos ensinaram, entramos à esquerda e chegamos à outra fazenda, a Fazenda Alagadiço. Descemos pela fazenda e após outra represa, entramos a esquerda novamente, subindo rio acima e depois entramos na primeira estrada à direita, andamos aproximadamente uns 10 quilômetros. Feito este trajeto avistamos as primeiras casas do Quilombo.

Não foi difícil, foi só seguir as referências do mapa esboçado pelos alunos alguns dias antes. Como o pequeno esboço feito em uma “venda”, em papel de jornal, estava todo amassado, reproduzi juntamente com os alunos o mapa que nos guiou do distrito de Ribeirão da Folha até a comunidade Quilombo.

**Figura 45 – Desenho da estrada de Ribeirão da Folha até o Quilombo**



Fonte: Elaborado por Ney, Léo e pela autora, 2011

Ao chegarmos ao Quilombo, paramos primeiramente na casa do sr. Marciano, agora na condição de ex-presidente da Associação Comunitária. Fomos recepcionadas por cerca de uns 10 cães de raças por mim não identificadas. Apesar de ficarem alvoroçados e latindo muito, eles não oferecem riscos de acidentes, segundo o dono da casa. Ao se aproximarem dos visitantes eles param de latir e começam a cheirar, demonstrando que são bem dóceis. Marciano veio nos receber na porta da sala. Cumprimentou-nos e nos levou para uma cozinha que foi construída no quintal. Sua esposa nos abraçou e deu a nós, boas vindas à comunidade.

Como sempre, o fogo no fogão à lenha aquecia todo o ambiente. Nele uma chaleira de água fervendo. Parecia estar ali esperando por visitas. Digo isso devido ao fato, de ser um costume na região, que os visitantes sejam recepcionados com um café feito na hora. A água já estando quente, é só colocar a rapadura ou o açúcar, dependendo da casa, e coá-lo. Digo dependendo da casa porque em algumas que visitei, tanto no Quilombo, quanto em Ribeirão da Folha, também é usada a rapadura para adoçar o café, e em três eles utilizaram o caldo da cana para fazê-lo, nestes casos, não precisou adoçar. No nosso caso foi assim. Dona Beota, apenas colocou açúcar, e, rapidamente o café estava pronto. O café foi servido acompanhado de requeijão, biscoito e bolo. Ela nos disse que havia preparado tudo naquela manhã. Muitas

peças estavam por chegar para participarem da festa, assim, ela não podia estar desprevenida.

Conversamos sobre os preparativos para a festa da comunidade. Dissemos a ela que chegamos um dia antes para podermos ajudar no que fosse preciso. Ela nos agradeceu, nos chamou até um canto da cozinha e nos mostrou dois enormes potes de plástico com doce de fava<sup>50</sup> para ser servido após o almoço para os visitantes. Disse que tinha trabalhado bastante, preparado a casa, comidas, quitandas. Tudo para recepcionar os visitantes. Disse ainda que nas outras casas da comunidade o movimento era o mesmo. Todos haviam se preparado para receber os visitantes, amigos e familiares que retornam no dia da festa.

Após 1h00min, seguimos para a casa de dona Maria, líder espiritual e a principal festeira da comunidade. Ao passarmos pela estrada, do lado de cima da casa, já conseguimos visualizar o movimento de pessoas no quintal. Ela veio nos receber na porta da sala. Disse-nos que esperava por nossa chegada na sexta-feira, segundo informações dos meninos, Ney, Renato, Andrelina e Ana Paula. Expliquei a ela que não achei ninguém disponível para viajar comigo, assim, tive que esperar até o sábado para que minha mãe pudesse me acompanhar. Convidou-nos para entrar e disse que não reparássemos a bagunça, pois, estava se dedicando apenas aos preparativos da festa.

Contou-nos em tom de tristeza que sua filha havia ido trabalhar como doméstica na cidade de Lagoa Santa, na região metropolitana de Belo Horizonte, onde dois irmãos já habitavam, e, que agora ela teria de cuidar de todos os serviços da casa e também da produção de farinha e goma. De acordo com Durham, “as moças raramente migram se não contam com parentes estabelecidos no destino”, assim, seguem “as rotas” deixadas por irmãos, parentes, amigos, vizinhos ou conhecidos. (1984, p.132-137).

Ao estudar comunidades quilombolas nos municípios de Minas Novas e Chapada do Norte, Raphael Diniz e Maria Aparecida Tubaldini observaram que o êxodo de mulheres destas regiões tem aumentado nos últimos anos, segundo eles

tal fenômeno é resultante do expressivo corte na oferta de emprego aos homens na colheita de cana em São Paulo, o que implica na queda dos rendimentos do núcleo familiar e no agravamento do quadro econômico dos camponeses quilombolas” (2011, p. 137).

---

<sup>50</sup> É um grão parecido com feijão, porém maior. Sua vagem é de cor verde e casca grossa quando não está madura e a fava verde-claro. Quando madura e seca a vagem torna-se preta e a fava castanha. Tem um sabor parecido com ervilha, porém mais forte. É usado na região para fazer doce ou substituir o feijão.

Os autores explicam que esta diminuição no número de trabalhadores nos cortes de cana é devido à aprovação da Lei 11.241, de 19/09/2002, “que dispõe sobre a eliminação gradativa da queima da palha da cana-de-açúcar. Sem a queima, os grandes produtores de cana são obrigados a substituir o corte manual pelo uso de máquinas” (2011, p. 137)<sup>51</sup>. O certo é que, seja devido à diminuição do êxodo de homens para São Paulo, ou seguindo as rotas deixadas por outros, o número de mulheres que emigram para trabalhar como empregadas domésticas em outras regiões têm aumentado em Ribeirão da Folha e comunidades vizinhas, dentre elas a comunidade Quilombo.

Ao entrarmos na sala, percebi que o quarto que tinha sua porta localizada nesse espaço, estava cheio de quitandas. Ao perceber que havíamos reparado no quarto ela abriu a porta, que já estava entreaberta, e disse-nos que muitas pessoas já haviam entregado seus leilões para Bom Jesus, mas que, muito do que estava ali, principalmente biscoitos, ela quem havia preparado. Convidou-nos para o quintal, ao passarmos pela copa notei que havia algumas quitandas servidas em pratos esmaltados e algumas garrafas de café, como se alguém tivesse acabado de lanchar.

Ao adentrar pela casa e chegar à cozinha senti um cheiro forte de sangue, alho, pimenta, coentro. Ali estava guardada uma parte do sangue de um porco que havia sido morto para ser servido nas festividades. É muito comum a utilização do sangue para fazer mussela: temperam o sangue e enchem as tripas com ele, após isso, cozinham. A mussela geralmente é servida frita. O fogo do fogão à lenha estava aceso, no alto do fogão estavam penduradas, em uma vara, algumas tripas de porco para poder secar. Tripas de porco, quando frescas, são utilizadas para a confecção de lingüiças e musselas, quando secas podem ser fritas ou cozidas com arroz ou algum tipo de raiz, como a batata-doce, por exemplo. Esses tipos de alimentos são bem comuns na região. Na cozinha havia algumas mulheres preparando um prato que também é comum na região e muito saboroso: bucho de porco recheado com miúdos, como fígado e rins.

---

<sup>51</sup> Para mais informações, consultar: <http://www.al.sp.gov.br/legislacao/norma.do?id=217> (DINIZ; TUBALDINI. 2011, p. 137).

**Figura 46 – Quarto dos leilões**



Fonte: Foto da autora, 2011

**Figura 47 – Bucho de porco recheado**



Fonte: Foto da autora, 2011

A maioria das mulheres que estava ali já era conhecida da minha mãe, dessa forma o entrosamento com as mesmas foi facilitado. Uma delas ao cumprimentar-me disse que morava na Comunidade de Trovoadas, lugar próximo ao Quilombo. Disse-me que há alguns anos ela havia tido filhos gêmeos, sendo que toda vez que se encontrava com minha mãe, ela se lembrava de um deles, que havia morrido afogado num córrego próximo à sua casa, com menos de dois anos de idade. Perguntei a ela qual o envolvimento de minha mãe neste fato lamentável, ela respondeu-me que quando os gêmeos nasceram ela não tinha roupas para vesti-los e que minha mãe foi quem conseguiu arrecadar as roupas que os dois usaram e que algumas ela ainda guardava como lembrança. Essas formas de ajuda são comuns nas comunidades rurais. De acordo com Eunice Durhan, “os laços de solidariedade que unem os membros da comunidade entre si, são os mesmos que unem membros de comunidades diferentes” (1984, p. 78).

O sol estava muito forte naquela tarde, o calor do fogo e aquele cheiro forte de carne, sangue e temperos me deixaram um pouco tonta. Então procurei um lugar mais arejado, o quintal. Ali estavam mais mulheres, algumas em volta de uma bacia de carne de boi cortando-a em pedaços, para preparar a farofa do dia seguinte. Outras estavam cozinhando partes do porco, que seriam assadas para serem leiloadas. E mais outras estavam limpando e passando água fervendo em vários frangos que também seriam para o leilão.

**Figura 48 – Mulheres picando carne de boi**



Fonte: Foto da autora, 2011

**Figura 49 – Cozimento de frangos para o leilão**

Fonte: Foto da autora, 2011

No quintal, entre as mulheres que ali estavam, reconheci uma aluna do terceiro ano e uma professora da Escola Estadual de Ribeirão da Folha. As duas moram na Fazenda Alagadiço e estavam ali para ajudarem dona Maria nos preparativos da festa. A aluna é da sala de Ney e frequenta a comunidade. A professora é da cidade de Curvelo, mas mudou-se para Ribeirão da Folha em 2006, ao tomar posse no concurso da Secretaria de Estado de Educação. Em Ribeirão conheceu um rapaz da Comunidade de Santiago e com ele casou-se. Como ambas as comunidades, tanto Alagadiço, quanto Santiago ficam próximas ao Quilombo, ela mantém laços de amizade com os moradores, principalmente com os alunos, e, em ocasiões como esta sempre aparece para poder colaborar.

Dona Maria logo nos chamou para tomar café. Agradecemos a gentileza, mas recusamos o café, pois, havíamos acabado de tomar na casa do Senhor Marciano. Procuramos de alguma forma contribuir para os preparativos da Festa de Bom Jesus. Minha mãe foi ajudar as mulheres a picarem a carne e eu fui ajudar a arrumar os leilões que estavam guardados no quarto já descrito anteriormente. Fui amarrar com papel celofane colorido algumas quitandas, como biscoitos, roscas, rosquinhas, doces de sabores variados, além de muitos litros de licores e cachaça.

De vez em quando eu ia até o quintal para observar o movimento das mulheres e sobre o que conversavam. Elas discutiam sobre o tempo de cozimento das carnes, se o tempero

estava suficiente ou não, sobre a quantidade de pessoas que estava sendo aguardada, sobre parentes distantes que já haviam chegado e outros que ainda estavam por chegar. De todos os assuntos, o mais discutido por elas foi sobre a missa que seria celebrada no dia seguinte. O padre não seria da paróquia de Minas Novas, segundo dona Maria quando foi até esta cidade para pedir a um dos padres para realizar a celebração da festa, nenhum dos dois estava disponível, pois já haviam marcado celebrações em outras comunidades do município e não poderiam cancelar.

Com o desejo de que houvesse celebração eucarística na comunidade, e, aconselhada por minha mãe, dona Maria foi então até a cidade de Capelinha e convidou o Cônego Ricardo para participar da Festa de Bom Jesus e fazer a celebração, explicando a ele que nenhum dos padres de Minas Novas estava disponível. Segundo Tosta,

A missa é uma cerimônia litúrgica baseada em um texto, dotado de partes fixas com destaque para a consagração da eucaristia, que representa o momento mais elevado do rito, na medida em que reatualiza o sacrifício e a ressurreição de Cristo e a promessa de salvação para os que acreditam nesse mistério. (1997, p. 104).

No Quilombo, a missa seria o momento mais esperado por todos, mais importante, mais sublime da Festa de Bom de Jesus. Momento do reencontro entre os fiéis e a eucaristia, lembrando a morte e ressurreição de Cristo, bem como lembrando aos crentes que eles iriam, um dia, alcançar a salvação. Por isto a preocupação de dona Maria em conseguir um padre para realizar a celebração. Neste caso, o “famoso”<sup>52</sup> Cônego Ricardo, que aceitou prontamente o convite.

As mulheres falavam sobre sua celebração, algumas já haviam participado de missas celebradas por ele, outras já haviam participado de batizados ou casamentos. O certo era que, a presença do Cônego estava agitando os moradores, principalmente porque é muito difícil haver celebração de missas na comunidade. Dona Maria pediu a mim e minha mãe que “tomássemos conta dele”, ela estava se referindo ao padre. Pediu-nos que, quando o sacerdote chegasse à comunidade, que nós o recepcionássemos e que o acompanhássemos até a igreja, para que ele pudesse decidir onde seria a celebração, uma vez que o espaço interno da mesma é muito pequeno para a quantidade de pessoas esperadas.

No que diz respeito aos preparativos da festa, a ajuda não foi somente das mulheres. Dona Maria contou também com o apoio de alguns homens: seu esposo, seu filho e de um dos

---

<sup>52</sup> Uma das mulheres se referiu assim, ao Cônego. Ele é conhecido em toda a região. As pessoas elogiam suas missas pois, as mesmas são acompanhadas de instrumentos musicais, e muitas músicas. Além disso, utiliza uma linguagem simples em suas pregações o que faz com que o povo, principalmente das zonas rurais, se identifiquem com ele.

sujeitos dessa pesquisa, Ney. Eles ajudavam nos serviços mais pesados, como a cobertura das fomalhas com folhas de palmeiras para evitar sol forte e vento nas mulheres que preparam as comidas. Dona Maria disse-me que todos da comunidade colaboram, no entanto, dos jovens, Ney é um dos que mais contribuem. “*Ajuda em tudo que pode. É só gritá que ele vem!*”.(Dona Maria, moradora).<sup>53</sup> Sobre esse auxílio à comunidade, diz Ney em seu memorial:

Aqui na comunidade [...] tem uma festa religiosa que é feita em agosto, tem vários tipos de trabalho, trabalho comunitário, trabalho vizinho e entre outros... gostam muito de fazer suas orações, reunidos ou cada um em sua casa com sua família, gosto de compartilhar com os vizinhos, nos trabalhos comunitários entre outros. (Ney, 18 anos).<sup>54</sup>

Passado certo tempo de nossa chegada na casa de dona Maria, Ney também apareceu por lá, foi nos cumprimentar e ver se a festeira precisava de alguma ajuda. Disse-nos que estava preocupado, pois pensou que estávamos perdidas. Reclamou devido a nossa demora em chegar, “*deveriam ter vindo mais cedo*”,<sup>55</sup> disse ele. Expliquei a ele que viemos devagar e que já estávamos a algum tempo na comunidade, havíamos passado na casa do sr. Marciano. Ele nos disse que precisava ir até a Comunidade de Santiago, mas que logo voltaria e nos convidou para ir até sua casa a noite.

Ao terminar de preparar as carnes de boi e porco, d. Maria com a ajuda das outras mulheres, temperou todos os frangos. Ela nos disse que quando as carnes, inclusive as de frango, permanecem por mais tempo no tempero, elas ficam mais saborosas. Além do que, no dia seguinte teriam o trabalho apenas de assá-los. Com todo o serviço adiantado, já de noite, fomos então fazer uma visita ao Ney e sua família.

#### 4.4 – Noite de visita informal

Já era noite, estava escuro. Como a rua do Quilombo não possui iluminação pública, precisamos utilizar uma lanterna para podermos chegar até a casa de Ney. Eu já sabia dessa dificuldade dos moradores, por isso, levei na minha bagagem uma lanterna. Geralmente os moradores utilizam um lampião a querosene quando precisam se deslocar durante a noite, no entanto, alguns também utilizam lanternas. Ney e sua família moram há uns quatrocentos

<sup>53</sup> Dados da conversa informal. Pesquisa de campo realizada no Quilombo em 27/08/2011.

<sup>54</sup> Dados do memorial. Maio, 2011.

<sup>55</sup> Dados da conversa informal. Pesquisa de campo realizada no Quilombo em 27/08/2011.

metros de distância da casa de dona Maria. Ao chegarmos a sua casa, percebemos que havia um fogão à lenha aceso no quintal, e uma panela grande no fogo, no entanto não consegui visualizar o que estava dentro dela. Gritamos da estrada, ficamos com medo de haver cachorros. Sua mãe saiu ao terreiro e nos convidou para entrar. Fomos recepcionadas também por sua irmã, aluna do 9º ano na Fazenda Alagadiço.

Ao entrarmos nos apresentamos e perguntamos por Ney, nesse exato momento ele entrou na casa. Disse-nos que tardou em chegar, pois resolveu jogar bola. A casa é bem modesta, pareceu-me uma construção nova, ainda por terminar. Digo isso devido ao fato da madeira do telhado estar bem limpa. Utilizaram eucalipto, que quando novo apresenta uma tonalidade bem clara, ao permanecer muito tempo no telhado ele escurece. O espaço onde fomos recebidas era utilizado como sala e cozinha. Nele, de um lado estava um fogão a gás, uma geladeira e um pequeno armário. Do outro lado estava um sofá, de frente o sofá estava uma estante com televisão, alguns porta-retratos e outros pequenos enfeites.

Neste espaço onde estávamos, havia três portas com cortinas de pano, pareceu-me ser os quartos. Percebi que a casa não possui banheiro, pois uma das mulheres que nos acompanhava ao pedir para usá-lo, foi levada para fora da casa pela irmã de Ney. Havia uma privada construída no quintal. Esse tipo de banheiro é bem comum na comunidade, quase todas as casas que visitei durante os meses de pesquisa possuem um. Alguns o chamam de fossa, outros dizem privada ou banheiro mesmo. Outro aspecto que pude notar nos meses de pesquisa é que poucas casas possuem chuveiro elétrico ou à serpentina<sup>56</sup>. Na casa de Ney, como também na de d. Maria, por exemplo, não existe chuveiro. Eles precisam esquentar a água em panelas ou caldeirões e, colocá-la em um recipiente, geralmente em um balde, que é levado até um espaço próprio para que a pessoa possa se banhar. Como Ney estava chegando de outra comunidade, imaginei então que, o que estava naquele caldeirão no fogão à lenha ao entrarmos, deveria ser água para tomarem banho.

Perguntei à d. Olímpia quantos filhos ela possuía. Ela respondeu-me que eram três. E, que, sua filha mais velha foi morar na cidade, pois, no Quilombo as opções de emprego para mulheres são poucas. Disse-nos que Ney era o único filho homem, que tanto ele como sua irmã mais nova, não podiam ter um serviço de carteira assinada nas fazendas por causa da escola. Com essa fala ela demonstrou ter preocupação com a educação dos filhos. Foi possível observar que alguns pais, de algumas comunidades que visitei, preferem que os filhos

---

<sup>56</sup> Um tipo de banheiro onde a água é aquecida através de canos de ferro que são instalados dentro dos fogões a lenha. Estes canos conduzem a água até uma caixa que fica, geralmente, próxima ao banheiro. É bem comum na região de Minas Novas, principalmente nas zonas rurais, onde existe lenha em abundância para aquecer a água.

trabalhem para ajudar em casa, em lugar de estudar. No Quilombo é o contrário, os pais preferem que os filhos estudem ao invés de trabalharem.

Dona Olímpia nos disse que praticamente criou os filhos sozinha, pois separou-se de seu marido há uns seis anos. Segundo ela, o ex-marido mora na comunidade de Santiago e convive bem com os filhos.<sup>57</sup> Ela trabalha nas fazendas da região, na capina ou na colheita do café. Mas, mesmo com o trabalho árduo, prefere que seus filhos estudem para que possam ter um destino diferente do dela.

Dona Olímpia nos ofereceu café e suco, no entanto, como já estava ficando tarde, não aceitamos, pois d. Maria estava nos esperando para o jantar. Agradecemos pela hospitalidade. Eles nos acompanharam até a estrada escura, por onde seguimos com auxílio da lanterna.

#### **4.5 – Jantar, banho de balde e sono...**

Ao chegarmos à casa de d. Maria o jantar já estava pronto. Arroz, feijão, peçoço e pé de frango ensopados, salada de repolho e tomate. As panelas estavam no fogão à lenha. E os pratos brancos esmaltados e os talheres estavam próximos às panelas. Como bons anfitriões estavam nos esperando para jantar. Ronaldo, filho de dona Maria, serviu-se primeiro. Disse-nos assim: *“vou puxar a fila pro cês não ficar com vergonha.”* (Ronaldo, morador).<sup>58</sup> Após ele se servir, nos servimos também, já estávamos com fome e também cansadas.

Quando estávamos jantando Ney chegou até a casa e foi logo entrando para a cozinha. Os donos da casa ofereceram a ele, e ele respondeu que havia acabado de jantar em sua casa. Após o jantar as mulheres se reuniram para lavar as vasilhas. Outras, inclusive, minha mãe, foram cozinhar carnes para facilitar o serviço do dia seguinte. Reunimo-nos todos no quintal, ficamos até tarde conversando e como o tempo no Quilombo é bem frio à noite, aproveitamos o fogo das fornalhas para nos aquecer.

Conversamos sobre as festas antigas, os moradores que já morreram, os que se mudaram em busca de tratamento médico, como por exemplo, o sr. Zé de Tiolina, pai de Marciano, que teve de se mudar para Capelinha, lugar com mais conforto para os cuidados com a saúde. É importante destacar como as relações de parentesco norteiam as identidades das pessoas em comunidades rurais. É comum se referirem a alguém, incluído no seu nome, o nome do pai, ou da mãe, ou do esposo, exemplo, “Zé de Tiolina”, “Maria de Vicente”,

---

<sup>57</sup> Dados da conversa informal. Pesquisa de campo realizada no Quilombo em 27/08/2011.

<sup>58</sup> Dados da conversa informal. Pesquisa de campo realizada no Quilombo em 27/08/2011.

“Fátima de Coelho”, “Lia de Antônio José”. Sobre a importância das relações de parentesco, diz Eunice Durhan:

Essas relações se apresentam como extensão da solidariedade do grupo doméstico [...] e se manifestam através de obrigações amplas, mas não bem definidas, de ajuda mútua e de amparo em qualquer situação de crise. [...] estabelece um círculo de relações pessoais preferenciais (reais ou potenciais), que é mobilizado conforme as necessidades e interesses dos indivíduos. A concretização dessas relações potenciais depende assim da proximidade física, da simpatia e afinidade entre as pessoas, e das possibilidades e necessidades econômicas de cada um num momento determinado. (1984, p. 71-72)

Ainda segundo a autora, as relações de parentesco e compadrio vão além do grupo local, podendo se estender para outros lugares, facilitando a “mobilidade de um grupo para outro”. Assim, a família, como também os parentes e vizinhos, podem ser considerados como núcleos de apoio aos indivíduos em comunidades rurais. Esse apoio, auxílio, como disse a autora, depende de fatores como a afinidade, a proximidade, a possibilidade e a necessidade do indivíduo. No Quilombo, notamos esse auxílio nos preparativos para a Festa de Bom Jesus da Lapa, pois, o evento uniu parentes e vizinhos, que, trabalhando juntos, em “mutirão”, conseguiram organizar e realizar a Festa. Segundo Eunice Durhan, o mutirão é uma das poucas ações coletivas nas comunidades, e essa atividade acontece principalmente, para organizar eventos lúdicos e religiosos (1984, p. 77-78). Dona Maria pediu-me então, que procurasse o sr. Zé de Tiolina, pai de Marciano, para saber mais sobre a história do lugar, pois, segundo ela, ele sabe contar a história da comunidade. *Tá velho mais tem cabeça mió que a minha*”. (Dona Maria, moradora).<sup>59</sup>

Com o tardar da hora, algumas mulheres que moravam perto foram embora, outras, que vieram de comunidades vizinhas, foram se recolhendo. Ney também foi embora e disse-nos que voltava no dia seguinte bem cedo para ajudar-nos no que fosse preciso. Dona Maria quis esquentar água para que pudéssemos tomar banho, mas, já havíamos tomado banho antes de sair de casa. Estávamos um pouco empoeiradas, e, também suadas, mas, a possibilidade de tirar a roupa com aquele frio, para tomar banho de balde nos assustou. Preferimos dormir sem outro banho. Além do que, daríamos à dona Maria o trabalho de colocar água para esquentar, e, ela já estava como pudemos perceber, cansada de todo o trabalho e preparativos para a festa.

---

<sup>59</sup> Dados da conversa informal. Pesquisa de campo realizada no Quilombo em 27/08/2011.

Dona Maria, que já estava preparando as acomodações para que pudéssemos dormir, perguntou-nos se nos importávamos de dormir na sala, pois os quartos já estavam ocupados. Respondemos que não teria problema nenhum, que estava bom em qualquer lugar. Ao chegarmos à sala, ela estava colocando para nós, um colchão de casal. Disse-nos que ele fica guardado para as ocasiões em que recebe muitos visitantes, como a época da festa, por exemplo. Colocou roupas de cama e cobertores que nos pareceu novos. Disse-nos que o banheiro da comunidade que fica localizado na porta da sala estava aberto, que se precisássemos podíamos usá-lo. Agradecemos e dissemos a ela que não precisava se preocupar conosco. Estávamos muito cansadas e logo estaríamos dormindo.

A noite passou depressa. Por volta das cinco horas da manhã todos acordamos. Havia chegado um grupo de mulheres para terminar de preparar as comidas. Elas chegaram cantando e rezando. Seu Vicente soltou os primeiros fogos para anunciar que a festa estava se iniciando.

#### **4. 6 – A Festa de Bom Jesus da Lapa no Quilombo**

Ao conversar com os moradores sobre quando começaram a festejar Bom Jesus na comunidade, a maioria respondeu que não sabia a data precisa. Alguns deles dizem que é uma tradição que veio com os primeiros habitantes da região. Outros moradores, como por exemplo, sr. Vicente, d. Maria e d. Beota, disseram que antigamente as festas eram mais animadas, existiam momentos de rezar e outros para festejar, inclusive com a distribuição de quentão e um animado forró. Mas, segundo eles, muitas pessoas se mudaram em busca de melhores condições de vida, e, os que permanecem na comunidade não possuem “*a animação dos antigos*”, de acordo com as palavras de sr. Vicente.<sup>60</sup> Porém, mesmo assim, todos os anos, no mês de agosto o Quilombo faz a festa em homenagem ao Senhor Bom Jesus, procurando manter os costumes dos primeiros que iniciaram o costume de festejá-lo.

Para Julita Scarano, estudiosa do assunto, o costume de festejar santos de devoção, como por exemplo, Nossa Senhora do Rosário, veio para Minas Gerais com as primeiras confrarias religiosas, no início do século XVIII. Segundo ela essas festas, “consistiam em cerimônias religiosas, missas com comunhão e em outras funções, tais como danças, cânticos e ‘comilanças’” (1978, p. 150). A partir daí, este costume se espalhou, outros santos passaram a ser festejados, tanto pelos homens livres como também pelos negros escravizados. Em Minas Novas, como já dissemos, ainda hoje é tradição a celebração em homenagem a Nossa

---

<sup>60</sup> Dados da conversa informal. Pesquisa de campo realizada no Quilombo em 27/08/2011.

Senhora do Rosário, como também é tradição em várias comunidades rurais, festas em homenagem a santos de devoção, como por exemplo, Festa de Bom Jesus de Ribeirão da Folha, que acontece todos os anos no mês de setembro e Festa de Bom Jesus do Quilombo, que acontece todos os anos no mês de agosto.

Para compreendermos a religiosidade presente nestas manifestações de fé proferida nas festas em homenagem aos santos de devoção, e, que ainda hoje são celebradas nas comunidades negras, também chamadas de remanescentes de quilombo, devemos entender como essas comemorações aconteciam no período da escravidão. Segundo Eduardo Hoornaert, citado por Boschi, essas manifestações serviam como

espaço de liberdade numa vida de escravidão, (na qual) o escravo tem que trabalhar para o senhor, mas dança para si. [...] a religião se realiza depois do trabalho, à margem do trabalho, como um intervalo no meio do trabalho, um respirar livre no meio da opressão. Daí o caráter essencialmente passageiro da festa brasileira: a sabedoria popular sabe que o melhor da festa é que ela “existe”, apesar de tudo... a festa, com toda a sua exuberância, paradoxalmente revela até que ponto o cativo é desumano e finalmente insuportável. Por isso ela deve ser entendida como sinal e presságio de libertação (1986, p. 60).

Naqueles dias festivos, “passageiros”, o escravo era livre, o negro ou a negra podiam ser reis ou rainhas. Tudo ao som de tambores, cantos e danças. As festas de devoção realmente devem ser entendidas como momentos de “libertação”. Era a principal ocasião para os escravos se encontrarem, quando podiam, através dos ritos, lembrarem de uma África longínqua, onde os que não conheceram a terra natal de seus pais e avós assimilavam as práticas, os costumes e tradições que jamais foram esquecidos, ao contrário, foram reinventados mesclando características sincréticas aos ritos religiosos.

Segundo Pereira, (2004, p. 37), estudioso de sincretismo religioso, o ritual de oferendas deixa evidenciar as características mais sincréticas do catolicismo popular. Nesse contexto, existe um costume estabelecendo trocas entre os fiéis e os santos. Aqueles fazem promessas aos santos pedindo curas de doenças, bênçãos para familiares ou outros pedidos e estes recebem em troca, quando o pedido é atendido, rezas, orações, novenas e festas em sua homenagem. Segundo Pierre Bourdieu, esses gestos de trocas entre o fiel e o santo podem ser classificados como “trocas simbólicas”, e são bem comuns no catolicismo popular e em religiões africanas e afro-brasileiras (1992, p. 111). Na Festa de Bom Jesus do Quilombo podemos perceber claramente estes gestos dos fiéis. Alguns trazem terços que são deixados na igreja, outros trazem doações em dinheiro, uns trazem pessoas que estiveram adoentadas, e ainda há alguns que trazem imagens de Bom Jesus, muitas vezes compradas na cidade de

Bom Jesus da Lapa. Eunice Durham destaca que, as promessas, são formas comuns de o crente estabelecer uma relação com as divindades; é uma relação de reciprocidade entre ambos. (1984, p. 79). Todos procuram “pagar” aos santos por alguma graça recebida.

Essa mistura de ritos profanos aos ritos religiosos pode ser percebida também, nas apresentações da Marujada do Quilombo. O grupo mistura cantos com temas religiosos, com cantos e danças que não possuem aspectos religiosos. Segundo Scarano, cantos e danças foram incorporados às celebrações católicas, (1978, p. 151), e, esse costume permanece até os dias atuais. No Vale do Jequitinhonha pode ser percebido em várias cidades, em diversas festas. Em Minas Novas, por exemplo, podemos encontrar danças<sup>61</sup> como a “dança do tambor”, “o vilão”, “o nove”, “mangangá”, “Congado de São Benedito” junto com as festividades religiosas, tais como a Festa do Rosário.

As festas de devoção aos santos, com características bem mescladas entre o profano e o sagrado, continuam sendo, ainda hoje, em muitas comunidades, como no Quilombo, por exemplo, espaços de liberdade, oportunidades de tentarem preservar suas culturas, suas identidades. Onde, apesar de já não existir escravidão, as pessoas ainda precisam lutar todos os dias, para terem seus costumes e tradições preservados, direitos respeitados e garantidos, como a posse de suas terras, por exemplo. Sobre a Festa de Bom Jesus e outras tradições do Quilombo, diz assim os jovens sujeitos dessa pesquisa:

É muito bom... as comidas e as danças típicas são um bom exemplo das coisas boas, por isso que é bom viver na minha comunidade. (Ney, 18 anos).<sup>62</sup>

Aqui é um lugar bem preservado e tranqüilo. Os hábitos e costumes é assim... tem a festa de Bom Jesus, e todo mundo ajuda e tem leilões. Quando fazem esses tipos de

<sup>61</sup> **Dança do Tambor:** quando três pessoas, geralmente homens, usando dois tambores, um pequeno e um grande – para este é necessário dois homens – tocam em roda de fogueiras que são feitas após as novenas e leilões da Festa do Rosário. As pessoas se reúnem em volta dos três e da fogueira para dançarem e contarem causos engraçados. **O Vilão:** é uma dança em forma de roda, em que os pares dançam no meio do salão, dando as mãos e girando entre si, onde um por vez entra na roda, canta versos e volta para seu lugar. Todos repetem o verso que foi cantado. **O Nove:** é uma dança praticada na rua ou em salões espaçosos, onde, de três em três, começam um sapateado e os seis primeiros, em avanço e recuos, viram-se e reviram-se, ultrapassando todo o grupo de três em três, até terminarem os últimos. Havendo sempre sons de viola, violão, tambores e bandeiro e uma pessoa para puxar as músicas ou versos. **Mangangá:** é uma das danças populares da Festa do Rosário. A palavra significa enorme, muito grade. Refere-se também a uma espécie de besouro. Consiste em uma roda onde várias pessoas cantam versos e batem palmas e sapateiam. Um homem vai ao meio da roda e convida uma mulher para uma dança. Eles entrelaçam os braços esquerdos e giram, trocam os braços e continuam girando e cantando. Depois de separados, um verso é cantado por todos da roda. **Congado de São Benedito:** além de representar a coroação dos reis do Congo, o congado é responsável pela musicalidade durante os cortejos da Festa do Rosário. Usam instrumentos como o reco-reco, a sanfona, pandeiro, xiquexique, viola, violão e várias caixas. Além de tocar os participantes cantam versos e canções com temas religiosos ou não. Geralmente um grupo composto de mulheres acompanha o congado dançando e rodando. Elas vestem saias rodadas e amarram lenços nos cabelos. (FREIRE, Álvaro. 2002b. p. 13-36).

<sup>62</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada na escola em 11 nov. 2011.

feita tem marujada, caboclos que é a cultura da comunidade e também dos moradores. (Andrelinha, 19 anos).<sup>63</sup>

Aqui as pessoas tem alguns costumes que vêm desde os primeiros moradores, fazer penitência, os tipos de comidas dos negros, as festas religiosas que são em comemoração ao santo padroeiro da comunidade, o Bom Jesus, que acontece no mês de agosto. Os batuques, caboclos, marujada, isso e muito mais fazem parte dos hábitos e costumes dos moradores da comunidade. (Renato, 20 anos).<sup>64</sup>

Temos nossas tradições que são muito boas e divertidas. Eu adoro!!! (Ana Paula, 16 anos).<sup>65</sup>

Como podemos perceber através das falas acima, os costumes e tradições do Quilombo são respeitados pelos jovens, que inclusive se identificam com eles. Em minha opinião essas festas e tradições devem ser motivo de orgulho não somente para os afro-descendentes, moradores de comunidades remanescentes de quilombo, mas para todas as pessoas que as vivenciam.

#### ***4.6.1 – Buscando a Bandeira de Bom Jesus***

Após tomarmos o café da manhã, o sr. Vicente, esposo de d. Maria e seu filho Ronaldo soltaram mais foguetes. Minha mãe e eu, com a ajuda de outra mulher da comunidade, Ana, irmã da mãe de Ney e mãe de Renato, também ator dessa pesquisa, fomos organizar a igreja. Levamos toalhas de renda, água, flores, velas. Tudo deveria estar bem bonito. Logo as pessoas começariam a chegar.

Eu não conhecia Ana. Das vezes em que estive no Quilombo, ela sempre estava fora, trabalhando em alguma fazenda da região. É comum alguns moradores ficarem até quinze dias sem vir às suas casas. Morena, cabelos escuros e encaracolados. Muito simpática, fez perguntas sobre a pesquisa durante o tempo que estávamos arrumando a igreja e o coreto. Perguntou se eu colocaria fotos do lugar, respondi a ela que sim. Falou-nos sobre seus filhos e da importância de estudarem. Disse-nos que uma de suas filhas é professora de história, mas que já está casada, não mora mais com ela. Disse ainda que, não permite que seus filhos parem de estudar para trabalharem, para que isso não aconteça, ela e o marido trabalham dobrado. Contou-nos que Renato está trabalhando em uma fazenda de eucalipto, mas que, chega a tempo de tomar o ônibus e ir para Ribeirão estudar, que se não fosse assim, eles não permitiriam que ele trabalhasse, completou Ana.

---

<sup>63</sup> Dados do memorial. Maio, 2011.

<sup>64</sup> Dados do memorial. Maio, 2011.

<sup>65</sup> Dados do memorial. Maio, 2011.

**Figura 50 – Ornamentação da Igreja de Bom Jesus da Lapa**



**Fonte: Foto da autora, 2011**

Durante os meses de pesquisa, pude perceber que não somente ela se preocupava com a educação dos filhos, mas toda a comunidade, na figura da ASPOQUI – Associação Quilombola de Quilombo. Prova disso é que, ao analisar a “pasta vermelha” entregue a mim pelo sr. Marciano em minha primeira visita à comunidade, encontrei uma solicitação de ajuda à uma faculdade para um jovem morador da comunidade, que pensamos ser relevante ser reproduzida aqui.

Minas Novas, 19 de dezembro de 2007

OFÍCIO Nº 15/2007

DE: Associação Quilombola de Quilombo

PARA: Faculdade em João Pinheiro

ASSUNTO: Solicitação Faz

Senhor Diretor

Através deste, vimos solicitar de V. Exa, ajuda para o estudante FULANO DE TAL, aluno desta faculdade, [...], nascido e residente nesta comunidade rural de Quilombo, município de Minas Novas – MG.

Nosso pedido é no sentido de ver a possibilidade de facilitação do pagamento das mensalidades e outras ajudas, uma vez que o mesmo é de família de trabalhador rural e vive exclusivamente da agricultura familiar de subsistência, o que dificulta muito para seus pais ajudá-lo no pagamento de seus estudos.

[...] Todos nós da comunidade torcemos, para que ele possa concluir seus estudos e assim a nossa comunidade quilombola ter um profissional que retornando preparado por esta faculdade ajudará muito o nosso povo carente que vive tão distante das regiões mais desenvolvidas do Estado de Minas Gerais.

[...] Atenciosamente;

Marciano Soares de Sousa - Presidente (ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA DO QUILOMBO, 2007)

Pela leitura do ofício acima, podemos confirmar a preocupação da comunidade com a educação de seus jovens: “todos nós da comunidade torcemos, para que ele possa concluir seus estudos”; o “todos nós” indica a união dos moradores em prol de uma causa, no caso, a educação de um jovem. O ofício mostra também a preocupação de que um dia, aqueles que estudaram voltem para ajudar a comunidade. Não importa apenas que o jovem se forme, importa também que ele retorne e que preste ajuda ao seu povo.

Assim que terminamos de organizar a igreja fomos ajudar nos últimos preparativos para a festa. Faltava terminar a farofa de andu com torresmo e carne de porco, a farofa de carne de boi e cozinhar o arroz. E, também organizar os pratos, talheres, copos. Ajudamos em tudo que foi possível. Dona Maria pediu-me que ficasse na porta da sala para receber as pessoas que já estavam chegando. Acredito que minha posição como pesquisadora pesou nesse pedido, pois a posição de anfitriã em momentos como aqueles é muito importante. Eu receberia todas as pessoas no lugar dos próprios donos da casa. Fico pensando se eu não estivesse na comunidade como pesquisadora e sim como mais uma participante da festa, se ela teria pedido a mim para receber os convidados. Acredito que não. O certo é que nossa relação de amizade e apoio facilitou a pesquisa. Ela passou a se referir a mim, no decorrer da pesquisa, de uma forma carinhosa, de “Fia”, ou seja, de filha.

Os primeiros a chegarem foram os homens da marujada. Alguns chegaram na carroceria do carro do sr. Marciano, que também faz parte do grupo. Outros chegaram a cavalo. A maioria dos marujos são senhores idosos, aparentam ter mais de sessenta anos de idade. Apenas uma criança participa do grupo na condição de aprendiz.

Ao conversar com sr. Marciano sobre a participação de apenas uma criança, ele disse-me que as outras não se interessam ou, na maioria das vezes não possuem tempo, pois, além de estudarem, ajudam os pais na lida, ou trabalham em alguma fazenda da região. Ney apesar de seu envolvimento maior nos preparativos para a festa, disse-me que acha muito bonita a marujada, mas que não possui dom para tocar instrumentos, ou dançar, mas que ajuda, soltando os foguetes e cantando. Renato disse-me que não possui as habilidades necessárias, mas que, se as tivesse, gostaria de participar. Se a Marujada é uma forma de preservar a identidade do lugar e das pessoas que nele vive, as crianças e jovens do local devem ser estimuladas a dela fazerem parte.

Os primeiros marujos que chegaram foram se assentando debaixo do barracão de gritar leilão, esperavam pelos demais para poderem ensaiar uns passos e abençoar a casa. Em seguida, sr. Marciano disse-me que receberiam um grupo de marujos da comunidade de Santo Antônio do Fanado e que neste grupo havia muitas crianças participando, aprendendo a tocar

os instrumentos, a cantar as músicas, enfim, aprendendo que não podem deixar os costumes morrerem. A comunidade referida acima pertence ao município de Capelinha e não tive a oportunidade de conhecê-la. No entanto, ao conversar com alguns membros da mesma, que estavam presentes na festa, pude perceber o papel da escola na preservação de suas culturas, pois, eles disseram-me que a direção incentiva os alunos a participarem da marujada dentre outros eventos da comunidade.

**Figura 51 – Chegada dos Marujos**



Fonte: Foto da autora, 2011

**Figura 52 – Marujos em direção ao barracão**



Fonte: Foto da autora, 2011

As pessoas que chegavam sempre traziam um leilão. Dona Maria pediu-me para que, após as recebesse na porta, as acompanhasse ao “quarto dos leilões”, onde d. Beota estava recebendo e arrumando as ofertas. Ela nos disse, que após receber o leilão, deveríamos agradecer cada um assim: “*Senhor Bom Jesus que aumente pro cê*”. Ou: “*Senhor Bom Jesus que lhe dê em dobro*”. De acordo com Gilmar Rocha,

Mauss descobriu, a partir da análise comparada de inúmeras modalidades de trocas simbólicas entre os povos das sociedades primitivas e tradicionais, o que ele batizou de *sistema de prestações totais* onde o dar, o receber e o retribuir são ações voluntárias e ao mesmo tempo obrigatórias. (2011, p. 61).

Dar um leilão em homenagem à Bom Jesus é uma ação voluntária, no entanto se torna obrigatória quando o fiel pede em troca da doação algum benefício divino, como cura de doenças, uma boa colheita, chuva no tempo certo, entre outros. Segundo Rocha, “no mundo moderno a dádiva está relacionada à dívida” (2011, p. 62), ou seja, o crente doa algo, como o leilão, e, em troca espera receber algo, uma graça, ou então paga-se ao santo uma dádiva já alcançada através de uma promessa feita anteriormente. O autor destaca ainda que,

Mauss pensa a dádiva como um fenômeno mais orgânico do que a simples troca; a dádiva pressupõe relação de reciprocidade. [...] Numa clara referência durkheimiana e lévi-straussiana, imaginamos os atos de dar, de receber, de retribuir, complementados pelo ofertar e o pedir, como sendo os “os gestos elementares da reciprocidade” (2011, p. 64-68).

Reciprocidade esta, que d. Maria fazia questão de adiantar para o Santo, pois, após entregar o leilão o visitante era convidado para entrar e tomar um reforçado café da manhã, com bolo cozido na palha da bananeira, biscoito de goma, broa de fubá, biscoito doce de trigo e farinha, entre outros. À Andreлина, que já havia chegado, coube a responsabilidade de acompanhar os visitantes para tomarem água, ou tomarem o lanche reforçado. Ela parecia animada com a festa. Recebia todos com carinho e os acompanhava até a cozinha. Às vezes eu procurava ouvir o que ela conversava com os visitantes, conhecidos ou menos conhecidos. Quando pude ouvir, os diálogos eram de agradecimento pela presença daquelas pessoas e se aceitava um café, ou uma água, já as direcionando para o interior da casa.

Quando todos os marujos chegaram, entraram e tomaram café. Em seguida, reuniram-se no “terreiro da sala”, como dizem por lá, e começaram a ensaiar antes de buscarem a bandeira de Bom Jesus, que estava na casa de uma vizinha há uns seiscentos metros de distância. Perguntei a d. Maria como era feita a escolha da casa, onde a bandeira era deixada para ser buscada pelos marujos, ela respondeu-me que durante os cultos aos domingos, as

peças pedem para ficar com bandeira. E que cada ano a bandeira é deixada em uma casa diferente, dando assim, oportunidade para todos. Após o breve ensaio, os marujos entram casa adentro cantando, dançando e abençoando os moradores e outras pessoas que estavam dentro no lugar, anunciando também que iriam buscar a bandeira.

**Figura 53 – Marujos ensaiando no “terreiro da sala”**



Fonte: Foto da autora, 2011

**Figura 54 – Marujos entrando para abençoar a casa dos festeiros**



Fonte: Foto da autora, 2011

Fui acompanhando o grupo, em procissão, juntamente com outras mulheres na busca pela bandeira de Bom Jesus. Caminhamos por uma estrada estreita ao lado da igreja. Sobre esse aspecto da procissão, “o caminhar”, diz DaMatta:

o caminhar cotidiano é funcional, racional e operacional, pois tem um alvo específico; o trabalho, a compra, o negócio, o estudo. Mas no *caminho ritual*, ou melhor, no *caminho consciente do ritual*, o alvo e a jornada se tornam mais ou menos equivalente. Então, o deslocamento normal e diário fica invertido, pois que já não se concentra mais só no ponto de chegada – no alvo – mas também no próprio caminhar. (1983, p. 80).

Foi assim, concentrando-se no próprio caminhar, que os marujos tocaram e cantaram cânticos de louvor e as mulheres rezaram baixinho com rosários nas mãos. Como o que é procurado no destino “não é algo concreto, palpável”, e sim, bênçãos, curas e estabelecimentos de promessas, os fiéis seguem a procissão não importando quais sejam as dificuldades. É o sacrifício! Segundo DaMatta, “sacrificar-se significa basicamente usar o corpo para entrar em contato com o santo” (1983, p. 81-82). Dessa forma, não se estabelece relações com o santo por correspondência, ou de forma virtual, é preciso estar presente e caminhar com ele.

**Figura 55 – Procissão indo buscar a bandeira de Bom Jesus da Lapa**



Fonte: Foto da autora, 2011

Ao chegar a casa onde estava a bandeira de Bom Jesus, o grupo foi recebido pelos seus donos, os fogos estalaram nos céus, os marujos permaneceram ali dançando, cantando e

tocando seus instrumentos por alguns minutos. A dona da casa saiu com a bandeira na mão, levantou-a e todos gritaram: “*Viva o Senhor Bom Jesus*”. Nesse momento, mais fogos foram estalados. Em seguida os marujos entraram casa adentro, em fila, cantando músicas de agradecimento e bênçãos aos moradores. Após esse ato, com o consentimento dos mesmos, a dona da casa com a bandeira nas mãos deu início à procissão em direção à Igreja. As mulheres rezavam o terço e a marujada tocava, pareciam estar hipnotizados pelo clima de fé. “Realmente, é como se o “corpo dos fiéis” perdesse suas fronteiras e, nos momentos mais fervorosos, pudesse juntar-se ao corpo da própria imagem, dando-lhe vida” (DAMATTA, 1983, p. 82).

**Figura 56 – Dona da casa saindo com a Bandeira de Bom Jesus**



**Fonte: Foto da autora, 2011**

Após alguns metros a bandeira foi entregue a uma criança, permanecendo com esta até a chegada à igreja, onde foi deixada pelo grupo até o momento da celebração da missa. Ao conversar com um dos marujos sobre o porquê de entregar a bandeira a uma criança, ele

respondeu-me que é costume, que sempre aparece muitas crianças querendo carregá-la, e que este gesto é uma forma de tentar incentivá-las a não deixar a tradição morrer.

**Figura 57 – Bandeira de Bom Jesus carregada por uma criança**



**Figura 58 – Retorno da procissão com a Bandeira de Bom Jesus da Lapa**



Fonte: Foto da autora, 2011

Dos jovens da pesquisa Ney foi o único que participou da procissão de busca da bandeira. Os outros jovens não haviam chegado quando a procissão teve início. Ele cantou com os marujos e soltou os fogos nos momentos apropriados. Pude perceber, como já foi dito, que ele valoriza os costumes do lugar, e que apesar de não estar fazendo parte da marujada como aprendiz, por exemplo, entrosava com todos os marujos e também com as pessoas que foram chegando, mais tarde, para participar da festa.

Dentro da igreja os marujos fizeram o momento de agradecimento e louvor ao Senhor Bom Jesus, onde cantaram e rezaram.

**Figura 59 – Momento de adoração e agradecimento na Igreja**



Fonte: Foto da autora, 2011

Após terem deixado a bandeira no altar, os marujos desceram para o “terreiro”, em frente à sala de dona Maria e começaram a cantar, dançar e tocar seus instrumentos. Algumas vezes não cantavam, apenas tocavam e dançavam ao ritmo de suas músicas. As canções mesclavam temas sagrados com temas profanos. Algumas eram de agradecimento ao Senhor Bom Jesus e de boas vindas aos visitantes. Outras falavam das moças bonitas.

**Figura 60 – Apresentação dos Marujos após o momento de adoração**



Fonte: Foto da autora, 2011

Transcrevemos abaixo trechos de algumas destas canções:

*Eu vou beber  
Não bebe não  
Eu quero beber  
Debaixo da cama tem garrafão.*

*Onde vai pará  
Onde vai pará  
La no Rosário  
Onde eu vou ficá*

*Com um lenço branco no pescoço  
Deixa disso moça  
Eu sou homem casado  
Não posso cumpri seu gosto*

*Esta roda aqui  
É de preto só  
Se branco entrar  
Cai no cip*

*Vou dá minha despedida  
Na folha de feijão  
Vou levar São Benedito*

*Dentro do meu coração.*

*O leilão vai começar  
E a bandinha vai tocar  
Vai haver grande animação  
Muita comida e muito quentão.*

*Eu vou dançar congado  
Na casa do meu bem  
Se o padre soubesse que era bom  
Tirava a batina  
E dançava também.*

*Nossa Senhora do Rosário  
Seja nossa proteção  
Vamos fazer nossa festa  
Com amor e devoção.*

*Ai como eu andei  
Ei como eu andei  
E aprendi a nova lei  
Nossa Senhora e a Mãe Rainha  
E Jesus Cristo é o reis dos reis*

(CANÇÕES E VERSOS POPULARES CANTADOS PELA MARUJADA. 2011)

#### 4.6.2 – Os visitantes

As pessoas chegavam de todos os lugares e de várias maneiras. Em algumas comunidades como o distrito de Ribeirão da Folha, por exemplo, as pessoas se uniram e fretaram um ônibus para levá-las. Outras pessoas chegavam a pé, ou a cavalo e outras de carro ou motocicletas.

**Figura 61 – Chegada dos visitantes**



Fonte: Foto da autora, 2011

Praticamente todas as pessoas que chegavam traziam um leilão nas mãos. Entregavam no “quarto dos leilões” e eram levadas à cozinha para tomar café. Enquanto isso, os marujos continuavam cantando e dançando no “terreiro”. Muitos grupos eram esperados com ansiedade, como por exemplo, a Marujada de Santo Antônio do Fanado e o grupo da cavalgada, mas, a visita mais esperada por todos era a do Cônego Ricardo que celebraria a missa.

Por volta das 09h30min uma nuvem de poeira podia ser avistada na estrada, era a cavalgada que havia saído da comunidade de Santiago que estava se aproximando. As pessoas paravam para ver. Cavalos, éguas, burros, todos enfeitados. A maioria dos cavaleiros estava de chapéu, o sol estava forte. Alguns animais estavam bem suados. Os fogos estalavam nos

céus, mas, os marujos continuavam concentrados em suas músicas e danças. Era como se estivessem em êxtase. Alheios ao que passava ao redor.

**Figura 62 – Os leilões**



Fonte: Foto da autora, 2011

**Figura 63 – A Cavalgada**



Fonte: Foto da autora, 2011

Pouco tempo depois o padre também chegou à comunidade saudando a todos com o sinal da cruz. Antes de entrar na casa de dona Maria, ele entrou na roda da marujada, cantou e dançou com o grupo. O povo aplaudia o espetáculo. Com o término de uma canção, o padre interrompeu os marujos e deu bom dia a todos, anunciando que a missa logo iria começar. Entrou na casa, tomou café e subiu acompanhado dos fiéis até a porta da igreja, onde a missa foi celebrada. Líder carismático na região, ele nasceu em Diamantina e se formou padre, também, no Seminário de Diamantina. Estava reformando a Igreja Matriz Nossa Senhora da Graça em Capelinha com o apoio e doações da população e com isto, passou a ser visto como um líder. Além do que, faz questão de atender as comunidades rurais, mesmo as que não são de sua responsabilidade, como o Quilombo, por exemplo.

Segundo Eunice Durham, as atividades necessárias para a realização de festas religiosas, dão origem a posições diferentes para cada tipo de participação. Sugere que podemos identificar um padre ou leigo, responsáveis pelo aspecto religioso do culto ou missa, neste caso podemos citar d. Maria e o Cônego Ricardo; os festeiros e mordomos, responsáveis pela parte profana, como danças e comidas, neste caso, podemos citar, também, d. Maria, mas, com apoio de toda a comunidade, e os Marujos. A autora ressalta ainda que: “a atividade religiosa não constitui uma atividade puramente comunitária. Ao contrário, ela é uma atividade que relaciona a comunidade local à sociedade mais ampla.” (1984, p. 79). Dessa forma, temos a figura do povo em geral, ou seja, pessoas de comunidades próximas ou distantes, e também de cidades vizinhas que comparecem ao evento todos os anos.

#### **4.6.3 – Missa ao ar livre**

Cerca de umas mil pessoas, segundo sr. Vicente, estavam presentes na Festa de Bom Jesus. Não dava para contar, mas eu acredito também, que havia aproximadamente essa quantidade de pessoas. Gente de todos os lugares. Segundo Oliveira & Fernandes, citado por Tosta,

a missa é um fenômeno social, dado o caráter da religião, por causa de seu conteúdo e por suas formas que são exclusivamente sociais, porque não existem fora de um ritual, de um discurso social adotado por um grupo religioso (1997, p. 05).

Assim, aquele fenômeno social, a missa, e o seu celebrante o padre, conseguiram reunir pessoas que, colocaram suas melhores vestimentas, como se estivessem se vestindo para uma

festa, e, embutidas por um sentimento de oração reuniram-se para celebrar a eucaristia. Segundo Beozzo, citado, também por Tosta,

na experiência de qualquer povo a celebração, a festa, a liturgia são pontos de confluência e de articulação de um grande número de materiais, simbólicos e espirituais da mais alta significação. Aí se entrelaçam os usos e sentidos do espaço e do tempo, das comidas e das cores, da dança e da música, das roupas e adornos, dos gestos, das palavras e dos silêncios. (1997, p. 105).

Na celebração da Festa de Bom Jesus, no Quilombo, estavam presentes materiais extremamente simbólicos e espirituais para aquele sofrido povo do sertão: o padre, a eucaristia, a Bandeira de Bom Jesus, a marujada, a igrejainha toda ornamentada, o coreto ao ar livre, a refeição após a missa, as palavras ditas e não ditas durante o abraço da paz, e, por fim, seus participantes. Cada um com um significado especial naquele espaço e naquele tempo.

Como a igreja era muito pequena, a celebração da missa foi feita em frente à mesma. Do lado de fora já havíamos enfeitado um pequeno coreto de madeira, caso não desse para celebrar no interior da igreja. Dona Maria havia mandado digitar os cânticos da celebração para distribuir para os fiéis. No alto da folha estava escrito “Festa do Senhor Bom Jesus do Quilombo”.

**Figura 64 – Missa ao ar livre**



Fonte: Foto da autora, 2011

O sol estava muito quente, os bancos não foram suficientes para que todos pudessem participar da celebração, sentados. Os poucos espaços de sombra, embaixo de algumas árvores já estavam ocupados. Havia muitas mulheres com crianças de colo, estas se valiam de sombrinhas para proteger os bebês. O padre então anunciou que, devido o forte sol, faria uma celebração breve, mas que em outra oportunidade gostaria de retornar à comunidade para outras celebrações. A missa durou cerca de cinquenta minutos, mas, mesmo com o forte sol os fiéis ficaram firmes, cantaram e louvaram ao Senhor Bom Jesus, ao som dos instrumentos da marujada.

**Figura 65 – O povo participando da celebração**



**Fonte: Foto da autora, 2011**

Durante a celebração percebi a presença de Renato que havia chegado com uns amigos. Estavam sérios e prestavam atenção nas palavras proferidas pelo sacerdote, demonstrando respeito para com o ritual. Apenas Ana Paula não havia chegado. Estava com visitas em casa, segundo me disseram alguns amigos dela.

No fim da missa, ao som das vozes das pessoas presentes, que cantavam em homenagem à Bom Jesus, e também ao som dos fogos, ocorreu o hasteamento do mastro, ou seja, da Bandeira de Bom Jesus. Nesse momento, percebi que muitas pessoas se emocionaram, choraram e rezaram baixinho, como se fizessem preces pedindo ou agradecendo alguma graça recebida. Após o término do ritual, d. Maria convidou todos para

descer até sua casa, onde seria servido o almoço. Convidou também para participarem do leilão após o almoço e agradeceu a presença daqueles que ali puderam estar naquele dia.

**Figura 66 – Hasteamento do Mastro**



Fonte: Foto da autora, 2011

#### ***4.6.4 – “O almoço de Bom Jesus”***

“O almoço de Bom Jesus”, assim se referiam algumas pessoas à comida que estava sendo servida na casa de d. Maria. Para quem não é do lugar e não está inserido naquela cultura pode parecer estranho ou engraçado, ou carinhoso o modo de se referirem àquela refeição, no entanto, foi com muita educação que as pessoas entravam na fila para receberem um prato contendo arroz, farofa de andu com torresmo e carne de porco, farofa de carne de boi desfiada – algumas pessoas a chamavam de paçoca de carne de boi – entretanto, para quem como eu, é daquela região, reconhece que o prato trata-se apenas de uma farofa, pois, a verdadeira paçoca é feita de carne socada no pilão, e aquela carne não havia sido socada. Pedacos de frango e um copo com refrigerante completavam o prato.

**Figura 67 – O “almoço de Bom Jesus”**

Fonte: Foto da autora, 2011

Muitas pessoas ao receberem seus pratos procuravam um lugar mais fresco para se assentarem, outras comiam em pé, próximas ao local onde estava sendo servida a comida. Dona Maria havia me pedido para almoçar com o cônego, e com seus dois coroinhas. Novamente um lugar de destaque para mim. Por que alguém da comunidade não foi convidado para ter a honra de sentar com o sacerdote? Como já foi dito antes, a minha condição de pesquisadora me proporcionava um tratamento diferente do dispensado às demais pessoas. Talvez d. Maria achasse minha condição de pesquisadora, uma condição especial. Tanto que me colocou para almoçar na mesa junto com o cônego, enquanto as outras pessoas almoçavam em pé, ou em alguma sombra em baixo das árvores.

Ela havia servido o almoço em pequenas travessas na mesa da copa. Procurei sentar-me em frente à janela, de modo que dava para observar o quintal, onde as pessoas recebiam os pratos com o almoço. As mulheres que serviam a comida estavam suadas, pareciam cansadas, no entanto, demonstravam prazer no que estavam fazendo. Ney chegava à janela algumas vezes e brincava que nós estávamos comendo demais. Ele ajudava a servir os refrigerantes.

Havia muitos jovens participando da festa, no entanto, eles não se misturavam muito com os adultos. Faziam rodinhas em alguns espaços e ficavam conversando. As rodinhas eram feitas até mesmo durante o almoço. Renato, juntamente com sua namorada, e Andreлина, participavam dessas rodinhas, até porque uma parte dos jovens eram seus colegas da Escola

de Ribeirão. Quando Ana Paula chegou, com uma amiga que estava hospedada em sua casa, logo entrosou nessas rodinhas.

Muitas pessoas vinham até a mesa cumprimentarem o sacerdote, algumas traziam sacolas com verduras, farinha e quitandas para que ele pudesse levar. Ele gentilmente agradecia a hospitalidade de todos. Outras passavam pela copa devagar, como se estivessem nos observando, tentando ouvir do que falávamos. Mas, na maioria das vezes, os que passavam e não paravam nos cumprimentavam com um sorriso. Podemos perceber as relações de reciprocidade, tão próprias da cultura rural. Em agradecimento à sua presença, o Cônego recebeu oferendas, presentes. Coisas simples, mas que possuem um significado para aquele que oferece, pois representa o fruto do seu labor, sua ligação com a terra.

Após o almoço foi servido doce de fava para todos. Em nossa mesa, além de uma vasilha média com doce e pires para que pudéssemos nos servir, d. Beota, que havia feito o doce, colocou também uma lata, dessas de achocolatado, com doce para que o cônego pudesse levar para Capelinha. Para as demais pessoas o doce foi servido no terreiro da sala em pequenos copos descartáveis, com uma colher também descartável. As pessoas que saboreavam uma vez e queriam novamente tornavam a entrar na fila para receberem a sobremesa.

**Figura 68 – Distribuição do Doce de Fava**



Fonte: Foto da autora, 2011

#### 4.6.5 – “A Mesada de Leilão” e o fim da festa

Enquanto algumas pessoas ainda comiam, algumas mulheres foram até o barracão, organizaram as mesas e foram carregando os leilões para evitar que as pessoas fossem embora antes do mesmo acontecer. O dinheiro arrecadado no leilão seria usado pela própria comunidade para custear as despesas com a festa.

**Figura 69 – A mesada de leilão**



Fonte: Foto da autora, 2011

Os marujos foram até o barracão e começaram a cantar e dançar convidando as pessoas a se aproximarem para dar início ao leilão. Uma senhora da comunidade de Santiago se ofereceu para anotar os nomes dos que arrematavam os leilões, e receber o dinheiro. As pessoas foram se aproximando e se acomodando nos bancos em volta das mesas de leilão. Os “gritadores de leilão” também já estavam presentes, esperavam apenas que d. Maria autorizasse o início do mesmo. Após se despedir do cônego e o acompanhá-lo até o seu fusca, ela deu permissão para que o leilão tivesse início.

Um copo e um litro de cachaça foram deixados em cima da mesa de leilão para quem quisesse beber. Esse costume é comum em praticamente todas as comunidades rurais, do município de Minas Novas, as que eu já conhecia e também nas que tive a oportunidade de visitar durante os meses de duração desta pesquisa, dentre elas, Mangabeiras, Santiago,

Cabeceiras, Cedro, Emília da Silva, dentre outras. O sol continuava forte, mesmo assim, algumas pessoas, tanto homens como mulheres, se aventuravam em provar a cachaça, diziam que era para “*esfriar o sangue e espantar o calor*”.

**Figura 70 – A Cachaça**



Fonte: Foto da autora, 2011

O leilão teve início, com os dois gritadores pegando coisas diferentes, por exemplo, enquanto um leiloava um pedaço de leitoa com um litro de cachaça, o outro leiloava pratos com quitandas ou verduras. As pessoas davam lances, brincavam, diziam que “*gente de fora tem de pagar mais caro*”. Crianças corriam em volta do barracão. Alguns homens passavam montados em cavalos, como se quisessem mostrar o animal, iam correndo até a estrada e retornavam. Algumas mulheres buscavam água e serviam no barracão. Outras participavam do leilão, davam lances e arrematavam. Quando uma mulher disputava um leilão com um homem e este perdia para ela, alguns homens gritavam, “*agora é a vez das muié, até presidenta nós já tem*”. E todos riam.

Na medida em que os leilões diminuía na mesa, o litro de cachaça também diminuía. Parecia ser proporcional. Proporcional também era a quantidade de pessoas quase bêbadas que já podíamos visualizar.

Durante o leilão procurei perceber o que os sujeitos desta pesquisa faziam. Renato estava de mãos dadas com a namorada, um pouco afastados do barracão, junto com um grupinho de amigos da escola que moram em outras comunidades, inclusive alguns de Ribeirão da Folha. Com eles estava Ana Paula, que permaneceu durante o tempo que pude observar sempre nos grupinhos. Ela foi até o barracão e nos cumprimentou, a mim e a minha mãe e, voltou para onde estava o grupo. Andreлина também se juntou aos demais.

Aproximei-me um pouco para ouvir do que falavam. Comentavam sobre a comida, o doce, sobre as roupas, e também sobre um jogo de futebol que aconteceria no fim da tarde na comunidade de Santiago. Quase todos iriam, exceto os jovens de Ribeirão da Folha que estavam de ônibus. Tentei conversar com o grupo, alguns perguntaram se eu havia gostado da festa, eu respondi que sim, e perguntei o mesmo para eles. Renato respondeu que faltava um forró à noite, mas que, já que não teria forró, “*o jeito é agente ir pra Santiago, cê vai né?*” (Renato, 20 anos),<sup>66</sup> perguntou-me ele. Respondi que não conhecia o caminho para chegar a Ribeirão passando por Santiago, e que o mapa feito por Ney e Léo era perfeito para pegar a estrada, não deixando que eu entrasse em caminhos errados, por isso, não arriscaria a ir por Santiago ainda mais durante a noite. Nessa altura da conversa Ney já estava junto de nós. Ele e Ana Paula disseram-me que era mais difícil o caminho por Santiago, porém mais perto. Mas, mesmo assim, expliquei a eles que eu não iria ao jogo, não só devido ser uma estrada desconhecida, mas que minha mãe e eu estávamos bem cansadas.

Os meninos da pesquisa demonstraram durante a festa um bom entrosamento com os visitantes, e, durante a conversa com o grupo de jovens demonstravam interesse pelas mesmas coisas, ou seja, forró, futebol, estilos de roupa ou músicas. Dessa forma, podemos entender que, morar em uma comunidade remanescente de quilombo não significa ter gostos e atitudes completamente diferentes dos jovens moradores de comunidades não remanescentes de quilombo. Significa antes de tudo reconhecer-se como remanescente de quilombo ou não.

Após o leilão, o grupo de marujos voltou para o terreiro em frente à sala de dona Maria e começaram a cantar e dançar. Contudo, pude observar que o ânimo e a disposição do grupo estavam diferentes. De manhã o grupo estava mais sério, composto apenas por homens. Dessa vez não, o grupo convidou quem quisesse para se ajuntarem a eles. Muitas mulheres

---

<sup>66</sup> Dados da conversa informal. Pesquisa de campo realizada no Quilombo em 28/08/2011.

atenderam ao convite dos marujos, entre elas a mãe de Ney e a mãe de Renato, Olímpia e Ana, respectivamente.

**Figura 71 – A Marujada com a participação de todos**



**Fonte: Foto da autora, 2011**

No meio da roda foi colocado um litro de cachaça e um copo, coisa que não foi feita no período da manhã. Perguntei a um dos marujos por que não beberam durante a manhã, ele respondeu que nesse período ainda não tinham celebrado para Bom Jesus, “*tinha a missa né, ai não pode*”. Segundo ele após a missa, “*e já com a barriga cheia*” não teria problema. (Marujo, 60 anos).<sup>67</sup> Os marujos demonstram dessa forma uma distinção do que é sagrado e do que é profano. Neste caso, a ingestão da cachaça antes da oração, o que é considerado por eles uma coisa errada, pois a missa é sagrada.

---

<sup>67</sup> Dados da conversa informal. Pesquisa de campo realizada no Quilombo em 28/08/2011.

**Figura 72 – A Marujada com a cachaça na roda**

**Fonte: Foto da autora, 2011**

As pessoas começaram a ir embora. Muitos ônibus também. Uma parte dos jovens que estava presente na festa estava indo para a comunidade de Santiago, para assistirem ao futebol, entre eles, nossos jovens atores. Para concluir as atividades festivas, dona Maria ofereceu ainda, café com biscoito a todas as pessoas antes da partida, no entanto, quase ninguém aceitou, estavam todos saciados com o almoço.

Sobre as atividades lúdicas e religiosas, como por exemplo, a Festa de Bom Jesus da Lapa, no Quilombo, diz Eunice Durham:

[...] se desenvolvem naqueles agrupamentos onde a longa ocupação de um mesmo território permitiu o adensamento da população e das relações sociais. Nessas condições, multiplicam-se os laços da rede complexa de relações de parentesco e compadrio, que unem de forma mais coesa a totalidade dos ocupantes do território; ao mesmo tempo, a longa história de uma vida comum, a memória de favores prestados e recebidos e a intimidade que nasce da familiaridade propiciam uma vida coletiva mais rica; (DURHAM, 1984, p. 79-80)

Com certeza a Festa de Bom Jesus no Quilombo, é um fenômeno que permite o estreitamento dos laços sociais, e que multiplica esses laços, na medida em que todos os anos pessoas “novas” visitam a comunidade estabelecendo aí vínculos de amizade. É uma forma de afirmar identidades baseadas na ocupação de um mesmo território, de uma ancestralidade comum, de

uma vida em comum, numa rede de relações de parentesco e compadrio, onde lembranças do passado estarão sempre presentes.

Como a noite estava se aproximando e nosso caminho era longo, minha mãe e eu também nos despedimos dos anfitriões, d. Maria, sr. Vicente e demais pessoas que ainda estavam na casa, agradecendo pela generosa hospitalidade. Pegamos então nosso pequeno e valioso mapa e partimos pela estrada abaixo em direção as extensas plantações de eucalipto.

## 5 - A OBSERVAÇÃO NA ESCOLA

*Mire veja: naqueles dias, na ocasião, devem ter acontecido coisas meio importantes, que eu não notava, não surpreendi em mim. Mesmo hoje não atino com o que foram.* (ROSA, 2001, p. 192)

Descreveremos brevemente alguns acontecimentos relevantes que nos ajudaram a entender o cotidiano dos sujeitos na escola, suas interações com os colegas, professores e demais funcionários da escola e que apontam caminhos para entendermos suas identidades.

### 5.1 – O Carnaval da Escola e a Escola no Carnaval

Em fevereiro de 2011, após dez dias em Belo Horizonte, para atividades no mestrado, ao retornar à escola, à noite, percebi uma movimentação diferente. Os alunos estavam espalhados em seu interior. Portão completamente aberto. As mesas do refeitório estavam cheias de papéis coloridos, lantejoulas, colas, cartolinas, tesouras e muitos alunos e professores. A escola estava se preparando para festejar o carnaval no dia seguinte. Já que em Ribeirão da Folha não existe festa de carnaval, a escola resolveu promovê-la, e a comemoração recebeu o nome de “I Carnaval da Escola Estadual de Ribeirão da Folha”.

Cinco professores do turno matutino com a ajuda dos professores e alunos do noturno decoravam as salas de aula que ainda não tinham sido decoradas nos outros turnos. O pátio também estava todo colorido, segundo DaMatta, “o carnaval requer – seja na rua, na viela, na praça ou na avenida; seja no clube, na escola ou em casa – um espaço próprio” (1983, p. 86), dessa forma, o pátio seria o espaço para que os alunos pudessem apresentar danças e coreografias, enfim, seria o espaço onde o evento de fato aconteceria.

No refeitório o que os alunos faziam com a ajuda dos professores eram máscaras de carnaval. Alguns alunos do segundo ano do ensino médio diziam que não iriam usar, que era coisa de criança. Outros diziam que as usariam sim, que fazia parte da festa. O certo é que a organização do carnaval na escola envolveu todos os alunos e professores, principalmente as meninas, que pareciam mais empolgadas que os meninos. Umás quinze meninas do turno vespertino e do noturno ensaiavam coreografias com músicas variadas que seriam apresentadas para a escola. Os meninos estavam mais preocupados com o som que seria usado e o tipo de música e, juntamente com um rapaz da secretaria, testavam a caixa de som e os cd's.

Os jovens dessa pesquisa participavam de forma ativa. Andreлина e Ana Paula estavam ajudando a confeccionar as máscaras que seriam usadas pelos alunos do período matutino. Elas disseram-me que o turno da noite já estava velho para máscaras. Respondi às duas que discordava e, que, a máscara é um símbolo dos carnavais independentemente da idade. Elas apenas riram e ficaram brincando uma com a outra sobre qual máscara usariam. Ney estava ajudando com o som e a escolha das músicas juntamente com outros alunos. Eles diziam que as músicas eram a melhor parte da festa. Renato estava em uma sala ajudando a enfeitá-la.

Ao chegar até a sala de aula onde Renato estava com outros colegas percebi que ele estava muito próximo de uma aluna do terceiro ano. Não quis interromper a conversa dos dois. Entrei e saí rapidamente. Ao chegar ao pátio, curiosa, perguntei a um dos alunos qual a relação dos dois. Eles responderam-me que os dois eram namorados. Que a menina era evangélica, mas que, mesmo ele sendo católico, já namoravam havia um tempo. Não quis perguntar se os pais da moça sabiam ou não, pois, na região é bem comum os evangélicos não namorarem católicos. Durante a pesquisa pude verificar que os pais da moça autorizavam o relacionamento dos dois.

O certo é que em momentos como este, ou seja, preparação para uma comemoração e também nos dias de culminância das mesmas, muitos alunos aproveitam para namorar, não que isso só aconteça em dias festivos, ao contrário, acontece sempre. Segundo DaMatta, este tipo de acontecimento, de evento é “dominado pela *brincadeira*, *diversão e/ou licença*, ou seja, situações onde o comportamento é dominado pela liberdade decorrente da suspensão temporária das regras de uma hierarquização repressora” (1983, p. 38). Assim, nestes dias, a direção não impõe regras, os alunos ficam à vontade pela escola, o portão permanece aberto todo o tempo, eles são menos vigiados, tanto pelos funcionários da escola, quanto pelas suas famílias. Esses eventos servem para estreitar esses laços amorosos uma vez que estes jovens possuem poucas opções de lazer em suas comunidades de origem.

Procurei sentar-me em um espaço vazio do pátio e apenas observar o movimento. Alguns alunos saíam para a rua, mas não demoravam a voltar. Outros ficavam no portão observando o movimento. Logo alguns vieram para onde eu estava e começaram a perguntar por que eu havia “sumido”, para onde eu estava, pois, fiquei quase uma semana sem comparecer à escola. Respondi aos alunos que estava tendo aula em Belo Horizonte e que pelo menos uma vez ao mês eu iria até lá para participar de seminário de orientação. Alguns alunos, como Ney, por exemplo, disseram que estavam sentindo minha falta e que já estavam acostumados com minha presença na escola. Entendi que havia sido aceita por eles e que minhas observações haviam sido incorporadas ao cotidiano da escola.

Os grupinhos que se formaram no portão conversavam com os jovens não alunos que estavam do lado de fora da escola. Falavam sobre o carnaval da escola e também sobre a festa de carnaval na cidade de Minas Novas. Alguns diziam que gostariam de ir, outros que não, que usariam o tempo de folga para trabalhar ou estudar. De vez em quando algumas pessoas da comunidade que passavam pela rua entravam na escola e perguntavam do que se tratava aquele alvoroço todo. Os alunos ou alguns professores respondiam que estavam preparando para comemoração de carnaval e que a comunidade seria convidada para assistir às apresentações no dia seguinte.

Neste dia a aula terminou mais cedo. Após o término da decoração da escola a diretora mandou servir a merenda e dispensou os alunos em seguida. Alguns alunos comemoraram ao serem dispensados, principalmente os que moram dentro do povoado. Os que moram fora não comemoraram tanto, pois, seus ônibus já estavam ligados na praça os aguardando, não daria tempo para bater papo com os amigos ou mesmo com namoradas ou ainda possíveis pretendentes.

Quatro de março. Sexta-feira de carnaval na escola. “I Carnaval da Escola Estadual de Ribeirão da Folha”. Assisti às comemorações do carnaval nos três turnos de funcionamento da escola. De manhã e a tarde aconteceram brincadeiras, pequenas gincanas e apresentações de danças. Muitos alunos usavam máscaras de papel confeccionadas por eles próprios. Alguns menores estavam fantasiados de palhaços e bailarinas. Outros estavam com os rostos pintados e com pedaços de papéis colados em suas roupas. O clima era de festa. As comemorações, durante o dia, aconteceram no pátio e na praça, de forma que toda a comunidade pudesse assistir e participar. Após as apresentações e brincadeiras a merenda foi servida e os alunos dispensados.

A noite, ao chegar à escola, a primeira coisa que percebi foi que os alunos não estavam usando uniforme. Conforme disse DaMatta, em momentos como este, acontece uma suspensão da regras (1983, p. 38), neste caso, a suspensão do uso do uniforme e a liberdade de escolha para usar o que quiser. Os alunos usaram roupas específicas para a ocasião: Havia meninas de cabelos presos com bonés, com tranças ou simplesmente soltos. Algumas estavam de maquiagem e com batons de destaque. Trajavam tênis, sandálias baixas, mini-saias, shortinhos ou vestidos curtos. Já os meninos, alguns estavam de bermuda e tênis, outros de calça jeans, camisetas e camisas. Alguns com cordões prateados no pescoço de grossura e tamanhos variados. A maior parte dos meninos estava com gel nos cabelos.

Meninas andavam para lá e para cá de braços dados, iam até a praça e voltavam, tornavam a ir e tornavam a voltar. Pareciam querer ser vistas, pois, não eram todos os dias que

caprichavam tanto na produção de seus visuais. Para corroborar e afirmar esta nossa ideia, diz DaMatta que, “a roupa e a preocupação com a aparência, sobretudo no ato de ir (ou estar) na rua, demonstram que se deseja colocar uma etiqueta social no corpo, como um sinal contra o anonimato” (1983, p. 93-94), assim, a troca do uniforme que iguala a todos por roupas coloridas e diferentes é uma maneira de sair do anonimato. Como já dissemos, de ser visto, de ser percebido pelos outros, por isso as idas e vindas até a praça. Os meninos ficavam mais parados, conversavam em grupinhos, riam e brincavam uns com os outros. Todos aguardavam a festa começar.

No refeitório o auxiliar de secretaria ligava o som com alguns alunos. Estes traziam cd's e pen-drives para localizar músicas. As meninas que iam apresentar coreografias se arrumavam em uma sala reservada. O portão aberto permitia a entrada das pessoas da comunidade para assistir e participar da festa. Cadeiras foram colocadas ao redor do pátio para que os visitantes pudessem se assentar. Alunos dos turnos da manhã e da tarde compareceram. Os meninos ficavam alvoroçados quando as meninas dos outros turnos passavam. Alguns se arriscavam a cumprimentá-las, outros as observavam sem nada dizer. Renato estava de mãos dadas com sua namorada, os dois conversavam baixinho num canto do pátio.

Segundo os alunos, momentos como este, de festa na escola, deveriam ocorrer mais vezes. Como já foi dito oportunidade para divertirem-se e estreitar laços amorosos ou somente laços de amizade. Ao aproximar-me do grupo de alunos do primeiro ano, percebi que Ana Paula não estava presente, perguntei aos seus colegas e eles confirmaram que ela não havia vindo, mas não souberam explicar direito o motivo, Renato acredita que é porque estava com nuvens bem carregadas quando saíram do Quilombo. Talvez o medo da chuva e dos problemas que ela traz na estrada justifique a ausência de Ana Paula e de outros alunos que também não compareceram, como por exemplo, os da Comunidade Santo Izidoro. Andreлина e Ney assistiam a movimentação com entusiasmo.

O som foi ligado com músicas variadas, desde pagode até sertanejo. Os alunos e convidados foram se ajuntando no pátio. A festa iria começar. A diretora deu boas vindas aos alunos e visitantes, anunciando que aquele “I Carnaval na escola” seria seguido de vários outros. Convidou a vice-diretora para coordenar as apresentações das alunas e sentou-se no refeitório para poder assisti-las. O primeiro grupo de meninas a se apresentar era composto de alunas da noite e do turno vespertino. Elas mostraram uma coreografia com música da cantora Shakira. A segunda apresentação contou com alunas apenas do terceiro turno, elas

apresentaram coreografia com música da cantora Cláudia Leite. A terceira apresentação foi com música da Banda Fuguetão Bahiano<sup>68</sup>.

**Figura 73 – Descontração no I Carnaval da E. E. de Ribeirão da Folha**



Fonte: Foto da autora, 2011

**Figura 74 – Alunos fazendo poses para fotos**



Fonte: Foto da autora, 2011

<sup>68</sup> A música da colombiana Shakira, representada pela alunas é *WAKA WAKA (This Time for África)*; a da cantora Cláudia Leite, é *Beijar na Boca*; e a da banda baiana Fuguetão Bahiano é *Eu tô solteiro, tô feliz*.

Ao conversar com as meninas sobre as escolhas das músicas, elas disseram-me que não tiveram um motivo maior para tais escolhas, apenas que eram músicas que quase todas gostavam e curtiam. As músicas tocadas e representadas demonstram o gosto musical dos alunos: “bandas da moda” como eles dizem. As músicas mais tocadas, após as apresentações de coreografias eram as de bandas baianas, e, algumas músicas de forró. No entanto, quando as músicas eletrônicas, estilo boate, eram tocadas pelo auxiliar de secretaria que cuidava do som, quase todos os alunos dançavam no pátio, acompanhados de alguns professores e funcionários da escola. Ney, Andreлина e Renato não se arriscavam a ir ao pátio para dançar. Apenas observavam os que se arriscavam. Os alunos que não estavam dançando riam do modo engraçado como os colegas estavam dançando. A festa foi dessa forma. Com som, dança e apresentações pelos alunos. Após o término das apresentações, 19h30min, a diretora deixou o som ligado para que os alunos pudessem dançar. Por volta das 21h00min a diretora mandou servir a merenda e logo em seguida dispensou os alunos.

A festa, “I Carnaval da Escola Estadual de Ribeirão da Folha”, como foi batizada, mobilizou os alunos dos três turnos da escola e também os professores. Estes, juntamente com a direção da escola, prometeram um segundo carnaval, melhor ainda, no próximo ano. O portão permaneceu aberto durante todo o evento, pessoas do local, Ribeirão da Folha, entraram e assistiram as apresentações de danças e coreografias das alunas. Algumas ficaram até o final aproveitando, inclusive, para receber o lanche, “cachorro-quente com suco”. Pelo que notei, os alunos parecem ter gostado bastante, pois, apesar de nem todos dançarem no pátio, todos estavam sorridentes e empolgados com a festa de carnaval.

## **5.2 – As celebrações da semana santa e a Escola**

O distrito de Ribeirão da Folha possui o costume de celebrar todos os anos a semana santa. As celebrações têm início no “Domingo de Ramos”, que antecede o “Domingo de Páscoa”. Neste dia acontece procissão com a benção dos ramos. Os fiéis carregam folhas, ervas e ramos que acreditam servir para cura de algumas doenças ou espantar maus espíritos. Após serem bentos, são guardados para ser usados nas horas de necessidade.

É costume também a comunidade receber seminaristas, freiras ou leigos de alguma comunidade católica para ajudar nas celebrações. Desta vez a comunidade recebeu duas

missionárias da Comunidade Católica Nova Aliança<sup>69</sup>. Elas trazem a eucaristia aos fiéis e também atuam fazendo visitas nas casas dos doentes ou inválidos. As moças chegaram ao distrito na segunda-feira e sua primeira visita foi feita à escola. Procuraram a diretora para combinarem um bate-papo com os alunos de todos os turnos no dia seguinte. A diretora concordou prontamente com a visita e também com a participação da escola e dos alunos nas celebrações da quarta-feira santa, como eles dizem por lá.

Cheguei como sempre na escola, antes dos ônibus, e fiquei observando o movimento no portão. Os alunos estavam apressados, quase todos chegaram e entraram na escola. Poucos ficaram na praça ou no portão. Era terça-feira da semana santa. O costume de passear pelas vendas, bater papo na praça, sentar na área da casa paroquial foi quebrado. Após mais de dois meses de observação foi a primeira vez que percebi uma certa preocupação por parte dos alunos. Estava começando a semana de provas bimestrais. As primeiras seriam as das áreas de ciências exatas. Aproximadamente uns dez alunos sentaram em grupos no refeitório e relembrou fórmulas, faziam cálculos. Durante a oração diária percebi que todos rezaram com mais fervor, talvez pedindo ajuda a Deus para a hora das provas.

Terminada a oração os alunos foram para suas salas, faziam avaliação de matemática e física até a hora do recreio. Fiquei no refeitório conversando com as auxiliares de secretaria e durante o tempo de provas não ouvíamos nem um barulho vindo das salas de aula. Após o término do 2º horário alguns alunos começaram a sair de suas salas, haviam terminado as avaliações. Chegavam calados ou conversavam baixinho, comparavam respostas. Dessa mesma forma agiram os jovens sertanejos, moradores da comunidade Quilombo, e, sujeitos desta pesquisa. Mostraram-se preocupados e discutiam as avaliações com alguns colegas.

Durante o recreio o assunto continuou sendo as avaliações. Alguns comentavam que estavam fáceis, outros, que estavam difíceis, que não haviam aprendido aquela matéria. O certo é que as provas eram o assunto do momento, tanto que os alunos pareceram nem perceber a presença das duas missionárias na escola, com violões, bíblias, terços. Se perceberam a presença das duas não deram importância, pois, o assunto que os mobilizava eram as avaliações. Após o recreio os alunos foram para suas salas. As missionárias começaram, então, a arrumar o espaço para o bate papo com os jovens. Espalharam livros de

---

<sup>69</sup> Fundada em 2001 a Comunidade Católica Nova Aliança é uma Associação Privada de Fiéis de Direito Diocesano, aprovada nos termos do Cânon 332 § 1 do Código de Direito Canônico, aprovada na Diocese de Anápolis – GO, formada por Fiéis Leigos, Celibatários ou Casados, Sacerdotes e Diáconos Permanentes. [...] Dentro da sua forma de vida, cada um assume os compromissos de Pobreza, Castidade e Obediência e abre-se à uma Vida de Oração profunda, ao exercício do Amor Fraternal, ao serviço na Obra confiada à Comunidade e à partilha da vida, dos bens materiais e espirituais. (COMUNIDADE CATÓLICA NOVA ALIANÇA. 2011).

orações, revistas, jornais, bíblias, terços e uma caixa com bombons artesanais em cima das mesas do refeitório. Pediram-me que as ajudasse a organizar o espaço, afastar um pouco as mesas, de forma que coubessem algumas cadeiras, uma vez que os bancos eram insuficientes para todos os alunos.

Com o refeitório pronto, as missionárias pediram aos auxiliares de secretaria que chamassem os alunos. Eles foram chegando e se assentando nos bancos, alguns trouxeram cadeiras e outros se sentaram na escada. As duas se apresentaram aos alunos, falaram de suas vocações como missionárias, e também sobre o motivo principal de estarem ali na escola: “*levar o amor de Deus aos jovens*”. Pediram aos alunos que ficassem de pé para darem início ao encontro, fizeram o “sinal da cruz”, rezaram as orações do “Pai Nosso” e “Ave-Maria”. Após as preces, começaram falar da importância de Deus na vida das pessoas. Leram alguns trechos da bíblia e algumas parábolas. Contaram histórias. Entre pregações e leituras elas cantavam e tocavam violão.

Os alunos demonstraram respeito e não conversaram durante o tempo que as missionárias pregaram. Todos batiam palma durante os cantos, aqueles que já os conheciam cantavam junto com elas. Os alunos evangélicos ficaram sentados, mas não totalmente alheios, batiam palma e também cantavam. Os alunos sujeitos deste trabalho participaram como os demais, cantaram, bateram palmas, fizeram parte das brincadeiras.

Após o término do encontro as missionárias agradeceram a direção da escola e também aos alunos. Convidaram todos para estar presentes na celebração do dia seguinte, em frente à escola, acrescentando que a diretora iria liberar os alunos a partir das 20h00min para que pudessem participar. Mostraram os livros, terços, bombons e revistas que elas vendiam para arrecadar dinheiro para continuar as missões. Alguns alunos compraram bombons, uns pegavam os livrinhos, olhavam e colocavam de volta na mesa. Talvez não tivessem dinheiro para comprá-los. O portão foi aberto e os alunos foram dispensados.

No dia seguinte, “*Quarta-Feira Maior*”, expressão que ouvi de alguns fiéis que participaram do evento, os alunos faziam uma avaliação antes de serem dispensados para participar da “Celebração do Encontro”, encenação representando o encontro de Maria com Jesus. Eles chegaram sem a camiseta de uniforme. Estavam arrumados, os rapazes de calça, camisa, sapatos ou tênis, gel no cabelo, em estilo social. As meninas trajavam calças jeans, saia ou vestido. Quatro estavam de botas de cano longo por fora da calça. A maioria de

cabelos escovados. Maquiagem. Unhas feitas. Elogiei uma das alunas que passou por mim muito perfumada. Ela respondeu sorrindo: “*a ocasião exige professora*”. (Aluna, 15 anos).<sup>70</sup>

Da mesma forma que a festa de carnaval foi uma ocasião propícia para que os alunos pudessem colocar suas melhores roupas, fazer amizades, estabelecer relações de afeto, a participação em celebrações religiosas como esta, também propiciava a eles esses momentos de alegria e descontração. A zona rural não oferece muitas opções de lazer, por isso estes momentos são muito esperados pelos alunos. Este momento seria mais especial ainda, uma vez que, estavam participando dele, pessoas de várias comunidades vizinhas e não somente a escola e a comunidade escolar.

Após a avaliação de português os alunos foram liberados. O altar para a celebração havia sido montado em frente à escola. Muitas pessoas já estavam ali. Um dos auxiliares de secretaria da escola montou a caixa de som e os microfones. Esses equipamentos da escola são sempre usados nas celebrações da comunidade. Os alunos foram se ajuntando e misturando-se aos fiéis que ali se encontravam. As missionárias explicaram que haveria uma encenação com a participação de todos e que alguns alunos atuariam como atores na mesma.

A encenação já havia sido ensaiada previamente. As mulheres deveriam subir até a porta da igreja para acompanhar “Maria Mãe de Jesus”, representada por uma aluna do turno vespertino. Os homens subiriam até o morro que vai para a quadra de esportes para acompanhar “Jesus Cristo”, representado por um aluno do turno matutino. Ao estalar o sino da igreja os dois cortejos desceriam devagar cantando e louvando e se encontrariam onde o altar estava montado, ou seja, na Praça. Na hora do encontro haveria a representação do diálogo de Cristo com Maria e após a encenação, seria feita a pregação pelas missionárias.

Tudo aconteceu como havia sido previamente preparado. A procissão, o encontro, a pregação. Os alunos participaram com carinho e respeito da celebração. Pude perceber que os não católicos ficaram em pé, observando, mas também com o respeito que a ocasião exigia. A relação da religião católica com a escola, em Ribeirão da Folha, é bem estreita. As dirigentes espirituais da comunidade, as catequistas, enfim, todos trabalham na escola ou possuem algum tipo de relação com ela. A maior parte dos alunos frequenta o catecismo em Ribeirão ou em comunidades vizinhas, como pude perceber durante as visitas que fiz a algumas comunidades. Sempre que acontece Primeira Comunhão, Crisma, Coroações ou Missas, os alunos são convidados a participar. Nos dias de missa, à noite, a escola libera os alunos, o que não acontece em celebrações não católicas. Os jovens atores deste trabalho são religiosos e

---

<sup>70</sup> Dados da conversa informal. Pesquisa de campo realizada na escola em 20/04/2011.

participam das celebrações, se identificam com a igreja católica seja através de seus ritos ou suas festas.

A religião católica como já foi dito, está na gênese das cidades e das escolas que vão sendo criadas e o distrito de Ribeirão da Folha e a sua escola são exemplos disso. A escola que deveria ser laica anda de braços dados com o catolicismo. Na falta de opções de encontro, os jovens em sua maioria, aproveitam celebrações como esta, as sociabilidades ocorrem assim.

Na segunda-feira após a semana santa fui para a escola, à noite, no segundo horário, 18h20min. Os alunos do terceiro ano estavam no pátio. Estavam fazendo prova de geografia e os que terminaram foram liberados para ficarem no pátio. Ney se aproximou de mim no refeitório e começamos a conversar. Perguntou-me como tinha sido o final de semana santo, e eu respondi que fiquei em casa estudando. Perguntei a ele como tinha sido o final de semana dele também, ele respondeu-me que tinha sido muito bom. Segundo ele, o irmão de Andreлина que mora fora veio visitar a família, então a comunidade se reuniu e fizeram uma confraternização, da qual ele participou. “*Teve churrasco e danças culturais*”, disse ele. (Ney, 18 anos).<sup>71</sup> Na hora do recreio conversei com Andreлина sobre o assunto, ela disse que em sua casa e também na comunidade, estavam todos felizes com a visita do seu irmão, por isso fizeram uma “*comemoração tradicional com cantos e danças*”(Andreлина, 19 anos)<sup>72</sup>.

A antropóloga Eunice Durhan explica que a migração da zona rural para a zona urbana provoca mudanças socioculturais no indivíduo, pois este precisa se adaptar ao novo ambiente, para uma “*adaptação satisfatória às condições urbanas de vida*” (1984, p. 11). Mesmo com essa adaptação à vida urbana, quando retornam à suas comunidades de origem, como é o caso do irmão de Andreлина, os laços socioculturais são reatados, o indivíduo é acolhido pelo grupo que ficou na comunidade, e, este grupo, comemora seu retorno, mesmo por pouco tempo. Momentos como este, em que um membro do grupo retorna à sua casa são propícios para reafirmarem uma possível identidade étnico-quilombola e restabelecerem laços familiares e de amizades.

---

<sup>71</sup> Dados da conversa informal. Pesquisa de campo realizada na escola em 25/04/2011

<sup>72</sup> Dados da conversa informal. Pesquisa de campo realizada na escola em 25/04/2011

### 5.3 – Mais algumas notas sobre as observações na escola

No dia 21 de março de 2011, quando o “ônibus azul” chegou, percebi uma movimentação diferente. A maioria dos alunos não desceu do ônibus. Uma professora da Escola Municipal da Fazenda Alagadiço desceu apressada em direção a casa onde ficam hospedadas a enfermeira e a auxiliar de enfermagem. Aproximei-me do ônibus e perguntei a um dos alunos o que estava acontecendo, ele respondeu-me que um dos colegas havia sido picado por um escorpião e que estava muito mal. Tratava-se de um aluno do 3º ano, 18 anos, morador da Comunidade de Cabeceiras. Ele havia sido picado por escorpião em seu serviço, numa fazenda, por volta das 14h00min, mas, segundo ele, como o sangue estava muito quente, devido ao serviço pesado com a preparação de toras de eucalipto, a dor era suportável. No entanto, após tomar banho e entrar no ônibus, a caminho da escola, as dores foram aumentando e ele começou a vomitar.

O atendimento foi rápido, a enfermeira o examinou, mas, infelizmente o posto de saúde não conta com muitos recursos, ela deu a ele um analgésico e o encaminhou para a cidade de Minas Novas, no carro do posto, acompanhado pelo supervisor do turno vespertino. O aluno ficou dois dias internados. Situações como esta, na qual os alunos chegam à escola passando mal, são comuns. Segundo uma professora:

Aparece de tudo aqui, desde alunas com fortes cólicas menstruais, até alunos com fraturas por quedas de cavalo ou moto, e alunos ofendidos por algum animal peçonhento como aranha, cobra ou escorpião. O escorpião é mais comum... aqui tem muito sabe. Quando acontece agente manda pro posto ou chama a enfermeira aqui. (Professora de Português)<sup>73</sup>

Pelo que pude observar, os demais alunos agiram como se aquela situação fosse corriqueira, algo comum para eles. Uns ainda faziam brincadeiras dizendo que já haviam sido picados e que, nem por isso doía tanto. A direção e demais funcionários da escola agiram como se a situação já fosse bem familiar. Eu fiquei apavorada!! Confesso que naquela noite nem consegui dormir!!

É comum, também, os alunos se machucarem na própria escola. Durante uma aula de educação física, no pátio, com os alunos do 3º ano, onde alguns jogavam ping-pong, outros peteca e alguns jogavam dama, aconteceu de uma peteca cair em cima do telhado da escola. Enquanto o professor procurava uma vara para tirá-la um dos alunos subiu no telhado. O

---

<sup>73</sup> Dados de conversa informal. Pesquisa de campo realizada na Escola em 21/03/2011.

professor apreensivo pediu que o aluno descesse. Quando o mesmo, atendendo ao pedido do professor, andou sobre o telhado para descer, uma parte do telhado afundou com ele, mas, felizmente ele conseguiu se segurar. Os alunos que estavam na parte coberta do pátio, juntamente comigo é que sofremos as conseqüências: várias telhas caíram sobre nós. Uma atingiu minha perna, não chegou a cortar, mas provocou escoriações e um hematoma que permaneceu por dias. Um pedaço de outra telha caiu sobre o ombro de uma das alunas, provocando também escoriações e segundo a mesma, fortes dores. Foi um tremendo susto para todos! O professor demonstrou preocupação, quanto ao fato de nós termos sido atingidas e também, com o aluno, que felizmente conseguiu se segurar. Mas no fim, nenhuma conseqüência grave, somente a parte do telhado que deveria ser reconstruída. Após o incidente o professor, meio sem graça, se dirigiu até a secretaria/diretoria, provavelmente para explicar o acontecido.

No dia 03 de maio, após a chegada do “ônibus azul”, fui chamada até a sala dos professores pelo professor de educação física. Como sempre, muito educado, entregou-me alguns livros, da Biblioteca da Escola de Alagadiço, disse-me que poderiam, quem sabe, ajudar nos meus trabalhos, pois, os mesmos eram sobre quilombos. Agradei a gentileza e falei-lhe que daria uma olhada nos mesmos. Esse gesto a meu ver demonstra que o professor acha minha pesquisa importante, uma vez que ele e os jovens sujeitos da mesma, moram no Quilombo.

Três dias após ter recebido os livros do professor, estava sentada no refeitório com um deles, o livro “Minas de Quilombo”, (CORRÊA. 2008) quando Ney se aproximou e pegou o livro dizendo para mim e para a auxiliar de secretaria que também estava no refeitório: “*vou me achar nesse livro*” (Ney, 18 anos),<sup>74</sup> e começou a folheá-lo. Após uns dez minutos com o livro na mão, abriu na página 49, onde havia uma fotografia de uma sala de aula, da escola de Quartel do Indaiá, comunidade remanescente de quilombo, localizada na zona rural, próximo à Diamantina. Na imagem escolhida por ele havia várias crianças sentadas numa sala de aula e uma professora. Ele nos apontou em tom de brincadeira quem seria ele ali: um aluno de pele morena, vestindo uma camisa da seleção brasileira de futebol, com um caderno sobre a mesa. Perguntei a ele o porquê da escolha. Ele respondeu-me: “*eu sou quilombola, bom aluno e bom de bola*”<sup>75</sup> (Ney, sujeito da pesquisa). Esse gesto indicou que ele valoriza a educação, valoriza

---

<sup>74</sup> Dados de conversa informal. Pesquisa de campo realizada na Escola. 06/05/ 2011.

<sup>75</sup> Dados de conversa informal. Pesquisa de campo realizada na Escola. 06/05/ 2011.

a escola e o mais importante, ele se identificou como um jovem remanescente de quilombo, afirmando uma identidade étnico-racial quilombola.

Ainda em um dia do mês de abril, as turmas estavam todas em suas salas. Estava sentada no refeitório conversando com uma auxiliar de secretaria sobre os rumos da minha pesquisa, quando de repente Renato desceu as escadas rumo ao banheiro. A auxiliar de secretaria iniciou um diálogo com ele e eu fiquei apenas observando:

*Auxiliar 2: você tá sumido rapaz, nem desce pro recreio, fica lá em cima só namorando!*

*Renato: aqui não pode namorar, a gente só conversa...*

*Auxiliar 2: conversar é namorar. Faz parte do namoro!*

*Renato: não! Tá claro demais! É bom namorar no escuro.*

*Auxiliar 2: mas moço, no escuro a gente não exerga!*

*Renato: mas a gente senti uai! É melhor! No claro a gente só prepara pro escuro!!* (CADERNO DE CAMPO, 2011)

Após o diálogo dos dois, os mesmos riram. A auxiliar de secretaria gostou muito do que Renato havia dito, “no claro agente só prepara pro escuro” e ficou repetindo e comentando com os professores e colegas de secretaria que chegavam. Renato foi rapidamente ao banheiro e passou sorridente por nós. O diálogo entre os dois indica que as sociabilidades e convivência na escola se dão de forma natural.

Nos meses seguintes eu já estava bem familiarizada com os alunos e eles comigo. Eu participava a pedido deles dos jogos de ping-pong, de dama, peteca, só dos de futsal eu não me arriscava. Os alunos já não tinham vergonha de mim. Agiam como se eu fosse uma deles. Convidavam-me para festas nas comunidades vizinhas, inclusive comemorações particulares feitas em suas casas. Muitos dividiam comigo segredos e problemas de suas vidas.

No horário que o “ônibus azul” chegava os alunos agiam de forma corriqueira. Alguns entravam na escola, outros iam para as vendas e havia alguns que se assentavam na área da casa paroquial ou na calçada de uma venda, de frente a escola. As conversas eram sobre passeios, festas, namoradas, amigos, trabalhos escolares, provas, estradas ruins e até sobre o estado de conservação de seus ônibus, que, de vez em quando, estragavam devido à precariedade das estradas. Durante o período da aula de educação física, horários vagos e saída dos alunos, nada de diferente acontecia. Era final de maio. Encerrei então as observações sistemáticas na escola e como já expliquei os motivos, retornei à sala de aula na cidade de Capelinha, para onde eu havia pedido remoção. Mesmo dando por encerrada as

observações sistemáticas, sempre que podia, nas sextas-feiras e nos fins de semana, retornava à escola, à Ribeirão e de vez em quando, à comunidade Quilombo.

#### **5.4 – Festas do Terceiro Ano: “Cala a Boca e me Beija” e “Halloween Fest”**

No segundo semestre de 2011 a turma do terceiro ano começou a realizar eventos para arrecadar dinheiro para uma confraternização de fim do ano, o que eles preferem chamar de “formatura”. Geralmente fazem uma celebração religiosa, um culto católico, e após o culto, um jantar na escola, no qual as famílias também participam. Eles começaram a arrecadação fazendo leilões nas comunidades onde os alunos moravam, como por exemplo, um leilão que foi feito na Comunidade Serra, próximo de Ribeirão e que, infelizmente, apesar dos inúmeros convites dos alunos, não pude comparecer. E fizeram também pequenas festas na sede da Associação Comunitária Quilombola de Ribeirão da Folha – Conselho Comunitário, como todos dizem.

**Figura 75 – Conselho Comunitário de Ribeirão da Folha**



**Fonte: Foto da autora, 2011**

A convite dos alunos participei de duas destas festas: “Cala a Boca e Me Beija!!” e “Halloween Fest”, a primeira foi realizada no dia 08 de outubro e a segunda no dia 12 de novembro de 2011. A escolha dos nomes para as festas foi feita pelos próprios alunos. Eles

disseram que queriam nomes chamativos, tanto que, o “Halloween Fest” deles, nada tem haver com as festas de halloween que acontecem nos Estados Unidos ou em outros países

Nos dois eventos, fui para o local da festa, por volta das 21h00min e percebi que, nas proximidades da rua do conselho, havia cerca de umas 50 motocicletas encostadas e também, alguns ônibus escolares, dentre estes, o “ônibus azul” que transportava os alunos das comunidades de Cabeceiras, Santiago, Alagadiço e Quilombo. Em ocasiões como aquelas, os donos dos ônibus fazem o transporte dos alunos, em forma de patrocínio, para poder ajudá-los a arrecadar mais fundos para a confraternização de final de ano.

Na “Festa Cala a Boca e me Beija”, como no “Halloween Fest” ficaram no portão do Conselho Comunitário três alunos, que cobravam o valor de R\$3,00 reais pela entrada, no entanto no primeiro evento, após o pagamento, entregavam um cordão com uma tira de cartolina com os dizeres: “CALA A BOCA E ME BEIJA”. Esta deveria ser pendurada no pescoço. Após efetuar o pagamento e pegar meu cordão, o qual pendurei no pescoço, como todos os outros participantes, entrei no “terreiro”<sup>76</sup> da associação e ao chegar a porta, me deparei com mais três alunos, entre eles Ney. Eles pediam a mão do participante e batiam sobre a mesma o carimbo da escola, assim, a pessoa podia sair do local e voltar quando quisesse, fato que se repetiu na segunda festa. Era uma forma de evitar que pessoas entrassem sem pagar. Os alunos me desejaram boas vindas e pediu-me que ficasse a vontade no recinto.

Na primeira festa, ao entrar, reparei que as três janelas estavam fechadas, estava muito calor e o ambiente muito abafado. Perguntei, então, aos meninos, o porquê das janelas estarem fechadas. Eles responderam que era porque não queriam que as pessoas que ainda estavam do lado de fora vissem o movimento, assim, curiosas, acabariam entrando e rendendo mais lucros para a turma. Mas, que, mais tarde, quando já tivesse uma quantidade maior de pessoas, as janelas seriam abertas. Estavam certos, pois, o salão estava um pouco vazio, havia no local apenas umas 20 pessoas.

Nas duas festas o salão havia sido previamente preparado. Correntes de papel, lona preta com luzes pisca-pisca decoravam o espaço. Os alunos conseguiram um congelador emprestado para colocarem as bebidas geladas. E as bebidas quentes como litros de vodka, campari e conhaque ficaram em cima de uma pequena mesa.

---

<sup>76</sup> Espaço vazio entre o portão e a casa do conselho.

**Figura 76 – Jovens conversando na “Festa Cala a Boca e me Beija”**



Fonte: Foto da autora, 2011

**Figura 77 – Detalhe da decoração dos eventos**



Fonte: Foto da autora, 2011

Nos dois eventos havia funcionários da escola, desde professores até auxiliares de secretaria e supervisor. Aos poucos o salão ia enchendo, muito dos rostos eram alunos do turno da noite e eu já os conhecia. Dentre eles o DJ da festa, aluno do 1º ano, DJ Regis. Alguns chegavam e me cumprimentavam, outros apenas abanavam a mão e sorriam. Dos sujeitos dessa pesquisa, estava presente Ney, que era aluno do 3º ano, turma que estava organizando a festa, e Renato, que estava acompanhando sua namorada, também aluna da turma.

Havia alunos do turno vespertino e também do matutino. Havia pessoas que não eram da escola, jovens e adultos de comunidades vizinhas e também de Ribeirão. Os rapazes, a maioria, estavam vestindo calça jeans, camiseta ou camisa, tênis ou sapato. Mas, eram roupas de festa, pelo que pude observar novas ou seminovas. Na “Festa Cala a Boca e me Beija”, havia três rapazes da comunidade de Palmital que se destacavam pelas suas vestimentas: calças coloridas, camisa colada no corpo e cabelos com gel bem espetados para cima. Notei que alguns alunos de Ribeirão reparavam nos rapazes e cochichavam baixinho, com certeza comentando as vestimentas dos mesmos, pois não eram comuns tais roupas no Distrito.

**Figura 78 – Jovens no “Halloween Fest”**



**Fonte: Foto da autora, 2011**

As meninas que compareceram aos eventos foram bem produzidas, sandálias ou sapatos de salto alto, vestidos, conjuntos de saia e blusa, calças saruel, calças jeans bem justas

ao corpo, blusas decotadas. E, praticamente todas de maquiagem, cabelos escovados ou com tranças.

**Figura 79 – Estilos de roupa e cabelo no “Halloween Fest”**



**Fonte: Foto da autora, 2011**

No primeiro evento duas jovens chamavam a atenção, elas estavam descalças e se vestiam iguais: short bem curto e top pretos. As pessoas reparavam nas duas o tempo todo. Um aluno chegou até mim e a dois professores que estavam do meu lado e falou com ar de deboche assim: “ô Ligia, na próxima festa você deve vir vestida de piriguete, daquele jeito, vai matar a pau... mas se vier não me cumprimenta não viu, nem te conheço!” (Aluno, 17 anos)<sup>77</sup>. Respondi ao jovem, com semblante de seriedade, que não via nada de mais nas roupas das jovens, que cada um veste da forma que achar melhor. Ele apenas sorriu e me abraçou. As piadas de mau gosto sobre as duas jovens e sobre os rapazes que vestiam calças e

---

<sup>77</sup> Dados de conversa informal. Pesquisa de campo realizada na Festa do 3º ano.08/10/ 2011.

camisas coladas ao corpo permaneceram durante toda a festa. Elas aumentavam quando as duas se abraçavam e desciam rebolando até o chão.

Ficou claro para mim que a atitude do jovem era uma atitude de preconceito. E os risos e cochichos de alguns participantes sobre aqueles jovens também eram preconceituosos. No entanto, pelo que pude observar, não era uma atitude de todos os presentes. Os jovens sujeitos desse trabalho que estavam presentes não demonstraram, pelo que pude perceber, nenhuma atitude de desrespeito ou preconceito para com aqueles jovens.

No primeiro evento a turma teve um problema com os banheiros, que devido a um mau cheiro, tiveram de ser trancados. Dessa forma, as pessoas, principalmente homens, passaram a usar o fundo do Conselho, para fazerem suas necessidades e, as moças, se valiam do banheiro de um bar, na Praça da Gruta. Para amenizar o mau cheiro, as janelas foram abertas. No segundo evento, tal problema não ocorreu. Acredito que o banheiro tenha passado por uma manutenção para corrigir o vazamento.

No “Halloween Fest” aconteceu um desfile para eleger a garota mais simpática da festa, no entanto, as candidatas já haviam sido escolhidas previamente, duas alunas da comunidade de Santiago e uma aluna de Ribeirão da Folha. O desfile foi um sucesso! As pessoas, principalmente os rapazes, assobiavam e gritavam enquanto as meninas desfilavam. Para escolher a vencedora a turma organizadora pediu que as pessoas presentes aplaudissem uma a uma e a que foi mais ovacionada foi eleita a “Garota Simpatia”, com direito, inclusive, a faixa.

Nos dois eventos o DJ Regis tocava todos os tipos de músicas, desde forró, até músicas eletrônicas. Alguns participantes dançavam no centro ou faziam rodinhas nos cantos para conversar ou dançar. Outros ficavam namorando, dando beijos e abraços, ou apenas de mãos dadas, como Renato, por exemplo. Os pais de sua namorada estavam presentes na primeira festa, para prestigiar os filhos, ou quem sabe vigiá-los, pois além da namorada de Renato, o irmão dela também é aluno do 3º ano.

E ainda havia aqueles que ficavam apenas observando o movimento. Ney ficou, nos dois eventos, na segunda portaria carimbando as mãos dos que entravam e, quando não havia mais esta tarefa para ser feita, ia para o bar ajudar os colegas a vender fichas de bebidas ou então, servi-las aos participantes. De vez em quando ia até onde estávamos, conversava um pouco conosco sobre a festa e voltava ao bar para ajudar seus colegas. No entanto, o som em alto volume atrapalhava os diálogos entre nós.

Um aspecto que me chamou atenção nas festas e que já foi dito antes, nessa dissertação, é o consumo de bebidas alcoólicas pelos jovens. Segundo um professor da escola,

esse consumo aumentou após a chegada da pedreira e seus funcionários à Ribeirão da Folha. Este professor que não quis se identificar, disse que não somente o consumo de bebidas, como também o consumo de outras drogas, como, por exemplo, a maconha. Para este professor a empresa, que trouxe benefícios, como novos empregos, por exemplo, também trouxe problemas, como os descritos acima. O certo é que pude perceber naquela festa a grande quantidade de jovens e adolescentes que consumiam bebidas alcoólicas, desde conhaque com guaraná, até vodka ou cerveja. Grande maioria dos jovens, naquele espaço, aparentava ter entre 15 e 19 anos, sendo que, tal consumo não foi feito apenas pelos meninos, mas também pelas meninas e funcionários da escola que estavam presentes. No entanto, não identifiquei nenhum funcionário da tal pedreira, que pudesse de alguma forma estar influenciando o consumo de bebidas por aqueles adolescentes e jovens.

Eventos como a festa “Cala a Boca e Me Beija” e “Halloween Fest”, são espaços propícios para as interações de todos os tipos entre os jovens, “são momentos extraordinários marcados pela alegria e por valores que são considerados altamente positivos’ (DAMATTA, 1983, p. 40). No entanto, alguns valores que circularam pelos dois eventos não podem ser considerados tão positivos, como por exemplo, o consumo de bebidas por adolescentes e jovens. Assim, tais eventos podem ser considerados espaço de aprendizagens positivas ou negativas.

**Figura 80 – Relações afetivas no “Halloween Fest”**



Fonte: Foto da autora, 2011

Nos dois eventos, por volta das 01h30min os motoristas dos escolares ligaram os motores dos ônibus e buzinaaram na Praça da Gruta, pois aquele era o horário combinado previamente para retornarem às comunidades de origem. Os alunos das comunidades por onde os veículos passariam começaram, então, a se dirigirem até a praça, e tomarem seus lugares, entre eles Renato e Ney.

## 6 - LUTAS E CONQUISTAS DOS NEGROS NO BRASIL

*Sertão: O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado! E bala é um pedacinhozinho de metal...*  
(ROSA, 2001, p. 35)

A educação sempre esteve presente no conjunto das preocupações dos movimentos sociais negros devido ao fato de ser através dela que inúmeros estereótipos que marcam a presença dos negros na história do Brasil podem ser superados. Um destes estereótipos é a aparente ausência de resistência dos negros diante da escravização ou, por exemplo,

associar, de maneira racista, o trabalho de negro com tarefa mal feita, ou ainda associar o próprio negro com o estereótipo de preguiçoso e vagabundo, ou seja, uma “raça” que não gosta de trabalhar, embora o tenha feito por quase 400 anos (SANTOS, 2004, p. 02).

Fato é que a educação pode, muitas vezes, contribuir para o aumento destes estereótipos e preconceitos através de discursos pedagógicos, de conteúdos curriculares, e de livros didáticos e outros artefatos da cultura escolar. Por isto um dos focos das reivindicações dos movimentos sociais negros recaírem sobre a educação. Uma educação que reconheça e respeite a luta da população negra pelo direito a uma escola que, também, reconheça a cultura negra não apenas através de discursos retóricos, mas pela edição de leis e políticas públicas. Para Luiz Alberto Gonçalves,

O processo de alienação da criança brasileira se faz, sobretudo através da escola, onde se dá o reforço de um conjunto de idéias elitistas que discorre os valores culturais e nega a participação dos oprimidos no processo histórico brasileiro. [...] No final desse processo se ela não reage, acaba por se envergonhar das suas origens e da sua condição de negra [...] A educação deve ser um instrumento de libertação e não de alienação do povo (1985, p. 207).

Nilma Lino Gomes acrescenta que,

A escola, enquanto instituição social responsável pela organização, transmissão e socialização do conhecimento e da cultura, revela-se como um dos espaços em que as representações negativas sobre o negro são difundidas. E por isso mesmo ela também é um importante local onde estas podem ser superadas. [...] Por tudo isso, reitero que tratar, trabalhar, lidar, problematizar e discutir sobre educação e cultura negra no Brasil é assumir uma postura política. De forma alguma as relações culturais e sociais entre negros e brancos em nosso país podem ser pensadas como harmoniosas, democráticas e diluídas nas questões socioeconômicas. (2003, p. 77)

Não à toa, na constituinte de 1988, além da luta para o reconhecimento dos direitos das comunidades remanescentes de quilombos, esteve presente através da luta dos

movimentos negros, a preocupação com a criação de leis contra o racismo e a inclusão da História e Cultura Afro-brasileira nas escolas da rede pública e da rede privada de ensino. Segundo Gomes,

Os negros perceberam a necessidade de articulação e organização a fim de lutarem coletivamente, reivindicarem e conquistarem respeito, reconhecimento, dignidade, poder, participação política, emprego, terra e educação. E, entre essas bandeiras de luta, a educação se tornou prioritária, uma vez que o analfabetismo e lenta inserção nas escolas oficiais se constituíam em um dos principais problemas dessa população para a inserção no mundo do trabalho. (2010, p. 699)

Tais reivindicações conquistaram muita força na sociedade, prova disso foi a realização de encontros, palestras, fóruns e seminários para discutir o assunto, dentro e fora dos movimentos sociais negros, em escolas, faculdades, organizações não governamentais dentre outros espaços. De acordo com Santos e Siman,

esse movimento tem contribuído para alterar a tradicional recusa da sociedade brasileira de debater as questões raciais, recusa esta fortemente ancorada no mito da democracia racial, cuja ampla difusão contribuiu para a construção de uma auto-imagem de sociedade livre de preconceitos e conflitos raciais, ou, quando muito, uma sociedade em que o racismo se apresentaria de forma mais “branda” e menos violenta. (2008, p.01).

Em outros termos, é preciso reiterar sempre que algumas conquistas relativas à população negra no país não podem ser vistas como “concessões” e sim como conquistas de movimentos organizados da sociedade civil e de grupos políticos em alguns partidos no país.

Com efeito, na reformulação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em 1996, a proposta de alteração do currículo escolar que esteve presente na constituinte de 1988 novamente entra pauta. Os movimentos sociais negros estiveram representados pela, então senadora, Benedita da Silva, mulher negra do Partido dos Trabalhadores. Neste caso, pode se dizer que houve um pequeno avanço nas reivindicações do movimento negro, pois, a LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 9394/96, em seu Art. 26, quarto parágrafo garante que: “o ensino de história do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e européia” (BRASIL, 1996.).

Apesar desse pequeno avanço, somente em 09 de janeiro de 2003 a proposta do movimento foi aceita pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva, que altera a LDB e institui a Lei 10.639/03, que traz a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-brasileira nos currículos dos estabelecimentos de ensino, públicos e privados, do país. Além desta Lei, o

Conselho Nacional de Educação aprovou o Parecer CNE/CP 3/2004, criando as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira a serem implementadas nos estabelecimentos de ensino. De acordo com Lei 10.639/03 esta temática deverá ser trabalhada em todas as disciplinas, em especial, nas disciplinas de Educação Artística, Literatura e História. Além da mudança na grade curricular, a Lei prevê a data de 20 de novembro, aniversário da morte de Zumbi dos Palmares, no calendário escolar, como “Dia Nacional da Consciência Negra”. Conforme Gomes,

A Lei 10.639/03 e os seus instrumentos legais, ao instituírem como compromisso da política educacional a releitura positiva da história africana e afro-brasileira nas escolas, passam a conformar uma política pública não só de educação, mas também de afirmação da identidade, da memória e da cultura negras. Portanto, podem ser considerados um passo a mais na luta pela superação do racismo e pelo enfrentamento da injustiça no sistema educacional do País. (2010, p. 694).

Entendemos a criação dessa lei como uma vitória da resistência, ou seja, é uma tentativa de eliminar contradições sobre a história dos africanos no Brasil e também uma forma de amenizar as conseqüências provocadas durante o longo período em que o negro foi subjugado no regime escravocrata no país. Lutas estas que nos remetem à questão das políticas de identidades e de desconstrução de imagens cristalizadas na história e no imaginário relativas ao negro brasileiro. Tosta explicita que,

o Estado e a indústria cultural – ou mais modernamente, os meios de comunicação contemporâneos e em uso –, têm operado e disseminado dois tipos básicos de interpretação da realidade brasileira os quais se interpõem: o mito da democracia racial e o discurso da homogeneidade cultural. Mito e discurso que, historicamente, tentam dissolver as diferenças, ocultar e dissimular um quadro social impregnado de um racismo difuso, por vezes cordial, porém existente e manifesto em variadas expressões. (2011, p. 419).

Porém, sabemos que a promulgação de instrumentos normativos por si só, não combate estereótipos, como o descrito acima, ou imagens negativas construídas ao longo da história. Para tanto, é imprescindível o apoio das instituições escolares, desde a formação de seus professores, as reformas curriculares, enfim, a revisão de seus projetos políticos pedagógicos.

Para a desconstrução de mitos e de imagens negativas, de ideologias sobre a inferioridade do negro e de uma presumida “democracia racial” no Brasil, a figura do professor é central. Ele “é um elemento básico do ato pedagógico e pode ser um aliado

extremamente importante para romper os elos dessa cadeia de alienação referente ao tema” (CARENO, 2004, p.09). A importância do professor é corroborada também por Gomes:

Cabe ao educador e à educadora compreender como os diferentes povos, ao longo da história, classificaram a si mesmos e aos outros, como certas classificações foram hierarquizadas no contexto do racismo e como este fenômeno interfere na construção da auto-estima e impede a construção de uma escola democrática. [...]

Mas isto requer um posicionamento. Implica a construção de práticas pedagógicas de combate à discriminação racial, um rompimento com a “naturalização” das diferenças étnico/raciais, pois esta sempre desliza para o racismo biológico e acaba por reforçar o mito da democracia racial. (2003, p. 77).

Assim, não apenas com os professores, mas reconhecendo seu papel crucial nestas desconstruções sobre o negro a partir dos processos de escolarização, a educação se torna aliada mais importante dos movimentos negros para valorizar sua trajetória no Brasil, bem como elevar a auto-estima dos alunos. Um ensino de qualidade e que trate como iguais os alunos, independente das suas condições sócio-econômicas ou culturais, de suas cores e origens, poderá contribuir de forma positiva para a constituição de identidades étnico-raciais. Por esta razão, a importância de a escola ter um discurso positivo sobre o negro.

Pensando dessa forma é que procuramos entender nesta pesquisa que relações são estabelecidas entre a Escola Estadual de Ribeirão da Folha e os jovens investigados, pois, sabidamente, a escola é um espaço sócio-cultural diverso, local onde muitas vezes circulam formas de preconceitos e discriminação. Formas que são mais visíveis no que diz respeito aos alunos afrodescendentes. E os discursos escolares podem interferir na conformação, na constituição, ou negação das identidades dos sujeitos que a frequentam.

Neste caso, como os sujeitos investigados são moradores de uma comunidade remanescente de quilombo, entender essas relações foi de relevância para o que nos propusemos a entender nesta pesquisa. Para isto tornou-se importante, entender, também, as conquistas dos remanescentes de quilombos como veremos abaixo.

## **6.1 – Direitos das Comunidades Remanescentes de Quilombo**

As lutas pela educação empreendidas pelos movimentos sociais negros sempre estiveram atreladas às lutas pelos direitos dos remanescentes de quilombo. Por muitos anos estas comunidades estiveram simplesmente na invisibilidade da história brasileira. Eram lembradas apenas como lugar de negros fujões do período da escravidão. No entanto, a

Constituição Cidadã de 1988, além de reconhecer a existência de tais comunidades em território nacional, ainda reconheceu através dos seus artigos 215 e 216 a diversidade étnica e cultural do povo brasileiro, garantindo a proteção das diferentes manifestações culturais e constituindo como patrimônio cultural brasileiro, os bens materiais e imateriais que dizem das identidades e memórias dos diferentes povos que formaram a sociedade brasileira (BRASIL, 2011).

Na luta por esse reconhecimento não podemos deixar de mencionar a importância do deputado negro Abdias Nascimento, que participou como constituinte na elaboração da nova Carta Magna. Em seu Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, que já foi citado na introdução desta dissertação encontramos: “aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” (Brasil, 2011). Desta forma, além de reconhecer a existência dessas comunidades, a Constituição reconheceu também, de acordo com o estudioso José Augusto Laranjeira Sampaio, “pela primeira vez no período republicano, a categoria jurídico-legal de quilombo” (2008, p. 17). Quando da aprovação deste artigo, os constituintes talvez não imaginassem a quantidade de comunidades no Brasil, com tais características, que lutariam pela posse de seus territórios.

Hoje, a FCP já certificou no Brasil 1711 comunidades. Segundo a SEPPPIR – Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, a Fundação Cultural Palmares e o Ministério da Cultura, mapearam 3.524 dessas comunidades em todo o Brasil. Contudo, a SEPPPIR salienta que, de acordo com outras fontes, o número total de comunidades remanescentes de quilombos pode chegar a cinco mil (BRASIL, 2011). Assim, para identificar, reconhecer, delimitar e garantir o direito à terra à essas populações, o governo assinou os Decretos 4883 e 4887 de 20 de novembro de 2003.

O decreto 4883 de 2003 trata da distribuição de competências entre os ministérios, e, nele, está dito que:

Art. 1º Fica transferida do Ministério da Cultura para o Ministério do Desenvolvimento Agrário a competência relativa a delimitação das terras dos remanescentes das comunidades dos quilombos, bem como a determinação de suas demarcações [...].

Parágrafo único. Compete ao Ministério do Desenvolvimento Agrário a expedição dos títulos das terras a que se refere o **caput** deste artigo.

Art. 2º Compete ao Ministério da Cultura assistir e acompanhar o Ministério do Desenvolvimento Agrário e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA nas ações de regularização fundiária para garantir a preservação da identidade cultural dos remanescentes das comunidades dos quilombos. (BRASIL, 2011).

O Decreto 4887 de 2003 regulamenta os procedimentos para o reconhecimento das comunidades remanescentes de quilombo. Seu artigo segundo diz o seguinte:

Art. 2º Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.

§1º Para os fins deste Decreto, a caracterização dos remanescentes das comunidades dos quilombos será atestada mediante autodefinição da própria comunidade.

§2º São terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos as utilizadas para a garantia de sua reprodução física, social, econômica e cultural.

§3º Para a medição e demarcação das terras, serão levados em consideração critérios de territorialidade indicados pelos remanescentes das comunidades dos quilombos, sendo facultado à comunidade interessada apresentar as peças técnicas para a instrução procedimental.

[...]

Art. 17. A titulação prevista neste Decreto será reconhecida e registrada mediante outorga de título coletivo e pró-indiviso às comunidades a que se refere o art. 2º, **caput**, com obrigatória inserção de cláusula de inalienabilidade, imprescritibilidade e de impenhorabilidade.

Parágrafo único. As comunidades serão representadas por suas associações legalmente constituídas. (BRASIL, 2011).

O Ministério da Cultura e o Ministério de Desenvolvimento Agrário, de acordo com estes decretos, devem trabalhar como parceiros na identificação, reconhecimento e titulação das comunidades remanescentes de quilombo. Ao titular estas comunidades o INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – emite documento de posse coletiva, no qual, tais territórios não podem ser divididos nem penhorados ou vendidos, sendo representados por suas associações comunitárias.

As comunidades remanescentes podem pedir a medição de suas terras indicando critérios de territorialidade, ou seja, provando que possuem ligação de pertencimento com determinado território. Esse critério tem causado vários conflitos e disputas com posseiros e fazendeiros que ocupam terras no entorno de comunidades quilombolas, pois, muitas vezes, ao pedir a demarcação das terras, essas comunidades conseguem provar que os territórios do entorno lhes pertencem.

Outro importante dispositivo do Decreto 4887 de 2003 é o reconhecimento de comunidades remanescentes de quilombo através de critérios de auto-atribuição e auto-reconhecimento, ou seja, comunidades que se reconhecem como possuidoras de ancestralidade negra e que possuem ligação direta com o território que ocupam, retirando dele a garantia de sua reprodução física, social, econômica e cultural. Em outros termos trata-se da identidade com as quais estes povos querem ser reconhecidos e tratados.

Esta autodefinição, auto-reconhecimento deverá ser inscrito na FCP, que, após análise de documentos enviados pelas comunidades expedirá a certidão de reconhecimento como comunidade remanescente de quilombo. Somente após a expedição pela FCP da certidão de reconhecimento é que a comunidade pode solicitar a titulação da terra ao INCRA. Este auto-reconhecimento como “remanescente de quilombo”, ou “quilombola” ou ainda outras denominações fica a critério da comunidade interessada, consoante a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho – OIT, sobre povos indígenas e tribais, da qual o Brasil é signatário.

O texto desta convenção foi aprovado no Brasil através do Decreto nº 5.051 de 19 de abril de 2004. O texto da convenção, em seu Artigo Primeiro, estabelece que: “A consciência de sua identidade indígena ou tribal deverá ser considerada como critério fundamental para determinar os grupos aos que se aplicam as disposições da presente Convenção” (BRASIL, 2011), os grupos que se identificam como tal, possuem o direito de pedir seu reconhecimento e a posse e titulação de suas terras.

Devido à importância da Convenção 169 da OIT sobre povos indígenas e tribais, podemos dizer que ela faz parte das conquistas dos povos remanescentes de quilombo, não nomeados desta forma em tal convenção, mas sim como povos tribais. Alguns artigos desta convenção possuem relevância de serem aqui citados, pois incidem diretamente nos direitos dos povos remanescentes de quilombo. Direitos estes que vão desde a educação até o direito ao território:

#### PARTE VI - EDUCAÇÃO E MEIOS DE COMUNICAÇÃO

##### Artigo 26

Deverão ser adotadas medidas para garantir aos membros dos povos interessados a possibilidade de adquirirem educação em todos os níveis, pelo menos em condições de igualdade com o restante da comunidade nacional.

##### Artigo 27

1. Os programas e os serviços de educação destinados aos povos interessados deverão ser desenvolvidos e aplicados em cooperação com eles a fim de responder às suas necessidades particulares, e deverão abranger a sua história, seus conhecimentos e técnicas, seus sistemas de valores e todas suas demais aspirações sociais, econômicas e culturais.

#### PARTE II - TERRAS

##### Artigo 13

1. Ao aplicarem as disposições desta parte da Convenção, os governos deverão respeitar a importância especial que para as culturas e valores espirituais dos povos interessados possui a sua relação com as terras ou territórios, ou com ambos, segundo os casos, que eles ocupam ou utilizam de alguma maneira e, particularmente, os aspectos coletivos dessa relação.

2. A utilização do termo "terras" nos Artigos 15 e 16 deverá incluir o conceito de territórios, o que abrange a totalidade do habitat das regiões que os povos interessados ocupam ou utilizam de alguma outra forma.

## Artigo 18

A lei deverá prever sanções apropriadas contra toda intrusão não autorizada nas terras dos povos interessados ou contra todo uso não autorizado das mesmas por pessoas alheias a eles, e os governos deverão adotar medidas para impedir tais infrações. (BRASIL, 2011)

Sobre a educação a Convenção 169 da OIT estabeleceu que os povos tribais devem ter acesso a todos os níveis de educação, nas mesmas condições dos demais membros da comunidade nacional. A educação oferecida a estes povos deve levar em conta sua história, seus costumes, suas identidades e necessidades econômicas, sociais e culturais. De acordo com dados do INEP, citados por Lima Nunes, o Brasil possui 49.722 estudantes matriculados em 364 escolas localizadas em áreas remanescentes de quilombo (2010, p. 141). O número de escolas, 364, pode ser considerado pequeno se pensarmos nas quase cinco mil comunidades que se reconhecem como quilombolas.

No que diz respeito ao território, a Convenção estabelece que a relação dos povos com a terra que ocupam ou utilizam de alguma forma, deverá ser respeitada. Além disso, as leis deverão garantir sanções aos que invadem ou utilizam os territórios destas comunidades sem autorização.

Mesmo já tendo explicado sua função nesta dissertação, vale a pena ressaltar a importância da FCP. A criação do órgão é outra grande conquista do povo negro em geral e das comunidades remanescentes de quilombo do Brasil, em particular. Criada em 1988, a fundação é uma instituição federal que está vinculada ao Ministério da Cultura e possui várias atribuições. No site da instituição está anotado que uma das suas principais funções é formalizar a existência das comunidades remanescentes de quilombo e assessorá-las juridicamente, além de desenvolver projetos, programas e políticas públicas para que essas populações tenham a garantia de acesso à cidadania. (FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES, 2011). No mesmo documento está dito que,

Fruto do movimento negro brasileiro, a Fundação Cultural Palmares foi o primeiro órgão federal criado para promover a preservação, a proteção e a disseminação da cultura negra. Em seu planejamento estratégico, a instituição reconhece como valores fundamentais:

- COMPROMETIMENTO** com o combate ao racismo, a promoção da igualdade, a valorização, difusão e preservação da cultura negra;
- CIDADANIA** no exercício dos direitos e garantias individuais e coletivas da população negra em suas manifestações culturais;
- DIVERSIDADE**, no reconhecimento e respeito às identidades culturais do povo brasileiro. (FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES, 2011).

O Decreto 4887 de 2003, em seu Artigo 18, parágrafo único, estabelece mais uma função para o órgão: “A Fundação Cultural Palmares deverá instruir o processo para fins de registro ou tombamento e zelar pelo acautelamento e preservação do patrimônio cultural brasileiro” (BRASIL, 2011). Depreende-se disto que a FCP é uma instituição com múltiplas funções e com relevante importância para a população negra. A Fundação além de emitir o certificado de reconhecimento às comunidades remanescentes de quilombo de todo o Brasil, também se compromete com a luta contra o racismo, com a preservação da cultura negra, com a luta a favor dos direitos de cidadania destas populações, e também deve cuidar da instrução dos processos de registro ou tombamento do patrimônio cultural brasileiro, que após isso, deverá ser encaminhado ao IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Em março de 2004 foi criado; também pelo governo federal, o programa Brasil Quilombola que une diversos órgãos governamentais visando ações políticas integradas voltadas para as comunidades remanescentes de quilombo. O programa é coordenado pela SEPPIR, por meio da Subsecretaria de Políticas para Comunidades Tradicionais. O direito a terra e o desenvolvimento econômico e social destas comunidades passaram a ter prioridade para o governo. No entendimento da SEPPIR,

A garantia do acesso à terra, relacionada à identidade étnica como condição essencial para a preservação dessas comunidades, tornou-se uma forma de compensar a injustiça histórica cometida contra a população negra no Brasil, aliando dignidade social à preservação do patrimônio material e imaterial brasileiro. Alterar as condições de vida nas comunidades remanescentes de quilombos por meio da regularização da posse da terra, do estímulo ao desenvolvimento sustentável e o apoio as suas associações representativas são objetivos estratégicos. (BRASIL, 2011).

Mesmo já tendo explicado sua função nesta dissertação, devido sua importância, vale ressaltar que o CEDEFES – Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva – é outro órgão importante para as populações quilombolas. É uma organização sem fins lucrativos, fundada em 1985 na cidade de Contagem, MG, e que funciona na cidade de Belo Horizonte desde 2003. Atua apenas em Minas Gerais e tem como missão,

Contribuir para a inserção social e política na sociedade brasileira dos povos indígenas e das populações rurais pobres, em especial trabalhadores e trabalhadoras rurais, sem terra, agricultores e agricultoras familiares, quilombolas para que possam participar do processo histórico de construção, em nosso país, de uma sociedade plural, solidária, sustentável e democrática, valorizando a memória social e a construção da cidadania, desenvolvendo, para tanto, ações voltadas para a documentação, a pesquisa, a divulgação e a formação cultural e política. (CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO ELOY FERREIRA DA SILVA, 2008, p. 07).

Com esta missão o CEDEFES lançou em 2003 o “Projeto Quilombo Gerais”, pelo qual atua diretamente nas comunidades através de visitas, buscando fazer o mapeamento e a identificação destas. Além disso, oferece apoio no que diz respeito às solicitações de reconhecimento e a titulação das terras.

Apesar de todas essas conquistas o número de comunidades reconhecidas pela FCP é, ainda irrelevante, pois, das mais de 5.000 comunidades que se reconhecem como remanescentes de quilombos, apenas 1.711, como já foi dito, foram reconhecidas pelo órgão. Em Minas Gerais de um total de mais de 500 comunidades, apenas 145 comunidades receberam a certificação.

O decreto 4883 de 2003 transferiu a responsabilidade de identificar, delimitar, desintrusar e titular as terras das comunidades remanescentes de quilombo, do Ministério da Cultura para o Ministério do Desenvolvimento Agrário, mas, o descaso para com estas comunidades é tanto, que somente em 2008 o órgão criou uma Instrução Normativa para regulamentar estes procedimentos: a Instrução Normativa, nº 49 de setembro de 2008. Mas, mesmo com esta Instrução Normativa em vigor, o descaso com a emissão dos títulos de posse aos quilombolas ainda vigora, prova disso é que até 2010, das 1.711 comunidades certificadas pela FCP em todo o Brasil, apenas 38 títulos haviam sido emitidos (INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA, 2011).

Em Minas Gerais das 145 comunidades certificadas, somente duas foram tituladas até o momento, a Comunidade de Porto Corís, na zona rural do município de Leme do Prado, no Vale do Jequitinhonha e a comunidade de Brejo dos Crioulos, na zona rural do município de São João da Ponte, na região norte

Apesar dos avanços e conquistas políticas das comunidades quilombolas, há muito ainda a ser feito pelos órgãos governamentais para que as leis, decretos ou instruções normativas saiam do papel e passem a ser implementados na prática. Assegurar o direito à terra a essas populações é uma das maneiras de assegurar a sobrevivência de suas identidades, valores e crenças.

## 7 - EDUCAÇÃO, QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS E AS IDENTIDADES

*Tem horas que penso que a gente carecia, de repente, de acordar de alguma espécie de encanto. As pessoas, e as coisas, não são de verdade! [...] No real da vida, as coisas acabam com menos formato, nem acabam. Melhor assim. Pelejar por exato, dá erro contra a gente. Não se queira. Viver é muito perigoso... (ROSA, 2001, p. 100-101).*

Neste capítulo trataremos da relação existente entre os sujeitos e a educação; da relação que é estabelecida entre a escola e as comunidades do seu entorno, bem como com o distrito de Ribeirão da Folha, onde ela se localiza; a análise da documentação oficial da escola e o que ela diz sobre as culturas locais, também será discutida neste capítulo. Discutiremos também as relações étnico-raciais na escola e o envolvimento dos alunos nesta problemática e, por fim, traçamos um breve caminho que diz das identidades étnico-raciais quilombolas dos nossos sujeitos.

### 7.1 – O Sertão, a Chuva e a Educação.

Quando no sertão algumas nuvens encobrem parcialmente o sol deixando o céu mais escuro o povo comemora. “São Pedro lembrou da gente”; “É uma benção de Deus”, dizem alguns; outros dizem “Nossas penitências não foram em vão”. A chegada da chuva é celebrada por todos. Para quem nunca viveu numa região seca e semi-árida é difícil entender a relação dos sertanejos com a chuva. Mas para quem, como eu, já viveu na região de Minas Novas é fácil entender por ter vivenciado tal situação. Uma região que fica aproximadamente oito meses sem chover. Clima seco, baixa umidade do ar. Córregos e rios quase secos. A fumaça das carvoarias. Algumas carcaças de animais mortos pelas estradas, como cavalos e vacas, por exemplo. As poucas criações que sobrevivem ficam em pele e osso. A terra dura para ser trabalhada. Pouca coisa nasce. Homens migram por falta de trabalho para o corte de cana. Essa é a imagem do sertão do Jequitinhonha no período da seca. Do sertão de Minas Novas. Do distrito de Ribeirão da Folha e comunidades adjacentes.

Quando a chuva chega o clima fica mais úmido. Das nascentes começam a brotar água. Os córregos e rios reaparecem. Os animais engordam. A terra fica fácil de ser trabalhada. As mulheres recebem seus maridos de volta após meses de ausência. Deixam de ser “viúvas da seca” e passam a ser valentes mulheres na lida ao lado de seus maridos. Roçam, capinam e plantam, esperando uma boa colheita. Barrigas crescem. Novas vidas vão nascer no sertão. O sertão renasce. A esperança brota com as plantas. Essa é a imagem do

Vale do Jequitinhonha no período das águas. É a imagem de Minas Novas e suas comunidades rurais.

Contudo, a chuva que traz fartura e esperança aos sertanejos traz também muitos problemas. São situações paradoxais e que revelam periodicamente o descaso das políticas públicas para com a população sertaneja. Durante os meses de fevereiro e março, por várias vezes o “ônibus azul” não apareceu trazendo os alunos. As estradas ruins com vários trechos de atolamento não permitiam a passagem do veículo. Algumas vezes o motorista insistia e ficava preso nos atoleiros do caminho, dos quais, para sair, só mesmo com a ajuda de tratores. Muitas vezes os alunos voltavam a pé, do meio da estrada, para suas casas. Já aconteceu dos alunos ficarem horas presos dentro do ônibus esperando por socorro, pois, por estar muito distantes de suas casas, não conseguiriam nem mesmo voltar a pé.

Esta não é uma situação vivida apenas pelos alunos das Comunidades de Cabeceiras, Santiago e Quilombo. É uma situação corriqueira no município de Minas Novas, que atinge, principalmente, as comunidades rurais que ficam localizadas mais distantes da cidade, como é o caso do distrito de Ribeirão da Folha. Esse problema ocorre nos primeiros meses do ano, fevereiro e março, e também nos últimos, novembro e dezembro. Meses chuvosos no sertão do Jequitinhonha. São praticamente quatro meses de sofrimento para alunos e professores. Muitos alunos se arriscam em cavalos e motos, e já aconteceu de alunos caírem e se machucarem, fraturando braços e pernas. Além desses riscos, os alunos ficam prejudicados, pois perdem as aulas. Quando a grande maioria falta, a diretora dispensa os demais que compareceram e o dia é repostado em outra data. Mas quando apenas um ônibus não comparece as aulas ocorrem normalmente, prejudicando os que estão ausentes.

Outro problema comum nos períodos chuvosos é a falta de energia elétrica. Constantemente acontece de geradores serem danificados por raios ou quedas de árvores. Quando isso acontece, os alunos, que já chegaram com dificuldade devido o estado de precariedade das estradas, são dispensados. Durante esses meses chuvosos, nos quais eu estava morando em Ribeirão da Folha, aconteceu de ficar até três dias sem energia elétrica. Essa situação causa vários prejuízos não só para o setor educacional, mas também nos bolsos dos moradores e comerciantes, pois, estes perdem produtos que precisam ficar refrigerados. Neste caso podemos incluir também a escola.

A relação entre o sertão, as chuvas e a educação é bem estreita e antiga! O sertão necessita das águas, mas também necessita de educação. Os alunos dizem que precisam da chuva, mas também de educação. Sobre a importância da educação, diz assim os alunos em seus memoriais:

Meu pai estudou somente até o 5º ano; minha mãe não tem escolaridade nenhuma. Atualmente meu pai é mecânico. [...] Pretendo me formar; meu maior sonho é ser advogada. (Ana Paula, 16 anos).<sup>78</sup>

Minha mãe tem a quarta série e meu pai a 1ª série e eles me derão a oportunidade de estudar graças a Deus e à eles hoje estou na segunda série do ensino médio, ainda não tenho uma profissão certa, mas pretendo estudar muito e ser alguém importante. (Renato, 20 anos).<sup>79</sup>

Não vou dizer que é bom porque ainda não tenho uma profissão fixa, porque no momento só me preocupo com os estudos, mas quando terminar meus estudos, com certeza ficarei no que for melhor para mim. (Ney, 18 anos).<sup>80</sup>

Eles conta (os pais) que tinha dia que na escola não tinha nem merenda, o dia que tinha algo em casa eles levava, a profissão dos meus pais é trabalhar na roça porque eles não teve estudo além, para ter profissão melhor, o que eles fazem é várias plantações. [...] o estudo é a base de tudo, então temos que estudar porque para ter a profissão, é o exemplo que temos que mostrar para os nossos pais, ter o que eles não teve. (Andreлина, 19 anos).<sup>81</sup>

Todos os sujeitos dessa pesquisa demonstraram saber da importância da educação para melhorar suas vidas, para melhorar o dia-a-dia no sertão. Convivendo com a lida diária de seus pais, sabem que para não precisarem seguir pelo mesmo caminho, precisam estudar além do que os seus pais estudaram. Como disse Andreлина, “*é o exemplo que temos que mostrar para os nossos pais, ter o que eles não teve*”. Pensando dessa forma, em ter o que os pais não tiveram, é que estes jovens se deslocam todos os dias, enfrentando os mais variados problemas, para concluírem o ensino médio na Escola Estadual de Ribeirão da Folha.

Para que as escolas funcionem normalmente no período das chuvas é preciso que haja estradas bem cuidadas. Na verdade, dizem eles, precisamos de bons políticos no sertão. E assim é todos os anos no distrito de Ribeirão da Folha e comunidades adjacentes, entre elas a comunidade Quilombo. Os sertanejos precisam das chuvas, mas não podem abrir mão da educação, do comércio, da energia elétrica ou das estradas. É assim, a chuva é bem vinda e celebrada, principalmente, quando demora a chegar. E ao chegar, todos já sabem dos problemas que virão juntos. É um ciclo que historicamente se realiza.

## 7.2 – Educação: Escola e Comunidade Quilombola

Em minhas idas e vindas a Ribeirão da Folha para visitar minha família, nos últimos anos, a partir de 2005, comecei a ouvir de algumas lideranças locais como vereadores,

<sup>78</sup> Dados do memorial. Maio, 2011.

<sup>79</sup> Dados do memorial. Maio, 2011.

<sup>80</sup> Dados do memorial. Maio, 2011.

<sup>81</sup> Dados do memorial. Maio, 2011.

dirigentes religiosos, presidente e secretária do conselho comunitário que o distrito de Ribeirão da Folha deveria pedir seu reconhecimento como comunidade remanescente de quilombo, pois se encontra em uma região cercada por comunidades com tais características.

Assim, após anos de discussão e entendimento sobre o assunto, o Distrito, na figura do Conselho de Desenvolvimento Rural de Ribeirão da Folha, fundado em 06 de dezembro de 1984, convocou seus associados para uma assembléia geral extraordinária específica para a discussão e votação de tal matéria. Ou seja, para saber se os membros se reconheciam ou não como remanescentes de quilombo e se autorizavam o pedido deste reconhecimento junto aos órgãos competentes.

Esta reunião ocorreu no dia 26 de abril de 2009, na sede do referido conselho. O resultado foi registrado em ata, no qual os associados, em unanimidade, votaram favoravelmente ao pedido de reconhecimento à Fundação Cultural Palmares, mudando inclusive o nome da associação para Conselho Comunitário de Desenvolvimento Rural Quilombola de Ribeirão da Folha: C.C.D.R.Q.R.F. Na ata da reunião a secretária registrou:

A reunião teve início com a exposição feita pelo presidente que falou da importância da comunidade se auto reconhecer como tal, devido ser toda a região de Ribeirão da Folha uma área de remanescentes de quilombos, conforme identificação feita pelo CEDEFES e outras entidades que já estiveram nas comunidades da região. (CONSELHO COMUNITÁRIO DE DESENVOLVIMENTO RURAL QUILOMBOLA DE RIBEIRÃO DA FOLHA, 2009)

No entanto, ao analisar as publicações do CEDEFES impressas e digitais, e também em conversa com uma das funcionárias em visita que fiz ao órgão em novembro de 2011, não consegui nenhum documento que comprovasse que o distrito tem características de comunidade remanescente de quilombo. O que me foi dito pela funcionária é que há várias comunidades que reivindicam o reconhecimento e que ainda não haviam sido visitadas pelo órgão e talvez Ribeirão da Folha se encontrasse nesta situação.

Entretanto, no histórico enviado à FCP pelo Conselho de Ribeirão, encontramos justificativas para o pedido de reconhecimento:

No período do ciclo do ouro, o município de Minas Novas recebeu um grande número de Escravos, que chegaram e foram distribuídos pelos caminhos do povoado Quilombola de Bemposta, onde funcionava um entreposto comercial de mercadorias e escravos e neste período, muitos escravos fugindo das fazendas a procura de liberdade, se embrenharam por esta região, que era muito distante e de difícil acesso na época, dificultando assim a captura através dos capitães do mato. A região de Ribeirão da Folha é caracteristicamente formada por remanescentes de quilombos o que nos leva a solicitar da Fundação Cultural Palmares nosso auto-

reconhecimento. (CONSELHO COMUNITÁRIO DE DESENVOLVIMENTO RURAL QUILOMBOLA DE RIBEIRÃO DA FOLHA, 2009, p. 1).

É certo que Minas Novas recebeu grande quantidade de negros escravizados, e, é certo também, que a região do povoado de Bemposta foi “ocupada há aproximadamente 300 anos” e é tida pelos minasnovenses “ como um antigo ponto de negociação de escravos” (CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO ELOY FERREIRA DA SILVA, 2008, p. 120). Amparando-se neste histórico enviado à FCP, o distrito de Ribeirão da Folha pode apresentar dados consistentes, pois, com a distância de cerca de 40 quilômetros entre as duas localidades, é bem possível que negros tenham fugido para a região de Ribeirão da Folha dando origem a núcleos quilombolas. Assim, com identificação ou não por órgãos especializados, o certo é que Ribeirão da Folha e comunidades vizinhas – pertencentes à sua associação – aguardam o reconhecimento oficial como comunidades remanescentes de quilombo.

Desta forma a escola onde fizemos nossas observações sistemáticas e onde estudam os sujeitos dessa pesquisa está inserida em um distrito que solicitou seu reconhecimento como remanescente de quilombo em 2009, mas que ainda aguarda por tal reconhecimento pela FCP. Em meio a este movimento reivindicatório foi importante entender a posição da escola diante deste pedido, sua relação com a comunidade, uma vez que além de estar inserida em um local que solicitou reconhecimento como comunidade remanescente de quilombo, ainda recebe alunos de uma comunidade já reconhecida pela FCP como quilombola, a Comunidade Quilombo.

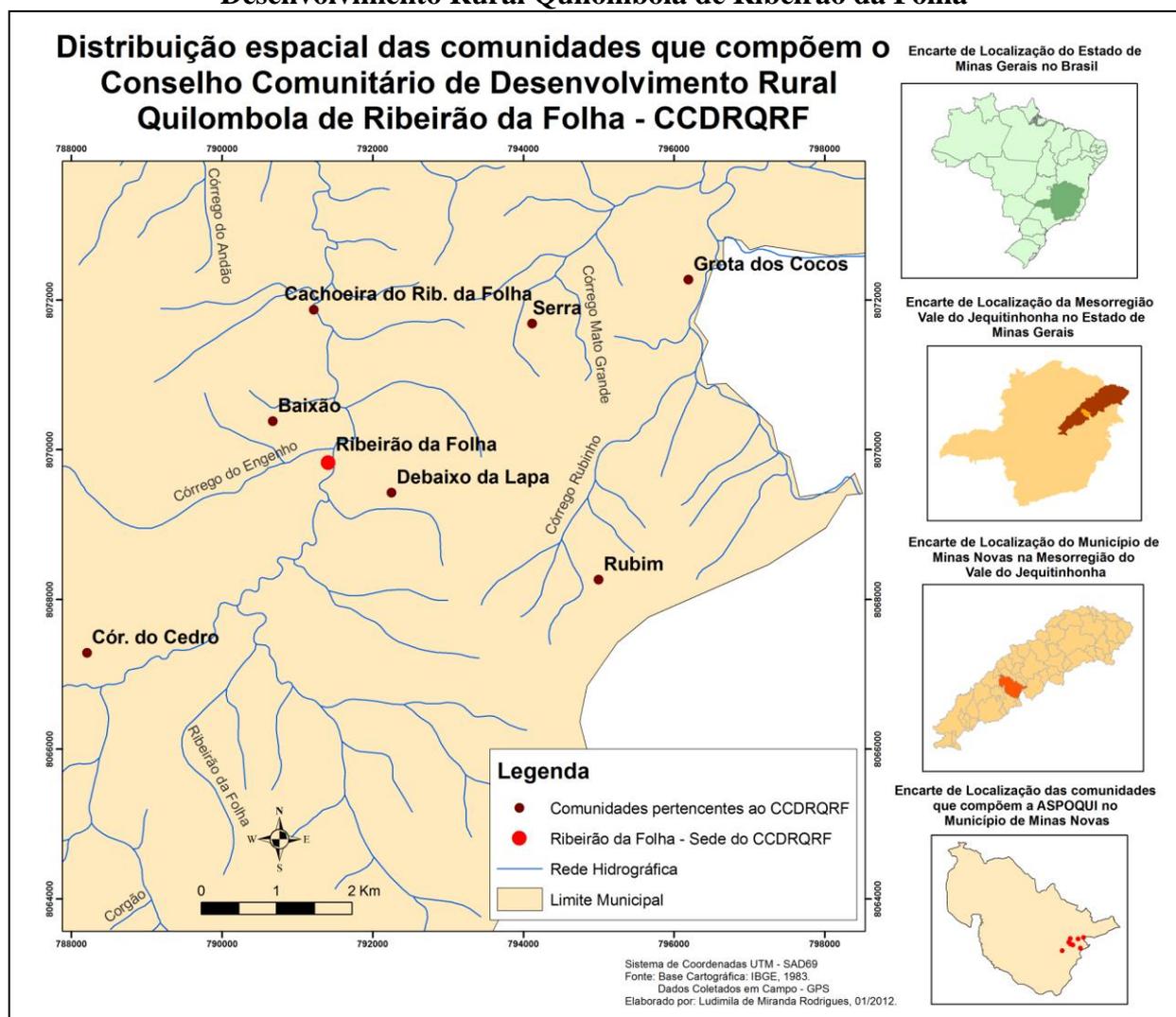
Para entender a relação da escola com a comunidade conversei com a diretora, em março de 2010, sobre o fato de Ribeirão ter pedido seu reconhecimento como comunidade remanescente de quilombo e o que teria mudado na escola a partir deste pedido. Ela respondeu que não sabia como estava tal situação, que não podia me explicar, pois a escola não participou das discussões sobre tal pedido. Disse-me também que na escola não mudou nada, pois ela não havia recebido nenhum comunicado oficial sobre o assunto, mas que quando fosse à Superintendência Regional de Ensino, em Diamantina, conversaria com a superintendente para saber como ficaria a situação da escola.

A diretora se mostrou confusa diante das indagações, uma vez que para saber sobre o pedido de reconhecimento feito pela comunidade à FCP, ela deveria procurar a Associação Comunitária Quilombola e não a SRE de Diamantina. Diante de suas respostas percebi o distanciamento que havia entre a escola e o conselho comunitário, ou seja, o distrito de Ribeirão da Folha. Então, com muito jeito, disse a ela que neste caso, a escola deveria

procurar o presidente do Conselho Quilombola para saber como estava a questão do pedido de reconhecimento

O Conselho Comunitário Quilombola de Ribeirão da Folha acolhe outras sete comunidades do entorno de Ribeirão: Rubim, Serra, Cachoeira do Ribeirão da Folha, Grot dos Cocos, Córrego do Cedro, Córrego Baixão e Debaixo da Lapa. Os membros da associação são os pais dos alunos da escola, portanto, a proximidade e o dialogo entre as duas instituições deveria ser uma ferramenta para a melhoria da qualidade da educação e para a preservação da cultura destas comunidades, o que não parecia acontecer.

**Mapa 04 – Distribuição espacial das comunidades que compõe o Conselho Comunitário de Desenvolvimento Rural Quilombola de Ribeirão da Folha**



Fonte: Elaborado por Ludimila de Miranda Rodrigues, 2012

Ao conversar com o presidente da associação, também no mês de março de 2010, ele disse que o convite à escola para participar das discussões sobre o assunto, estendido à toda

comunidade escolar foi feito através de seus membros nas igrejas, tanto católica, como evangélicas e também na própria escola. No entanto, nenhum representante da instituição o havia procurado para saber do processo de reconhecimento de Ribeirão enquanto comunidade remanescente de quilombo. Ele ainda acrescentou que, saindo o reconhecimento oficial, a verba da merenda irá aumentar, pois as comunidades quilombolas recebem mais recurso para este fim do que as comunidades não quilombolas. Quando isso acontecer, “*com certeza a escola irá procurar-me*”, (Presidente do Conselho Quilombola de Ribeirão da Folha)<sup>82</sup>, presume o presidente.

A lei a que ele se refere é uma Resolução do Conselho Deliberativo do Fundo Nacional de Desenvolvimento Escolar, do Ministério da Educação: RESOLUÇÃO/CD/FNDE Nº 67, de 28 de dezembro de 2009, que altera o valor *per capita* para a oferta da alimentação escolar do Programa Nacional de Alimentação Escolar. A resolução estabelece que:

Art. 1º. Fica alterada a redação do inciso II do art. 30 da Resolução CD/FNDE nº 38, de 17 de julho de 2009, que passa a vigorar com a seguinte redação:

II – O valor *per capita* da alimentação escolar, a ser repassado, será de: a) R\$ 0,30 (trinta centavos de real) para os alunos matriculados na pré escola, ensino fundamental, ensino médio e educação de jovens e adultos (EJA);

b) R\$ 0,60 (sessenta centavos de real) para os alunos matriculados em creches;

c) R\$ 0,60 (sessenta centavos de real) para os alunos matriculados em escolas de educação básica localizadas em áreas indígenas e em áreas remanescentes de quilombos;

d) R\$ 0,90 (noventa centavos de real) para os alunos participantes do Programa Mais Educação.

Art. 2º. Esta alteração referente ao *per capita* da alimentação escolar entrará em vigor a partir de janeiro de 2010. (BRASIL, 2011).

A redação do inciso II do art. 30 da Resolução CD/FNDE nº 38, de 17 de julho de 2009 era:

II – o valor *per capita* para a oferta da alimentação escolar a ser repassado será de R\$ 0, 22 (vinte e dois centavos de real) para os alunos matriculados na educação básica, de R\$ 0,44 (quarenta e quatro centavos de real) para os alunos matriculados em escolas de educação básica localizadas em áreas indígenas e em áreas remanescentes de quilombos e de R\$ 0,66 (sessenta e seis centavos de real) para os alunos do Programa Mais Educação; (BRASIL, 2011).

Com estas informações podemos perceber que os valores repassados para escolas localizadas em áreas indígenas e em áreas remanescentes de quilombos são maiores do que os repassados para escolas que não estão localizadas em tais regiões. Mais uma conquista para a

<sup>82</sup> Dados de conversa informal. Pesquisa de campo realizada em Ribeirão da Folha em março de 2010.

educação em regiões como estas. Que a Escola Estadual de Ribeirão da Folha irá procurar este direito quando sair o reconhecimento oficial do distrito como remanescente de quilombo pela FCP parece certo. Mas, não é certo o descaso para com a temática dos quilombos e suas culturas, referidas na fala da diretora e na documentação oficial da escola que pude analisar, como, por exemplo, o Calendário Escolar; o PIP - Plano de Intervenção Pedagógica; o Plano Curricular do ensino médio e Regimento Escolar. Já outro documento de relevante importância como o PPP – Projeto Político Pedagógico, não foi disponibilizado durante o tempo da investigação. De acordo com a pesquisadora e professora da educação, Juliane Corrêa Marçal o PPP

É concebido como instrumento teórico metodológico que a escola elabora, de forma participativa, com a finalidade de apontar a direção e o caminho que vai se percorrer para realizar, da melhor maneira possível sua função educativa. (MARÇAL, 2001, p. 31).

Sempre que eu perguntava por ele e destacava sua importância para a pesquisa em curso, que propiciaria analisar a documentação em seu conjunto, a diretora alegava que os documentos estavam com um dos três supervisores, e, quando eu procurava estes supervisores, cada um dizia que iria procurar, mas nunca me entregaram tal documento.

### **7.3 – Notas sobre os documentos oficiais da escola: educação e culturas locais**

Como dito, a documentação que foi possível analisar e que me foi disponibilizada foram: o Calendário Escolar, Regimento Escolar, PIP - Plano de Intervenção Pedagógica e o Plano Curricular do ensino médio. No calendário escolar, a maior preocupação da escola foi com o período chuvoso, por isso, transferiu para os sábados reuniões de planejamentos e não colocou recesso escolar em dias antes ou após os feriados, para que as aulas pudessem terminar mais cedo, de forma que os efeitos das chuvas pudessem ser minimizados. Posição sensata assumida pela escola, na medida em os problemas causados pelas chuvas no sertão de Minas Novas são recorrentes.

Nos planos curriculares analisados encontrei uma nota na qual “o estudo de história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas será integrado aos conteúdos das áreas de conhecimento, conforme lei federal nº 11.645 de 10/03/2008” (ESCOLA ESTADUAL DE RIBEIRÃO DA FOLHA, p. 02-03). Colocado dessa forma, infere-se que às disciplinas de História, Literatura e Artes foram delegadas à responsabilidade para trabalhar com a temática, quando, sabemos como professores e pesquisadores que as outras disciplinas também devem

se envolver no trabalho com esta temática. Além disso, a direção e supervisão escolares também podem tomar para si tal compromisso, além de ter a responsabilidade de cobrar e averiguar se os conteúdos ligados à história e cultura afro-brasileira estão sendo trabalhados e como estão sendo trabalhados.

No PIP – Projeto de Intervenção Pedagógica (2009), a escola projetou como ação para melhorar o nível de aprendizagem dos alunos, a busca de parcerias com as famílias e o desenvolvimento de projetos para elevar a auto-estima dos mesmos. Do meu ponto de vista uma parceria entre a escola e as famílias poderia ter início com uma maior aproximação entre a escola e o Conselho Quilombola de Ribeirão da Folha, do qual os pais fazem parte. No que diz respeito aos projetos para elevar a auto-estima dos alunos, não presenciei nenhum sendo colocado em prática. Solicitei projetos desenvolvidos pela escola à direção e supervisão da mesma, mas a tais documentos, não tive acesso até o final desta pesquisa em dezembro de 2011.

O Regimento Escolar que consultei foi editado no ano de 2006, pois, a direção alegou que o atual encontrava-se na Superintendência Regional de Ensino para apreciação e aprovação. De acordo com a diretora, pouca coisa foi modificada, apenas acrescentou dados referentes ao ensino médio, criado a partir de 2007. Segundo ela o regimento atual estava no computador de sua casa. Prometeu gravar uma cópia para mim, no entanto, até o fim das observações, tal cópia não me foi entregue. Como me disse a diretora, eu poderia analisar este de 2006 e que qualquer dúvida ela me esclareceria. Assim, todos os documentos oficiais da escola analisados por mim estavam com datas anteriores a 2010/2011, em que pese estes documentos deverem ser atualizados anualmente pelas escolas.

No regimento escolar considerei importante destacar o Capítulo II, Seção I, que trata do ensino das diferentes culturas que formaram o povo brasileiro, estando de acordo com a LDB/1996:

Art. 87 – O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígenas, africana e européia. (ESCOLA ESTADUAL DE RIBEIRÃO DA FOLHA 2006, p. 28-29)

O regimento da escola prevê que o ensino de História do Brasil deve levar em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias que contribuíram para a formação do povo brasileiro, destacando aí as matrizes indígenas, africana e européia. Desta forma o regimento prevê o estudo das culturas e identidades das populações remanescentes de quilombos da

região, incluindo neste caso, suas festas tradicionais, danças, comidas, o trabalho e manejo da terra. Se tais aspectos estão sendo trabalhados em sala de aula, ou não, não foi objetivo desta dissertação fazer tal verificação.

No entanto, verificamos que um aspecto da cultura das comunidades remanescentes de quilombo da região que poderia ter uma atenção especial da escola, são as festas populares, como a Festa de Bom Jesus da Lapa, da comunidade Quilombo, por exemplo. Concordando com Edimilson Pereira, estudioso sobre culturas afrodescendentes e educação,

As festas populares, além do caráter sagrado, são eventos pedagógicos que envolvem pessoas de diferentes gerações e localidades, abrindo a cena também para os contatos entre classes sociais distintas. [...] Durante a festa, os atos de ensinar e aprender adquirem um sentido público; os devotos coordenam as lições do sagrado e, de igual modo, os processos ensino-aprendizagem se concretizam nos trabalhos comunitários que garantem a realização da festa. (2007 p. 86).

A interação e socialização da escola com as festas populares da região é mais relevante ainda, na medida em que a escola recebe alunos destas comunidades. Para elevar a auto-estima dos alunos, em especial dos que moram em comunidades com tais festividades, como prevê o PIP – Plano de Intervenção Pedagógica da escola, uma das ações que a escola poderia implementar é a valorização destas festas tradicionais, ou seja, a valorização da cultura dos alunos oriundos de tais comunidades. Uma vez que no PIP a escola projetou como ação para melhorar o nível de aprendizagem dos alunos, a busca de parcerias com as famílias e o desenvolvimento de projetos para elevar a auto-estima dos mesmos. Segundo a pesquisadora da USP Sônia Penin,

Para cumprir sua função social, portanto, a escola necessita estar em ligação permanente com seu entorno, caso contrário acabará por se transformar numa instituição isolada, perdendo o poder de atração sobre crianças, jovens e suas famílias. (2001, p.83).

O descaso para com a temática quilombola pela escola foi percebida também por outros pesquisadores, tais como Lima (2001) e Reis (2003), já citadas nesta dissertação. Ao estudar as relações entre a escola e as constituições identitárias de pessoas moradoras em comunidades remanescentes de quilombo, as duas perceberam que a escola não coloca em seus documentos oficiais ou no Currículo, conteúdos relacionados à história das próprias comunidades, além de não valorizar as experiências trazidas pelos alunos, seus costumes e tradições.

Este silenciamento das escolas em relação às temáticas que envolvem as populações negras em geral, e as populações remanescentes de quilombo, em particular, pode ser considerado, sim, uma forma de preconceito e discriminação para com tais segmentos. Segundo Luiz Alberto Gonçalves, o ritual pedagógico que exclui tais temáticas dos seus cotidianos, se “legítima na instituição escolar, não por aquilo que é dito, mas por tudo aquilo que silencia” (1987, p. 27). Neste caso, podemos dizer que a escola pesquisada possui um ritual pedagógico que silencia a diversidade das culturas de seus alunos, bem como de suas comunidades de origem.

#### 7.4 – Educação e relações étnico-raciais

Num país de múltiplas diversidades étnicas, como o Brasil, é impensável falar ou escrever sobre qualquer aspecto cultural, como a educação, por exemplo, sem discutir as relações étnico-raciais. Mais relevante se torna tal assunto neste trabalho, pois o mesmo discute constituições identitárias de jovens remanescentes de quilombo, em um município de população majoritariamente afrodescendente. Desta forma, é indispensável entendermos a origem e a aplicação do termo raça ao longo dos séculos, para tanto, transcrevemos abaixo a explicação de Munanga:

Etmologicamente, o conceito de raça veio do italiano *razza*, que por sua vez veio do latim *ratio*, que significa sorte, categoria, espécie. Na história das ciências naturais, o conceito de raça foi primeiramente usado na Zoologia e na Botânica para classificar as espécies animais e vegetais. [...].

No latim medieval, o conceito de raça passou a designar a descendência, a linhagem, ou seja, um grupo de pessoa que têm um ancestral comum e que, *ipso facto*, possuem algumas características físicas em comum.

Nos séculos XVI-XVII, o conceito de raça passa efetivamente a atuar nas relações entre classes sociais da França da época, pois utilizado pela nobreza local que si identificava com os Francos, de origem germânica em oposição ao Gauleses, população local identificada com a Plebe. [...]. Percebe-se como o conceito de raças “puras” foi transportado da Botânica e da Zoologia para legitimar as relações de dominação e de sujeição entre classes sociais (Nobreza e Plebe), sem que houvessem diferenças morfo-biológicas notáveis entre os indivíduos pertencentes a ambas as classes.[...]

No século XVIII, a cor da pele foi considerada como um critério fundamental e divisor d’água entre as chamadas raças. Por isso, que a espécie humana ficou dividida em três raças estancas que resistem até hoje no imaginário coletiva e na terminologia científica: raça branca, negra e amarela.[...]

No século XIX, acrescentou-se ao critério da cor outros critérios morfológicos como a forma do nariz, dos lábios, do queixo, do formato do crânio, o angulo facial, etc. para aperfeiçoar a classificação.[...]. (2003, p.2-3).

Desde sua origem, para classificar espécies vegetais, o termo foi sendo aplicado primeiro para descendência, linhagem, ou seja, um grupo de pessoas que têm um ancestral comum, conseqüentemente características físicas comuns. Nos séculos XVI-XVII o conceito de raça passou a ser usado nas relações entre as classes sociais, ou seja, para designar uma raça como superior à outra. O século XVIII é marcado pela divisão da raça humana em três raças: branca, negra, e amarela; tendo a cor da pele como principal critério para atribuir a uma pessoa a qual raça ela pertence. No século XIX, ao critério da cor, foram acrescentados outros critérios morfológicos, como o formato do nariz, dos lábios, do queixo e do crânio para aperfeiçoar a classificação racial. Desta forma, ao longo dos anos, características físicas foram usadas para dizer que uma raça é superior à outra, dando direito a tal raça superior de subjugar e explorar a inferior. Assim, considerados inferiores, milhões de negros africanos foram seqüestrados e escravizados por outros povos.

Munanga acrescenta ainda que, os estudiosos de genética humana, biologia molecular, entre outros, chegaram à conclusão, no século XX, que as raças não existem, ou seja, raça não é um conceito adequado para explicar a diversidade humana e nem para dividi-las em raças puras (2003, p. 05). Mesmo assim, ainda hoje, o racismo circula entre nós. Entendemos como racismo, a “crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural”, (MUNANGA, 2003, p.8), ou seja, a crença na existência de uma raça fisicamente, intelectualmente, moralmente e culturalmente superior à outra.

Diante do que foi exposto, podemos inferir que os negros são a parcela da população que mais sofreram e sofrem preconceitos e discriminações. Desta forma, como já foi dito, o direito à educação, à igualdade de condições e acesso à educação em seus diferentes níveis, além da luta para combater o racismo, fazem parte das mais antigas reivindicações das populações negras no Brasil. Historicamente, dentre muitas batalhas, algumas vitórias, foram alcançadas. Dentre elas, como já citamos nesta dissertação, a aprovação pelo Conselho Nacional de Educação do Parecer 03/04 que regulamenta a alteração da LDB devido à aprovação da Lei 10.639/03, instituindo as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana visando,

oferecer uma resposta, entre outras, na área da educação, à demanda da população afrodescendente, no sentido de políticas de ações afirmativas, isto é, de políticas de reparações, e de reconhecimento e valorização de sua história, cultura, identidade. Trata, ele, de política curricular, fundada em dimensões históricas, sociais, antropológicas oriundas da realidade brasileira, e busca combater o racismo e discriminações que atingem particularmente os negros. (BRASIL, 2011).

A aprovação desse parecer, como já foi dito, é um dos desdobramentos da aprovação da Lei 10.639/03, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – a Lei 9394/1996, que, por sua vez, repercutia o que já previsto na Constituição Federal:

Art. 3º, IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Art. 4º, VIII - repúdio ao terrorismo e ao racismo;

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza [...]

XLI - a lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais;

XLII - a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei;

Art. 7º, XXX - proibição de diferença de salários, de exercício de funções e de critério de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil;

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (Redação dada Pela Emenda Constitucional nº 65, de 2010). (BRASIL, 2011).

Em seu Art. 3º, inciso IV a Constituição Federal estabelece que o Estado deve garantir o bem de todos, independente de sexo, cor, origem, raça e idade e proíbe qualquer forma de discriminação e preconceito. No que diz respeito às relações internacionais, o Art. 4º, VII, repudia o racismo e o terrorismo. O Art. 5º diz que todos são iguais perante as leis, e que qualquer forma de discriminação que atente aos direitos fundamentais do cidadão deverá ser punida por lei; este artigo assinala ainda que, a prática de racismo é considerada crime inafiançável e imprescritível. O Art. 7º, XXX, traz a proibição de diferença de salários e de critérios de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil. E por fim o Art. 227 atribui à família, à sociedade e ao Estado o dever de proteger a criança, o adolescente e o jovem de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 2011).

Desta forma, o Parecer 03/04 vem fortalecer o que já estava prescrito na Constituição Federal de 1988. A preocupação com a discriminação e com o racismo está presente em ambos dispositivos legais. Mas não basta estar nos dispositivos legais, é necessário colocá-los em ação de modo que as instituições escolares estejam atentas ao combate a estas formas de preconceito. E seus educadores devem estar preparados para estabelecer teias de convivência no interior da escola, que possam resultar no reconhecimento das alteridades dos alunos. Petronilha da Silva pondera que,

O ocultamento da diversidade no Brasil vem reproduzindo, tem cultivado, entre índios, negros, empobrecidos, o sentimento de não pertencer à sociedade. Visão distorcida das relações étnico-raciais vem fomentando a idéia, de que vivemos harmoniosamente integrados, numa sociedade que não vê as diferenças. Considera-se democrático ignorar o outro na sua diferença. (2007, p. 498).

Assim é que para tentar corrigir o ocultamento da diversidade brasileira colocou-se como necessário trabalhar as diferentes culturas dos povos afro-brasileiros na escola, não como algo exótico ou menor, mas sim como parte da cultura nacional. No entanto, como inúmeras pesquisas vêm demonstrando, (GONÇALVES, 1985. SILVA, 1995. FAZZI, 2004. LIMA, 2001. REIS, 2003. SOUZA, 2009. NICODEMOS, 2011) são poucas as escolas que têm sabido como proceder diante da diversidade de seus alunos e de suas culturas. E devido a esta dificuldade muitas crianças, adolescentes e jovens ainda sofrem abusos e discriminações no interior de estabelecimentos que deveriam prezar por um tratamento igual para todos que nela estão. Exemplo disso é o relato de uma aluna do curso de pedagogia, citado por Tosta em seu artigo sobre identidades e escola:

Em um semestre letivo, nas aula de Antropologia e Educação em que se discutiam os modos como professores dialogam com a questão da diferença na escola, uma aluna fez o seguinte relato: numa roda de conversa com as crianças da pré-escola na instituição em que trabalhava, a aluna-professora buscava com os pequenos definir quem representaria quem na encenação do auto de Natal para as festas de encerramento do ano letivo, pois sua “turminha” fora incumbida de apresentar a história do nascimento de cristo.

Em meio ao entusiasmo de todos com o projeto do teatro, um aluno de pele negra se levanta e se oferece para ser o Menino Jesus. Em um átimo de tempo, as demais onze crianças silenciaram repentinamente e olhavam “espantadas” para o colega que se colocara disponível para representar o Menino Jesus. E o menino da escola, de pele negra, também, emudeceu! A professora, por sua vez, também emudeceu e não soube o que fazer diante daquela situação. Fora pega de “calças curtas!” (2011, p. 417).

Reconhecendo que esta cena diz da realidade de muitas escolas em várias modalidades de atendimento, fui buscar entender como os sujeitos desta pesquisa se colocavam diante de questões de relacionamento, discriminação e preconceito no interior da escola onde estudavam. Levantamos varias questões durante as entrevistas, no entanto, ressaltamos aqui, algumas que consideramos mais relevantes para entendermos sobre estas questões, tais como:

- Como se dá a convivência, o relacionamento, entre os jovens remanescentes de quilombo no ambiente escolar?
- Você já enfrentou alguma dificuldade de relacionamento no espaço escolar, seja com colegas, professores ou demais funcionários da escola?

- Você já foi discriminado, sofreu algum tipo de preconceito, por morar em uma comunidade remanescente de quilombo, ou conhece alguém que já foi?

Em resposta à questão de como se dá a convivência entre os jovens remanescentes de quilombo na escola, obtivemos as seguintes respostas:

Normal... não tive nenhum problema. (Andreлина, 19 anos).<sup>83</sup>

A convivência é boa, porque as pessoas já entendem tudo sobre os quilombolas e muitas vezes participam com a gente. Não existe conflito. (Renato, 20 anos).<sup>84</sup>

Normal, me relaciono bem com todos. Porque eu os respeito e eles me respeitam também. (Ney, 18 anos).<sup>85</sup>

Existe muitos remanescentes que sofrem preconceito, mas acredito que na escola devemos está sempre atentos, com o objetivo de estudar. (Ana Paula, 16 anos).<sup>86</sup> Entrevista).

O que pude perceber de comum nas falas dos nossos sujeitos e que corrobora com o que consegui apreender nos meses de observação é que o relacionamento na escola se dá de maneira amigável, pacífica, sem apelidos depreciativos, no geral, sem preconceitos ou discriminações.

Quando questionados se eles próprios já enfrentaram dificuldades de relacionamento no espaço escolar, seja com colegas, professores ou demais funcionários, todos responderam negativamente. E ao serem questionados se já foram discriminados, ou sofreram preconceitos por morarem em uma comunidade remanescente de quilombo, ou se conhecem alguém que tenha sofrido tal agressão, no ambiente escolar ou fora dele, eles também responderam negativamente.

Diferentemente de Pollyanna Nicodemos, que ao realizar uma pesquisa sobre constituição identitária de adolescentes negros em uma escola particular de Belo Horizonte, concluindo que:

A respeito do processo de socialização dos adolescentes negros com os brancos, a partir das observações sistemáticas foi possível identificar uma certa “harmonia” entre estes e os colegas, especialmente nos momentos de recreação na escola. Todavia, em conversa com os estudantes negros, constatei em suas falas que, de forma direta ou indireta, eles enfrentam situações com os colegas que não são nada agradáveis, ao contrário, são preconceituosas. Como no caso de apelidos e piadas relacionadas às características físicas (cor da pele e textura dos cabelos). (2011, p. 150).

<sup>83</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada na escola em 11 nov. 2011.

<sup>84</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada na escola em 11 nov. 2011.

<sup>85</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada na escola em 11 nov. 2011.

<sup>86</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada na escola em 11 nov. 2011.

Nas observações, conversas e entrevistas com nossos sujeitos, não constatamos o que Nicodemos observou em sua pesquisa, talvez porque ambas as pesquisas se deram em ambientes muito distintos. A de Nicodemos numa escola de elite, num bairro nobre de Belo Horizonte e, a nossa pesquisa, numa escola pública, na zona rural do sertão de Minas Novas, Vale do Jequitinhonha.

Num ambiente rural onde maioria da população é composta por afrodescendentes, as sociabilidades se dão de maneira mais natural, são menos marcadas pela cor ou ancestralidade, como muito bem apontam Durhan e Souza Martins.

Reitero, assim que, nos meses de observação sistemática não presenciei nenhuma forma de discriminação ou preconceito entre os alunos. Mesmo assim podemos considerar que, tratar das questões étnico-raciais e da diversidade cultural na escola ainda tem sido um desafio para os pesquisadores pela complexidade que tal abordagem demanda. De acordo com a pesquisadora Márcia Lucia Souza,

O silenciamento ou a falta de ação da escola no combate ao preconceito e à discriminação racial produz efeitos na identidade dos sujeitos, nas formas de se ver e de conceber o grupo a que pertence. A escola é uma instituição que contribui para a formação dos sujeitos, um espaço sócio-cultural de trocas, diálogos, confrontos e acordos, e, por isso, é necessário atentar-se para aquilo que transmite intencionalmente ou não, no que se refere aos conteúdos e às práticas. (2009, p. 158).

## **7.5 – Discussão sobre a questão das identidades**

Retomaremos agora a problemática das identidades, aprofundando a discussão no que diz respeito às identidades étnicas e à etnicidade, tema relevante ao que nos propusemos a responder nesta dissertação.

Nos tempos atuais a discussão sobre o conceito de identidade está se aprofundando nas ciências sociais, sobretudo devido às reivindicações dos grupos conhecidos como minorias, como por exemplo, os homossexuais, as lésbicas, os negros, os índios, as mulheres, entre outros. Pensar um conceito específico para identidade é bem complexo. Quando falamos de identidade, a primeira coisa que nos vêm à memória é o documento de identidade mesmo, o chamado RG, e também, o conjunto de caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa (nome, idade, sexo, estado civil, filiação etc.). Mas o conceito de identidade vai muito além desses dados. Segundo Tosta,

A noção de identidade é antiga e seu pouco uso até as últimas décadas ocorreu, principalmente, nos campos da Filosofia e da Psicologia. Mais tarde é que ela será convocada por antropólogos e sociólogos, sendo associada pelos primeiros, principalmente, à noção de etnia para subsidiar e fomentar os debates sobre identidade étnica. (2011, p. 425).

A autora ressalta ainda que, a noção de identidade na antropologia, que tem por objeto o ser humano e suas relações sociais e culturais, está ligada aos estudos de etnia desenvolvidos por Fredrik Barth (2011, p. 425), a partir dos quais, outros antropólogos também deram início aos estudos ligados à formação/afirmação das identidades.

De acordo com Berger & Luckmann, 1971, citados por Oliveira, “identidade é um fenômeno que emerge da dialética entre indivíduo e sociedade”, assim, “uma vez cristalizada é mantida, modificada ou, mesmo, remodelada pelas relações sociais” (1976, p. 43-44). O meio social que o indivíduo frequenta influencia decisivamente na formação e preservação de sua identidade. Desta forma, as identidades dos indivíduos são formadas, conformadas ou modificadas em diferentes espaços: no espaço familiar, na comunidade onde ele vive, nos lugares onde frequenta, na escola onde estuda, enfim, nas teias de relações que são tecidas cotidianamente.

Nestes espaços acontece uma circulação de culturas, que segundo Brandão, são orientadoras “de condutas sociais em todas as esferas e campos da vida cotidiana” (1996, p. 54-55). Brandão trabalha com a ideia de que toda a cultura é a cultura de um contexto. Assim diz ele:

Ela é, vimos, o contexto da trama de significados que tornam viáveis condutas que resultam em transações sociais e simbólicas e que, ao mesmo tempo, tornam transparentes para seus sujeitos a ordem e o sentido de sua conduta e de suas transações, em qualquer dimensão em que elas se processam. Isto em cada um dos lugares específicos onde pessoas se relacionam como sujeitos sociais e sujeitos de significações. Toda cultura é, portanto, a cultura de um contexto. É, melhor ainda, um contexto de relações sociais e simbólicas como cultura. (1996, p. 56).

Desta forma, as identidades de um sujeito ou grupo são moldadas/remodeladas ou conformadas em um contexto cultural. Em lugares onde acontecem as interações/relacionamentos entre as pessoas. Sobre as constituições identitárias, o jamaicano Stuart Hall salienta que,

É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (2005, p. 12-13)

Para Hall, o sujeito da pós-modernidade não possui uma identidade fixa, única, imutável, permanente. Segundo o jamaicano, a identidade é fronteira, ou seja, está entre fronteiras. Para ele, “a identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (Hall, 2005). Assim, um grupo ou uma pessoa, pode até mudar sua identidade dependendo da necessidade, ou seja, do contexto particular onde se encontra inserido, das pessoas ou grupos no qual se relaciona. Tosta explica que as identidades,

Constituem os sistemas de representação com que as pessoas se percebem umas às outras e passam pelas articulações entre as culturas nas quais estes sujeitos se situam e constroem sua individualidade. Construções que estão relacionadas com processos de lutas, disputas, manipulação, e é a continuidade do processo de individuação ou subjetivação do sujeito que toma consciência de si como um ser singular, à medida que conhece o outro. (2011, p. 426).

Assim, as culturas dos sujeitos implicam em suas identidades e nas identidades dos grupos, diferenciando-o de outros sujeitos e de outros grupos. As identidades estão diretamente ligadas aos processos de lutas, disputas, manipulações e na relação com o outro. Ou seja, a forma com que um sujeito se identifica e que identifica o outro, é que ajudará a construir e estabelecer sua própria identidade.

Para esta dissertação o que mais nos importou foi o debate sobre as identidades étnicas, sem desconsiderar, todavia, que a questão da identidade, seja ela qual for qual for é de fundamental importância para compreendermos melhor os dilemas da aprendizagem e da escolarização. A ênfase na questão étnica é evidente: nossos sujeitos fazem parte de um grupo que se identifica como remanescente de quilombo e vivem em uma comunidade quilombola.

O termo étnico e ou etnicidade, foram introduzidos nas pesquisas sociais francesas recentemente, ou seja, a partir principalmente da década de 1980, deve-se a esse atraso o fato de na França, segundo Poutignat e Streiff-Fernart, a Constituição proibir a diferenciação entre os cidadãos segundo as categorias raça, origem ou religião; as categorias legítimas de classificação de acordo com a Constituição francesa seriam “estrangeiros” e “franceses”, enquanto, os anglo-saxões trabalham com a noção de “problema racial”, os franceses utilizam o termo “problema da imigração” (1998, p. 16-24).

Na Inglaterra e nos Estados Unidos os termos etnia e etnicidade são utilizados desde a década de 1940, mas só se impuseram nas pesquisas em ciências sociais americanas a partir da década de 1970, onde, “irá conhecer desde então o sucesso crescente, comprovado pela

criação de uma revista especializada (*Ethnicit*, criada em 1974) [...] (POUTIGNAT, STREIFF-FENART.1998, p. 16-24).

Podemos considerar essa imposição na utilização desses termos, devido ao fato do surgimento de movimentos de contestação social no mundo todo a partir da década de 1960, como, por exemplo, as lutas pela independência dos países africanos, o movimento feminista e o movimento negro, cada um reivindicando a afirmação de suas identidades. Ainda segundo Poutignat e Streiff-Fernart,

as manifestações de renascimento étnico no mundo contemporâneo revelam a emergência de uma nova categoria social igualmente importante para análise do século XX, tanto quanto o foi a categoria de classe social pra o século XIX” (1998, p. 26).

Nesse contexto, a utilização do termo etnicidade é tido como próprio do mundo contemporâneo, e as primeiras pesquisas sobre esse tema, segundo Hannertz, 1974, citado por Poutignat e Streiff-Fernart, “iniciaram-se segundo duas tradições separadas (a da antropologia social britânica no domínio africano e a da sociologia e da ciência política nos Estados Unidos” (1998, p. 32).

Desde o início da utilização dos termos etnia e etnicidade, esses conceitos estão quase sempre ligados a noções de raça, tribo, nação, povo, preconceito, identidade, entre outros. O termo tribo e tribalismo, por exemplo, são criticados pela grande maioria dos estudiosos, uma vez que denota uma visão preconceituosa e estereotipada, quando usada para designar sociedades diferentes da nossa. Antropólogos propõem que se rejeite a utilização destes termos em prol dos termos etnia e etnicidade, aplicados indiferentemente a todas as sociedades (POUTIGNAT, STREIFF-FENART, 1998, p. 31).

Segundo, os autores, Vacher de Lapouge é quem cria o termo etnia, e ele fez isso,

para prevenir um “erro” que consiste em confundir a raça – que ele identifica pela associação de características morfológicas (altura, índice cefálico etc.) e qualidades psicológicas –, com um modo de agrupamento formado a partir de laços, intelectuais, como a cultura ou a língua. (POUTIGNAT, STREIFF-FENART. 1998, p. 34).

Para Vacher de Lapouge um grupo social, ou étnico, não pode ser confundido com raça, segundo ele, tais grupos “resultam da reunião de elementos de raças distintas que se encontram submissos, sob o efeito de acontecimentos históricos, a instituições, a uma organização política, a costumes ou ideias comuns” (POUTIGNAT, STREIFF-FENART. 1998, p. 34).

Assim, continua Poutignat e Streiff-Fernart:

É, então, para dar conta de uma solidariedade de grupo particular, simultaneamente diferente daquela produzida pela organização política e daquela produzida pela semelhança antropológica, que o termo etnia foi introduzido na língua francesa (1998, p. 34)

Em nota de rodapé, esses autores citam ainda, Francis, 1947, no qual ele esclarece que:

Um grupo étnico não é uma raça se definirmos a raça no sentido antropológico como um grupo de pessoas tendo características físicas comuns. Ele não constitui igualmente uma nação se entendermos por nação uma sociedade unificada por um governo comum ou uma agregação de indivíduos unidos por laços políticos, uma língua comum, um território comum... (FRANCIS, apud, POUTIGNAT, STREIFF-FENART. 1998, p. 34).

Segundo Oliveira, a noção de raça “estaria definitivamente vinculada à sua base biológica, a noção de etnia estaria por sua vez vinculada a uma base estritamente *social* (daí estar sempre associada a *grupo*) [...]” (1976, p. 82). Então, etnia e raça, apesar de estarem sempre interligadas, são utilizados para designações específicas, raça engloba mais os aspectos individuais físicos de cada um, e etnia é utilizado para designações de grupos, que apresentam várias características em comum, podendo uma delas ser a “raça” ou não, lembrando que é impossível existir grupos racialmente puros.

Para o estudo sociológico, o que interessa não é a raça, e sim as relações raciais e suas interações. Assim, para Weber, citado por Poutignat e Streiff-Fernart,

O que distingue a pertença racial da pertença étnica é que a primeira é “realmente” fundada na comunidade de origem, ao passo que o que funda o grupo étnico é a crença subjetiva na comunidade de origem. Quanto à nação, ela é, como o grupo étnico, baseada na crença da vida em comum, mas se distingue deste último pela paixão (*pathos*) ligada à reivindicação de um poderio político. (1998, p. 37)

Continuando com Weber, nos estudos dos autores, grupos étnicos seriam

São “esses grupos que alimentam uma crença subjetiva em uma comunidade de origem fundada nas semelhanças de aparência externa ou dos costumes, ou dos dois, ou nas lembranças da colonização ou da migração, de modo que esta crença torna-se importante para a propagação da comunicabilidade, pouco importando que uma comunidade de sangue exista objetivamente” (WEBER, apud POUTIGNAT, STREIFF-FENART. 1998, p. 37).

Para De Vos, (1975, p. 9) também citado por Poutignat e Streiff-Fernart, grupo étnico seria

um grupo que se percebe como unido por um conjunto de tradições de que os seus vizinhos não compartilham e cujos membros utilizam subjetivamente de maneira simbólica ou emblemática aspectos de sua cultura, de modo a se diferenciar dos outros grupos. (1998, p. 83).

Assim, podemos dizer que o grupo étnico é aquele que acredita e reivindica o seu reconhecimento como sendo pertencente a um grupo em comum, habitando também um território em comum, baseado em laços estabelecidos no passado, não importando para isso as características raciais. Um grupo étnico seria, dessa forma, uma construção social. Barth acrescenta que é a autodefinição, auto-atribuição a principal característica de um grupo étnico, ou seja, o fato de se autodefinirem enquanto tal grupo (1998, p. 193)

O estudo sobre as identidades étnicas também está posto nesse debate e Poutignat e Streiff-Fernart chamam a atenção ao que Barth conceitua sobre isso: que as identidades étnicas estão associadas a valores culturais, podendo afirmar ou negar a pertença a um determinado grupo. De acordo com a interpretação dos autores acima, para Barth,

É quando as condições sociais não permitem mais aos membros de um grupo manifestar e deixar avaliar pelos outros a excelência de suas competências étnicas que as pessoas podem ser levadas a mudar de identidade étnica (1998, p. 132).

Há que convir, com Barth, que a etnicidade é uma forma de organização social, baseada na atribuição categorial que classifica as pessoas em função de sua origem suposta, que se acha validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciadores. Esta definição mínima é suficiente para circunscrever o campo de pesquisa designado pelo conceito de etnicidade: aquele do estudo dos processos variáveis e nunca terminados pelos quais os atores *identificam-se e são identificados pelos outros* na base de *dicotomizações Nós/Eles*, estabelecidas a partir de traços culturais que se supõe derivados de uma *origem comum e realçados* nas interações raciais. (1998, p. 141).

Podemos entender do que já foi dito que, para estudarmos um determinado grupo étnico, por exemplo, um grupo remanescente de quilombo, eles devem se auto-identificar enquanto tal, e também serem assim identificados por outros grupos. Um grupo ou uma pessoa pode até mudar sua identidade dependendo da necessidade, ou seja, do contexto particular onde se encontra inserido, das pessoas ou grupos no qual se relaciona. Precisamos entender também que a cultura implica na identidade desse grupo, diferenciando-o de outros grupos. A relação entre o grupo e outros grupos, a forma de identificarem-se e de identificarem os outros grupos é que ajudará a construir e estabelecer sua própria identidade. Esta é assim estabelecida/construída a partir do outro. Esse grupo deve ter características próprias que o diferenciam de outro grupo, como um passado ou costumes em comum.

A identidade étnica é construída e preservada em oposição a outras identidades, a outros valores e a outras culturas. Desta forma, tentamos entender como são constituídas as identidades dos nossos sujeitos, jovens nascidos e moradores de uma comunidade remanescente de quilombo, na condição, também, de alunos do ensino médio e portadores de um percurso de escolarização diferenciado, já que a escola que freqüentam não está localizada em sua comunidade, é em outro local, um distrito também rural. Nessa condição são sujeitos que interagem regularmente com outros colegas, professores e gestores. Em meio a estas dinâmicas procurei, nesse trabalho, compreender como ocorrem estes percursos de escolarização em seu dia a dia e a relação destes com a construção e percepção de uma possível identidade afro quilombola por parte desses alunos.

Busquei entender, ainda, se estes jovens alunos se sentiam pertencentes a uma identidade étnica e como ela se forma e se conforma a partir dos contextos que freqüentam. Não apenas na comunidade onde vivem ou no distrito onde freqüentam a escola, como também das influências trazidas pelos contatos com outros jovens, com a mídia, a tecnologia digital etc., ou seja, em meio a uma sociedade de circulação de culturas, como é possível pensar numa constituição identitária étnico-racial quilombola? E por fim, a partir da percepção de identidade que esses sujeitos possuem, se a escola exerce algum tipo de influência ou contribui para isto e como?

### **7.5.1 – Os sujeitos e suas identidades**

Algumas vezes pensava que eu não conseguiria responder aos problemas propostos. Meu caderno de campo já estava quase sem páginas em branco e eu ainda não havia conseguido as respostas, ou não conseguia, ainda, entender com clareza a realidade que observava. Nesta busca, juntamente com a orientadora, decidimos pedir aos alunos que escrevessem um pequeno memorial sobre suas vidas, o foco principal seria entender através das redações um pouco do “estilo de vida” que cada um possuía, já que o “estilo de vida”, segundo Bourdieu, são as posições diversas que as pessoas assumem num contexto social. Segundo ele,

O estilo de vida é um conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos, mobília, vestimentas, linguagem ou *hexis* corporal, a mesma intenção expressiva, princípio da *unidade de estilo* que se entrega diretamente à intuição e que a análise destrói ao recortá-lo em universos separados. (1983, p. 83-84)

As posições diversas que cada sujeito assume na sociedade, seus gostos e preferências, desde o gosto por determinado tipo de música, de roupa, entre outros, diz muito da sua identidade. E já que estávamos tentando entender as identidades de jovens alunos do ensino médio, moradores de uma comunidade remanescente de quilombo acreditamos que os memoriais, onde cada um escreveu sobre si e sobre seus gostos foram muito úteis para desvelarmos o problema proposto nesta dissertação. Ainda mais porque o “estilo de vida” de um determinado sujeito reflete o modo de vida do seu grupo.

Ao longo desta dissertação já citamos trechos dos memoriais dos nossos sujeitos, desta forma, faremos agora um apanhado apenas da primeira parte das redações, onde eles, os nossos sujeitos, escrevem sobre eles mesmos. Ou seja, das questões que servem para dizer de seus “estilos de vidas”, de suas identidades/identificações:

- Quem é você? (nome, sexo, idade, onde nasceu, por onde morou, possui algum emprego, religião a que pertence etc.).
- Você e o acesso as tecnologias: Acessa internet, se sim quais sites mais acessados?
- Gostos artísticos: Assiste televisão? (quais programas). Qual seu tipo de música preferida? Cantores e atores com os quais você se identifica?

#### **a) Quem é você?**

Nas respostas da primeira questão, “quem é você”, os meninos contaram um pouco sobre eles mesmos. Começaram com os seus nomes, idades, sexo, onde nasceram, as suas características físicas, e também se trabalhavam ou não e por onde já moraram ou viajaram. Ao relatar suas características físicas, três sujeitos se reconheceram como descendentes de negros, se auto-atribuindo as cores parda e negra. Apenas um se auto-atribuiu a cor branca. Excetuando um sujeito, os outros três nunca moraram ou viajaram para lugares distantes de sua comunidade.

Nos memoriais apenas um escreveu sobre sua religião, se auto declarando católico. No entanto, nas entrevistas, todos se declararam católicos, confirmando as informações colhidas no Quilombo, onde todas as dezesseis famílias que habitam o lugar são católicas.

No que diz respeito ao trabalho, todos os nossos sujeitos são acostumados desde criança a ajudarem suas famílias nas lidas diárias. Sendo que um deles trabalha em uma fazenda de eucalipto localizada nos arredores do Quilombo.

Olá. Eu sou Ana Paula, tenho 16 anos, sexo feminino, cor parda. Nasci em Capelinha. Infelizmente não tenho trabalho fixo. Nunca viajei para lugares distantes. Sou católica. Tenho cabelos curtos e caracolados. Tenho 1,65 de altura. Tenho olhos pretos; sou magra, cabelos pretos. (Ana Paula, 16 anos).<sup>87</sup>

Eu sou José Renato, [...] sou negro, tenho 20 anos. Nasci em domicílio na comunidade Quilombo, onde atualmente moro. Estou trabalhando com madeiras de eucalipto, por não ter outro serviço até concluir o ensino médio. Já viajei para trabalhar fora, na cidade de Pará de Minas, trabalhava em uma fábrica de tecidos. Sou religioso. (Renato, 20 anos).<sup>88</sup>

Sou José Claudinei, sou do sexo masculino, na qual tenho a cor parda, tenho 18 anos. [...]Tenho orgulho de falar de mim, de meus familiares e inclusive do lugar onde nasci, que tem o nome de Quilombo, que fica na zona rural a 75 quilômetros de Minas Novas, que foi o lugar onde morei durante os meus 18 anos de vida. Trabalho em muitos serviços, faço um pouquinho de cada serviço: trabalho em fazendas, nas roças com meus familiares (pais, tios, avôs etc.). [...] tive passagem somente em duas grandes cidades, Rio de Janeiro e Bom Jesus da Lapa-BA, quando viajei para o Rio de Janeiro tinha em média 1 ano e alguns meses, já para a Lapa-BA eu tinha 7 anos, tenho poucas lembranças, e quase nada de fotografias. Sou católico. (Ney, 18 anos).<sup>89</sup>

Meu nome é Andrelina, eu me considero da cor clara, tenho 19 anos. Nasci na cidade de Capelinha. Sempre morei aqui mesmo, eu trabalho ajudando meus pais em casa. Nunca fiz viagem para outros lugares, só para Capelinha e Minas Novas. (Andrelina, 19 anos).<sup>90</sup>

## **b) Você e o acesso às tecnologias:**

Estando no século XXI, século dos mais variados tipos de tecnologia, é difícil imaginar pessoas, que não conheçam um computador. No entanto, tais pessoas existem e podem ser encontradas nas comunidades rurais do município de Minas Novas, como por exemplo, no Quilombo, em Ribeirão da Folha, entre outras. As que conhecem tal tecnologia, muitas vezes não podem possuí-la, como é o caso dos sujeitos desta pesquisa.

Uma das reclamações dos meninos ao longo de todo o trabalho de campo é o fato da escola não possuir laboratório de informática. Desta forma, demonstraram ansiedade para o término da obra de sua associação comunitária – a ASPOQUI – que recebeu uma doação de seis computadores do Banco do Brasil para a instalação de um tele-centro comunitário. Assim, os meninos não possuem, também, acesso a internet, no entanto, segundo eles, o acesso à rede acontece quando vão às cidades. Dois deles declararam que acessam sites de relacionamento como o Orkut, um disse que não tem nenhum acesso à internet e o outro não se manifestou sobre tal assunto em seu memorial.

<sup>87</sup> Dados do memorial. Maio, 2011.

<sup>88</sup> Dados do memorial. Maio, 2011.

<sup>89</sup> Dados do memorial. Maio, 2011.

<sup>90</sup> Dados do memorial. Maio, 2011.

Infelizmente não tenho acesso a internet. (Ana Paula, 16 anos).<sup>91</sup>

Não tenho acesso a internet, na minha comunidade não tem internet, só quando vou à cidade que às vezes acesso Orkut. (Renato, 20 anos).<sup>92</sup>

Raramente tenho acesso a internet, mas quando acesso é para ver muitas coisas boas como exemplo: notícias de minas, futebol, notícias do Atlético-MG, Orkut e fazer trabalhos escolares. (Ney, 18 anos).<sup>93</sup>

### c) Gostos artísticos

Como percebi ao longo das observações e também nas conversas com os meninos, a televisão é um dos principais meios de diversão na comunidade onde vivem. Desta forma, perguntamos a eles o que mais gostam de assistir. Eles citaram programas de entretenimento, como “Domingo Legal”, “A Praça é Nossa”, programas jornalísticos e ou informativos como “Globo Esporte”, “SBT Repórter”, “Fantástico” além de novelas, programas de culinária e futebol.

No que diz respeito aos estilos musicais, as preferências de quase todos os nossos sujeitos foram o forró e o sertanejo. Certamente esta preferência reflete o estilo de música mais tocado nas comunidades rurais inclusive em Ribeirão da Folha e no Quilombo. No entanto, citaram também o axé, dance e músicas românticas. Este estilo de música foi muito tocado nas festas para arrecadar dinheiro para a “formatura” do 3º ano.

Sobre os ídolos principais os meninos citaram nomes de cantores, e artistas de televisão, tais como, Michael Jackson, Madonna, Maísa, Tony Ramos, Fernanda Montenegro, Reinaldo Geanechini, Eduardo Costa, Fiuk, Fuguetão Baiano, Cláudia Leite, Forró Boys, Jorge e Mateus, Luan Santana, Daniel e Zezé di Camargo e Luciano.

Os programas de TV que mais gosto é o “Domingo Legal”. Adoro sertanejo; o cantor que mais gosto é “Eduardo Costa” super romântico... (Ana Paula, 16 anos).<sup>94</sup>

Assisto na TV de tudo, jornal, novela, futebol que é meu programa favorito. Sou uma pessoa muito eclética, adoro todo tipo de música, é claro que depende também do momento que estou vivendo. Não tenho cantores(as) ou atores e atrizes preferidos, mas curto muito aqueles que cantam bem e atuam bem, desde que deixe mais felizes, os curto muito. Mais é lógico que tem aqueles que chamam mais atenção! (Ele pregou imagens das seguintes celebridades: Fiuk, Maísa, Fernanda Montenegro, Michael Jackson, Madonna, Tony Ramos). (Renato, 20 anos).<sup>95</sup>

Agora vou falar da parte mais preferida, que é de falar de programas de TV, gosto de muitos principalmente daqueles que fala de esporte, animais, filmes, como por

<sup>91</sup> Dados do memorial. Maio, 2011.

<sup>92</sup> Dados do memorial. Maio, 2011.

<sup>93</sup> Dados do memorial. Maio, 2011.

<sup>94</sup> Dados do memorial. Maio, 2011.

<sup>95</sup> Dados do memorial. Maio, 2011.

exemplo: Globo Esporte, SBT Repórter e o Fantástico e tem outro que tinha esquecido que é o de humor, que é “A Praça é Nossa”. Minhas músicas preferidas são: Forró, Axé, Balanço, músicas românticas sertanejas e varios outros tipos. Já os cantores vou citar o nome de poucos, porque ouço as musicas e de vez em quando não presto muita atenção na banda, mas vou citar o nome dos que mais gosto: Fuguetão Baiano, Forró Boys, Cláudia Leite, Zezé di Camargo e Luciano, Jorge e Mateus, Luan Santana e muitos outros. (Ney, 18 anos).<sup>96</sup>

Programas de televisão que mais assisto é programas de humor e de culinária, meus tipos de músicas o certaneja e o forró, cantores preferidos é Jorge e Mateus e Daniel e Zezé di Camargo e Luciano. Não tenho muitos atores preferidos não, mas o que mais admiro é o Reinaldo Geanechini. (Andreлина, 19 anos).<sup>97</sup>

### 7.5.2 – As identidades étnico-quilombolas.

Levantamos varias questões durante as entrevistas, no entanto, ressaltamos aqui, algumas que consideramos mais relevantes para entendermos sobre as possíveis identidades étnico-raciais quilombolas dos nossos sujeitos, tais como:

- O que é ser uma pessoa remanescente de quilombo?
- Existe diferença entre ser remanescente de quilombo ou não ser remanescente?
- Você se considera remanescente de quilombo?

Vejamos abaixo as respostas dos nossos sujeitos.

Na primeira questão, sobre “o que é ser uma pessoa remanescente de quilombo”, os jovens sujeitos dessa pesquisa responderam:

É ser uma pessoa que esteja interligada aos acontecimentos e que seja membro de gerações passadas, onde o mesmo colabora com pequenas quantidades de dinheiro nas associações comutárias. (Ana Paula, 16 anos).<sup>98</sup>

É viver dentro da cultura usada e cada vez vir renovando o passando para o futuro dos quilombolas. (Renato, 20 anos).<sup>99</sup>

É ser diferente, mas não é ser melhor nem pior do que os outros é ser feliz, sentir algo especial. (Ney, 18 anos).<sup>100</sup>

É você morar na comunidade e participar de tudo que se passa, como assuntos que são falados na comunidade... (Andreлина, 19 anos).<sup>101</sup>

Ao serem questionados se “existe diferença entre ser remanescente de quilombo ou não ser remanescente”, os meninos responderam da seguinte forma:

<sup>96</sup> Dados do memorial. Maio, 2011.

<sup>97</sup> Dados do memorial. Maio, 2011.

<sup>98</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada na escola em 11 nov. 2011.

<sup>99</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada na escola em 11 nov. 2011.

<sup>100</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada na escola em 11 nov. 2011.

<sup>101</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada na escola em 11 nov. 2011.

Sim, pois depende dos antepassados dos indivíduos, as histórias, cultura, sangue, geração de um povo. (Ana Paula, 16 anos).<sup>102</sup>

Sim, porque é remanescente só aquelas pessoas que reside na comunidade quilombola, e também quem participa das tradições e outras coisas. (Renato, 20 anos).<sup>103</sup>

Sim, porque eu sou descendente de quilombola e outra pessoa não, por morarmos em lugares diferentes, eu no Quilombo e outra pessoa não morar e nem ser descendente de quilombolas. (Ney, Entrevista).<sup>104</sup>

Sim, porque ao morar na Comunidade de Quilombo é uma pessoa quilombola. E já a pessoa que não é... é porque não mora e não faz parte do que passa na comunidade quilombola. (Andrelina, 19 anos).<sup>105</sup>

E ao serem questionados se eles “se consideram remanescentes de quilombo”, eles deram as seguintes respostas:

Sim, pois existe uma certa coletividade com os afazeres e presente na maioria dos acontecimentos, além de ser membro de gerações, lugar onde existe histórias e lembranças dos antepassados. (Ana Paula, 16 anos).<sup>106</sup>

Sim, porque desde quando minha comunidade passou a ser quilombola, eu faço parte dela, e por isso eu sou remanescente sim. (Renato, 20 anos).<sup>107</sup>

Sim, porque sou descendente de quilombolas, onde minha família morou, meus avós morou, e eu moro até hoje, graças a Deus. (Ney, 18 anos).<sup>108</sup>

Sim, porque é lá que eu vivo e moro até hoje e... é muito bom de morar com as outras pessoas que são Quilombolas. (Andrelina, 19 anos).<sup>109</sup>

Para entendermos como as identidades destes sujeitos são formadas, modificadas, ou conformadas, procurei perceber marcas comuns em suas respostas. Assim mapeei:

<sup>102</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada na escola em 11 nov. 2011.

<sup>103</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada na escola em 11 nov. 2011.

<sup>104</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada na escola em 11 nov. 2011.

<sup>105</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada na escola em 11 nov. 2011.

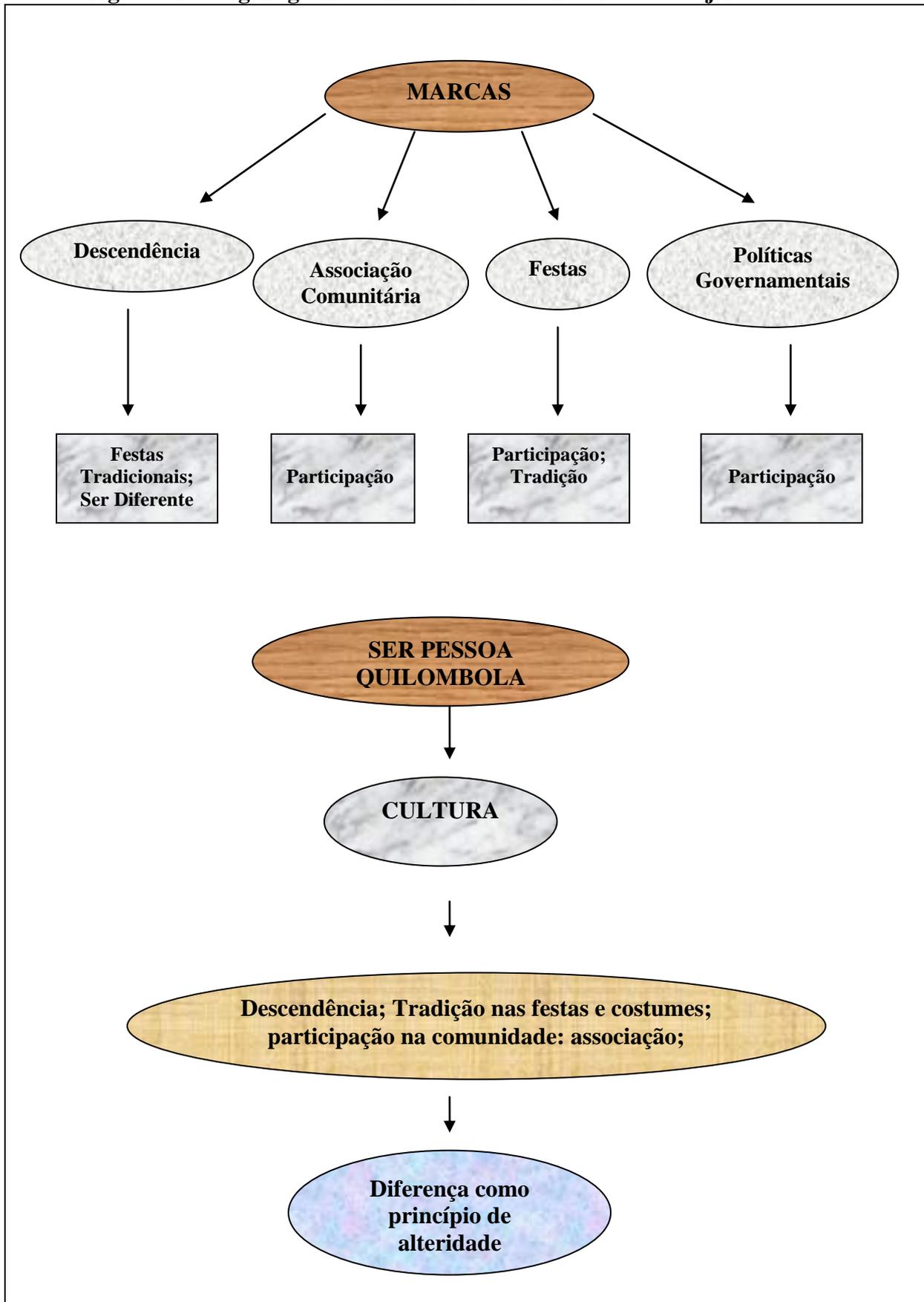
<sup>106</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada na escola em 11 nov. 2011.

<sup>107</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada na escola em 11 nov. 2011.

<sup>108</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada na escola em 11 nov. 2011.

<sup>109</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada na escola em 11 nov. 2011.

Figura 81 – Organograma com as Marcas Identitárias dos sujeitos



Fonte: Elaborado pela autora, 2012

Uma pessoa com identidade “remanescente de quilombo” para nossos jovens sujeitos é uma pessoa com marcas culturais baseadas na descendência, tradição através das festas e costumes, e que participa da associação comunitária local, recebendo os benefícios das políticas governamentais.

Ser remanescente de quilombo é ser diferente como princípio de alteridade: “*É ser diferente, mas não é ser melhor nem pior do que os outros é ser feliz, sentir algo especial*”. (Ney, entrevista). Entendemos assim, que nossos sujeitos, mesmo circulando por culturas diversas, sendo muitas vezes influenciados ou não pela mídia, pelos colegas, pela convivência com pessoas diferentes no distrito para onde vão diariamente para estudarem e, enfim, pela escola e por aqueles que a freqüentam, possuem uma identidade étnico-racial quilombola, ou seja, se reconhecem como pessoas remanescentes de quilombo.

## 8 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

*E me cerro, aqui, mire e veja* (ROSA, 2001, p. 623).

Este trabalho envolveu um movimento de dupla e articulada imersão: a primeira no debate teórico sobre a constituição identitária de jovens do ensino médio, moradores de uma comunidade reconhecida como remanescente de quilombo; numa segunda, em um demorado mergulho no campo- em realidades locais e na escola-, observando quatro jovens alunos que se tornaram sujeitos desta pesquisa. Neste duplo movimento questões relacionadas ao que é uma comunidade remanescente de quilombo, bem como questões referentes às legislações que cercam os direitos dos negros e dessas comunidades foram tratadas.

Também foram considerados neste movimento a discussão das culturas dos lugares pesquisados, inclusive a história do município de Minas Novas. Inserida nesta discussão encontra-se a escola onde nossos sujeitos estudam e onde se deu parte das observações. Observações sempre norteadas pelo olhar que necessariamente necessitava ser reconstruído frente a uma realidade já familiar para mim. Fato que exigiu uma atenção redobrada às relações existentes entre a escola e as culturas locais numa possível constituição identitária étnico-racial e quilombola dos alunos.

O trabalho de campo, entre a primeira visita e última, perdurou por aproximadamente 17 meses, sendo que, destes 17 meses, 05 deles eu morei no distrito de Ribeirão da Folha. Neste tempo e espaço de observação direta tivemos que aprender e colocar em prática a difícil tarefa de sempre transformar o exótico em familiar e transformar o familiar em exótico, como exige-se do pesquisador no campo. Neste movimento, como nos ensinam Rocha e Tosta,

aprender é sempre mais difícil do que ensinar, pois é preciso disposição para reavaliar conceitos, modelos e teorias. É preciso se consentir querer se ‘reeducar’. [...] Assim, tanto do ponto de vista teórico quanto do metodológico, o antropólogo se vê na obrigação de repensar, reavaliar, reinterpretar seus próprios modelos, teorias e métodos, além de aprender com a diferença do ‘outro’ (2009, p. 18).

Foi assim, me valendo de teorias e procedimentos metodológicos nascidos na antropologia, associados aos conhecimentos da educação e da história, principalmente, que me esforcei por entender esse “outro” – meus jovens alunos – e os processos no qual estavam envolvidos e que poderiam informar sobre a constituição de suas identidades étnico-raciais quilombolas, fosse no ambiente escolar, na comunidade onde moram, no distrito onde freqüentam, enfim, em suas relações com os “outros” com quem eles interagem cotidianamente.

Neste demorado percurso que me fez mais professora, historiadora e pesquisadora, importa destacar que estudos em escolas localizadas em comunidades rurais têm sido deixados à margem nas pesquisas educacionais e, pesquisas nestes ambientes que envolvem a constituição identitária de jovens remanescentes de quilombo mais ainda. Para termos uma ideia do descaso dos estudiosos com as pesquisas sobre a educação em ambientes rurais, Damasceno e Bessera (2004) destaca que, ao longo de 10 anos, 1980 a 1990, a proporção de trabalhos era de doze sobre a educação rural para mil nas demais áreas de educação.

Assim, podemos acreditar desde já que este estudo é de relevância acadêmica e social. Acadêmica, pois se acrescenta aos demais e poucos estudos que dizem da educação em ambientes rurais, e mais relevante ainda por se tratar de um estudo em comunidades rurais onde pesquisas na área educacional não foram feitas até então. O que, de certa forma, diz de um certo ineditismo da temática desta dissertação. Social por se tratar de uma pesquisa em que se escutou sujeitos que fazem parte de um dos segmentos mais pobres e esquecidos do sertão mineiro: os remanescentes de quilombo.

Pois bem, avancemos então! Este estudo teve como problemática geral a busca por compreender como são constituídas as identidades de sujeitos, jovens nascidos e moradores de uma comunidade remanescentes de quilombo, na condição, também, de alunos do ensino médio e que freqüentam a escola em outro local, um distrito também rural? Desta forma, esta questão nos remeteu à outras: Estes sujeitos interagem regularmente com colegas, professores e gestores. Assim, considerando a comunidade onde vivem, o distrito onde freqüentam a escola, como também as influencias trazidas pelos contatos com os “outros”, com a mídia, com a tecnologia digital, ou seja, em meio a uma “sociedade aberta”, é possível pensar numa constituição identitária étnico-racial quilombola? A escola exerce algum tipo de influência ou contribui para esta noção de pertencimento a partir da percepção de identidade que esses sujeitos possuem?

Nesta trajetória investigativa, os principais objetivos formulados foram: entender os modos como são constituídas as identidades de alunos do ensino médio, moradores de uma comunidade rural remanescente de quilombo, considerando suas dinâmicas de escolarização; verificar como a escolarização podia ou não e de que modos interferir na constituição das identidades destes sujeitos; compreender a relação que era estabelecida entre a escola, as culturas e as identidades desses sujeitos; entender a possível percepção identitária que esses sujeitos possam ter de si e da comunidade onde vivem; e, por fim, entender os modos de interação e sociabilidades tecidos por estes sujeitos em seus diversos tempos e espaços de convivência.

Temos consciência de que nosso trabalho é apenas um fio de uma grande teia que envolve a problemática da constituição identitária de jovens remanescentes de quilombo e suas culturas. Nossa pretensão foi, primeiramente, estabelecer um diálogo sobre estas questões que envolvem a temática étnico-racial quilombola e não tecer respostas ou receitas prontas e acabadas sobre tal assunto. Contudo, os dados coletados, em diálogo com os caminhos teóricos e metodológicos trilhados, nos permitem apontar algumas considerações, não exatamente conclusões.

Entendemos que os jovens alunos sujeitos desta pesquisa vivenciam processos por onde circulam diversos tipos de culturas, que orientam as condutas sociais em todo seu cotidiano (BRANDÃO, 1996, p. 54-55). Vivenciando, desta maneira, influências diversas, sejam da comunidade onde vivem, das festas populares religiosas ou não, das festas da escola em que estudam, do distrito onde freqüentam, da mídia, e das tecnologias digitais. Desta forma, no que diz respeito aos processos de sociabilidades dos sujeitos nestes tempos e espaços, percebemos que as relações com, os outros “outros”, ou seja, colegas, professores, gestores, demais funcionários da escola e familiares acontece de forma natural, sem conflitos, preconceitos ou discriminações.

Posso inferir desta realidade por mim visitada que, vivendo em uma área geográfica onde a maior parte da população é composta por afrodescendentes, com uma cultura negra se destacando em meio aos outros padrões culturais, e, num ambiente rural onde predominam relações de parentesco e compadrio, que as sociabilidades se dão de maneira muito mais natural do que em um ambiente com características opostas e/ou mais híbridas, misturadas.

Dos contatos com a mídia ou com as tecnologias digitais, em que considerei a internet, os programas de televisão, o consumo musical, os ídolos, verifiquei que os jovens alunos, vivendo em um ambiente rural, ocupam seus tempos diurnos em algum tipo de trabalho e à noite estão na escola. Em outros termos, o tempo que lhes sobra para se dedicarem a tais formas de entretenimento é muito pequeno.

No entanto, nos fins de semana, os meninos usavam a televisão como forma de entretenimento, assistindo programas que vão desde novelas, futebol, até programas de culinária, ou humorísticos. Seus gostos musicais refletem o tipo de música comumente mais aceito num ambiente rural. Os quatro jovens alunos disseram ter preferência pelo forró e sertanejo e citaram outros estilos como, axé, dance e pop. Os ídolos citados por eles vão desde artistas de televisão até cantores internacionais. Dentre os ídolos citados, os cantores sertanejos são a maioria.

Sobre o acesso à internet, os alunos não possuíam computador em casa, nem acesso a máquina na escola, portanto, o acesso era muito restrito. Este acesso só acontecia em Lan houses<sup>110</sup> quando iam à cidade com tempo suficiente para isto. E o que eles mais acessavam eram sites de relacionamento, como o Orkut, por exemplo.

Foi possível constatar a partir da análise da documentação oficial da escola, das observações, conversas informais com os alunos, professores e gestores, que, apesar da Constituição de 1988 reconhecer a existência das comunidades quilombolas e também a diversidade étnica e cultural do povo brasileiro, garantindo a proteção das diferentes manifestações culturais, que a escola não aponta em seus documentos oficiais nenhuma prática de valorização das culturas destas comunidades.

Pude verificar que no distrito de Ribeirão da Folha a escola não dialoga com o CCDDRQR - Conselho Comunitário de Desenvolvimento Rural Quilombola de Ribeirão da Folha, associação que agrega sete outras comunidades rurais do entorno de Ribeirão, sendo seus membros pais e mães dos alunos da escola. Fato que, supostamente, poderia aproximar as famílias da escola, acenando para o aprofundamento dos diálogos interculturais, em que as marcas das culturas negras da região estivessem impressas nos rituais didático-pedagógicos da escola. Na verdade, ao que parece, a escola se distancia das vivências, costumes e experiências dos alunos, isto é, se distancia e silencia as culturas dos alunos, pois, ela não participa ou se envolve, por exemplo, nas festas tradicionais das comunidades do seu entorno.

Ao se distanciar das culturas das comunidades do seu entorno, entre elas as comunidades remanescentes de quilombo, como a comunidade Quilombo, é possível afirmar que a escola inferioriza sua história, suas lutas e conquistas, reproduzindo discursos e estereótipos que ocultam a diversidade da população afrodescendente. O que, em certa medida, contribui para uma desvalorização da identidade dos estudantes quilombolas.

Apesar da escola não valorizar a cultura das comunidades quilombolas, os quilombolas valorizam a escola e a educação. Nossos jovens alunos relataram e reiteraram que a educação ocupa uma posição única em suas vidas. Segundo eles é através da educação que alcançarão uma ascensão social. A busca pela melhoria das condições de vida por eles através da educação reflete a luta histórica das populações negras por acesso e condições de permanência nos diferentes níveis educacionais.

Porém, e contrariando expectativas tão otimistas com relação à educação, estes jovens vivem no sertão mineiro, em comunidade remanescente de quilombo, praticamente

---

<sup>110</sup> É um estabelecimento comercial onde, à semelhança de um cyber café, as pessoas pagam para utilizar um computador com acesso à internet e a uma rede local.

esquecidos pela sociedade, enfrentando situações quase calamitosas para concluir o ensino médio. Nos tempo de estio a poeira, nos tempos de chuva a lama e os atolamentos dos ônibus que os transportam e aos colegas em condições precárias, para não dizer miseráveis. Some-se a essa dura rotina, o cansaço causado pela distância geográfica entre a comunidade onde vivem e o distrito onde estudam. Assim valorizam a escola e a educação. Não apenas como espaços de aprendizagem, mas, também, como espaço de sociabilidades.

Esta valorização da educação pôde ser percebida, também, nas falas de algumas das mães dos sujeitos, que disseram preferir ver seus filhos na escola do que no trabalho. Esta posição reflete a posição assumida pela ASPOQUI, uma vez que a mesma valoriza a educação em seus aspectos formais, como um mecanismo de alcançar melhorias individuais e coletivas. A associação espera que, após a conclusão dos estudos, principalmente no nível superior, que os jovens retornem para a comunidade de origem para, de alguma forma, ajudar na melhoria das condições de vida do lugar.

Consideramos neste trabalho que as identidades dos sujeitos são construídas através de processos onde ocorrem transformações individuais e coletivas, isto é, as identidades são constituídas a partir das relações existentes entre o sujeito e a sociedade, ou seja, as relações entre o “eu” e o “outro”. Assim, as identidades nunca são fixas, únicas ou estáveis, são identidades em formação, cujo elemento étnico-racial quilombola se faz presente, seja através das festas, da religião, da consciência da cor, da participação nas lutas da comunidade etc. Tratando-se de constituição identitária de jovens remanescentes de quilombos, ou seja, identidades étnico-raciais quilombolas, o assumir-se enquanto indivíduo nesta condição, significa segundo Souza, (1990) assumir sua diferença, sua alteridade.

Entendemos que as identidades étnico-raciais quilombolas dos sujeitos são constituídas e afirmadas a partir de várias marcas, como a descendência, as festas tradicionais, a associação comunitária da qual fazem parte e também as políticas governamentais. Para os sujeitos, ser pessoa quilombola é antes de tudo assumir sua participação dentro da comunidade onde vivem, seja através da participação e valorização das festas e costumes, seja, através da ASPOQUI, contribuindo para sua manutenção com um pagamento mensal, ou recebendo através dela as políticas públicas governamentais em benefício da comunidade, como por exemplo, os projetos de geração de renda, como os criadouros de peixe ou as cestas básicas.

Ser pessoa quilombola é reconhecer sua descendência e assumir sua cultura como diferente da cultura do “outro”, é ser diferente como princípio de alteridade. Nesse reconhecimento em ser “pessoa quilombola” percebe-se que a cor da pele não é tida como

principal fator, uma vez que a comunidade possui pessoas com características fenotípicas variadas, que vai desde o branco, passando por aquelas que carregam traços indígenas até o negro.

Finalmente, esperamos ter chegado ao final desta pesquisa tendo contribuído para um debate acadêmico mais profundo sobre as temáticas nela abordadas, e esperando, também, ter contribuído para que os gestores e educadores possam repensar suas práticas no interior dos estabelecimentos educacionais. Almejamos, ainda, que este trabalho possa instigar a reflexão em torno das comunidades remanescentes de quilombos e de seus direitos. Nossas considerações apesar de finais, não podem ser consideradas conclusivas, o campo de estudo precisa ser repensado por outros estudiosos, outros olhares. O diálogo continua...

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Maria Elizabeth Ribeiro. **Festa do Rosário dos Homens Pretos de Minas Novas: Turismo Religioso**. 2005. 72 f. Monografia (conclusão de curso) – Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Geociências do Curso de Especialização em Turismo e Desenvolvimento Sustentável, Belo Horizonte.
- ANJOS, Rafael Sâncio Araujo dos. **Territórios das comunidades remanescentes de antigos quilombos no Brasil: primeira configuração espacial**. Brasília: Edição do Autor, 1999.
- ARQUIDIOCESE DE BELO HORIZONTE. **Dom Serafim Fernandes de Araujo [...]**. Disponível em <<http://www.arquidiocesebh.org.br/site/arquidiocese.php?id=145>> . Acesso em: 02 de nov. 2011.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. **Documento do Grupo de Trabalho sobre Comunidades Negras Rurais**. Pag. 81-82. Disponível em: <<http://www.abant.org.br/index.php?page=2.39>> Acesso em: 04 de nov. 2010.
- ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA DO QUILOMBO. **Histórico sobre a comunidade Quilombo**. Minas Novas, 2005. 1f.
- ÁVILA, Affonso. (coord. e redação definitiva). Minas Gerais: monumentos históricos e artísticos - Circuito do Diamante. Coleção Mineiriana. Série Municípios e Regiões. **Revista Barroco**, nº 16. Fundação João Pinheiro. Centro de Estudos Históricos e Culturais. Belo Horizonte, MG. 1994.
- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. p. 187-227.
- BELLO, José Luiz de Paiva. Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL: História da Educação no Brasil. Período do Regime Militar. **Pedagogia em Foco**, Vitória, 1993. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/hebl0a.htm>> Acesso em: 31 de out. 2011.
- BENFICA, Welessandra Aparecida. **A escola rural na década de 90: expectativas e significados da experiência escolar para os alunos e suas famílias**. 2006. 160f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós Graduação em Educação, Belo Horizonte.
- BOGDA, Robert. BIKLEN, Sári Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.
- BOSCHI, Caio César. **Os Leigos e o Poder: Irmandades Leigas e Política Colonizadora em Minas Gerais**. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **Pierre Bourdieu: Sociologia**. ORTIZ, Renato (Org.). São Paulo: Ática, 1983.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Cultura, Educação e Interação: observações sobre ritos de convivência e experiências que aspiram torná-las educativas. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (Org.). **O difícil espelho: limites e possibilidades de uma experiência de cultura e educação**. Rio de Janeiro: IPHAN/DEPRON, 1996. p. 27-104.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Educação como Cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm)> Acesso em: 27 de dez. 2011.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. **Ato das Disposições Constitucionais Transitórias**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm#adct](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm#adct)> Acesso em: 05 out. 2010.

BRASIL. Decreto nº 5.051, de 19 de abril de 2004. Promulga a Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho - OIT sobre Povos Indígenas e Tribais. **Diário Oficial da União**. Brasília, 20 abr. 2004.

BRASIL. **Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003**. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2003/D4887.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/D4887.htm)>. Acesso em: 22 de dez. 2011.

BRASIL. **Decreto nº 4.883, de 20 de novembro de 2003**. Transfere a competência que menciona, referida na Lei nº 10.683, de 28 de maio de 2003, que dispõe sobre a organização da Presidência da República e dos Ministérios, e dá outras providências. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2003/D4883.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/D4883.htm)> Acesso em: 22 de dez. 2011.

BRASIL. Lei nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996 – Estabelece as Diretrizes e Base da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, Seção 1, 23 de dez. 1996. Disponível em: <[http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/2762/ldb\\_5ed.pdf](http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/2762/ldb_5ed.pdf)> Acesso em: 10 de dez. 2011.

BRASIL. Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Institui a obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos dos estabelecimentos de ensino de todo o Brasil. **Diário Oficial da União**, Brasília, 10 de jan. 2003.

BRASIL. Fundação Cultural Palmares. Apresentação e funções. Disponível em: <[http://www.palmares.gov.br/?page\\_id=95](http://www.palmares.gov.br/?page_id=95)> Acesso em: 10 de set. 2011.

BRASIL. Ministério da Cultura. Fundação Cultural Palmares. Portaria nº 44, de 30 de novembro de 2005. Registra no livro de cadastro geral nº 01 e Certifica que conforme declarações de auto-reconhecimento e os processos em tramitação nesta Fundação Cultural Palmares, as Comunidades a seguir, são remanescente dos quilombos [...] Comunidade de Quilombo, localizada no município de Minas Novas, Estado de Minas Gerais, Livro 005, registro 421, folha 29. **Diário Oficial da União**, Brasília, 06 de dez. 2005. Seção 1.

BRASIL. Ministério da Educação. RESOLUÇÃO, CD/FNDE nº 38 – **Resolução do Conselho Deliberativo do Fundo Nacional de Desenvolvimento Escolar, nº 38 de 17 de jul. 2009**. Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar aos alunos da educação básica no Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/index.php/ae-legislacao>>. Acesso em: 08 dez. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. RESOLUÇÃO/CD/FNDE Nº 67 - **Resolução do Conselho Deliberativo do Fundo Nacional de Desenvolvimento Escolar , nº 67 de 28 de dezembro de 2009**. Altera o valor *per capita* para oferta da alimentação escolar do Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/index.php/ae-legislacao>> Acesso em: 08 dez. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. PARECER CNE/CP Nº 3/2004 - **Parecer do Conselho Nacional de Educação – Conselho Pleno nº 03 de 10 de mar. de 2004** Regulamenta a alteração trazida à Lei nº 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, pela Lei nº 10.639/2003 que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf> > Acesso em: 10 de dez. 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Programa Estratégia de Saúde da Família** Disponível em< <http://dab.saude.gov.br/atencabasica.php> > Acesso em 31 de out. 2011.

BRASIL. RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 1/2004 – **Resolução do Conselho Nacional de Educação – Conselho Pleno nº 1 de 17 de jun. 2004**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>> Acesso em: 10 de dez. 2011.

BRASIL. Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Programa Brasil Quilombola**. Disponível em: <<http://www.seppir.gov.br/destaques/2011/08/programa-brasil-quilombola>> Acesso em: 12 de out. 2011.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1997. 392 p.

CARENO, Mary Francisca do. A Lei 10639, a Diversidade Cultural e Racial e as Práticas Escolares. **Jornal Bolando Aula de História**. Santos/SP: Gruhbas Projetos Educacionais, p. 08-10, 14 nov. 2004.

CARVALHO, Andréa Pinheiro Tomaz de. **Adolescência(s) – apropriação e usos de espaços/tempo escolares externos aos espaços/tempo de sala de aula: um estudo de caso em uma escola pública de Rede Municipal de Contagem-MG**. 2008. 210f. Dissertação

(Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belo Horizonte.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO ELOY FERREIRA DA SILVA - CEDEFES.

**Comunidades quilombolas de Minas Gerais no século XXI: História e Resistência.** Belo Horizonte: Autêntica, CEDEFES, 2008.392 p.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO ELOY FERREIRA DA SILVA - CEDEFES. **Página de apresentação do site.** Disponível em:

<[http://www.cedefes.org.br/index.php?p=inst\\_apresentacao](http://www.cedefes.org.br/index.php?p=inst_apresentacao)>. Acesso em: 01 de nov.2011.

CESAR JUNIOR, Demóstenes; SANTOS, Waldemar César. **Esplêndidos frutos de uma bandeira venturosa:** Minas Novas em escorço histórico. Belo Horizonte: Editora Lemi S.A., 1978. 103 p.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

COMUNIDADE CATÓLICA NOVA ALIANÇA. **Histórico e Missão da Comunidade Católica Nova Aliança.** Disponível em <<http://www.comnovaalianca.com.br/novo/Quem-Somos>> Acesso em: 01 de nov. 2011.

CONSELHO COMUNITÁRIO DE DESENVOLVIMENTO RURAL QUILOMBOLA DE RIBEIRÃO DA FOLHA. **Ata da Assembléia Geral convocada para votar o pedido de auto-reconhecimento do distrito como remanescente de quilombo, realizada no dia 26 de abril de 2009.** Ribeirão da Folha. 2009. 1 f.

CONSELHO COMUNITÁRIO DE DESENVOLVIMENTO RURAL QUILOMBOLA DE RIBEIRÃO DA FOLHA. **Histórico sobre a região de Ribeirão da Folha.** Ribeirão da Folha. 2009. 2f.

CORRÊA. Paulo Barbosa; SCHUMAHER, Schuma. **Minas dos Quilombos.** Brasília: MEC/SECAD, 2008. 112p.

COSTA, Ligia Marise. **A mulher na Irmandade do Rosário de Minas Novas: participação e contribuição.** 2007a. 43 f. Monografia (Pós-Graduação “*lato-sensu*” em História e Cultura Afro-Brasileira). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte.

COSTA, Ligia Marise. Sincretismo e luta social nas práticas da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Minas Novas – MG. **Caminhos da História.** Revista Discente do Programa de Mestrado em História Social. Universidade Severino Sombra, Vassouras, R.J., ano III, v. 3, n.2, p. 22-31, 2007b.

DAMASCENO, Maria Nobre; BESERRA, Bernadete. Estudos sobre educação rural no Brasil: estado da arte e perspectivas. **Educação e Pesquisa,** São Paulo, v. 30, n.01, p. 73-89, jan./abril. 2004.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis:** Para uma sociologia do dilema brasileiro. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores.. 1983. 272 p.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando:** uma introdução á antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.246 p.

DINIZ, Raphael Fernando. **Cafeicultura quilombola em agroecossistemas sociobiodiversos do Vale do Jequitinhonha:** estudo de caso nas comunidades de Santiago e Quilombo, município de Minas Novas/MG. 2010. 125 f. Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Minas Gerais. Instituto de Geociências. Departamento de Geografia. Belo Horizonte.

DINIZ, Raphael Fernando. TUBALDINI, Maria Aparecida dos Santos. O uso da biodiversidade local e da agroecologia na recuperação de áreas degradadas em territórios quilombolas nos municípios de Minas Novas e Chapada do Norte, Vale do Jequitinhonha – MG. **Ateliê Geográfico.** Revista Eletrônica do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais – IESA. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, GO, v. 5, n. 14, p. 124-153, agosto 2011.

DURHAN, Eunice R. **A caminho da cidade:** A vida rural e a migração para São Paulo. 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1984. 245 p.

ESCOLA ESTADUAL DE RIBEIRÃO DA FOLHA. **Calendário Escolar.** Minas Novas, 2010. 7 f.

ESCOLA ESTADUAL DE RIBEIRÃO DA FOLHA. **Plano Curricular do Ensino Médio.** Minas Novas, 2010. 3 f.

ESCOLA ESTADUAL DE RIBEIRÃO DA FOLHA. **Plano de Intervenção Pedagógica.** Minas Novas, 2009. 16 f.

ESCOLA ESTADUAL DE RIBEIRÃO DA FOLHA. **Regimento Escolar.** Minas Novas, 2006.48 f.

FAZZI, Rita de Cássia. **O drama racial de crianças brasileiras:** socialização entre pares e preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 228 p.

FREIRE, Álvaro Pinheiro. **Minas Novas:** Sua História, Sua Gente. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2002a. 111 p.

FREIRE, Álvaro Pinheiro. **O Folclore e sua História em Minas Novas.** Minas Novas: sem editar, 2002b, 95 f.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial e educação no contexto brasileiro. In: GOMES, Nilma Lino (Org.). **Um olhar além das fronteiras:** educação e relações raciais. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 136 p.

GOMES, Nilma Lino. Cultura Negra e Educação. **Revista Brasileira de Educação.** Maio, Jun. Jul. Ago., nº 23, 2003, p. 75-85.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial como direito à educação: a Lei 10.639/03 no contexto das lutas políticas da população negra no Brasil. p. 693-712. In: SOARES, Leôncio

[et al]. **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 771 p. (Coleção Didática e Prática de Ensino). (Textos selecionados do XV Endipe – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Sub-Tema 27, Relações Raciais e Educação, 2010).

GONÇALVES, Luiz Alberto O. **O Silêncio: um ritual pedagógico a favor da discriminação racial**. (um estudo acerca da discriminação racial como fator de seletividade na escola pública de primeiro grau – 1º a 4º série). 1985. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em Educação da UFMG, datilo.

GONÇALVES, Luiz Alberto O. Reflexão sobre a particularidade cultural na educação das crianças negras. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, (63), p. 27-29, nov. 1987.

GUIMARÃES, A. Z. **Desvendando Máscaras Sociais**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora. 1980.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. A questão política da chamadas “Terras de Preto”, **Textos e Debates**. Florianópolis, NUER-UFSC, n. 2, 1991, 25-37.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Os Direitos dos Remanescentes de Quilombos. **Cultura Vozes**, n. 06, p. 03-12, Nov./dez., 1995.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.102 p.

INSTITUTO AÇO BRASIL. **Aperan uma empresa [...]**.Disponível em:  
<<http://www.acobrasil.org.br/site/portugues/instituto/associadas--arcelormittal-brasil.asp> >  
Consulta em: 10 de jan. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA **Resultados Preliminares do Universo do Censo Demográfico 2010**. Disponível em:  
<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>> . Acesso em: 01 de nov. 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades**. Disponível em:  
< <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 05 de out. 2010.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA. **Instrução Normativa nº 49 de 29 de setembro de 2008**. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação, desintrusão, titulação e registro das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que tratam o Art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal de 1988 e o Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003. Disponível em:  
<[http://www.incra.gov.br/portal/index.php?option=com\\_docman&task=cat\\_view&gid=297&Itemid=136&limitstart=70](http://www.incra.gov.br/portal/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=297&Itemid=136&limitstart=70) > Acesso em: 23 nov. 2011.

LEITE, Gisélia Maria Coelho. **Políticas públicas e olhares sobre a diferença: a criança quilombola na instituição escolar e em outros espaços educativos de Lagoa Trindade, Jequitibá, MG**. 2009. 178 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós Graduação em Educação. Belo Horizonte.

LIMA, Maria Batista. Mussuca-Laranjeiras, “Lugar de Preto mais Preto”: Cultura e Educação nos Territórios de Predominância Afrodescendente Sergipanos. 2001. 233f. Dissertação (Mestrado)- Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós Graduação em Educação. Rio de Janeiro.

LOPES, Helena Theodoro. Educação e Identidade, **Caderno de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas**, São Paulo, n. 63, Nov.1987.

MALINOWSKI, B. Objeto, método e alcance desta pesquisa. In: GUIMARÃES, A. Z. (Org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. p.39-61.

MARÇAL, Juliane Corrêa. Como promover a construção coletiva do projeto pedagógico da escola? In: **PROGESTÃO - Programa de Capacitação a Distância para Gestores Escolares**. Módulo III. Conselho Nacional de Secretários de Educação, Brasília. 2001. Disponível em: <<http://www.consed.org.br/index.php/programas-especiais/progestao-online>>. Acesso em 22 de nov. de 2012.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da Memória: O Reinado do Rosário no Jatobá**. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997. (Coleção Perspectiva).

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. 172 p.

MATOS, Raimundo José da Cunha. **Corografia histórica da província de Minas Gerais (1837)**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1979. 416 p. (Série Publicações do Arquivo Público Mineiro n° 03).

MINAS NOVAS. Lei Municipal 1297 de 14 de agosto de 2002. Institui os Distritos de Baixa Quente, Cruzinha, Lagoa Grande e Ribeirão da Folha. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/minasgerais/minasnovas.pdf>> Acesso em: 23 de out. 2011.

MOURA, Antônio de Paiva. **A cultura afro-brasileira e a festa do Rosário em Diamantina**. Diamantina: Gazeta Tijucana, 1998.

MOURA, Clóvis. **Os Quilombos e a Rebelião Negra**. 7. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. (Coleção Tudo é História).

MOURA, Clóvis. **As Injustiças de Clio**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990. 217p.

MUNANGA, Kabengele. Origem e Histórico do Quilombo na África. **Revista USP**, São Paulo, n. 28, p. 56-63, dez./fev. 1995/1996.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: Inclusão Social: um debate necessário. **Palestra Proferida no 3º Seminário Nacional – Relações Raciais e Educação**. PENESB-RJ, Nov. 2003.

NICODEMOS, Pollyana Alves. **Sobre Construções identitárias de adolescentes negros de classe média: um estudo de caso em uma escola particular de Belo Horizonte – MG**. 2011. 162 F. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belo Horizonte.

NUNES, Georgina Helena Lima Nunes. Educação Quilombola. In: **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: Ministério da Educação, SECAD – Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2010. 260 p.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.

PENIN, Sônia Teresinha de Sousa. Como articular a função social da escola com as especificidades e as demandas da comunidade? **PROGESTÃO - Programa de Capacitação a Distância para Gestores Escolares..** Modulo I . Conselho Nacional de Secretários de Educação Brasília, 2001. Disponível em: <<http://www.consed.org.br/index.php/programas-especiais/progestao-online>>. Acesso em 22 de nov. 2012.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Malungos na escola: questões sobre culturas afrodescendentes e educação**. São Paulo: Paulinas, 2007. 311 p. (Coleção Educação em Foco).

PEREIRA, José Carlos. **Sincretismo religioso & ritos sacrificiais: influências das religiões afro no catolicismo popular brasileiro**. São Paulo: Zouk, 2004.

POEL, Franciso van der. **O Rosário dos homens pretos: ed. comem. do centenário da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Araçuaí, MG**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1981.

POUTIGNAT, Philippe. STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. Tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

RATTS, Alecsandro J. P. (Re)Conhecer quilombos no território brasileiro: Estudos e Mobilizações. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares. (Org.). **Brasil Afro-brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 309-326.

REIS, Maria Clareth G. Escola e Contexto Social: um estudo de processos de construção de identidade racial numa comunidade remanescente de quilombo. 2003. 85 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós Graduação em Educação, Juiz de Fora, MG.

ROCHA, Gilmar. TOSTA, Sandra Pereira. **Antropologia e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 159 p. (Coleção Temas & Educação; 10).

ROCHA, Gilmar. **Mauss & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. 127 p. (Coleção Pensadores & Educação).

ROCHA, Luiz Carlos Paixão da. **Políticas Afirmativas e Educação: A Lei 10.639/03 no contexto das políticas educacionais no Brasil contemporâneo**. 2006. 135 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Departamento de Educação. Curitiba.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 19.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 624 p.

- SAMPAIO, José Augusto Laranjeiras. Terras de Quilombo: direito territorial etnicamente diferenciado, reparação histórica e reforma agrária. In: **Comunidades Quilombolas de Minas Gerais no século XXI: História e Resistência**. Belo Horizonte: Autêntica, CEDEFES, 2008. 392 f.
- SANTOS, Lorene dos; SIMAN, Lana Mara de Castro. **A temática africana e afro-brasileira na Educação Básica: entre saberes e práticas**. 2008. IN: Encontro Regional de História (16.: 2008 jul. 20-25: Belo Horizonte, MG) Anais Eletrônicos e [CD-Rom] / XVI Encontro Regional de História; Luiz Carlos Villalta, Kátia Gerab Baggio, João Pinto Furtado, Organizadores. Belo Horizonte: ANPUH-MG, 2008.
- SANTOS, Luiz Carlos dos. In: CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - MEC. **Ensino Afro-Brasil: Curso de Formação de Professores**. Brasília. 2004.
- SCARANO, Julita. **Devoção e Escravidão**. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no Distrito Diamantino no Século XVIII. 2.ed. São Paulo: Nacional, 1978. 178p.
- SCHIMITT, Alessandra; TURATTI, Maria Célia Manzolii; CARVALHO, Maria Celina Pereira de. A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. **Ambiente e Sociedade**, Campinas, n. 10, p. 129-136, jan./ jun, 2002.
- SILVA, Alberto Costa e. A escravidão entre os africanos. In: SILVA, Alberto Costa e. **A Manilha e o Libambo: A África e a escravidão de 1500 a 1700**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2002, p. 79-132.
- SILVA, Consuelo Dores. **Negro, qual é o seu nome?** Belo Horizonte: Mazza edições, 1995. 132 p.
- SILVA, Petronilha B. G. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. **Educação**. Porto Alegre, Vol. 30, n. 3, p. 489-506, set.,dez., 2007.
- SILVA, Vanda Aparecida da. “Eles não tem nada na cabeça...”: jovens do sertão mineiro entre a tradição e a mudança. 2000.196 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e Diferença: A perspectiva do Estudos Culturais**. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- SOUZA, Marina de Mello e. **Reis Negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**. São Paulo: Graal, 1990.
- SOUZA, Márcia Lúcia Anacleto de. **Educação e identidade no Quilombo Brotas**. 2009. 195 f. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.
- SOUZA, Vanessa Guilherme de. **Entre quadras, bolas e redes: um estudo de caso sobre o inCORPORar de rituais no corpo feminino nas aulas de educação física no ensino médio em uma escola particular de Belo Horizonte – MG**. 2006. 118f. Dissertação (Mestrado em Educação) –

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belo Horizonte.

TOSTA, Sandra Pereira. **A missa e o culto vistos do lado de fora do altar:** religião e vivências cotidianas em duas comunidades eclesiais de base do bairro Petrolândia, Contagem – MG. 1997. 372 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

TOSTA, Sandra Pereira. Antropologia e educação: culturas e identidades na escola. **Magis. Revista Internacional de Investigación em Educacion**, Bogotá, Colômbia, 3 (6), 2011. p. 413-431.

TOSTA, Sandra Pereira. CALDEIRA, Anna Maria Salgueiro. **Educação, Cotidiano Escolar e Diferença Cultural:** pensando a educação na dinâmica social contemporânea. Disponível em <<http://www.ich.pucminas.br/pged/arquivos/lp1/cotidianoescolardifcultural.pdf>> Consulta em: 17 de jan. 2012.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de Esquina. Street corner society.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, 09-24; 283-377.

## ANEXO A – CERTIDÃO DE AUTO-RECONHECIMENTO DO QUILOMBO



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL  
 MINISTÉRIO DA CULTURA  
 FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES

Criada pela Lei n. 7.668 de 22 de agosto de 1988

Diretoria de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro

### CERTIDÃO DE AUTO-RECONHECIMENTO

O Presidente da **Fundação Cultural Palmares**, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 1º da Lei n.º 7.668 de 22 de Agosto de 1988, art. 2º, §§ 1º e 2º, art. 3º, § 4º do Decreto n.º 4.887 de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e artigo 216, I a V, §§ 1º e 5º da **Constituição Federal de 1988**, **CERTIFICA que a Comunidade de Quilombo**, localizada no município de Minas Novas, estado de Minas Gerais, registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 005, Registro n. 421, fl. 29 nos termos do Decreto supramencionado e da Portaria da FCP n.º 06, de 01 de março de 2004, publicada no Diário Oficial da União n.º 43, de 04 de março de 2004, Seção 1, f. 07, **É REMANESCENTE DAS COMUNIDADES DOS QUILOMBOS.**

**Declarante(s):** Processo nº 01420.001.979/2005-78  
 Associação Quilombo de Quilombo  
 CNPJ/MF 01.598.288/0001-00

Eu, **Maria Bernadete Lopes da Silva** (Ass.)....., Diretora da Diretoria de Proteção do Patrimônio Afro-Brasileiro, a lavrei e a extraí. Brasília, DF, **30 de outubro** de 2005.

O referido é verdade e dou fé

**UBIRATAN CASTRO DE ARAÚJO**  
 Presidente da Fundação Cultural Palmares

SBN Quadra 02 – Ed. Central Brasília – CEP: 70040-904 – Brasília – DF - Brasil  
 Fone: (0 XX 61) 424-0106(0 XX 61) 424-0137 – Fax: (0 XX 61) 326-0242  
 E-mail: chefiadegabinete@palmares.gov.br http://www.palmares.gov.br

“A Felicidade do negro é uma felicidade guerreira” (Wally Salomão)

## ANEXO B – PORTARIA Nº 44, DE 30 DE NOVEMBRO DE 2005

**Diário Oficial da União - Seção 1**

Nº 233, terça-feira, 6 de dezembro de 2005

**Ministério da Cultura****FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES****PORTARIA Nº 44, DE 30 DE NOVEMBRO DE 2005**

O Presidente da Fundação Cultural Palmares, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 1º da Lei n.º 7.668 de 22 de Agosto de 1988, art. 2º, §§ 1º e 2º, art. 3º, § 4º do Decreto n.º 4.887 de 20 de novembro de 2003, da Portaria da FCP n.º 06, de 01 de março de 2004, publicada no Diário Oficial da União n.º 43 de 04 de março de 2004, Seção 1, f. 07, resolve:

Art 1º Registrar no Livro de Cadastro Geral n.º 001 e CERTIFICAR que conforme Declarações de Auto-reconhecimento e os processos em tramitação nesta Fundação Cultural Palmares, as Comunidades, a seguir, SÃO REMANESCENTE DOS QUILOMBOS:

Comunidade de Júlia Mulata, localizada no município de Luislândia, Estado de Minas Gerais, Livro 005, registro 420, folha 28;

Comunidade de Quilombo, localizada no município de Minas Novas, Estado de Minas Gerais, Livro 005, registro 421, folha 29;

Comunidade de Sapé, localizada no município de Brumadinho, Estado de Minas Gerais, Livro 005, registro nº422, folha 30;

Comunidade de Jacarezinho, localizada no município de São João do Sóter, estado do Maranhão, Livro 005, registro 423, folha 31;

Comunidade de Nossa Senhora da Conceição, localizada no município de Santa Rita, estado do Maranhão, Livro 005, registro 424, folha 32;

Comunidade de Boa Vista, localizada no município de Brejo, estado do Maranhão, Livro 005, registro 425, folha 33;

Comunidade de Piratininga, localizada no município de Bacanal, estado da Bahia, Livro 005, registro 426, folha 34;

Comunidade de São Domingos, localizada na Micro Bacia do Córrego São Domingos no município de Conceição da Barra, estado do Espírito Santo, Livro 005, registro 427, folha 35;

Comunidade de Luna, localizada no município de Lençóis, estado da Bahia, Livro 005, registro 428, folha 36;

Comunidade de São Roque, localizada no município de Arroio do Meio, estado do Rio Grande do Sul, Livro 005, registro 429, folha 37;

Comunidades de Lagoa do Ramo e Goiabeira, localizadas no município de Aquiraz, estado do Ceará, Livro 005, registro 430, folha 38;

Comunidade de Bacuri dos Pres, localizada no município de Cantanhede, estado do Maranhão, Livro 005, registro 431, folha 39;

Comunidade de Fazenda Sertãozinho, localizada no município de Capinópolis, estado de Minas Gerais, Livro 005, registro 432, folha 40;

Comunidade de Água Preta, localizada no município de Ouro Verde, estado de Minas Gerais, Livro 005, registro 433, folha 41;

Comunidade de Catucá, localizada no município de Bacabal, estado do Maranhão, Livro 005, registro 434, folha 42;

Comunidade de Alagadiço de Lage dos Negros, localizada no município de Campo Formoso, estado da Bahia, Livro 005, registro 435, folha 43;

Comunidade de Pilões, localizada no município de Iporanga, estado de São Paulo, Livro 005, registro 436, folha 44;

Art. 2º O referido é verdade e dou fé. Extraí e mando publicar

UBIRATAN CASTRO DE ARAUJO